

LOUIS RIBOULET

CONSELHOS
SOBRE O
TRABALHO INTELECTUAL







Conselhos sobre o trabalho intelectual

O livro que queria ter lido quando jovem.
31/12/2019

Conselhos sobre o trabalho intelectual

ശ

LOUIS RIBOULET

Tradução
Karleno Bocarro



Conselhos sobre o trabalho intelectual
Louis Riboulet
1ª edição — junho de 2019 — CEDET
Título original:
Conseils sur le travail intellectuel

Editor:
Felipe Denardi

Tradução:
Karleno Bacarro

Revisão & preparação:
Pedro Spigolon

Capa & diagramação:
Gabriela Haeitmann

Digitalizações:
Gabriela Souza

Revisão de provas:
Tamara Fraislebem
Tomaz Lemos

A capa é uma referência à da edição francesa
da Librarie Catholique Emmanuel Vitte, Lyon-Paris, 1935.

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Armando Strazzacappa, 490
CEP: 13087-605 — Campinas-SP
Telefones: (19) 3249-0580 / 3327-2257
e-mail: livros@cedet.com.br

SUMÁRIO

Prefácio

ESCREVENDO estas linhas não me vem ao pensamento, evidentemente, que elas serão uma recomendação para o autor deste volume. Ele já se recomendou ao público por seus artigos em revistas, principalmente na *Revue Belge de Pédagogie*, e por suas obras anteriores, como a *Histoire de la Pédagogie*, e o *Manuel de Psychologie Appliquée à l'Éducation*, que, publicados recentemente, já atingiram a terceira edição. Na verdade, é-me agradável dizer a outros o prazer e o proveito que encontrei na leitura deste novo volume, riquíssimo de citações e ao mesmo tempo tão pessoal.

Lemos nele o testemunho de uma multidão de homens que adquiriram renome pelo trabalho intelectual e que nos dizem como o conseguiram. "Habitua-te a tomar notas", diz-nos o autor, "e assim amontoarás, pouco a pouco, imensos tesouros". Adivinha-se que este seja um conselho de vivência; pois temos aqui entre as mãos um tesouro amontoado assentando notas ao decurso de uma leitura intensa, que compreende os mais antigos e os mais modernos, e percorrendo todos os domínios do pensamento: a literatura, as ciências e as artes. Faguet ombreia com Franklin; d'Hulst com Spalding; Joubert com Henri Poincaré; Montalembert com Veuillot. Não espereis encontrar nas páginas extraídas das obras destes homens um modelo de florilégio análogo a tantos outros; não, é num estilo elevado, apropriado à memória, que o autor condensa a experiência desses autores. Por exemplo, no capítulo em que o autor nos põe de custódia contra a afirmação indolente que adia "para o dia de amanhã os negócios sérios", lembra-nos que Ruskin tinha constantemente sobre a mesa de trabalho um bloco de granito, no qual estava gravado a palavra

today — hoje —, a fim de persuadir-se de que o momento presente era a única coisa que lhe pertencia. Nem todas as citações reportadas são inscrições lapidares; algumas são familiares; outras são simples frases espirituosas escapadas dos lábios de humoristas, mas nem por isso menos ricas, no seu andamento paradoxal, tampouco provocam menos impressão, ao envolvê-las numa fórmula inesperada e penetrante.

O autor, entretanto, não se deixa levar pela tentação de colher apenas a palavra de efeito, qual caminhante, numa pradaria, que vagueia ao acaso das flores que avista com o único propósito de juntar um belo feixe. Pelo contrário, ele sabe onde vai e não desvia. As citações servem de apoio às idéias como testemunhos a favor da própria existência. Este livro é bastante pessoal. O autor não estava sujeito, como em algumas de suas outras obras, a um plano imposto pelos fatos da história ou pelo programa oficial de um exame; por isso, conversa livremente, e afirma aos que encetam a vida profissional quais as escolhas a evitar, os obstáculos a superar e o bom caminho a trilhar para ir rápido e longe. Quem dentre nós, olhando para trás, não deplorou o tempo perdido por falta de um guia, que, na entrada do caminho, o tivesse orientado? Eis um guia perfeito para os jovens.

De início, o autor instiga a ambição dos jovens; o seu livro se abre com as palavras de Pasteur, pronunciadas no dia em foi recepcionado na Academia, e que foram depois gravadas na cripta onde repousa, no Institut Pasteur, o corpo do ilustre sábio:

> Feliz daquele que traz consigo um deus interior, um ideal de beleza e lhe obedece: ideal de arte, ideal de ciência, ideal da pátria, ideal das belezas do Evangelho! São estas as nascentes das grandes ações e dos grandes pensamentos. Todas são iluminadas pelos reflexos do Infinito.

Percebemos que a ambição não se define pela importância da fortuna que um jovem espera acumular, mas pela altura do ideal a que ele visa alcançar. Não se trata apenas de fazer alguma coisa, mas de ser alguém. O homem vale não pelo seu dinheiro, mas pelo seu pensamento e por sua consciência. É rebaixá-lo querer falar, constantemente, em valores econômicos. Não achais que é oportuno falar destas coisas, e erguer para as alturas os olhares dos jovens, numa época em que os trabalhadores do espírito poderiam invejar o luxo que se ostenta em torno deles? E não iriam hesitar

os jovens, diante do caminho árduo das grandes escolas, quando se oferecem tantos meios mais fáceis de fazer fortuna?

Ainda bem que a remuneração de um trabalho não se avalia em dinheiro; a melhor maneira de fazê-lo está no saber íntimo que as ações trazem consigo. Não pode haver prazer na preguiça; todo ele está inteiro no esforço que é atividade feliz de uma força, a alegria da vitória. Nada mais distante de uma moral enfadonha do que este livro otimista. "Alegra-te", diz ele, "pois a alegria é um tônico". "O melhor remédio", dizia um médico a seus pacientes, "é a alegria e o bom humor. O riso é uma higiene física e moral".

O autor argumenta que a educação não é uma obra negativa, isto é, que se limita a corrigir faltas, mas é a arte de desenvolver nos jovens o sentido da admiração. Segundo o julgamento de Renan, foi por ter possuído esta arte de maneira notável que o Mons. Dupanloup tornou-se um grande educador.

> Era incomparável em despertar talentos; ninguém o rivalizava em extrair dos alunos tudo aquilo que podiam oferecer [...]. Repetia freqüentemente que o valor do homem é proporcional à sua faculdade de admirar.

E do mesmo modo, o autor não concebe o ensino como uma ação do mestre forçando a entrada do espírito do aluno; não, pretende que este tenha uma mente aberta e ávida. Adora os jovens curiosos, que são repletos de porquê e como. Esta curiosidade os acompanhará fora das salas de aula, até nas horas de repouso, em meio aos prados, à borda dos riachos, diante dos mais diversos aspectos que assumem o horizonte quando o sol se põe. Retornarão de seus passeios com uma palheta mais rica, e, na expressão, matizes que darão ao seu estilo veracidade e encanto.

Este aspecto feliz do trabalho intelectual, se posso exprimir-me assim, não dissimula o esforço, que é sua alma. Eis porque nos é apresentada aqui a virtude como condição necessária à expansão do espírito. É uma disciplina, alguma coisa como o dique que canaliza o rio, impedindo de derramar-se, de enfraquecer, e de perder-se na areia. Se ela não tivesse, antes de tudo, uma recompensa intrínseca, dever-se-ia cultivá-la por seu valor pedagógico. Quem dirá, por exemplo, o proveito intelectual que um estudante acha na moral cristã, a qual corta sumariamente as fantasias malsãs e afasta a mão dos livros fatais ao frescor da alma e ao porvir?

A obra *Conselhos sobre o trabalho intelectual* começa, portanto, por trazer a lume a importância da vida moral; é uma perspectiva extremamente justa. Não ir até aí seria condenar-se a ser incompleto, e desconhecer a unidade do homem, que não permite conceber a vida do espírito sem vínculo com a consciência.

No entanto, restaria ainda incompleto caso não assinalasse o parentesco da moral e da fé. Não se impõe uma disciplina dos costumes pela mera vantagem que nisso se acha, mas porque se reconhece que ela é uma lei que impõe-se a nós. "O segredo dos caracteres enérgicos", diz Caro, citado pelo nosso autor, "é a energia das convicções". Um estudante, que tem a felicidade de ter fé, sabe que seus atos não são efêmeros e vãos, mas que eles têm uma propensão eterna; que seu destino é querido por Deus; que Deus traçou a carreira que deve lançar-se; que se, por indolência, falha em percorrê-la, diminui e rebaixa o plano de Deus. Para a realização desta grande obra, ele encontra nos sacramentos, na oração e na simples fidelidade cotidiana ao seu dever, uma fonte sempre aberta de energia divina. Aonde não se iria com convicção e força semelhantes?

Eis porque este livro, que começa com avisos sobre o método, termina com uma exortação religiosa. Qualquer outra maneira seria superficial, pois o método é o caminho que se traça em direção à atividade do espírito, e sua atividade, se se quer segui-la até a fonte, exige a ida até a alma. O autor não parou a meio caminho, mas com uma visão límpida apreendeu toda a amplitude do assunto, e o tratou com mão vigorosa e cálamo de artista.

Lyon, 20 de junho de 1928.

F. Lavallée,
Reitor das Faculdades Católicas de Lyon



NIHIL OBSTAT:
Censor deputatus
Cônego B. Heurtier.

IMPRIMATUR:
Saint-Etienne, santo dia de Páscoa, 8 de abril de 1928
Etienne-Irénée,
Bispo de Abydos, auxiliar em Saint-Etienne.

Capítulo I

Tem um ideal nobre e trabalha, dia após dia, para realizá-lo

No dia de sua recepção na Academia Francesa, Pasteur pronunciou estas belas palavras:

> A grandeza das ações humanas se mede pela inspiração que as fez nascer. Feliz daquele que traz consigo um deus interior, um ideal de beleza e lhe obedece: ideal de arte, ideal de ciência, ideal da pátria, ideal das belezas do Evangelho! São estas as nascentes das grandes ações e dos grandes pensamentos. Todas são iluminadas pelos reflexos do Infinito.

Desde agora venho convidar-te, meu querido amigo, que proponhas a ti mesmo, nos estudos, um fim que os enobreça, que os torne mais fecundos e sustente teu esforço cotidiano.

Já avistaste os primeiros clarões deste ideal: talvez o tenhas contemplado em todo o seu esplendor. Vigny refere-se a isto como a "um pensamento juvenil realizado na exuberância da idade". É isso mesmo: uma representação clara do futuro, uma idéia luminosa do alvo a ser alcançado e dos meios escolhidos para sua consecução, uma idéia superior que determina nossa maneira de viver, organiza nossa conduta, canaliza nosso ardor para o bem, dá-nos, a cada dia, uma coragem nova para continuar a tarefa iniciada. "Regular e dirigir nossas ações", dizia um sábio jovem, Papillon: "eis a força efetivamente poderosa, que engrandece o homem e o eleva acima dos outros".

A busca de um ideal é um dever. Não é permitido a um ser racional viver irrefletidamente sem se indagar se cumpre a missão que lhe é destinada. Nada mais funesto do que a indiferença a este respeito. Uma vida sem ideal é uma vida malograda.

Esta preocupação perante o futuro é um traço de distinção e de nobreza de alma. Aos quinze anos, Victor Hugo escrevia: “Serei Chateaubriand ou ninguém”. Aos quatorze anos, Montalembert já havia traçado uma meta: trabalhar pela palavra e pela força da pena em defesa da Igreja e da liberdade. Aos dezesseis anos, Brunetière confessava ao seu mestre, Gustave Merlet: “Quero ser redator da *Revue des Deux-Mondes* e professor no Còllege de France”.

No âmbito de uma séria questão, não caia na tentação de acalentar ilusões. Não te pronuncie sem pensar com prudência, sem examinar tuas forças físicas, teus recursos intelectuais, tuas qualidades morais, tuas inclinações, gostos e antipatias. A reflexão, o exame de consciência, os conselhos de teus pais, de teus mestres e de teu diretor espiritual contribuirão para a revelação que deves ter de ti mesmo.

Estima a ti mesmo pelo que és em verdade, mas não temas elevar tuas ambições. “Felizes”, diz H. Bordeaux, “aqueles que colocaram bem alto o sonho de sua vida!”. Contentar-se com uma mediocridade honesta, comprazer-se nela, é a marca de um coração doente e, por vezes, morto. É aos jovens desta têmpera que o poeta indignado dirigia a seguinte apóstrofe virulenta: “Dai-me vossos vinte anos, vós que os esbanjais”.

Pasteur dizia numa assembléia de estudantes: “Meus amigos, qualquer que seja a carreira que abraceis, proponde-vos um fim elevado”. O’Connel, adolescente, escrevia a seu tio:

> Tenho no momento duas metas a realizar: em primeiro lugar, a aquisição do saber, em seguida, a aquisição daquelas qualidades que fazem o *gentleman* perfeito... Possuo verdadeiramente uma ambição imensa e, se posso empregar a expressão, entusiasmada, que transforma todas as dores em alegria. Ainda que a natureza não me tenha, porventura, dado talentos de primeira ordem, jamais me contentarei na minha profissão com um posto subalterno.

Le Verrier, sentindo o crescimento de suas forças, as saúda esperançoso: “Já galguei muitos degraus, por que não continuar a subir?”. Eugène Delacroix, recordando suas lembranças, escreveu certa vez:

"Temos aspirações elevadas na nossa juventude. Felizes aqueles que as alcançaram!".



Após haver determinado este ideal, contempla-o longamente; deixa-te inundar por sua luz e impregnar por seu calor. Resume-o numa fórmula breve que repetirás muitas vezes e que retinirá na tua alma como um toque de clarim. Torna-o vivo nos detalhes de tua vida; acomoda-o às proporções de teu labor diário. Mas sobretudo, amai-o até o entusiasmo. Sim, sê entusiasta como o jovem Aymerillot que Victor Hugo fez dizer:

Dois choupos cobririam bem todas as minhas terras,
Mas nem todo o céu azul encheria meu coração.

O entusiasmo suaviza as asperezas do caminho. Ruskin um dia escreveu:

> Um artista é uma pessoa que se submeteu a uma lei à qual é penoso obedecer a fim de dispensar um benefício que é delicioso dispensar... Minha mão fatiga-se de tanto segurar a pena; meu coração agoniza de tanto pensar. No entanto, não posso cessar de escrever a respeito daquilo que tanto amo.

O entusiasmo juvenil reveste-se de uma beleza e de uma delicadeza inteiramente especiais que comovem de maneira profunda. Foi assim, admirando-a, que Le Cardonnel fez brotar de seu coração esta estrofe:

Ah! Maravilhoso ímpeto de uma alma ainda jovem!
Ela pode ir de senda em senda.
Nada satisfará a sede que a devora:
Para essa sede sublime, é preciso o céu inteiro.

Enfim, fixa em ti a convicção firme de que realizarás este ideal. Arma-te de coragem, de tenacidade. Se o anjo te eleva aos cumes, tua natureza má te atrai à terra e aos prazeres grosseiros. Em dado momento ecoará a tempestade, o céu encobrirá as estrelas e ainda assim deverás prosseguir em teu caminho na angústia e na dor. E, uma vez que tens a vantagem imensa de crer, o êxito será mais fácil.

P. Bourget assinalava, há alguns anos, como causa principal desta dispepsia moral de que sofre a humanidade, a ausência de convicções, de certeza. "Ao desvanecer", diz ele, "a fé deixou nessas almas uma fissura pela qual escorre todas as alegrias". Aliás, por que se afeiçoar a uma idéia elevada se não se acredita em nada? Não será melhor levar uma vida tranqüila, isenta de dor e aborrecimento? Como podes perceber: a incredulidade e o ceticismo são corrosivos violentos, inimigos de todo o bem.

Algumas reflexões a respeito dos benefícios do ideal levar-te-ão a prosseguir sem tréguas até a hora em que haverás de dar conta da tua vida.



O ideal é uma defesa e um princípio de ordem

Quando um ideal se apodera de uma inteligência, ocupa-a inteiramente. Torna-se o princípio mor dos pensamentos, dos desejos, dos afetos e dos atos. Conduz, pouco a pouco, à inanição, os apetites desordenados e as inclinações nocivas, colocando no seu lugar uma paixão mais forte.

O jovem que não se mantém na cimeira de um princípio superior, deixa-se mais facilmente apanhar pelos prazeres malsãs; seu coração se estreita e se fecha às idéias generosas. Conheces certamente os versos de Musset:

> Ah! Bate em teu peito, é lá que está o gênio!

E isso é verdadeiro: os pensamentos mais nobres jorram de um coração profundamente enamorado do belo e do bem. Um outro poeta escreveu com semelhante razão:

> Onde não bate mais um coração, o ímpeto amortece;
> O espírito saltita ainda, o gênio não possui asas;
> O raio, em lugar de relâmpagos, lança faíscas;
> Enfim, nada de grande, se o coração é pequeno.[1]

1. R.P. Fougeray, S.J.

E é assim que o ideal traz ordem à vida. Torna-se uma regra e, pode-se afirmar, um mandamento divino. Ordena as horas de trabalho e as horas de repouso. Organiza as potências intelectuais e morais na ordem pressuposta por Deus. A razão se torna a soberana inconteste diante da qual as outras faculdades se inclinam; mas sobretudo, agarra com mão firme as rédeas dos apetites desregrados e refreia aos poucos o seu ímpeto.

O ideal é uma luz e uma força

Ele oferece uma meta à vida, condição primeira para que esta seja bem empregada. Mais do que incertezas, mais do que aventuras. Traz claridade aos nossos pensamentos, às nossas aspirações. Faz uso de todas as energias do ser, reúne-as como num feixe e as converge para o mesmo fim. O ideal foi para Ozanam uma fonte de clareza, o segredo da fecundidade do seu apostolado intelectual e social. Aos dezessete anos, falava com entusiasmo do imenso trabalho que o ocupava: provar a divindade da religião pela história: "Ó, meus amigos", dizia, "estou comovido: a obra é magnífica e ainda sou jovem. Estou repleto de esperança e creio que virá o tempo em que, após nutrir e fortalecer meu pensamento, poderei expô-lo dignamente". A morte ceifou muito cedo este nobre servo da Igreja e da verdade. Mantivera-se, contudo, fiel a Deus e às promessas de sua juventude.

O ideal é o benfeitor da vida e fonte de uma grande alegria

Ele regula e dirige as ações; reanima, embeleza e transforma até os mais pequenos detalhes da vida. Encurta o percurso da caminhada, ameniza o incômodo dos espinhos. Mas, sobretudo, consagra plenamente o ser a serviço do bem, frutifica os talentos e as disposições naturais, desenvolve as qualidades intelectuais e as virtudes morais. Em suma, proporciona aquela atividade plena através da qual o homem sente viver uma vida superior, que é o seu verdadeiro propósito.

E não será uma alegria imensa a de responder ao chamamento divino, de encontrar-se "no barco" em que a Providência quer que levemos ao fim a "travessia humana", de mourejar no trabalho indicado pelo Senhor da colheita, de exercer, no âmbito de sua esfera, uma influência moral e social? O ideal perseguido corajosamente torna a velhice feliz e a morte consoladora.

Enfim, o ideal aproxima de Deus

Ordenando a nossa vida, procurando para cada faculdade o desenvolvimento que lhe convém, o ideal aperfeiçoa em nós a imagem de Deus. Mas ele é sobretudo uma oblação completa do ser pela qual repetimos todos os dias:

> Senhor, eis-me aqui disposto a fazer a vossa vontade. Colocastes-me sobre a terra para um fim especial. De bom coração quero corresponder aos vossos desígnios: eis as minhas forças e a minha saúde, as minhas faculdades intelectuais, e o que há de mais nobre no meu ser moral; que tudo seja consagrado ao vosso serviço.

E assim te aproximas de Jesus, o Ideal supremo, cuja única preocupação foi fazer a vontade do Pai.

Tem constantemente o coração aberto qual cálice destinado a receber o orvalho celeste. Ingres dizia aos seus alunos: "Haja algo de religioso na vossa arte; não creiais que se produza algo sem a elevação da alma. Andai de cabeça erguida para os céus!". Belas palavras! Que sejam tua divisa! Avante com o ideal no coração e os olhos fixos no modelo divino.



Que meios práticos vais tomar a fim de ordenar a tua vida cotidiana em vista da realização do teu ideal? Eis alguns:

Em união com Deus, cumpre com valentia, a cada dia, tuas tarefas de estudante

Em união com Deus! Quer dizer, trabalhando sob Seu olhar e em relação completa com Ele. Um jovem consultara Santo Tomás de Aquino acerca dos estudos e dele recebeu este excelente conselho: "Que tua oração seja contínua. Vela, sobretudo com cuidado, a pureza da tua consciência. Não faças nada que possa manchá-la ou tornar-te menos agradável a Deus".

Quantos sábios têm trabalhado "em espírito de oração"! Ao fim de uma meditação fervorosa, Ampère escrevia:

> Estuda as coisas deste mundo, mas não as contemples senão com um olho; que teu outro olho esteja constantemente fixo na luz eterna!

> Escuta os sábios, mas com um ouvido só; que esteja o outro sempre pronto a receber os acentos doces da voz de teu amigo celestial! Escreve com uma só mão. Com a outra, agarra-te às vestes de Deus qual uma criança às de seu pai. Sem esta precaução, cairás infalivelmente contra alguma pedra.

Ollé-Laprune, o grande filósofo católico, trabalhava também na presença de Deus. Ei-lo à sua mesa de trabalho preparando as aulas para seus alunos da École Normale. Recolhe-se um momento e escreve sobre um caderno de notas íntimas:

> Hoje, festa de São Jerônimo, Doutor. Quero invocá-lo especialmente. Tenho de ensinar. Que a minha vida esteja sempre em consonância com minha fé! Que felicidade a de ensinar! Exercer uma ação sobre os espíritos, sobre as almas! Comunicar a verdade! Oxalá o faça com respeito, com amor pela verdade e pelas almas! Ó Jesus, ó meu divino Mestre, ensina-me a ensinar!

Outros contentavam-se com escrever uma fórmula sobre uma cópia ou uma partitura. Imita esses belos exemplos. Acostuma-te desde já a oferecer a Deus o teu trabalho diário; isto atrairá sobre ti bênçãos abundantes.

Este meio ajudar-te-á a cumprir bem o teu dever. Um empenho de tua consciência. A indolência, a mediocridade e a covardia seriam fraquezas miseráveis.

Diante do futuro, todo jovem tem responsabilidades. Pensa no destino que te espera. Não farás sozinho o caminho da vida. Encontrarás almas desgarradas ou indiferentes que uma palavra de verdade reconduziria à senda do bem. Encontrarás almas ignorantes a quem farás bem dando-lhes um pouco de luz. Encontrarás, talvez, almas caídas que reanimarás com uma palavra de esperança e de confiança. Encontrarás, certamente, almas fracas que arrastarás com o teu exemplo. Que infelicidade se não soubesses dizer palavras de vida, se não desses este exemplo redentor!

Não esqueças que tua influência ocorrerá de acordo com o teu valor intelectual e moral. Há na vida do homem uma hora decisiva em que ele é chamado a dar a medida de seu valor. Infeliz dele se, naquele momento, Deus lhe dissesse: "Pesei tua ciência, pesei teu valor moral, e foste considerado muito leve".

Que estes pensamentos graves sirvam-te de aguilhão em face do trabalho aborrecido e penoso, ou quando um desgosto inexplicável ensaia de desviar-te do labor diário imposto por Deus, qual dever sagrado. Domina as tentações da preguiça; resiste às sugestões mal-sãs que te inclinariam à negligência e à imperfeição, "capitulação miserável das almas lassas".

Em união com Deus, estuda a fim de preparar a realização de teu ideal

Conheces esta apóstrofe de V. Hugo a Napoleão:

> Não, o futuro a ninguém pertence,
> Sire, o futuro pertence a Deus!
> O futuro! O futuro! Mistério!

Em que pese ao poeta, o futuro pertence a Deus, sem dúvida, mas também a nós, no sentido de que será o que o tivermos feito. Se assim não fosse, de que serviria repetir freqüentemente: pensa no teu futuro!

Estão em questão os teus interesses mais caros; e tens os meios de preparar este futuro. No entanto, necessitas de uma vontade bastante firme. Carlyle dizia: "O todo da vida é uma conjugação ininterrupta do verbo fazer".

Deves à tua família a preparação conscienciosa do teu futuro. Deves à grande família que é a pátria. Mais do que nunca tem ela a necessidade de uma elite. A pátria em menor ponto, o lugar onde radiará particularmente a tua influência, não espera menos de ti. Que vergonha se, por tua culpa, não pudesses exercer esta ação benéfica!

Não, não é permitido à juventude de hoje forjar um futuro de gozo e de egoísmo. E as almas nobres e puras jamais encaram a vida como uma partida de prazer. Montalembert, ainda no colégio, escreveu a Cornudet, seu amigo íntimo:

> Por que não diriam, sobre os nossos túmulos, os nossos concidadãos: Eles não viveram para si, mas para a pátria? Por que não nos sacrificarmos pelos nossos concidadãos? Vivendo pela pátria, teremos obedecido à lei de Deus, que ordena amarmos uns aos outros; e como poderíamos amar mais aos nossos concidadãos do que lhes devotando a nossa vida inteira?

O teu futuro eterno depende em grande parte de tua conduta atual. Que acolhimento fará o Mestre àquele que não fez frutificar seus talentos, que viveu sem aspiração superior? Não esqueças a maldição da figueira estéril. No *Inferno* de Dante, as almas covardes sofrem tormentos especiais. O poeta ouve seus brados de cólera e seus alaridos de dor, e indaga de seu mestre: "Quem são estes que parecem tão profundamente enterrados no luto?". O mestre responde:

> Este estado miserável é aquele das almas tristes que viveram sem infâmia e sem louvor; o céu as rejeita para que não alterem a sua beleza. Nenhuma lembrança deles subsiste no mundo; a Justiça e a Misericórdia os desprezam. Não discorramos sobre eles, mas olha e passa.

Em união com Deus, estudas para pôr tua inteligência ao serviço do bem

São Bernardo, pregando um dia aos seus religiosos, dividia os homens de estudo em duas categorias: primeiro, aqueles que querem saber por saber, que acendem suas luzes à noite para apagá-las aos primeiros clarões do dia, empalidecendo sobre os livros a fim de conhecer os segredos da natureza ou assimilar o pensamento dos autores.

À segunda categoria pertencem aqueles que trabalham para um fim mais nobre; cultivam a inteligência com o intuito de tributá-la ao serviço do bem. Estes são os dignos de louvor. O Pe. Gratry diz que é este verdadeiramente o ideal cristão no estudo, a nossa "salvação" ligada à nossa "obra".

Um grande místico da Idade Média, São Boaventura, exprimia a mesma idéia ao afirmar que a verdadeira sabedoria consiste em tirar proveito de sua instrução, em saber para melhor amar, e a colocar sempre em primeiro lugar a caridade divina "que é a jóia da terra e do céu".

O trabalho intelectual, desempenhado em vista do serviço de Deus, abre horizontes infinitos; torna compreensível a beleza das almas, a grandeza e o mérito do apostolado; diminui o amor excessivo do eu; inspira o auto sacrifício e faz florescer as almas para a vida eterna.

Animado por este ideal, o estudante vê Deus em toda a parte, O adora e ama. Todos os sujeitos do estudo revelam a sua grandeza e bondade. Pasteur dizia: "Estudei muito, e tenho a fé do camponês bretão;

se tivesse estudado mais, teria a fé da camponesa bretã". Ele encontrara Deus na ciência. Outros o encontram "nas letras e artes como a fonte de toda a beleza, na história (como manifestação da Providência universal), nos demais conhecimentos científicos, uma vez que é Ele a causa primeira, o princípio e a razão de todas as coisas".



Tais são os benefícios e as obrigações do ideal entrevisto e aceito desde cedo; ele fará de ti um estudante consciencioso; trar-te-á os tesouros de sabedoria humana e divina; proporcionar-te-á os mais nobres gozos elevando-te até Deus.

O poeta Gustave Zidler, dirigindo-se a um estudante, escreveu estas estrofes ardentes que não mais lerás sem emoção:

Sim, ascenda no ideal; eleva os olhos e sobe;
O esforço sem sucesso não cede à vergonha;
O céu que não se alcança não oferece nada de mais puro.
Procura à noite o clarão de ouro entre as folhagens,
A favor de teu sonho, o dia procura os cumes brancos,
O Sol e o amplo azul.

Em teus sonhos, em tuas palavras, coloca asas!
Vai, jovem peregrino de glórias eternas,
E, erguendo como pendão um pedaço do céu azul,
Acima de nossa sombra, acima de ti mesmo,
Sobe, com realeza, o degrau supremo
Onde poderás contemplar a Deus.

Um convite semelhante ilustra o poeta franco-provençal, V. de Laprade, ao dirigir-se à juventude de seu tempo:

Mais alto! Sempre mais alto! Rumo a essas alturas serenas
Onde nossos desejos não conhecem mais fluxo e refluxo,
Onde os ruídos da terra, onde os cantos das sereias,
Onde as dúvidas zombeteiras não mais nos alcançam.

Mais alto no desprezo dos bens falsos que se adoram;
Mais alto nesse embate em que o céu está em jogo.
Mais alto em vossos amores! Subi, subi ainda,
Sobre essa escada de ouro que se vai perder em Deus!

Capítulo II

Fortalece a tua vontade pelo cumprimento fiel de teus deveres de estudante

Desejas, meu querido amigo, que iniciemos por uma lenda? Em uma noite de verão, uma criança olhava para o fundo de um poço. Ficou admirado ao ver flutuarem em suas águas estrelas radiantes que cintilavam como diamantes. Permaneceu um bom tempo a contemplá-las e afastou-se com pesar. Na manhã seguinte, não teve outra preocupação senão dirigir-se à beira do poço. Entretanto, as estrelas haviam desaparecido, e a criança retornou triste para casa dizendo à sua mãe que as estrelas tinham se afogado.

É uma lenda? É uma realidade? Numerosas estrelas, e de todas as grandezas, afogaram-se, e se afogam todos os dias: quero falar dessas inteligências repletas de promessas, carregadas como árvores vigorosas, com flores magníficas, mas que jamais deram frutos; quero falar de tantas pessoas jovens que receberam os dons mais raros do espírito, mas que os desperdiçaram vergonhosamente, porque lhes faltou algo essencial: a vontade.

Muito freqüentemente ouves falar de pessoas jovens “laureadas, premiadas e diplomadas” que vadiam nas grandes cidades à procura de um pedaço de pão com que matar a fome, sem a energia necessária para conquistar algo por suas próprias forças. Que é que lhes falta? Um caráter; não sabem querer de uma maneira firme e tenaz.



A vontade é, portanto, indispensável para se chegar ao sucesso. Podemos defini-la como a faculdade de agir de acordo com as luzes

da razão. Ela somente utiliza plenamente as energias intelectuais porque as consegue disciplinar, porque conduz, por assim dizer, o nosso ser para uma meta que só sua força permite alcançar. Chama-se gênio, mas podemos dizer: "vontade". Um dia, em presença de Edison, alguns interlocutores faziam alusão ao seu gênio. "Que piada!", retorquiu o inventor com brusquidão. "Digo-vos que o segredo do gênio é o trabalho, a perseverança e o bom-senso". E disse ainda com humor: "O gênio se compõe de 1% de inspiração e 99% de transpiração".

Não terei o menor esforço para vos convencer de que cada um de teus dias de estudante proporciona numerosas ocasiões de fortificar tua vontade. Entremos agora em alguns pormenores.

A vontade do estudante se forma pela continuidade do esforço

A cada dia, sofres os efeitos da grande lei do trabalho à qual todo homem está submetido. A cada instante, tens de lutar contra a volubilidade de teu espírito, contra a tua indolência, contra uma apatia natural por certos estudos e um regulamento rígido que te sujeita ao dever. O mestre e o vigilante encontram-se lá a fim de lembrar-te a lei do esforço. É penoso, sem dúvida, mas eminentemente salutar. É a melhor escola de vontade:

> A energia moral, diz Blackie, não se adquire pelo exercício: livros, discursos [...]. Isso tudo pode despertar-te ao bem; pode ser, em tua viagem, como um poste indicador que impeça de extraviar à partida, mas não te fará avançar um só passo; a viagem, teus pés haverão de fazê-la.

A aquisição da ciência exige sobretudo um esforço contínuo do espírito. Sabes por experiência qual a tenacidade necessária para aprofundar um assunto, atá-lo aos precedentes conforme as regras de um método apropriado, partindo dos princípios às conseqüências, dos fatos às causas e às leis.

A vontade do estudante se fortalece pela docilidade inteligente

Existem várias espécies de docilidade: a dos carneiros de Panurge, praticada pelos alunos sem caráter; a dos escravos, que agem por temor de sanções; a dos resmungões, que andam aos murmúrios e às ameaças. Há, enfim, a docilidade livre e consentida do aluno razoável que

aceita o regulamento como uma proteção contra seus caprichos e sua inconstância, como um guia prudente e benfazejo que dirige e determina todas as ações do dia.

Nada mais salutar do que essa docilidade, às vezes, muito penosa.

A força falta aos homens, dizia o Pe. Félix, porque a obediência faltou às crianças. O que é, com efeito, que cria vontades fortes, caracteres másculos? É o hábito viril da obediência generosa e livre. A independência prematura não faz o homem; estraga-o.

E não digas que a disciplina destrói a energia. A torrente nunca é tão poderosa como quando canalizada com esmero; a árvore nunca é tão formosa como quando apoiada por uma boa estaca.

A vontade do estudante se fortalece por uma emulação nobre

A emulação desenvolve as inclinações generosas, as paixões mais nobres, mas, sobretudo, o sentimento de honra, o desejo de não ser inferior aos demais. Santo Agostinho se excitava ao bem com estas palavras: "O que este e aquele fizeram, por que não o faria eu?". Esta luta escolar dá ao caráter uma têmpera mais vigorosa. Um poeta a proclamou:

> [...] Colégio, pensão, mundo em miniatura,
> Onde se aprende a vida, onde, sem cautela,
> Estudantes têm entre si embates rudes[2]

A emulação intelectual não caminha só. Quando um adolescente tem o coração no lugar, não se modela somente aos alunos mais estudiosos e inteligentes, mas também aos mais exemplares e aos mais piedosos.

A vontade do estudante se fortalece pela prática razoável dos exercícios físicos

Um psicólogo bem-avisado escreveu estas palavras: "A vontade manifesta tanto mais eficientemente o seu poder na medida em que o corpo que lhe serve de instrumento é mais são e mais vigoroso". Quando se negligencia a saúde, a natureza se vinga.

2. Villefranche.

Não receeis, portanto, de entregar-te ao lazer durante os recreios; aprecia o passeio, o campo, os espetáculos belos da natureza. Não abuses dos esportes, mas tem, pelo menos, o *espírito esportivo* que consiste em amar e procurar o que exige esforço. Este espírito desenvolve a iniciativa, ajuda a suportar os insucessos momentâneos, ensina a comandar, dá hábitos de ousadia e sangue-frio.

A vontade do estudante se fortalece pelo conhecimento e prática dos deveres religiosos

As convicções fortes são fontes de energia. A religião oferta Deus à *inteligência* para iluminá-la. Quando Jesus se retira, a obscuridade se estende sobre os espíritos. Renan constatava que quanto mais a ciência esclarece as coisas em volta de nós, mais ela escurece o nosso destino. V. Hugo, após ter cantado o progresso material do século, concluía com tristeza:

Uma coisa, ó Jesus, secretamente me apavora;
O eco da tua voz que se vai enfraquecendo.

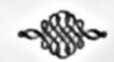
A religião oferta Deus ao *coração*, e quando o coração é puro, o homem está mais apto às coisas da inteligência.

A religião oferta Deus à *vontade* a fim de sustentá-la. Deixada a si mesma, ela é vacilante, com o socorro divino, porém, torna-se mais forte, mais constante. O conhecimento raciocinado das verdades religiosas torna o querer mais robusto. "O segredo dos temperamentos enérgicos", diz o filósofo Caro, "é a energia das convicções. Ali onde os princípios não mais comandam, a vontade gira ao sabor do interesse".

Outras coisas virão completar esta formação viril: *são obstáculos a sobrepujar, tentações a vencer*; é *a luta contra as inclinações más*; isto é, a *provação* sob todas as formas. Não ignoras, meu querido amigo, que a dor é a grande modeladora de vontades. Lamartine o disse numa estrofe imortal:

Modelas o homem, ó dor, sim, o homem todo inteiro,
Como o crisol o ouro e a labareda o aço,
Como o grés enegrecido, ao cortar o ferro com os fragmentos que dispersa,
Faz um gládio.
Quem não te conhece não sabe nada deste mundo.

A dor nem sempre é violenta; apresenta-se, freqüentemente, sob a forma de insignificantes deveres enfadonhos. Apesar das repugnâncias e resistências da natureza, executa teus deveres com perfeita exatidão. Aliás, os jovens corajosos desdenham a sensibilidade exagerada e o diletantismo, apreciam a luta e sofrem quando não encontram nenhum obstáculo. Aos dezoito anos, Sully Prudhomme escreveu no seu diário: "Ó, privemo-nos de todo o prazer, mas nunca dos infortúnios. O homem feliz é muito inferior ao homem que sabe sofrer!".



Abençoa as ocasiões de sacrifício e de renúncia

O ânimo para cumprires o teu dever é tanto mais necessário quanto hás de encontrar, muitas vezes, jovens cujo querer é debilitado. O receio do esforço intelectual é uma doença bastante disseminada e seus sintomas são fáceis de conhecer: conversas banais, leituras frívolas, apatia no trabalho, horror ao regulamento, abuso dos esportes e do descanso. Não os imites. Caminhos de flores não conduzem à glória. "A coroa de louro", afirma Lacordaire, "somente cingiu frontes feridas".

Abre a história e constatarás em todas as suas páginas que os homens superiores foram homens de vontade. Gregório VII era filho de carpinteiro pobre da Toscana; Sixto V, na juventude, era um guardador de porcos; Herschel foi tocador de flauta e organista antes de tornar-se uma das glórias da astronomia; Bugeaud, de simples soldado chegou a marechal da França; aos quatorze anos, Louis Veuillot não sabia mais do que um pouco de gramática, possuía, contudo, uma vontade de ferro que o conduzira às honras do apostolado e à glória literária. Napoleão deveu a maior parte de seus êxitos à sua vontade indomável. Quando quer ir à Itália e os Alpes se erguem diante dele, diz: "Os Alpes não existem", e no mesmo instante o exército se empenha através da neve ao ritmo da *Marseillaise*. "Impossível", dizia ele a Molé, "é uma palavra cujo significado é inteiramente relativo; é o fantasma dos medíocres e o refúgio dos covardes". Como lhe recomendassem que promovesse um jovem oficial sem caráter, responde: "Não faço meus generais com barro".

A vida de Lincoln me parece uma lição singularmente eloqüente desta força de vontade. Lenhador e caixeiro-viajante até os vinte anos, aos vinte e cinco é advogado; aos trinta, representa seu Estado na legislatura; aos quarenta, é membro do Congresso; aos cinqüenta anos, presidente dos Estados Unidos; aos cinqüenta e seis, morre assassinado. Sua vontade derrubou sucessivamente todos os obstáculos que se erguiam na sua rota: a pobreza, a ignorância, o preconceito, a guerra, a servidão, e adentra a imortalidade pela porta gloriosa do martírio.

É preciso querer e querer sempre. A capacidade de esforço contínuo é a medida do valor de um homem. V. Hugo escreveu estas belas palavras: "Os obstinados são os sublimes". Quase todo o segredo dos grandes corações esconde-se na perseverança. Na lâmina de um machado estava gravada estas palavras: "*Viam aut inveniam aut faciam*", isto é, "Ou encontro uma via, ou abro uma".

Foch, dirigindo-se aos alunos da École Navale, recomendava-lhes o trabalho intenso, fator essencial do valor pessoal:

> É preciso trabalhar, trabalhar sempre a fim de vos manterdes informados dos meios que evoluem. Ir para a próxima guerra com os procedimentos da última, que utopia! Será necessário, então, que o líder de outrora improvise soluções novas. Não vos canseis de trabalhar. Os improvisos gerais no campo de batalha são o resultado de meditações anteriores.
>
> Estudai bem a história, pois assim obtereis alguns bocados do que é essencial: a mentalidade dos homens.



Qual será, por conseguinte, a tua conduta em face de um dever, de uma tarefa escolar qualquer? Não te vás dizer: "Eu quisera", diz: "Quero". É por um "quero", salienta Ruskin, "que se afirma a riqueza". Quando tiveres o hábito de despertar a vontade, não digas mais "eu quero", mas recorre a uma afirmação pura: "Eu trabalho, estudo, sou aplicado, sou um bom aluno". Ainda que não despertes de imediato uma fé completa, estas fórmulas, repetidas com freqüência, trarão, gradualmente, as idéias que representam.

Guia-te logo por dois princípios bem simples, porém excelentes, que nos dá Ollé-Laprune no seu belo livro *Le Prix de la Vie*:

O primeiro, é querer pouca coisa;
O segundo, é querer este pouco apesar de tudo.

Querer pouca coisa!

Muitas pessoas jovens não pensam assim; julgam-se obrigados a levar adiante uma grande quantidade de estudos e de trabalhos. Caem no defeito que tantos mestres experimentados combatem com todas as suas forças: a *dispersão*. E o resultado não se faz esperar: dispersam a atenção, esgotam-se em esforços sem energia precisa, acostumam-se a meias resoluções facilmente formuladas, mais facilmente abandonadas. O seu querer se distende, enfraquece e nada mais adquirem do que conhecimentos superficiais.

Procedas como eles: qualquer coisa que faças, não abandones jamais o assunto antes de o ter, por assim dizer, agarrado e abraçado fortemente, pondo-o ao teu serviço. Santo Inácio de Loyola tinha o costume de dizer que aquele que faz uma só coisa de cada vez, e a faz bem, faz mais do que qualquer outro que muito executa.

O grande segredo do sucesso foi sempre o de atacar as dificuldades uma a uma. Hércules executou, um após outro, os seus doze trabalhos. Para fazer uma brecha nas paredes de um lugar, concentra-se o fogo no mesmo ponto; também assim se procede no que diz respeito ao estudo. O importante é saber bem o que se quer e consagrar-se inteiramente.

Quantas horas perdidas porque não se tinha uma meta precisa! Quantos esforços inúteis porque foram feitos fora do caminho!

Limita-te, portanto, aos estudos que te consigna o regulamento, intérprete da vontade de Deus. Determina bem o que deves estudar, examina os melhores meios de fazê-lo dar resultados, tendo em conta os minutos de que dispões.

Se o teu ideal for claramente determinado, afligir-te-á menos para evitar o flagelo da dispersão. Serás, então, o homem de uma idéia, e todos os teus estudos convergirão para esta idéia à qual desejas consagrar a tua vida.

Homem de uma idéia, tal foi Ozanam. Vive desta idéia e com ela morre aos quarenta anos, esgotado pelo trabalho. Seus amigos o convidam a poupar-se. "Não", responde, "tenho um dever a cumprir, devo permanecer no meu posto; nele, se preciso for, morrerei".

Homem de uma idéia, tal foi ainda Brunetière, fiel ao seu ideal até o momento derradeiro. Bourget contou o labor intenso ao qual se entregava na juventude, após um dia consagrado ao ensino:

> As horas passavam, meia-noite soava, duas horas, quatro horas. Tão absorvido ficava pelos seus pensamentos que freqüentemente não percebia que a lâmpada se consumira ante os primeiros clarões da aurora. Ia então descansar; por quanto tempo? Como é que um organismo de aspecto tão frágil suportava tal excesso de esforço mental?

Levou até o fim esta vida extremamente laboriosa, multiplicando artigos e livros. Durante os dois últimos anos em que luta contra a agonia, escreve suas *Conférences sur l'Encyclopédie*, dois volumes: *Balzac* e *Saint Vincent de Lérins*, treze artigos, dois capítulos de sua *Histoire de la littérature française classique*. Dirige a *Revue des Deux Mondes*, o que lhe custa um labor enorme. Ao mesmo tempo preparara a 8ª série de seus *Études critiques* e um volume do *Discours de Combat*.

Querer este pouco apesar de tudo!

Isto demanda uma vontade muito firme e que nunca se canse de recomeçar. Um psicólogo sagaz, M. Thomaz, pôde dizer: "Não é a vontade em geral que se deve procurar formar e fortalecer, mas sim a vontade aplicada a tal ou qual fim definido!".

Não basta começar bem, é preciso continuar até o fim. Nada de grande se faz sem vigor e persistência de esforço. Uma certa pedagogia pretendeu tirar do trabalho todas as suas dificuldades. Não a tomes a sério. Joseph de Maistre diz: "Não existem meios fáceis de aprender coisas difíceis; o único método é fechar a porta, avisar que não estamos e trabalhar".

No início da guerra, o general Hamilton ataca o exército inimigo nos Dardanelos. Seu adversário, o general Liman von Sanders, não tem mais balas de canhão para atirar e nem um homem de reserva, porém, apesar de tudo, mantém posição. Se Hamilton houvesse continuado a luta mais um quarto de hora, seu adversário abandonava o posto. Mas o general inglês cedeu primeiro.

Quando tiver dito: "Eu quero", não vás fraquejar; uma derrota aumentaria tua fraqueza. Permanece firme; se cederes ao menor

mal-estar, não farás absolutamente nada: um dia sofrerás de enxaqueca, no outro, de dores musculares. Um dia fará muito calor; o de amanhã, frio. O vento, a neve, a pressão atmosférica, os mal-estares, as contradições, os dissabores inevitáveis da vida, tudo serviria de pretexto para negligenciar a tua tarefa. Persegue tua obra até sua completa perfeição.

Falando diante do monumento erguido em honra de Lesseps em Port-Saïd, Eugène-Melchior de Voguë dizia:

> Uma vontade! Eis todo este homem. Tudo se diz a seu respeito quando se pronuncia esta palavra. Concentrou sobre uma idéia justa a vontade exclusiva e apaixonada que concebeu, trouxe, nutriu, defendeu e desenvolveu em todos os períodos de crescimento. Que são os trabalhos de Hércules em comparação com as dificuldades sobre as quais Lesseps triunfou? Foram inúmeras, pareciam invencíveis. Resistência de matéria, resistências piores da ignorância e dos preconceitos, pânico dos capitais tímidos, ligas de interesses contrários, força de inércia da parte de uns, oposições violentas da parte de outros, nada lhe foi poupado. Mesmo assim seguia adiante, afastando os desígnios maus dos homens do mesmo modo que desaterrava a areia de suas trincheiras. As dificuldades voltavam, o khamsin tornava a trazer as areias; não se perturbava, continuava a cavar. Esta vontade infrangível não era nem dura, nem brutal; sabia fazer-se flexível, insinuante, pescadora de homens. E os homens seguiam como que magnetizados.

Perguntei um dia ao marechal Foch qual seria o traço dominante de seu caráter. "Minha fé", respondeu, "creio que é a vontade. Eu sei querer. Querer, querer energeticamente, isto contém tudo. Querer supõe saber e implica querer".

Não esqueças que nada se perde na nossa vida psicológica.

> Nossos atos, ainda que insignificantes na aparência, diz M. Payot, por pouco que os repitamos, formam com as semanas, os meses, os anos, um total enorme que se inscreve na memória sob a forma de hábitos inextirpáveis [...]. Soberano e seguro do triunfo, o hábito procede de uma maneira insidiosa, sem pressa. Dir-se-ia que conhece a eficácia prodigiosa das ações lentas indefinidamente repetidas. Um primeiro ato, ainda que penoso, uma vez consumado, custa já menos na sua repetição. À terceira e quarta replicação, o esforço diminui ainda e vai-se atenuando até

desaparecer. Que digo eu, desaparecer? O ato penoso, a princípio, vai tornar-se pouco a pouco uma necessidade, e francamente desagradável desde o início é o seu cumprimento, que terá agora um efeito doloroso.



Assinalo um ponto muito importante: *saber começar.* Muitas pessoas jovens falham naquilo que se chama *espírito de decisão.* Criam os mais belos projetos do mundo, suas resoluções são bem tomadas. Mas quando chega o momento de os executar, falta-lhes coragem; a covardia domina e, finalmente, o trabalho esmorece.

É inumerável o rebanho dos indecisos. Nutrem desígnios vastos, suas idéias são tão numerosas quanto as estrelas do céu. Mas não sabem, contudo, começar singelamente pelo começo, humildemente, pobremente, com coragem e resolução; e permanecem eternos edificadores de castelos no ar.

Mais tarde, só sabem queixar-se: se tal coisa não me tivesse acontecido, se as circunstâncias me tivessem sido favoráveis, se tivesse tido tal professor etc. Raramente os verás tomar a única atitude que lhes convém: bater no peito dizendo: *mea culpa*!

Não é menos importante *saber recomeçar.* Após esforços generosos e sustidos durante alguns dias, pouco a pouco, se não forem tomadas medidas, a vontade cansa. Acha-se aborrecido e monótono retomar a cada dia o mesmo trabalho. E, então, se procura queimar etapas, contenta-se com uma mediocridade honesta.

Que fazer para corrigir, para reprimir tais movimentos de lassidão e inconstância? Uma coisa simples e fácil: renovar a cada dia as resoluções boas e colocar as mãos à obra com igual ardor. M. Fonsegrive dizia, certa vez, estas fortes palavras aos alunos de um liceu de Paris:

> Meus jovens, sede perseverantes; não desanimeis nunca. Um cego que não se abatesse, chegaria a enfiar a linha numa agulha. A dificuldade na vida não é fazer um esforço, é fazer um esforço constante. Querer fortemente, querer constantemente, é a condição indispensável do sucesso, quase a condição suficiente.

Desconfia, conseqüentemente, da impaciência do sucesso. As repartições que entregam as patentes de invenção estão entulhadas

de obras inacabadas. Aqueles que apresentaram tais trabalhos não tiveram a paciência necessária para lhes dar o acabamento que os tornaria perfeitos e utilizáveis.

Ozanam dizia aos alunos do colégio Stanislas:

> A posse da verdade é exigente: é necessário probidade, é necessário saber resistir a esta prontidão de espírito que não é senão uma preguiça engenhosa, que curva os fatos, apressa as aproximações e precipita as conclusões. É preciso saber suscitar questões, ir ao fundo das obscuridades, desconfiar das luzes falsas, não se queixar nem do tempo nem da aflição. Então, da certeza penosamente alcançada, resulta uma força nova à qual nada resiste.

Não importa menos saber concluir. O Instituto Católico das Artes e Ofícios de Lille tomou por divisa esta palavra: *concluir.* E a canção dos estudantes explica assim esta palavra de ordem:

Concluir! Não se sabe deste verbo a visão!
Estragamos um trabalho, e dizemos: nos apraz terminar.
Negligenciamos o alvo e visamos o termo acertar,
E com o propósito de pôr fim, nada terminamos com precisão!

Portanto, a obra acabada, o labor ideal é imorredouro;
O trabalho longo de ontem faz a glória do porvir.
A obra apressada mergulha em sorvedouro,
A perfeita obra jamais se pode sumir.

Há alguns anos, os possuidores de um terreno mandaram cavar um longo túnel em sua propriedade a fim de descobrir jazidas auríferas que ali se dizia conter. Após um trabalho considerável e despesas significativas, não achando o ouro cobiçado, abandonaram a empreitada. Uma companhia comprou o terreno e continuou os trabalhos: um metro mais longe, encontrou ouro em abundância. Quantos alunos, quantos homens conseguem um metro de sucesso e desanimam! Quantos abandonam a carreira antes de haver atingindo o alvo! Alguns esforços a mais, e o sucesso, a fortuna e a glória, talvez recompensassem um labor há muito sustentado. Infelizmente, a vontade falhou.



O maior inimigo da vontade é o *sensualismo*. Platão assinalava o perigo aos seus discípulos quando lhes dizia: "Livrai-vos dos apetites carnais; tirai este peso que inclina o olhar do espírito para tudo o que é baixo".

Um poeta contemporâneo, o reverendo Delaporte, representa para nós o filósofo ilustre sentado no cabo Sunium diante das ondas iluminadas pelo pôr-do-sol. Sua alma paira; seus discípulos sorveram sua palavra inflamada e se afastaram com o coração mais forte. Um só permaneceu para ler no mais íntimo da alma do mestre. Este jovem se sente atraído para o infinito:

Ó mestre, tu o afirmaste; nas cavernas sombrias,
Escravos acorrentados, que vemos? ... as sombras.
E a realidade resplandece além.
E desde que ouvi tua voz brilha de estrelas meu céu.

Além das claridades da Ática e da Jônia,
Creio, amo, quero a luz infinita;
Do verdadeiro, do bem, do belo, não vi mais que retalho
Mas sou feito para contemplar o verdadeiro, o bem, o belo.

Quando Platão ouviu as aspirações desta alma encantada de ideal, respondeu com as palavras sublimes em boca de pagão: *Ser puro e depois morrer!*

Ser puro e morrer! Duas idéias que não formam, senão, uma só. A pureza do coração não será uma flor delicada que germina na morte de todas as aspirações baixas as quais curvam o espírito e o coração para a matéria? Rompidos os entraves, a alma toma o seu vôo natural em direção ao belo e à verdade com toda a sua força e liberdade.

Que vontade pode possuir aquele que é entregue ao egoísmo dos sentidos? Poderá ser sensível ao santo entusiasmo que suscita a verdade? Se tenta elevar-se, é com pesar infinito que sentimos a fraqueza: as asas do gênio parecem partidas. Se ainda há na alma algum amor ao belo e à verdade, resta pouca energia para realizar esta vaga aspiração.

Os lagos situados sobre os cumes elevados são notáveis por sua limpidez. Sobre a superfície prateada, os raios do sol traçam sulcos de ouro. Nas suas ondas, as árvores refletem seus verdes penachos; as geleiras, suas cimeiras radiantes. Descobrem-se até nas suas profundezas os seixos brancos e polidos semelhantes a pedras preciosas.

É a imagem da alma que limo algum turva; todas as inspirações superiores a penetram, todos os grandes pensamentos a comovem; é capaz de querer, de determinar-se, de prosseguir através de todas as dificuldades a tarefa começada, de sair de si mesma para ir ao encontro do dever e de Deus. "Sair de si mesmo ou permanecer dentro de si", diz o Pe. Gratry, "eis toda a questão, toda a história, todo o drama da vida moral. É também a lei do progresso eterno: 'Saí de vós mesmos, ascendei, ascendei sempre'".



Coragem, portanto, meu querido amigo. Fortalece tua vontade, torna-a firme e constante. Após a instalação do cabo transatlântico, fizeram festa para o ilustre Cyrus Field, de Nova York, organizador desta grande empresa. Ao brindarem, ele respondeu:

> Senhores, dias antes, recebi um telegrama da Irlanda e a pilha que serviu à transmissão tinha o tamanho de um dedal. Hoje mesmo, recebo uma carta do senhor Colett, que me escreve de Heart's Content (Terreneuve). Ele me diz: "Enviei meus cumprimentos ao Dr. Gould, atualmente em Valentia (Irlanda), servindo-me de uma pilha formada de uma cápsula de fuzil na qual verti uma gota de líquido do tamanho de uma lágrima".

Não há aí um símbolo do poder da vontade? Não é ela a grande fonte de energia, a faísca que coloca em atividade todos os dons do espírito? Fortalece-a, cada vez mais, pelo trabalho de cada dia, ilumina-a; mostra-lhe ao bem que é preciso praticar, e entrega-te à sua ação benéfica; ela aumentará, enobrecerá e transfigurará o teu destino.

Capítulo III

Prosssegue teu trabalho com uma constância infatigável

No capítulo anterior, dei-te duas regras de uma aplicação fácil e das quais apreciaste, tenho certeza, a simplicidade e a fecundidade:

Querer pouca coisa
Querer este pouco apesar de tudo

Eu te preveni, porém, ao mesmo tempo, contra a mobilidade e a inconstância de nossa natureza. A boa vontade não nos falta; aquilo que nos falta é recomeçar cada nova tarefa com ardor renovado. "A maior parte dos homens", diz Joseph de Maistre, "são antes capazes de um grande esforço do que de uma perseverança longa". E no entanto, é a perseverança que importa. Gostaria hoje, por uma série de conselhos, de consolidar em ti o desejo de trabalhar com uma constância infatigável.



Tem confiança antes num esforço concentrado do que em tua boa estrela

O que mais custa não é começar bem, é continuar bem, renovar a cada dia as boas resoluções. Após algumas tentativas generosas, muitos se abandonam a sua boa estrela, a uma certa predestinação que fez que tudo lhes sucedesse bem até este dia sem muito esforço de sua parte.

"Não há nada melhor para nos impedir de ter sucesso em nossos empreendimentos do que a crença na sorte ou na predestinação", diz o humorista Max O'Rell. Não acredites na sorte. Ergue-te e crê em ti mesmo. Abre uma passagem através dos obstáculos e não permite que ninguém te desvie do caminho que conduz à meta almejada. Imita Carlos XII da Suécia que, olhando um dia um mapa e vendo os territórios recentes que acabara de conquistar, exclamou: "Deus os deu-me, que o diabo venha tentar retomá-los!".

"O talento é inútil, a menos que seja o servidor dócil do caráter. Com caráter, mesmo sem talento, podes ter sucesso. Se, porém, tens um talento a colocar ao serviço do caráter, então terás o mundo aos teus pés".

Um inglês escrevia ao mesmo Max O'Rell, que retornava de uma viagem pelas colônias inglesas:

> "Tenho um filho que é jovem, sóbrio, inteligente e corajoso, e ao serviço do qual posso investir um pequeno capital. O senhor acha que ele tem possibilidades de ser bem-sucedido nos antípodas?". "Prezado senhor", respondeu Max O'Rell, "um homem jovem que possui as qualidades que o senhor enumera não precisa ir aos antípodas. Frui a posse de destacar-se em toda a parte, até no seu país".

A constância no esforço, eis o ponto essencial. Se quiseres ser alguém, não faças como o grande número dos que caminham pelos atalhos batidos, que se acomodam com o princípio do menor esforço e arranjam uma vida que dispensa reflexão, vontade e ação. Não procedas aos golpes e por caprichos; habitua-te ao esforço moderado mas sustentável, que é o segredo do sucesso.

Para extrair da inteligência tudo que ela pode dar, é necessário meter-lhe um selo pessoal. O apólogo seguinte, que J. B. Dumas adorava citar, é sempre atual:

> Certo viajante encontra, perto de um poço, um menino molhado em lágrimas e gritando de sede; surpreso de ver entre suas mãos um balde vazio munido de corda: "Por que não procuras encher o teu balde?", ele diz. "O poço secou?". "O poço tem água, mas a profundidade é grande". "É a tua corda que é muito curta, idiota; procura uma mais comprida e beberás à vontade".

A história de Santo Isidoro é clássica. Seu irmão Leandro, que lhe dava lições, obrigava-o a trabalhar rudemente, revelando-se severo. Isidoro fugiu da casa paterna, e então, cansado de errar pelo campo, sentou-se às margens de um poço. A pedra, com a qual fora construído, estava escavada de sulcos profundos; o menino se pôs a procurar qual a causa disso. Uma mulher lhe explicou que as gotas de água são mais capazes de fender a pedra que o atrito da corda. Esta explicação foi para o menino um rasgo de luz. A partir deste dia, aplicou-se a trabalhar resolutamente e tornou-se uma das luzes do clero da Espanha.

Se acreditaste até aqui que os homens distintos somente trabalham nos momentos de inspiração, desengana-te. A inspiração, fazem-na nascer por um trabalho retomado sempre à mesma hora, pelo esforço tornado um hábito para o corpo e o espírito. "Para que a sorte se ocupe de ti", confiava Robert de Flers a um amigo, "é preciso esforçar-se".

> Para manter o talento de escrever, salienta Doudan, é necessário trabalhar regularmente, ainda mesmo nos dias em que não se sente com vontade. Chateaubriand admitia de bom grado que trabalhava um certo número de horas, qualquer que fosse a disposição de seu espírito. Mergulhava nas brenhas de suas idéias e afirmava que, antes do fim das horas fixadas, tudo lhe ocorria bem. É que provavelmente, quando se aguarda pela inspiração, ela não vem, mas é este trabalho ingrato e inútil na aparência que traz esses momentos favoráveis em que as idéias tomam sua forma acabada e seu colorido verdadeiro.

Quando Barrès empreendia um trabalho, concentrava nele toda a atenção. Todas as noites, colocava perto da cama um lápis e papel, e quando um pensamento novo lhe ocorria no espírito, durante os momentos de insônia, anotava-o cuidadosamente.

Na Câmara, se uma idéia lhe aflorasse, rabiscava-a imediatamente na extremidade de um papel ou num envelope.

Trazia, de tempos em tempos, um desposo considerável de seus passeios em Paris, na Provença ou na Lorena. Uma multidão de idéias e de impressões formavam-se nele, completamente estranhas à conversa que encetava com o companheiro de rota. Nunca se levantou a suspeita de que ele, ao regresso, as anotava. "Isto é o meu dom", dizia.

Os irmãos Tharaud, que viveram na sua intimidade, acrescentam:

> Essas frases da noite, essas frases de quarto, essas frases de passeio, estes minutos de iluminação e também de aridez, eram a calcadura do artista sobre a greda do assunto, os círculos do pássaro antes que caia sobre a presa.

Segue o conselho de Boileau: apressa-te lentamente

O talento é, amiúde, um fator secundário no sucesso. Convencemo-nos disso lendo a vida dos homens célebres. Todos: poetas, oradores, historiadores, filósofos, homens de Estado foram, sobretudo, trabalhadores obstinados, mais duros na fadiga do que os carregadores e operários; consumiam-se nos seus livros e ocupações como a lâmpada que alumiavam suas vigílias árduas. Viram-nos trabalhar doze, quatorze, dezesseis horas por dia durante longos anos. Bem antes da aurora estavam de pé; no verão, antecipavam o canto da cotovia e quando o ceifador ia colher seu feixe, já haviam coletado um rico despojo.

Eis o que escreve um literato franco-canadense, Arthur Buies:

> Desde há um bom tempo estava eu sentado sobre um tronco de árvore derrubado, quando minha atenção foi subitamente despertada por um ruído misterioso, persistente, encarniçado, semelhante ao ataque furioso e contínuo de um camundongo sob uma folha fina de madeira que o separasse de um belo pedaço de queijo. Escutei e reconheci um besouro, bicho de madeira que se aloja no coração das mais belas árvores, as corrói noite e dia, e acaba por perfurá-las de cabo a rabo, e pus-me a fazer reflexões profundas sobre o trabalho deste pequeno ser solitário, cumpridor sem descanso de sua única função, encarcerado por toda a vida num tronco espesso e duro que, não obstante, cede, e procura assim alcançar a luz, como tudo que vive, como tudo que respira; eu pensava na onipotência da perseverança, na virtude mágica contida no quase nunca apreciável, dificilmente perceptível, mas incessantemente dirigido para o mesmo fim.

A natureza nos dá aqui uma lição que importa aproveitar. A precipitação, a impaciência de concluir um trabalho, não dão nunca bons resultados. Gounod escrevia a Bizet:

> Não te apresses! Tudo acontecerá no seu momento. Calma, sobretudo porque a precipitação sufoca todas as coisas. O espírito crispa-se, contrai-se e uma tal febre não traz, na maior parte do tempo, senão o descontentamento do dia seguinte que impõe o recomeçar do trabalho de véspera.

Plutarco deplora a precipitação nos estudos:

> Conheço, diz, pais que são verdadeiramente inimigos de seus filhos. Ambiciosos de vê-los fazer progressos rápidos e obter em tudo uma superioridade extraordinária, sobrecarregam-nos de um trabalho cujo peso os acabrunha, dando-lhes em troca um desânimo que torna as ciências odiosas.

Plutarco acharia hoje agravado esse defeito que assinala. Estuda-se com uma precipitação febril a fim de acabar de vez com os livros. Existe uma verdadeira mania de tudo abreviar, de tudo simplificar. Julga-se um programa com a rapidez do relâmpago; põe-se toda a ciência em quadros sinópticos. Tal ou qual idioma se aprende em 20, 15, 12 lições bem contadas. Tenta-se torcer todas dificuldades, aplanar todos os caminhos ásperos. E o pior é que alunos que têm estudado com esta rapidez vertiginosa acreditam possuir conhecimentos sólidos.

Chamfort já comentava a respeito, no século XVIII:

> Nos nossos dias, um pintor faz o teu retrato em sete minutos; um outro ensina a pintar em três dias; um terceiro ensina o inglês em quatro lições. Pretendem ensinar oito línguas com gravuras que representam as coisas com os nomes escritos em oito línguas. Enfim, se se pudesse reunir os prazeres, os sentimentos ou as idéias da vida inteira e juntá-los no espaço de vinte e quatro horas, far-se-ia; prescreveriam esta pílula (para engolir) dizendo: tomai, adeus e ide.

Em seis dias, Voltaire compôs a tragédia *Olympie*. "É obra de seis dias", escrevia a um amigo ao enviar-lhe a peça. "O autor não deveria descansar no sétimo", respondeu o amigo. "Também não se arrependeu de sua obra", reparou Voltaire.

A perfeição não casa com a rapidez: é um dado da experiência. O melhor fruto é aquele que aos poucos amadurece. O tempo e a paciência transformam a folha da amoreira em seda, afirma um provérbio chinês. A aquisição de conhecimentos é um processo do tempo; é preciso saber esperar, mas não cruzando os braços.

Sim, apressa-te com vagar. A torrente furiosa que se precipita arrasta uma quantidade mínima de terreno.

> Ao contrário, diz Payot, a ação lenta das geadas e das chuvas, a marcha pouco sensível das geleiras, desagrega a cada ano, de certa maneira pedra por pedra, as paredes rochosas e empurra para os vales massas prodigiosas de aluviões. Tal torrente que leva de rastro cascalhos, gasta a cada dia o granito sobre o qual corre e, com os séculos, chega a abrir fundo na rocha gargantas de grande profundidade. O mesmo é válido para as obras humanas; procedem por acumulação de esforços imperceptíveis que encarados em si mesmos parecem fora de proporção com a obra realizada.

"O gênio é uma longa paciência", dizia Buffon. É a fala da experiência. "Eu passava", salientava, "doze horas, quatorze horas no estudo; era todo o meu prazer. A glória aproxima-se sem pressa, mas vem sempre". Quando se lhe perguntava como havia criado suas obras, respondia: "Passando quarenta anos de minha vida no meu escritório".



Dedica-te inteiramente ao teu trabalho e não interrompas as sessões a não ser por razões sérias

O meio de sobressair-se na ciência é concentrar o espírito bastante tempo em apenas um objeto de estudo. Esta aplicação intensa pressupõe, naturalmente, um plano estabelecido que é para a vontade "o que as artérias são para o sangue, o que os vasos são para as árvores, quer dizer, um canal que abarca a vida e a carrega por toda a parte sem deixar perder uma gota".

Thierry, tendo concebido um plano de sua obra famosa, a *Conquête de l'Anglaterre par les Normands*, pôs mãos à obra com uma coragem proporcional às dificuldades do empreendimento.

> No auge do inverno, diz ele, eu fazia longas sessões nas galerias geladas da rua Richelieu, e mais tarde, sob o sol de verão, corria, num só dia, de Sainte-Geneviève ao Arsenal, do Arsenal ao instituto, cuja biblioteca, por um favor excepcional, permanecia aberta até às cinco. Nesta espécie de êxtase que me absorvia interiormente enquanto minha mão folheava

Sim, apressa-te com vagar. A torrente furiosa que se precipita arrasta uma quantidade mínima de terreno.

> Ao contrário, diz Payot, a ação lenta das geadas e das chuvas, a marcha pouco sensível das geleiras, desagrega a cada ano, de certa maneira pedra por pedra, as paredes rochosas e empurra para os vales massas prodigiosas de aluviões. Tal torrente que leva de rastro cascalhos, gasta a cada dia o granito sobre o qual corre e, com os séculos, chega a abrir fundo na rocha gargantas de grande profundidade. O mesmo é válido para as obras humanas; procedem por acumulação de esforços imperceptíveis que encarados em si mesmos parecem fora de proporção com a obra realizada.

"O gênio é uma longa paciência", dizia Buffon. É a fala da experiência. "Eu passava", salientava, "doze horas, quatorze horas no estudo; era todo o meu prazer. A glória aproxima-se sem pressa, mas vem sempre". Quando se lhe perguntava como havia criado suas obras, respondia: "Passando quarenta anos de minha vida no meu escritório".



Dedica-te inteiramente ao teu trabalho e não interrompas as sessões a não ser por razões sérias

O meio de sobressair-se na ciência é concentrar o espírito bastante tempo em apenas um objeto de estudo. Esta aplicação intensa pressupõe, naturalmente, um plano estabelecido que é para a vontade "o que as artérias são para o sangue, o que os vasos são para as árvores, quer dizer, um canal que abarca a vida e a carrega por toda a parte sem deixar perder uma gota".

Thierry, tendo concebido um plano de sua obra famosa, a *Conquête de l'Anglaterre par les Normands*, pôs mãos à obra com uma coragem proporcional às dificuldades do empreendimento.

> No auge do inverno, diz ele, eu fazia longas sessões nas galerias geladas da rua Richelieu, e mais tarde, sob o sol de verão, corria, num só dia, de Sainte-Geneviève ao Arsenal, do Arsenal ao instituto, cuja biblioteca, por um favor excepcional, permanecia aberta até às cinco. Nesta espécie de êxtase que me absorvia interiormente enquanto minha mão folheava

os volumes ou tomava notas, não tinha consciência nenhuma do que se passava em torno de mim. A mesa em que eu ficava guarnecia-se e se esvaziava de trabalhadores, os empregados da biblioteca ou os curiosos iam e vinham pela sala; eu nada ouvia, nada via, a não ser as aparições evocadas pela leitura.

Littré concentrou, durantes longos anos, todas as suas faculdades à preparação do seu *Dictionnaire*. Empreendeu, aos 62 anos, esta obra que exigiria os conhecimentos de todos os membros da academia durante uma geração, uma vez que tal obra não é somente um dicionário da língua, mas contém o histórico de cada palavra, a nomenclatura, a definição, a pronúncia, o significado, os sinônimos, as citações dos grandes escritores. Nunca um homem sozinho produziu um montante semelhante de trabalho. A obra foi iniciada em 1863 e os quatro tomos compreendendo aproximadamente 3.000 páginas de três colunas vieram à luz em 1878. Ainda ficara por concluir um suplemento que continha mais de 400 páginas plenas de erudição. Ele o completara, não obstante uma interrupção momentânea causada pela doença.

De Mun nos legou uma das condições mais importantes dos seus sucessos oratórios: o trabalho vigoroso e contínuo.

A primavera de 1874 foi para mim plena de obrigações importantíssimas, escreve em *Ma vocation sociale*. Os discursos multiplicaram-se em Paris e na província. Aprendi, então, que é impossível abandonar a palavra pública ao impulso do coração e aos riscos da improvisação.

A casa da Rue des Postes foi o asilo onde fiquei, distante do barulho e das distrações, ao abrigo das visitas e encontros, com o intuito de exercitar-me nesta ginástica do espírito. Chegava muito cedo, de madrugada, e durante quatro ou cinco horas trabalhava com fúria, lendo, anotando e escrevendo.

Ler de lápis na mão, eis o primeiro pressuposto oratório. Depois disso, é necessário compor. O material encontra-se lá em partes; quais escolher? Como dispô-los? As idéias apresentam-se arquejantes, assediam o cérebro; como ordená-las? Qual deve ser a expressão surpreendente? É um combate que se dá antes de mais nada durante a noite; subitamente, quando o sol penetra as nuvens, a inspiração arroja-se, dissipa a escuridão, ilumina o assunto. O discurso toma corpo, mas um corpo fictício, esquivo e que se deve agarrar, abraçar apertadamente, até que

dentro de uma verdadeira embriaguez de espírito, o pensamento mestre se fixa, luminoso, num ponto culminante, sobre o qual logo se deverá arrastar o auditório domado. Nessa altura, estando os nervos tensos por este grande esforço, o orador pode aparecer: está pronto.

Que belos exemplos eu poderia ainda citar tratando da concentração de espírito sobre um só assunto! Limitar-me-ei aos três seguintes.

Quando se celebrou o jubileu de Pasteur, a 27 de dezembro de 1892, o ministro Charles Dupuy louvava nestes termos o ilustre sábio:

> Quando se abarca a vossa obra, fica-se acima de tudo fulminado pela qualidade de trabalho, de paciência, de tenacidade que atesta. Foi vossa esta faculdade de poder concentrar o pensamento sobre um assunto e nele encerrar-se fixamente durante dias, meses, anos; faculdade soberana que vossa face reflete; potência criativa de que a posteridade lerá a expressão sobre esta medalha em que o artista fixou com os vossos traços — alguma coisa de vossa alma.

Dom Pitra, recordando seu entusiasmo de estudante, nos revelou como se chega a ser um dos grandes eruditos de seu tempo: "Meus dias em Paris começavam às quatro horas da manhã e terminavam à mesma hora. Eis três dias que adio, como nos tempos bons de outrora, o repouso e o sustento". Eleito cardeal, o sábio benedito se deitava, ainda todo vestido, sobre um canapé a fim de desfrutar seu curto descanso.

Quando Géricault esboçou o *Radeau de la Méduse*, compreendeu que devia, por um tempo, romper inteiramente com o mundo, e para isso recorreu a um meio bastante original. Pediu ao seu barbeiro que lhe raspasse a metade dos cabelos, das suíças e da barba. Proibiu-se, assim, qualquer saída durante meses, deixando crescer a barba e os cabelos não cortados. Quando o equilíbrio pouco a pouco se restabeleceu, uma obra-prima existia: a *Medusa* estava concluída.

Desconfia das astúcias da preguiça que te leva a interromper um trabalho iniciado. O Pe. Sertillanges revelou algumas:

> Procurando uma palavra que não nos ocorre, pomo-nos a rabiscar à margem da folha, teimando em concluir o desenho. Abrindo o

dicionário, atrai-nos uma curiosidade verbal, depois uma segunda, e assim vamo-nos prendendo numa sarça. Os olhos tombam sobre um objeto; é preciso ordená-lo e uma fútil distração nos retém um quarto de hora. Eis que passa alguém, um amigo que vive no quarto vizinho; o telefone tenta nossos lábios... ou, então, é o jornal que chega; o olhar pousa sobre ele e a atenção se desorienta.

Eis um outro esboço imitado com realismo por Gâche. Trata-se de alunos que fazem seus deveres na família.

Um deles se instala, escreve seis linhas e corre a atiçar o fogo, a arreliar o gato; o outro folheando o dicionário, cantarola; o terceiro não consegue ler sem tamborilar sobre a mesa ou balançar a cadeira; caso prepare um dever de francês, é no teto, seguindo a marcha das moscas, que ele faz caça às idéias. Os pais dizem, em seguida, ao professor que deu uma nota baixa: "No entanto, meu filho passou toda a quinta-feira debruçado sobre o seu dever". Não, ele a passou no encalço de moscas e do gato; o dever mal teve alguns minutos de atenção! Em meia hora de trabalho intenso, o menino teria obtido mais proveito, um proveito melhor, mais adequado, igualmente proveito do que nessas horas perigosas de dispersão.

Pode deduzir-se da experiência que a tentação mais forte consiste em abandonar o trabalho sério para dedicar-se ao divertimento ou a uma leitura mais agradável. Não há ninguém a quem uma leitura recreativa não seja necessária em certas horas. Mas que se tome cuidado! É fácil ser arrastado a este declive! Em breve o espírito dificilmente suportará um alimento sólido. Perde-se o gosto pelo estudo: um leitor maníaco e devorador de livros a mais, um bom aluno a menos. Um leitor pode ter detido muito, meditar de maneira pertinente a respeito da chuva, do tempo bom, dos acontecimentos do dia e mil outros assuntos; terá, quiçá, à sua disposição toda uma coleção de trocadilhos, de adivinhas, de ditos espirituosos e de termos adequados. Não procures nele a profundidade: tudo é superficial; seu espírito é uma terra estéril sobre a qual desabrocham, de tempos em tempos, algumas flores efêmeras.

Segue invariavelmente o regulamento que traçaste

Os inconstantes não sabem sujeitar-se às regras. Não os imites. Faz cada dia, à mesma hora, a mesma tarefa. O trabalho intermitente e aos solavancos não conduz ao sucesso.

O Pe. Lecanuet nos revela que aos treze anos, Montalembert freqüentava cursos bem avançados para a sua idade: conferências da *Societé des Bonnes Etudes*, discursos de Berryer, conferências de Rio sobre a arte cristã. Rio dizia mais tarde: "Quando o encontrei pela primeira vez, tinha ele treze anos de idade e não fiquei menos maravilhado com seus conhecimentos precoces do que com sua impaciência em adquirir novos". Aos quinze anos, Montalembert estava animado de uma verdadeira febre pelo trabalho. Devorava uma quantidade imensa de obras, transcrevia as mais belas páginas, anotava suas impressões e apreciações. E para não perder nenhum minuto, seguia invariavelmente uma ordem do dia. Eis o que traçara durantes seus estudos de filosofia no colégio de Santa Bárbara:

> Levantar às 4h30. Ganhando cinco minutos todas as manhãs sobre a *toilette*, traduzira, ao fim do ano, as obras completas de Epiteto. Das 5 às 6 horas, alterna entre o estudo da filosofia grega de Xenofonte e a história da Alemanha de Pfeffel. Às 6 horas, após um intervalo curto concedido a um poeta, faz o dever de matemática. Às 7h30, café e recreação com seus condiscípulos. Das 8 até as 10, aula de matemática, seguida de meia hora de recreação. Das 10h30 às 12h30, aula de física. Às 12h45, aula de química duas vezes por semana, na terça e na sexta; nos outros dias, recreação usufruída com um amigo. Das 2 horas às 4h30, aula de filosofia. Das 5 às 6, leitura de obras de filosofia. Das 6 horas às 7h30, exercícios de filosofia. Às 7h30, recreação ou prolongação do estudo no quarto. Às 8h30, jantar e oração. Às 9 horas, nosso jovem colegial entra no quarto, lê um poeta grego ou latino, depois estuda a história grega em Tucídides ou Xenofonte até as 10 horas; então, até as 11 horas, é a vez do *tour* pela história da Alemanha em Pfeffel ou em Schiller. Um tal programa, escrupulosamente seguido — acrescenta o biógrafo — dispensa comentários.

Eis um outro gênero de fidelidade a um programa. O grande pianista Henselt tinha a mão pouco flexível e elástica. Combateu estas deficiências através de estudos regulares e enérgicos, executáveis

somente por mãos grandes e muito bem constituídas. Banhava assiduamente as mãos em óleo quente. E o maior entre os maiores, Liszt, dizia de Henselt: "Se eu quisesse tocar minha fantasia sobre *Lucie*, da mesma maneira que a executa Adolphe Henselt, deveria estudá-la durante três anos".

Destina-te, portanto, ao regulamento com uma espécie de teimosia. Segue-o invariavelmente e constata com uma imensa satisfação os resultados maravilhosos desta fidelidade.

Não te deixes embriagar por quaisquer pequenos sucessos

Quando executaste bem um trabalho, uma composição, é a Providência que te reservou tal sucesso para te encorajar, quer dizer, convidar-te a te medir com as novas dificuldades. Não é suficiente começar bem, continuar bem; é necessário lutar até o fim para receber a coroa.

Na sua marcha vitoriosa contra Roma, os cartagineses cometeram o erro de deterem-se, e o êxito final de suas armas ficou para sempre comprometido. Não pares nunca enquanto tua tarefa não esteja completamente concluída. *Excelsior*! Sempre mais alto! Esta deve ser tua divisa. E ainda, não olhes bastante como se conduzem os outros. Tem convicções firmes, bem nítidas. Tem sobretudo horror à mediocridade de que Hello aponta os caracteres.

> O homem medíocre, diz ele, é, na ordem literária, o que se chama no meio social um homem de boa fortuna. Os sucessos fáceis são seu apanágio. Corre atrás das circunstâncias; vive à espreita de ocasiões; e quando tem êxito é dez vezes mais medíocre do que antes. Ao passo que o homem superior sente interiormente a sua força, e a sente, sobretudo, quando os outros não a experimentam; o homem medíocre se julgaria um parvo se se passasse por tal, e, desta maneira, encontra arrogância nos elogios que lhe fazem; sua mediocridade aumenta em razão da escassa importância que merece.

Ingres não se deslumbrou com os primeiros êxitos. Nunca legou obras que não fossem feitas com o mais grande esmero. Mesmo durante os anos de penúria, de privações e de tormentos inquietantes, nunca se afastou de seus princípios elevados. "Sou inflexível e incapaz de qualquer complacência pelo mau gosto", escrevia.

Anos depois ainda dizia: "O ardor pelo lucro jamais me fez apressar o cuidado que dou às minhas obras".

Le Verrier encarava o sucesso como excitação ao trabalho e degraus para se chegar ao ápice. Deixou uma obra gigantesca. O resumo de seus trabalhos de mecânica celeste abarca nada menos de quatorze volumes in-quarto da coleção das *Mémoires de l'Observatoire*. Empreendeu a obra considerável da reobservação de 48.000 estrelas da *Histoire céleste* de Lagrange. Desenvolveu a história passada e futura dos cometas. Refez a teoria dos movimentos de todos os planetas, trabalho hercúleo, onde a teoria do sol exigiu, sozinha, doze volumes in-fólio de cálculos. Estes cálculos se estendem até o ano de 3850; a posteridade pode viver ainda 2.000 anos de seus trabalhos.



Quando dispõe somente de alguns minutos, não digas: não vale a pena começar a trabalhar

Já te falei do bom emprego das menores parcelas de teu tempo. Permite-me que o recorde sob o ponto de vista da constância. Quantos minutos perdidos sob o pretexto de que não valia a pena começar! Quantos belos resultados se teriam obtido se fossem utilizados!

Conheci um estudante que, dispondo cada dia de três ou quatro minutos, os consagrava invariavelmente à leitura de uma página do *Petit Larousse ilustré*. Ao fim de alguns anos, podia desafiar os camaradas a que achassem uma palavra deste livro cujo significado não podia dar.

Conheci outro que, em menos de um ano, aprendeu de uma ponta à outra o *Jardin des racines grecques*, utilizando os cinco minutos da saída da aula de dez horas. Em seguida, atacou com o mesmo sucesso o *Jardin des racines latines*.

Não desconheces, sem dúvida, a história de Aguesseau. Em sua casa o almoço não estava nunca pronto na hora e ele era obrigado cada dia a esperar quinze ou vinte minutos. Resolveu empregar utilmente esse tempo. Quinze anos após, ofereceu à Sra. Aguesseau três volumes in-quarto; fruto daqueles minutos de cada dia preciosamente utilizados.

Por princípio, e com o fim de incutir em ti a constância, não deixes perder nem um só dos instantes preciosos de que dispões.

Aproveita-os, como o aconselha o Pe. Sertillanges, para aprofundar um pensamento que te passou pelo espírito sem deixar um sulco claramente traçado, para consultar no dicionário a respeito de uma palavra ou uma idéia, para um retoque de um trabalho escrito, levantar notas, classificar documentos.



Luta contra as impressões de cansaço enganoso

É uma das astúcias da preguiça contra a qual te pretendo prevenir. Todos os estudantes experimentam sensações de mal-estar e de fadiga tanto no espírito quanto no corpo. Sê enérgico; e não te deixas vencer por esta espécie de torpor. Sacode vigorosamente o teu espírito e isto não aparecerá. Se, pelo contrário, cederes, o fenômeno se produzirá muitas vezes e sofrerás aflição para sobrepujá-lo. Passo mais uma vez a palavra ao Pe. Sertillanges:

> Quando inicias uma excursão, é freqüente que a primeira ladeira te encontre extenuado e vagaroso; a dor muscular se apodera de ti, e de bom grado retornas para a cama. Persiste: as articulações perdem a ferrugem, os músculos exercitam-se, a respiração alarga-se e saboreias a alegria da ação. É o mesmo com os estudos. A primeira sensação não deve ser obedecida; é preciso impelir-se, forçar a expansão de energia. Pouco a pouco as engrenagens funcionam, adaptamo-nos e um período de entusiasmo pode suceder à inércia penosa.

Retomarei este assunto quando tratar da luta contra as dificuldades. Não te deixes abater por um mal-estar leve; conserva o domínio de ti mesmo. Quando sondamos o trabalho prodigioso executado por enfermos, valetudinários e doentes, enrubescemo-nos de estar diante de um cansaço freqüentemente imaginário.

Pode-se dizer que o grande historiador Fustel de Coulanges teve uma morte heróica. Roído pela doença, consagrava-se não menos do que oito a dez horas por dia ao trabalho. Uma crise grave sobreveio e inquietou seu círculo próximo. Deveria doar-se a um regime mais apropriado ao seu estado. Porém, pelo contrário, foi mais ávido no trabalho. Passou dois invernos consecutivos em Cannes e em Archacon, cuidando de levar consigo seus livros e notas com o propósito de concluir um volume da cada vez.

Quando regressou do sul, no mês de abril de 1889, era visível que seus dias estavam contados. Instalou-se logo na casa de campo que possuía em Massy, e, por conseguinte, não mais deixou o leito, continuando assim mesmo a trabalhar.



Não abandones nunca um método de trabalho cuja eficácia avaliaste

Nunca será exagerado insistir sobre a importância de um bom método. Descartes comete um erro, sem dúvida, ao dizer que o método faz toda a diferença entre os espíritos: a experiência demonstra que há espíritos desiguais em potência e penetração. Mas é certo que o progresso das ciências está ligado àquele do método; não menos certo é que os estudos sem ordem "turvam as luzes naturais e cegam o espírito, e qualquer um que se acostume a andar nas trevas enfraquece de tal sorte a vista que não pode mais suportar o grande dia".[3] Com um método ruim, o espírito se impõe fadigas inúteis e, ocasionalmente, distorce-se. E quando é praticado desde a infância, tal método raramente muda.

Não precisas descobrir métodos; teus mestres te dão todas as direções necessárias para chegar ao sucesso. Não sejas, portanto, desses espíritos originais que julgam dar provas de superioridade de espírito agindo a seu modo, fazendo mesmo o avesso do que é aconselhável. A experiência prova que os alunos inteligentes são sempre os mais dóceis.

Logo que um bom método te é assinalado, adota-o; fá-lo passar a um estado de hábito pela aplicação imediata, segundo a regra de Bain, assim concebida:

> Não cometas nunca uma infração enquanto o hábito novo não estiver convictamente enraizado em tua vida. Verificar-se-ia com a vontade o que acontece ao novelo de linha que se deixar cair: desenrola-se por inteiro e o trabalho volta à estaca zero.

Se fores levado à *impulsividade* e à *incoerência*, redobra os esforços a fim de modificar o teu caráter. O *tipo* impulsivo está à mercê das

3. René Descartes.

impressões que se sucedem. Seu espírito encontra-se em estado de equilíbrio instável. A vontade se deixa exceder de tal maneira que não sabe sujeitar-se a um trabalho contínuo.

O *incoerente* não se sai melhor. Faltam-lhe, em especial, firmeza e constância. Assemelha-se ao Pantalone da comédia italiana, que aparece em cena portando debaixo do braço dois enormes rolos de papel. "Que levas lá sobre o braço direito?", diz-lhe o interlocutor. "Ordens", responde Pantalone. "E sobre o braço esquerdo?". "Contra-ordens".

Uns dão mais importância ao método do que ao trabalho, e quando o sucesso não vem de imediato, o método de nada vale — seguem o capricho e a fantasia.

Não os imites. Prossegue no teu trabalho com obstinação e teimosia. Há uma teimosia que é boa e que se chama perseverança. O engenheiro G. Claude, numa conferência retumbante, cita o caso do ilustre americano Taylor que, entregando-se com afinco ao problema dos aços rápidos, começou por estabelecer que a questão dependia de doze variáveis.

> Então, trabalhando com uma variável de cada vez, Taylor empreendeu experiências que perduraram vinte e cinco anos. Vinte e cinco anos, é um contrato! Mas mesmo assim, quando, a este preço, se faz uma descoberta magnífica, uma descoberta que subverte todas as condições mecânicas do trabalho, não se tem realmente o direito de queixa.

Em outra conferência, o mesmo sábio faz o elogio da teimosia.

> É bom recordar, diz, que a perseverança é uma das qualidades mestras do investigador, uma perseverança selvagem, filha da obstinação e irmã da tenacidade.
>
> Porque se é verdade que os pretextos de inventar abundam e que muitas vezes comportam uma solução simples, enganar-te-ia se não fosse acrescentado que *não hás de chegar logo a esta simplicidade*, que toda espécie de decepção, os homens e as coisas armarão contra ti, e ainda que o alvo pareça próximo, ser-te-á preciso, para alcançá-lo, mais tempo e noites em claro que tencionas pensar. Sim, os instantes desesperadores cavam um buraco terrível na vida do pesquisador, e para que haja compensação é indispensável que sejam bem vivas as alegrias do sucesso.



Sustenta tua coragem pela oração e pela visão do alvo a atingir

Voltarei ao tópico da oração. Um estudante cristão não pode deixar de pedir a Deus que abençoe seu trabalho. Mais do que isso, deve fazer de seu trabalho uma oração contínua. Que teu primeiro pensamento do dia se volte para Deus. Dá-Lhe o coração, oferece-Lhe as ações, pede-Lhe a luz. Faz um ato de fé à verdade, um ato de esperança à luz celeste, um ato de amor às verdades já conhecidas.

Ollé-Laprune trabalhava dentro deste espírito. Antes de pronunciar um discurso, escreve no seu diário:

> Passarei o dia no recolhimento, reverei este discurso sob vossos olhos, ó meu Deus. Proferi-lo-ei esta noite por Vós, e se for acolhido com fervor, defender-me-eis contra a vaidade, o veneno corruptor de todo o bem.

Há certos momentos em que sentimos a coragem fraquejar e diminuírem as energias. Após a oração, o melhor meio de reanimar-se é a representação vívida do ideal entrevisto, dos resultados que se querem obter e dos meios que nos dão satisfação até o momento.

É indispensável esperar horas difíceis e não se assustar demais quando chegam. É preciso, sobretudo, não se deter nelas, mas se distrair e mergulhar novamente no trabalho com mais ardor do que nunca. É nessas ocasiões que convém reafirmar um "eu quero" bem enérgico, dizer novamente a si mesmo que somente atingirá a meta aquele que jamais desiste e que anda com os olhos constantemente fixados no ideal vislumbrado, empalidecendo à claridade de uma lâmpada e desprezando os prazeres vãos em que se compraz o vulgar.



Enfim, persevera no trabalho até a conclusão perfeita da obra empreendida

Se observares bem este conselho, darás a cada estudo, a cada trabalho, todos os cuidados necessários para chegar ao *fim* que os consagra. Aperfeiçoa desde agora este hábito: acompanhar-te-á toda a tua vida e te infundirá horror ao *mais ou menos*.

Nada angustia mais o coração do que um jovem homem capaz de grandes coisas e que somente lega trabalhos feitos com negligência.

Um de meus amigos, diz um autor, me estendeu, certa vez, um maço de papéis. Era o trabalho de um erudito que se ocupara de uma multidão de assuntos, mas ainda inéditos. "Examina estas folhas", disse-me ele, "e vê se merecem ser impressas e publicadas". Após ter percorrido estas notas, minha resposta foi um categórico *não*. De fato, não continham nada de acabado. Um fragmento de poema era notável, mas não era senão o começo de uma introdução a uma obra mais vasta cujo plano estava somente esboçado. Um soneto rutilante estava amputado de suas duas últimas linhas. Um pequeno caderno continha o cálculo de um eclipse; as operações eram conduzidas com bastante ordem, clareza e justeza, detendo-se, porém, nos três quartos da solução; algumas folhas contemplavam uma dissertação filosófica incompleta; outras, fragmentos de estudos históricos. Esses trabalhos anunciavam um espírito superior ao qual faltaram ordem, vigorosa continuidade e aquela constância sem a qual não se produz nada digno de valor.

Um poeta original fala de um primo seu que começa bem e acaba mal:

Quando ele escreve em verso ou em prosa,
O início tem o efeito de um tufão:
Quanto a concluir qualquer coisa.
Quem já o viu? Não.
Atolando-se em cada sulco da estrada,
Encontrou um meio de muito agir
E pouco construir:
Bom em tudo, e apropriado ao nada!

Em contraste, os bons exemplos não nos faltam. Numerosos sábios prosseguiram em seus trabalhos até o fim da vida e deixaram o exemplo admirável de uma constância incansável que auguro para vós.

O naturalista Adanson empreendera, sozinho, uma enciclopédia das ciências da natureza. Vinte e sete grossos volumes expunham as relações dos seres e sua distribuição; a história de quarenta mil espécies estava disposta em ordem alfabética em cento e cinqüenta volumes. Um vocabulário universal dava a explicação de duzentas mil palavras. Ademais, seu manuscrito compreendia quarenta mil figuras e trinta mil trechos de três reinos. Pediu em testamento que

uma guirlanda de flores, apanhada entre as famílias que classificara, fosse o único enfeite em seu caixão.

A vida científica de Chevreul foi uma unidade admirável. No dia de seu centenário, podia dar este exemplo à juventude estudiosa:

> O homem, dizia ele, deve considerar-se um estudante por toda a vida, uma vez que deve procurar, toda a vida, tornar-se mais capacitado e melhor. Não devemos jamais esquecer, um só instante, que o homem recebeu o privilégio glorioso de ser o único animal perfectível. E é por essa razão que sempre devotei uma afeição especial a um dos meus títulos: *decano dos estudantes* — o mais belo dentre todos eles!

Algum tempo antes de sua morte, Duhem, dirigindo-se aos estudantes católicos de Bordeaux, dizia-lhes:

> O título de estudante é aquele que, creio, melhor mereço, aquele que espero ser digno de merecer por longo tempo, porque quando não for mais estudante é que não terei mais nada a aprender; sendo isso, para mim, o sinal evidente de uma degenerescência senil.

Imita esses exemplos admiráveis. Não te sintas satisfeito enquanto faltar à tua obra uma perfeição que lhe podes dar. Conserva, mais tarde, este hábito. E assim chegarás à plena realização do ideal entrevisto na juventude. Adormecer colocando a pedra derradeira no edifício sonhado: que consolação e que motivo de esperança! Tal foi a morte do venerável Bède. A crônica nos conta que na terça-feira antes da Ascenção do ano de 735, agravou-se a enfermidade que o devia conduzir ao túmulo. Havia feito a tradução do Evangelho Segundo São João: "Apressai-vos", disse aos seus secretários, "pois o Senhor em breve me chamará para estar junto d'Ele".

No dia seguinte trabalhou como de costume, não obstante o enfraquecimento de suas forças. A cerca de nove horas, um de seus discípulos, Wibert, aproximou-se do leito de morte e lhe disse:

> "Querido mestre, falta um capítulo ao livro que ditaste. Seria muito cansativo para vós continuar falando?". "Não", respondeu o santo. "Ainda o posso, mas te apressa, pega a tua pena e incumbe-te de escrever rapidamente".

Então se entreteve até a noite com os religiosos da casa. Em seguida, Wibert acercou-se novamente e lhe disse: "Querido mestre, falta ainda uma sentença para ditar". "Toma a tua pena", respondeu Bède, "e escreve prontamente".

Ao fim de alguns minutos, tendo o secretário terminado seu trabalho, exclamou: "Agora ficou pronto". "Sim", respondeu o moribundo. "Tudo está consumado, tudo está findado! Eleva nas tuas mãos a minha cabeça enfraquecida e volta-a em direção à igreja".

Deitado no piso de sua cela, Bède se pôs a entoar uma vez ainda: "Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo". Invocando a terceira das pessoas divinas, exalou a sua alma para ir acabar no céu e repetir pelos séculos dos séculos a doxologia interrompida nos seus lábios pelo dedo da morte.

Capítulo IV

Aprecia a teu favor a vantagem imensa que tens de ser jovem e aproveita bem tua juventude

Meu querido amigo, se queres merecer o título de estudante de elite, aprecia bem a felicidade que tens de ser jovem, não esquecendo nunca que a juventude "passa qual uma flor". Aproveita as horas e os minutos que escorrem e afundam na eternidade. Ouve-se dizer com freqüência: "Se velhice pudesse!". Mas ela não pode; é já muito tarde, e este pesar não faz senão melhor compreender quão preciosos são os anos da juventude. "Vive tanto quanto quiseres", diz o poeta Southey; "os vinte primeiros anos são os mais longos de tua vida". Um homem célebre encontrava-se no leito de morte e um de seus amigos pergunta-lhe o que lhe poderia dar prazer. "Ah", respondeu o moribundo, "devolve os anos da minha juventude!".



A juventude é a primavera da vida e a idade da esperança

Certamente ouviste isso reiteradas vezes e a essa metáfora não falta justeza. Não esperes que eu faça uma descrição da primavera, tu conheces seus encantos: o céu é despojado de neve, o sol retomou toda sua força, as folhas renascem, as flores ostentam suas corolas graciosas, as brisas ciciam nas ramagens, a orquestra de pássaros ressoa nos arbustos, matas e bosques; a borboleta executa danças galhofeiras; por toda parte uma profusão admirável de cores e perfumes; por toda parte a alegria, a vida, a esperança; por toda parte os traços da beleza, da sabedoria e do poder de Deus.

Estás na primavera de tua vida, mas as belezas da natureza são ainda pálidas comparadas às maravilhas de todos os tipos com as quais a Providência se agrada de ornar tua inteligência e teu coração. Qual o poeta que saberá cantar dignamente o rapaz; o rapaz, em particular, cristão!

A primavera é uma estação de promessas e a juventude é a idade das esperanças longas e dos pensamentos vastos. Uma dama da corte, relembrando a Luís XV o dia de sua sagração, dizia-lhe: "Majestade, naquele dia, éreis belo como a esperança!".

Aproveita, pois, tua juventude. Coloca bem alto o teu ideal. Diz de todo o coração: "Quero que a minha vida seja séria e útil". Nada te falta para realizar este desejo: frescor da alma, flexibilidade das faculdades, sensibilidade delicada, confiança serena no porvir. Estás ao abrigo de toda inquietude, de todo cuidado material, de toda preocupação absorvente. Que nada te afaste do trabalho sério!

Na aurora da tua vida, dois caminhos se apresentam a ti: aquele da indolência e aquele outro do trabalho vigoroso e perseverante. Não queres o primeiro, dizes tu. Que isso não fique somente nas palavras. Se a preguiça tomar a dianteira, não serás mais que um ser medíocre, semelhante àquelas árvores que produzem folhas e flores, mas nunca frutos. Que valor tu terias do ponto de vista moral?

Na mocidade, Horácio escrevia:

> Preocupo-me e coloco-me à procura do que é belo e verdadeiro, a isso consagro a melhor parte de minha existência. Recolher-me e preparar-me não é para mim um dever, se quero, mais tarde, dar alguma coisa ao meu século.

Que infelicidade para ti se agisses como jovem volúvel, despreocupado, caprichoso.

> Quantos jovens, diz o Pe. Sertillanges, com a pretensão de se tornarem trabalhadores, desperdiçam miseravelmente seu tempo, suas forças, sua seiva intelectual, seu ideal! Ou eles não trabalham, ou trabalham mal, caprichosamente, sem saber nem o que são, nem aonde querem ir, nem como devem andar.

Toma, então, o caminho que conduz ao sucesso pelo bom emprego dos anos tão preciosos da juventude. És bem jovem; tem vida, animação, entusiasmo. De um artigo de jornal que falava de jovens,

recortei, antes da guerra, a seguinte idéia: "Os jovens de hoje são mansos e desiludidos, assemelham-se a velhos indulgentes. É o que se quer exprimir ao chamá-los budistas". Na realidade, são uns *amuados*, como se diz. A atitude deles nada mais é do que uma pusilanimidade orgulhosa. Mostram-se enfadados da vida porque não têm a coragem de desafiar as tempestades e de beber a amargura. "Disseram que ela é agitada e pouco agradável de beber, como a água do mar. É bem possível, mas como a água do mar, ela também transporta aqueles que se mexem".[4]



A juventude é o momento mais favorável ao desenvolvimento das faculdades e à formação dos bons hábitos intelectuais

Não tenho a intenção de dizer-te aqui em que medida e por quais meios convém cultivar as faculdades. Será objeto de um estudo especial. Limitar-me-ei a um conselho bem simples: exercita-as constantemente; não as deixes enferrujar nem atrofiar. Em tua idade, seria um desastre. Dá-lhes todos os dias um alimento que as sustente, e não negligencies nenhuma.

Para isso, não é necessário que modifiques teu regulamento. Realiza fielmente as diferentes tarefas que são para ti o dever quotidiano. Cada uma de tuas faculdades encontrará seu alimento nos variados trabalhos em que se repartem as horas: a tua *memória* se fortificará pelo vigor com o qual lhe confiares noções novas; a literatura, a história, a geografia, as ciências da natureza virão sucessivamente dar ímpeto à tua *imaginação*; tuas faculdades da razão acharão um alimento não somente nas ciências exatas e positivas, mas ainda em todos os outros conhecimentos se os estudares com atenção e reflexão.

Conserva o espírito aberto à verdade, ama o estudo, e a cada dia aumentarás a força e o vigor de tuas faculdades intelectuais. O espírito ativo se aperfeiçoa sem cessar.

O mesmo meio te servirá para a formação desses bons hábitos intelectuais que são causas de sucesso e tornam-se uma bênção para a vida. Se trabalhares cada dia com toda a tua alma, formar-se-ão, por assim dizer, mecanicamente:

4. René Bazin.

Hábito de atenção, tão necessário, mas tão difícil de agarrar quando falta o ideal e ainda não se é tocado pela paixão do estudo. Se tiveres caráter, chegarás, pouco a pouco, da atenção intermitente à atenção voluntária e contínua.

Hábito de observação, indispensável para o desenvolvimento da personalidade, a elaboração de juízos lúcidos, o sucesso nos estudos e até mesmo a escolha da carreira.

Hábito da reflexão que aguça o espírito da sutileza, dá um conhecimento mais perfeito de si mesmo e exerce uma influência considerável sobre a vida moral, assim como sobre a vida intelectual. O exercício da reflexão é freqüentemente contrariado pela vagabundagem da imaginação, mas o estudo sério a fixa sobre noções adquiridas e sobre tudo aquilo que é objeto de interesse.

Hábito da prudência na expressão de idéias, que faz evitar os julgamentos precipitados e as sentenças absolutas e inapeláveis.

Hábito da pontualidade no trabalho, tão meritório, principalmente quando é exercido por iniciativa própria.

Hábito do trabalho contínuo pelo qual nos submetemos à grande lei do esforço, segredo do progresso e da perfeição.

Rousseau pretende que o único hábito exeqüível em educação "é não contrair nenhum". Que aberração! Como se os bons hábitos não fossem a condição de toda a educação! Trabalha para aperfeiçoar em ti aqueles de que te falei. Se não o fizeres agora, mais tarde os experimentarás em vão.



A juventude é a idade do progresso e da ascensão para os cimos

Os irmãos Montgolfier tomaram como palavra de ordem dois vocábulos do dialeto de Annonay: *Mountaren toudzou*! Isto é: "Subiremos sempre!". Que bela divisa! Que seja também a tua! Vai adiante para os cimos como o nobre rapaz que vai fincar o estandarte sobre os brancos cumes alpestres.

Tudo te convida a progredir. "Sê perfeito como teu Pai celeste é perfeito", disse o Mestre por excelência. Progredir é a lei da vida. Em torno de ti tudo progride. O grão humilde torna-se um arbusto, depois uma árvore coberta de folhas, de flores e de frutos.

Sobe, sobe sempre. Todo jovem é um deus caído que se recorda dos céus. E poderias, de resto, chegar ao sucesso, se não começasses desde o presente esta ascensão gloriosa? Julgas que após haver vivido na indolência e no esquecimento de teus deveres, poderás alcançar o tempo perdido? O tempo perdido não se alcança jamais.

Continua a cada dia a tua ascensão sem fraquejar. Fixa as alturas serenas onde resplandece uma luz mais brilhante. Não ames senão o belo, o verdadeiro, o excelente. Que auréola tal disposição não cinge sobre uma fronte jovem!

Feliz o estudante que segue adiante sempre com o mesmo ardor! O professor de Ozanam, Sr. Legeay, dizia de seu ilustre aluno que ele fazia parte "do pequeno número daqueles que era preciso moderar".

Feliz a alma que uma centelha divina abrasou e que o fogo sagrado devorou! Ela aumenta constantemente seu valor, alarga sua visão, fomenta seu patrimônio intelectual, acrescenta à sua luz aquela das estrelas e dos sóis.

Sobe, sobe sempre. Pouco te importe o que fizeram os outros.

Ladearás os *céticos* que te dirão que o verdadeiro, o belo, o bem, não passam de ilusões, que é melhor estender-se sobre a relva que costeia o atalho e olhar passar, com um encolher de ombros, as almas ingênuas que crêem ainda nestas coisas sagradas. Sobe, sobe sempre.

Encontrarás os *utilitários* e as *pessoas práticas*. Dir-te-ão: "Para que se dar tanto ao esforço! Não estudemos senão o que pode proporcionar dinheiro e prazeres!". Dir-te-ão: "Nós somos os mais sábios, dado que vives na ilusão. O entusiasmo é um fogo de palha que não deixa mais do que cinza!". Não os escutes. Sobe, sobe sempre!

Encontrarás os gozadores que nada compreendem dos prazeres nobres do espírito. Para eles, não há nada mais verdadeiro do que a riqueza material. Se estudam, é "para chegar a uma espécie de repouso dourado que é o sonho da besta". Não atentes às suas vozes pérfidas. Sobe, sobe sempre.

Existe ainda jovens que pertencem à estirpe dos *medíocres* e dos *satisfeitos*. Consideram como exaltados aqueles que estudam com entusiasmo. Patinam no terreno e julgam que em tudo é melhor a honesta mediocridade em que se comprazem. Não os imites. Sobe, sobe sempre.

O músico Weber escrevia em seu *Journal intime*:

> Por nada nesse mundo quero pertencer à mediocridade dos milhares de pequenos compositores. Se não puder alcançar um degrau elevado, resultante de minha dedicação, então mais vale não viver ou mendigar o pão dando lições como professor de piano. Mas não quero cometer uma mentira contra a minha divisa: a tenacidade conduz à meta! Assegurar-me-ei severamente, e o tempo ensinar-me-á, o tempo ensinará ao mundo se eu soube tirar proveito desta verdade sincera.

É necessário, ainda, falar-te dos *embotados*? Talvez os encontres. Quando falares de dedicação às causas nobres, olhar-te-ão com um ar de piedade, tomando-te por ingênuo e enrolado. Não os escutes. Guarda teu ideal de cavaleiro defensor dos fracos e deixa aos vulgares Sancho Pança suas preocupações terrenas.

Não dês ouvidos aos *fracassados* e *desanimados* que dizem não haver nada que fazer. Não te deixes arrastar pelo arrebatamento lírico dos *demagogos*; suas belas palavras se desvanecem como fumaça. Continua tua obra mirando os cimos. Fecha os ouvidos às insinuações malsãs. Sobe, sobe sempre; quanto mais te elevares, mais te aproximarás de Deus.

Entrega-te a um trabalho ardente e faz valer os talentos que Deus te deu

Há uma certa precocidade que é nociva, porque é gerada em detrimento do corpo e da saúde. Encontram-se, por vezes, crianças que os pais apresentam como prodígios, que, aos dez anos, tocam valsas ao piano, são as primeiras em temas e desenham a lápis a cabeça de Tito Tácio. Não só o crescimento de tais crianças se faz de maneira inadequada, seus olhos estão com olheiras, e chega o dia em que o médico diz: "Esta criança é muito avançada para sua idade; é necessário que seja enviada ao campo, e que não faça mais nada durante seis meses", o que quer dizer: "Agiste contra a natureza, a natureza vinga-se".

Certas crianças não mantêm nenhuma das promessas esperadas. Um véu se estende, pouco a pouco, sobre o seu espírito e as suas faculdades parecem atrofiar-se. Julgaram-nas mal, tomando por talento certas qualidades puramente exteriores. Um talento precoce excita com grande freqüência a desconfiança. Não se queria acreditar no gênio prematuro de Tennyson. Um dia, quase arrastado por uma borrasca que, no jardim, curvava as árvores e arrancava as folhas,

o menino, que tinha cinco anos, clamou o seu terror em linguagem ritmada. Aos nove anos, escreveu uma elegia sobre a morte da avó. O avô, tendo lido a poesia, deu uma moeda ao rimador precoce, dizendo-lhe: "Toma, meu rapaz, eis o primeiro dinheiro pago pela musa; mas, acredita-me, que também seja o último". O garoto nascera para a poesia e não desmentiu as promessas de sua infância.

Uma precocidade que se desvanece não é, senão, uma exceção. Evidentemente, mesmo com as mais felizes disposições, não se chega ao sucesso sem um trabalho contínuo. Wirth dizia aos jovens:

> Prevejo que tereis de dobrar o cabo Horn durante a estação das tempestades, e vos predigo que, se fordes enérgicos, sobrevivereis a esta prova decisiva, e que chegareis felizmente ao porto tranqüilo das latitudes calmas do Pacífico.

Aos quatro anos, Mozart improvisava ao piano melodias graciosas; aos doze anos compôs a sua primeira ópera. Aos quatorze anos, fez representar *Mitridate*, que foi tocada vinte vezes consecutivas. Aos treze anos, Haydn escrevera uma missa. Aos dezessete anos, Händel já era o compositor de várias óperas. Aos três anos, Saint-Saëns já compunha música; aos cinco anos improvisava valsas que não reprovariam um compositor experiente. Nenhum deles quebrou as promessas de seus primeiros anos.

Mas não gostaria de atrair sobre mim a censura de somente citar os músicos. Foi na infância que Bossuet descobriu a Bíblia. Todos os encantos da literatura profana desapareceram para ele diante do aspecto das grandes imagens e das altas concepções deste livro divino. Leu-o tantas vezes que o amoldou ao seu gênio. Saint-Beuve dele escreveu: "Entrou na Bíblia como Moisés entrava na nuvem de fogo do Sinai".

O matemático Joseph Bertrand sabia ler aos quatro anos, tendo aprendido tudo sozinho.

> Aos quatro anos, uma pleurisia o reteve muito tempo no leito. A mãe dava as lições de leitura ao filho mais velho ao pé do leito do pequeno doente. Muito atento, sem dizer nada, Joseph estudava e repassava mentalmente o conjunto de letras e das sílabas. Deram-lhe um livro de história natural cheio de imagens. A mãe ficou bem surpresa e mais alegre ainda quando, um dia, o ouviu ler corretamente *A ovelha, o cão e o lobo*.

J. Bertrand recordava-se com prazer desta passagem de infância: "Gostaria", dizia ele, "que colocassem em meu elogio que aprendi a ler sozinho".[5] Aos oito anos, traduzia *De Viris*; aos onze anos, passaria com sucesso nos exames da École Polytechnique — foi admitido aos 17 anos com o número 1. Um ano havia que se tornara doutor em ciências. Permite que continue a dar-te mais exemplos: sua eficácia é freqüentemente maior do que as considerações filosóficas mais sublimes. Champollion, o fundador da egiptologia, apresentou-se à idade de doze anos diante da comissão encarregada de designar os jovens que se beneficiariam das bolsas concedidas pelo governo. Ele respondeu com exatidão às questões do programa, traduziu corretamente os clássicos latinos e gregos, e propôs modestamente aos seus examinadores ler e explicar o texto hebraico da Bíblia. Foi admitido no liceu de Grenoble com pensão completa, ao encargo do governo, e solicitou como favor consagrar suas horas livres ao alfabeto sírio e às raízes etíopes. Sua mesa regurgitava de livros estrangeiros; o copta e o caldeu o atraíam invencivelmente. Um estrangeiro trouxe-lhe um dia uma gramática árabe e tal estudo o apaixonou. Seus mestres experimentaram certo embaraço para recompensá-lo de seus progressos e atribuíram-lhe no fim do ano um prêmio de... matemática. Aos dezesseis anos foi admitido na Academia de Grenoble. Nos anos ulteriores estudou o persa, o sânscrito, o zenda, o persa médio, o parse... Foi assim que se preparou à descoberta que devia imortalizá-lo.

Aos onze anos, Ampère conhecia a matemática elementar e a aplicação da álgebra à geometria. Entrou com o pai na biblioteca de Lyon, e pediram as obras de Euler e de Bernouilli. O bibliotecário fez a observação de que estavam em latim. A criança pareceu consternada; o pai respondeu: "Eu as explicarei ao meu filho". O bibliotecário ajuntou: "Mas é do cálculo diferencial que tratam, já o estudou?". Outra consternação da criança. Algumas lições lhe seriam suficientes para compreender esses volumes.

Aos dezoito anos, era hábil o bastante para estudar a *Mécanique céleste* de Laplace. Esta obra representava então o ponto culminante das matemáticas. Ampère a estudou a fundo, refazendo quase todos os cálculos; assim pôde dizer mais tarde que sabia, desde essa época, tanta matemática quanto jamais soube.

5. Jules Lemaitre, *Réponse au discours de réception* de Berthelot, sucessor de J. Bertrand na Academia Francesa.

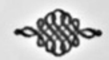
O astrônomo Flammarion ficou possuído, em boa hora, por um desejo ardente de saber. Aos sete anos escreveu um pequeno tratado sobre os signos do zodíaco. Na escola de sua aldeia era o primeiro em tudo. Um revés da fortuna obrigou seus pais a se fixarem em Paris, e o jovem foi colocado na casa de um gravurista. Findado o dia, seguia cursos livres e, às dez horas aproximadamente, já em casa, punha-se a ler e a escrever. Mas este regime causou-lhe uma doença que teve resultados inesperados. O Dr. Fournier, que devotava cuidados ao enfermo, percebeu sobre a mesa um enorme manuscrito de mais de quinhentas páginas, intitulado *Cosmologie universelle*, com um prefácio em latim. Ficou surpreso de encontrar no jovem tantos conhecimentos matemáticos. Ele o fez entrar no observatório, como calculador, aos dezesseis anos.

Alguns meses depois, Flammarion publicava seu primeiro livro. Aos dezoito anos era célebre. Quando chegou ao regime, perguntaram-lhe se era filho do grande Flammarion.

Paulo Bourget, interrogado sobre seus anos de infância, confessa que fora possuído pela paixão de escrever. "O número de versos, longos ou curtos, novelas, contos, memórias e recordações que pude redigir entre seis e dez anos é incalculável".

> A primeira obra importante de que conservo lembrança é um certo *Romance de uma formiga* que terminei à idade de nove anos [...]. Senti-me fulminado pelos costumes espantosos destes insetos que observei por muito tempo no campo, e lembro-me, com nitidez, de haver contado minuciosamente a vida de uma dessas operárias laboriosas.

Eis outro tanto de jovens, entre milhares e milhares de outros, que, bem cedo, acharam o seu caminho e não enterraram o talento que receberam. Imita esses grandes exemplos. Diz-te estas palavras pelas quais Santo Agostinho se excitava à perfeição: "O que este e aquele fizeram, por que não o faria eu?". E se Deus te concedeu, com aptidões especiais, um gosto pronunciado para as coisas do espírito, exprime-lhe teu vivo reconhecimento por este duplo e precioso favor.



Mantém a coragem numa confiança razoável em ti mesmo. Esta confiança é uma alavanca poderosa e um meio de sucesso, mas deve ser baseada em um conhecimento inteligente de si mesmo.

Aprende, portanto, a te conhecer. Vê como sair-se bem nos estudos, quais são as especialidades pelas quais tens mais gosto. Consulta teus mestres, a experiência deles te ditará avisos bastante sábios. Quantos jovens devem a mestres clarividentes a palavra decisiva que determinou a sua vocação ou a escolha de sua profissão!

Tem confiança em ti: o otimismo é um sol benfazejo. Fazendo esta recomendação a jovens, René Bazin acrescentava:

> Não tenhais medo de ter falta, assim, desta virtude encantadora à toda idade e necessária à vossa: a modéstia. A modéstia consiste em saber bem tudo o que se possui de talento e de energia, e saber ainda que prestaremos contas. Tende o sentimento de que, no mundo, somos as pequenas coisas passageiras, fugazes, ligeiras, e responsáveis pelo seu brilho. Assim, estareis dentro da verdade. Não tenhais medo tampouco de vós mesmos e de nada poderdes, visto que o poder desta pequena coisa é imenso e as ocasiões não vos faltarão.

Não duvides de ti mesmo, ainda que, no começo, não consigas alcançar o êxito que te agrade. Redobra o ardor pelo trabalho. Notam-se, todos os anos, alunos que após seguir penosamente os demais, tomam, enfim, o impulso e fazem progressos rápidos. Apesar dos reveses, jamais se desalentam.

Evita confundir a confiança em ti mesmo com a suficiência e pretensão. É deveras inconveniente, nos jovens, julgar com arrogância as pessoas e as coisas e se pronunciar em tom cortante a respeito de todo o tipo de questão. É possível que tenham talentos e mesmo conhecimentos, mas erram ao se acreditarem possuidores da ciência universal e ao olharem de maneira arrogante aqueles que lhes são inferiores no lugar de olharem, *no alto,* aqueles que os excedem.

Os espíritos verdadeiramente superiores não adotam jamais tal atitude, porque não alcançam jamais a perfeição com a qual haviam sonhado.

> Quando vos entrego meu poema,
> Meu coração não o reconhece mais;
> O melhor permanece em mim mesmo:
> Meus versos verdadeiros não serão lidos.[6]

6. Sully Prudhomme.

Mas a raça dos pessimistas é ainda mais detestável do que aquela dos vaidosos e pretensiosos. O pessimismo congela as energias da alma e envenena os sentimentos generosos. É contagioso por natureza, porque afaga os instintos egoístas. Assim se explica a influência de Renan em uma época na qual o diletantismo estava na moda. Ele tinha o costume de dizer que as causas justas estão consagradas ao fracasso. É preciso servi-las justamente por serem nobres e justas, mas não ao modo dos ingênuos que se apaixonam por elas, correndo o inevitável risco de lamentar-se e desesperar-se após a derrota. Se cometermos a loucura de nos sacrificarmos, com um meio sorriso irônico, é para mostrar que não somos trouxas e que é com conhecimento de princípio que tomamos a defesa de uma causa perdida.

Nada é mais deprimente do que semelhantes teorias. "O homem é assim feito", diz Pascal, "que à força de dizer-lhe que é um parvo, ele o crê; à força de o afirmar a si mesmo, acaba persuadindo-se". Mas o contrário é igualmente verdadeiro.

Tem confiança em ti mesmo; convence-te de que alcançarás o êxito. Os homens que executam grandes obras estão persuadidos de que empregam uma energia indomável a serviço de suas convicções.



Utiliza os meios que se encontram à tua disposição e aproveita os bons exemplos que te são dados

Estudar, tal é o teu dever atual. Estás livre de qualquer outra preocupação. Esta é uma imensa vantagem que afasta de ti as inquietações que seriam prejudiciais ao teu trabalho.

Tens para ti o *tempo*. Mais tarde não terás senão as parcelas que poderás subtrair dos outros deveres.

Tens para ti os *mestres* sábios e plenos de experiência; eles conhecem a juventude e lhe são profundamente devotados. Não percas nada de suas lições preciosas; segue com docilidade seus conselhos. Consulta-os como amigos (os mais devotados). Vêem-se, às vezes, jovens alardearem aquilo que chamarei de uma independência intelectual a qual, geralmente, não lhes traz honra. As lições não são bastante sábias para eles, e passam-nas ao crivo da crítica. Eles têm idéias próprias sobre tal e tal sujeito;

impossível de demonstrar que estão errados. Eles têm método. Eles têm experiência. Uma idéia só é boa se proveniente de seus espíritos. Infelizmente, pois, se julgamos a árvore pelos frutos, estes fariam melhor em ser dóceis.

Não os imites. A docilidade é uma marca da inteligência. A indocilidade e a teimosia são uma prova clara de estreiteza de espírito.

Aproveita os bons exemplos que te podem fazer bem. Não é possível ler a vida de jovens estudiosos sem se sentir levado a imitá-los. Emerson diz que os grandes homens são representativos das *coisas* e das *idéias*. Das coisas, porque é por eles que a natureza nos é revelada, que suas leis são descobertas e suas forças postas ao nosso serviço. Das idéias, porque eles têm o dom de precisar os pensamentos e as aspirações que, em cada um de nós, permanecem vagos e imprecisos. Toda personalidade distinta é um excitador de energia.

Os troféus de Milcíades impediam Temístocles de dormir. Os heróis de Corneille suscitaram numerosos atos de heroísmo. A glória de Napoleão produziu legiões de bravos. O exemplo de Pasteur sustentou numerosos estudantes nas suas dificuldades. Os exemplos de Shackleton, de Guynemer, de Lindbergh, são lições de energia magníficas.

Mas, nós o sabemos, "os exemplos vivos são de um outro poder". Nada te será tão salutar como a companhia de alguns jovens de elite que se entregam ao trabalho com todo o ardor da idade. Marmontel nos fala, em suas *Mémoires*, de um excelente aluno do colégio de Mauriac, que lhe serviu de modelo. Admirava a sua conduta sempre igual, o seu aspecto grave, o seu ar sério.

> Eu tinha prazer em vê-lo, diz, e todas as vezes que o via, partia descontente de mim mesmo... Eu tinha dois ou três rivais; Amalvy não tinha nenhum. Era mais velho do que eu; era essa a minha única consolação; e minha ambição era de o igualar quando tivesse a sua idade. Desvendando, tanto quanto me foi possível, o que se passava na minha alma, posso dizer com veracidade que neste sentimento de emulação jamais se insinuou o poder maligno da inveja; eu não me afligia por encontrar-se no mundo um Amalvy, mas teria pedido ao céu que houvesse dois e que eu fosse o segundo.



Não esqueças jamais de que toda a tua vida será o eco da tua juventude

A árvore cai para o lado onde inclina. Tu terás de prestar contas do emprego de teus talentos e de tuas aptidões. Não te exponhas à maldição da figueira estéril. Eleva muito alto tuas aspirações. Um jovem cristão deve compreender melhor que qualquer outro a obrigação do bom emprego de sua juventude.

Gaillard, um dos gravadores mais eminentes de nosso tempo, despediu-se de um jovem que partia para a província. "Retornas à província", dizia-lhe, "sobretudo, meu caro, não durmas! Toma um caminho, não importa qual, mas sê alguém; sê o primeiro: os homens de fé devem estar na liderança".

Capítulo V

Faz um bom uso do tempo que Deus te dá

Sobre um quadrante solar, em Oxford, estão gravadas estas palavras: *Pereunt et imputantur*; isto é: "As horas se vão e nós prestaremos contas".

Não há pessoa para quem o tempo não seja um tesouro precioso: ele representa o trabalho, a aquisição dos conhecimentos, o cumprimento do dever, o mérito. Mas ele é sobretudo precioso para ti, meu querido amigo, que estás em um período decisivo de tua juventude e mesmo de tua vida. Lamennais escrevia a um rapaz: "Encontras-te na idade das decisões. Mais tarde, todos sofrem sob o jugo do destino que se impôs, gemem na tumba que ele cavou, sem poder remover a pedra".

Os cinco anos que decorrem dos quinze aos vinte anos são capitais na vida.

> Cinco anos, escrevia o Pe. Amado alguns anos antes da guerra, são somente 1825 dias durante os quais um jovem deve criar o seu futuro. E talvez aches que não valha a pena consagrar a essa coisa 1825 dias. Calculamos:
>
> Podemos fixar em 4.000 francos, o mínimo, a quantia que uma família muito modesta precisa para suprir as necessidades; a 4 por 100, é a renda de um capital de 100.000 francos. Por conseguinte, nesses 1825 dias, tu deves, meu jovem, amontoar este capital ou qualquer outra coisa equivalente. No dia em que te deixaste levar pela preguiça, diz, no momento de dormir: "Hoje perdi pelo menos 50 francos, seguramente de 18 a 25 por cento do capital que deve constituir a minha fortuna e de

minha família. Se isso voltar a ocorrer, perderei, pouco a pouco, a fortuna e todo o tesouro de minhas melhores e convenientes esperanças".

E com que facilidade se malbarata o tempo!

Tal indivíduo que não permite a ninguém se apoderar de seus campos, diz Sêneca, e que recorre às armas, ou ao menos aos juízes, caso a menor contestação se eleve entre ele e seus vizinhos no que se refere aos limites recíprocos, deixa invadir seu tempo por toda sorte de pessoas. Não achareis ninguém que consinta repartir convosco o dinheiro; no que concerne, contudo, ao tempo, distribui-se a todos.

Com efeito, os mais econômicos, os mais ordeiros para todo o resto, passam facilmente horas, de cada dia, em curiosidades vãs, em conversações ociosas, em leituras frívolas, em devaneios perigosos; como alguém disse com espírito: eles pesam seriamente ovos de moscas em balanças com teias de aranha. O poeta deplora tal desperdício:

De estéreis inquietações nosso dia está repleto;
Sua matilha, sem compaixão, nos caça até a perda do fôlego,
Nos empurra, devora, e a hora útil nos foge.

Goethe enchia-se de indignação diante do espetáculo de enorme desperdício que faz a humanidade desta matéria preciosa e rara, o tempo. Com uma espécie de fervor tátil, queria deter entre as mãos este estofo parcimoniosamente medido. Ele apelava a todos os meios que tornassem a textura sensível e palpável. Cada um de seus dias estava marcado por uma divisão nítida e lúcida do tempo. Cada hora encontrava-se sob o sinal positivo.

Vigny constatava igualmente com amargura a perda de tantas horas preciosas.

Quanto mais me adianto, dizia, mais percebo que a coisa essencial dos homens é matar o tempo. Como o Pequeno Polegar, ao partir, encheu a mão de grãos de milho e os jogava pelo caminho, assim Deus nos enche a mão de dias cujo o número é contado; nós os semeamos pela estrada com despreocupação e sem nos assustar de ver diminuir o número.

"E nós temos, cada um, uma maneira especial de matar o tempo", faz notar o Pe. Faber.

> Ficar desocupado, entreter-se com uns nadas, vadiar, tagarelar, devanear, adiar para o dia seguinte a ação que devia ser realizada no mesmo dia, dormir imoderadamente, prolongar a recreação em excesso, divertir-se por assim dizer com a ocupação presente, entregar-se a atividades triviais: são estas somente algumas maneiras com que habitualmente se perde o tempo.

Pensa que o tempo passa com uma rapidez assustadora; é uma sombra, uma nuvem que se dissipa, um nevoeiro que os raios do sol afugentam. O momento em que falo, em que dito, em que escrevo, já está longe de mim.

Quando deduzimos as horas e os minutos absorvidos pelo sono, pelas idas e vindas, pelas refeições, recreios, visitas, passeios, doença, langor e lassidão, tristezas, lutos, conversações inúteis, constatamos que a parte deixada ao trabalho sério é extremamente pequena. E é com estes instantes bem curtos que preparamos o nosso porvir. Gladstone dizia:

> Crede-me quando vos asseguro que o bom emprego do tempo vos pagará mais tarde com um lucro acima de vossos sonhos mais brilhantes, e que sua perda diminuirá vossa estatura intelectual abaixo de vossas previsões mais sombrias.

O tempo perdido não se recupera mais. Longe disso, ele se vinga e seu aguilhão é terrível. Que tristeza ter que dizer mais tarde: "Se eu soubesse! ... Se eu tivesse empregado melhor o meu tempo!". Há uma melancolia profunda nas palavras de Horace Mann: "Perdidas, entre o nascer e o deitar do sol, duas horas douradas e ornadas, cada uma, com sessenta pequenos diamantes. Nenhuma recompensa é ofertada, pois estão perdidas para sempre".



Examinemos de perto alguns inimigos do bom emprego do tempo

Em primeiro lugar, não esqueçamos que *toda paixão má* é um obstáculo ao estudo; ela conserva na alma uma agitação que a afasta dos

deveres de estado. Trabalha, pois, a fim de extirpar de ti tudo aquilo que não esteja em conformidade com a lei de Deus, e o estudo se te tornará mais agradável. Coloquemos em primeiro lugar entre estes inimigos a indolência e suas diferentes formas. Ela te dirá que nada se apressa, que o trabalho pode ser retomado no dia seguinte:

Amanhã! Eu te direi, minha alma, onde te levarei,
Amanhã! Serei justo e forte. Não hoje.

Estamos seguros do dia de amanhã? Ora, o amanhã terá sua tarefa especial que necessitará de toda a tua aplicação, e o trabalho em dívida será *expedido* às pressas, caso, entretanto, tu te ocupes dele. Sentirás na alma um protesto contra esta negligência. Aproveita a hora presente. Somente o presente te pertence. O passado está morto; deixa os mortos enterrarem os mortos e encontra o dever que te reclama.

Ruskin colocara sobre sua escrivaninha um pequeno bloco de granito no qual estava gravada esta palavra *Today*, isto é: "Hoje". Era um convite discreto com o intuito de não confiar para o dia seguinte o que devia fazer-se no mesmo dia.

Se não for combatida, a indolência se instala soberana, e, sob o nome de *preguiça*, torna incapaz todo esforço generoso. O espírito em repouso não prepara uma vegetação mais vigorosa, mas sim ervas daninhas. Algum pensamento de amor-próprio, alguns resquícios de sentimento de honra, algumas censuras amigas poderão excitá-lo de vez em quando: o desânimo e a lassidão retomarão rápido a dianteira. O preguiçoso declina pouco a pouco; ele assiste ao impasse de suas faculdades, sobrevive à sua própria ruína.

A preguiça manifesta-se com freqüência sob a forma de *amor desregrado pelo sono*. Após uma jornada bem cheia, longas horas de repouso são indispensáveis, mas toma o hábito de deitar-te e levantar cedo. O mundo pertence a quem madruga, diz um provérbio. Buffon afeiçoou-se muito ao travesseiro, mas a preguiça causou prejuízo ao seu trabalho literário. Prometeu recompensar Joseph, seu serviçal, se conseguisse fazê-lo levantar às seis horas. Joseph conseguiu com muito esforço. Buffon lhe mostrou gratidão, e escreveu na velhice: "Devo ao pobre Joseph vários volumes de minhas obras".

Bossuet levantava-se às duas horas da manhã a fim de ganhar tempo para a oração e para o estudo. Milton se levantava também

muito cedo. "No inverno", diz ele, "antes que o sino chamasse o homem ao trabalho; no verão, imediatamente com o pássaro mais matinal ou poucos instantes depois dele".

As leituras frívolas são um inimigo temível do trabalho sério

Quantos minutos perdidos ao ler os fatos diversos dos jornais, os artigos às vezes bem pobres de certas revistas, os magazines, as publicações esportivas, os romances da moda! Neste contato facilmente malsão perde-se freqüentemente mais do que momentos preciosos.

Eu vos desafio, diz o Pe. Amado, eu vos desafio a encontrarem um só jovem que, após ter lido, nem que seja alguns capítulos de um romance interessante, se ponha a resolver um problema de matemática ou a aprender uma lição de medicina ou de direito: não é possível. A imaginação, excitada por situações romanescas, turva o estudo refletido. No meio de senos e co-senos, de equações e logaritmos, saltam as imagens absorventes do romance, como esses duendes e diabinhos que, antigamente, acreditava-se, ensaiavam distrair os eremitas quando estes se colocavam em oração.

A vulgaridade, a falta de ideal, a ausência de alvo preciso, eis ainda inimigos perigosos

Graças a Deus, pensas no teu futuro, mas pensas nele com seriedade? Impregnas o teu espírito a ponto de perder raramente de vista o resultado ao qual pretendes chegar? Somos fortes quando somos um homem de uma idéia só. Arquimedes dizia: "Dai-me um ponto de apoio e eu levantarei o mundo". Goethe diz ao homem de ação: "Faze de ti um ponto de apoio e levanta o mundo". Fórmula excelente. Querer trabalhar, mas fazê-lo sem energia, quando vem o momento, contar os dias que separam de um feriado ou das férias, é conduzir-se verdadeiramente como jovem inteligente? Mais tarde, crê, não se age de outra maneira. Quer-se sem querer, e assim a vida, sem ser sempre má, não dá o seu pleno rendimento. Ollé-Laprune escreveu uma página célebre sobre o que ele chamava de *o não-emprego da vida*.

Não ter senão uma vida uniforme, medíocre, sem grandes faltas, diz ele, entendo, mas levar uma que seja ociosa, inútil, é um mal. É preciso ver o que é um mal e senti-lo, dizê-lo e dizê-lo a todos. Seguramente, é um bem não pecar, pecar quase nunca; mas não é o bastante, e se se persuade que é bastante, aí encontra-se o mal. Uma vida lânguida, desocupada ou cheia somente de coisas fúteis, uma tal vida, ainda que curta e, por assim dizer, inocente, é certamente má. É uma vida malograda.



Evita apaixonar-te pelo jogo e foge das conversas ociosas

Sem dúvida, é preciso distrair-se — é uma necessidade. Mas é indispensável, como acontece, uma vez por outra, passar assim tardes prolongadas, noites quase inteiras? Que é que se fará no dia seguinte senão bocejar e dormir? Um jovem que se apaixona pelos jogos de azar pode ser considerado perdido para todos os trabalhos sérios de sua idade. Não é mais um jovem, "é um velho prematuro, um homem usado, um cadáver moral". E quantas desordens podem nascer desta paixão!

Sobre as *conversas ociosas*, haveria muito que dizer. Encontram-se, muitas vezes, entre os estudantes, agentes de novidades, curiosos que rondam à procura do inédito. Tornam-se freqüentemente importunos e são o flagelo das pessoas ocupadas. O duque de Newcastle padecia deste defeito e Lorde Chesterfield dizia dele: "Sua alteza perde uma hora a cada manhã e passa o resto do dia a correr atrás dela". Mantém distância destes vespões. O pai de Henri Rochefort escrevera sobre a porta do seu gabinete:

O tempo que o destino me deu,
Este pouco tempo é todo o meu patrimônio;
Não me aposso do tempo alheio,
E quero que me deixem com o meu.

Na sala de redação de um jornal, colocou-se o seguinte cartaz para os importunos que tinham a compreensão lenta:

Roga-se às pêras que não embolorem aqui.

Mons. D'Hulst era inimigo de conversas inúteis. De bom grado teria escrito à sua porta como a senhorita de Lespinasse: "Aqueles que me vêm ver honram-me, e dão-me prazer aqueles que não aparecem".

Até mesmo as *preocupações excessivas da saúde* tornam-se obstáculos ao bom emprego do tempo. É grande o número desses rapazes gordos, bochechudos e rubicundos que se dizem sempre fatigados. Dor de cabeça, estômago pesado, dores vagas nos membros, abatimento produzido pelas depressões atmosféricas, labuta exaustiva que acabam de levar a cabo, tais são os motivos graves que os impedem de entregar-se ao trabalho. O tempo escoa-se junto a um "não fazer nada". Perdem pouco a pouco todo o vigor intelectual.

Mencionemos ainda os minutos consagrados às coisas fúteis, aos queixumes estéreis, às quimeras de uma imaginação entregue aos caprichos. Sê vigilante. Todos esses inimigos rondam silenciosamente em torno de ti para te roubar as horas de trabalho. Mais tarde, deplorarás a condescendência lassa que tens para com eles. Uma personagem de *Don Carlos* de Schiller diz: "As horas perdidas de minha juventude me endereçam reprovações ruidosas como se fossem dívidas de honra". Com efeito, quando se desperdiça tantos momentos assim preciosos, vem um dia em que, na alma, "um remorso vago se insinua", dizia Psichari. "Pensa-se acerca da juventude perdida em tantas horas lassas, horas que nada criaram. É uma pontada no coração que faz muito mal".



Um bom meio de empregar utilmente o tempo é agir com ordem e segundo um regulamento sabiamente estabelecido

Respeita, ama o regulamento da casa onde estudas; além de ser a expressão da vontade de Deus, é o resumo da sabedoria e da experiência daqueles que estão encarregados de tua educação. Não sejas um desses espíritos independentes, quase sempre limitados, que acham que nada está feito à medida. Aceita com alegria os sacrifícios que Ele impõe ao teu amor-próprio e à tua fantasia; Ele será teu guia, teu apoio, tua luz, a causa de teus sucessos.

O primeiro conselho que dou aos meus filhos, dizia recentemente um general, é de ter um *sistema de escalas*. Sem horário preciso e constante,

toda a vida se desperdiça. Fazer cada dia o mesmo trabalho e à mesma hora, eis o segredo da força e do êxito.

Quando compôs o seu *Dictionnaire*, Littré impusera-se um regulamento invariável:

> Levantava-me, diz ele, às oito horas da manhã. Enquanto arrumava o meu quarto de dormir, descia ao rés-do-chão, levando algum trabalho. Às nove horas, subia e corrigia, até a hora do almoço, as provas vindas durante o intervalo. A uma hora, voltava-me à mesa de meu gabinete e lá, até as três horas da tarde, redigia para o *Journal des Savants*, ao qual tinha o compromisso de enviar regularmente minha contribuição. Das três às seis, ocupava-me com o dicionário. Às seis horas, descia para o jantar. Tornando a subir pelas sete horas da noite, retomava o dicionário e não mais o soltava. Um primeiro impulso me levava até meia-noite, quando me deixava. O segundo me conduzia às três da manhã. De ordinário, minha tarefa acabava. Caso não estivesse pronto, prolongava a vigília, e mais de uma vez, durante vários dias, apaguei minha lâmpada e continuei à luz da aurora que nascia.

Um bom método de trabalho faz ganhar muito tempo

"Nada parece difícil quando se quer chegar ao alvo", dizia Napoleão, "caso se tenha encontrado o modo verdadeiro de proceder: encontrado isto, o resto nada é". Ele mesmo era um modelo de ordem e de método. Roederer lhe rende esta homenagem:

> Jamais um homem dedicou-se por inteiro àquilo que fazia e distribuiu melhor seu tempo entre as coisas que havia de executar. Nunca espírito algum foi mais inflexível em recusar a ocupação e o pensamento que não viessem no dia e na hora — mais ardente em procurá-los, mais ágil em persegui-los quando o momento de ocupar-se tivesse chegado.

Cuvier deveu a uma distribuição inteligente de suas horas de trabalho uma parte de sua imensa obra.

> Quando se pensa, diz Flourens, nas numerosas atividades de Cuvier, fica-se espantado que um só homem pudesse bastar. Nenhum homem fez um estudo tão esmerado, e se posso dizer, tão metódico, da arte de

não perder nem um momento sequer. Cada hora tinha um trabalho marcado, cada trabalho um gabinete que lhe era destinado, e no qual se encontrava tudo quanto se reportava ao seu trabalho. Tudo estava preparado, previsto para que nenhuma causa exterior viesse deter ou atrasar o espírito no curso de suas meditações e investigações.

Em seu laboratório, em Meudon, Berthelot tinha disposto tudo de maneira a não perder um minuto. Diante do visitante maravilhado, o grande químico fazia mover um púlpito giratório com dezesseis caixas nas quais se amontoavam folhas de papel.

Cada uma dessas gavetas, dizia ele, recebe os papéis e os documentos que se relacionam a uma questão especial. Considera este caderno vermelho coberto de notas, de fórmulas, de algarismos; cada página está marcada por uma data e um número. Transcrevo todos os dias as experiências cotidianas. No fim do caderno, o índice. Nele inscrevo, à medida, e à vista da questão, o número das dez, quinze, vinte páginas nas quais ela é tratada. Sobre este índice, à margem, os títulos das questões, assinaladas pelos seguintes sinais: este F.R.P. significa finalizado, redigido, publicado. Este outro: O.F., zero, resultado negativo, mas questão finalizada, esgotada. Ainda este: O., significa impossibilidade de concluir com um resultado positivo ou negativo. É uma ordem matemática. Abordar os problemas com reflexão e método, examiná-los sem cansaço até esgotá-los, não os deixar senão após ter determinado a solução ou reconhecer o próprio desconhecimento. Eis meu sistema, e a ele devo muito, pois é o único que permite um trabalho sério.



Recomendo ainda que sejas pontual

Esta qualidade, ser pontual, desenvolve hábitos preciosos de disciplina. "Devo todos os meus sucessos", dizia Nelson, "ao hábito de estar sempre adiantado um quarto de hora". Certos sujeitos deixam aos outros a minúcia de fazer tudo no momento fixo. Não as tomes por modelo. A pontualidade é uma bênção da vida; ela supõe o império sobre si mesmo; é um assunto de ordem e consciência. Os retardatá-

rios são fatores de desordem; produzem a confusão e o enervamento. O secretário de Washington desculpava seus atrasos pelo atraso do relógio: "Troque de relógio", disse o grande homem, "ou eu trocarei de secretário".

Lacordaire era a própria pontualidade. Fazia cada coisa em seu tempo e de maneira acostumada. Todos os dias, às dez horas aproximadamente, ele se ocupava de sua correspondência. Nada era capaz de fazê-lo esquecer esta tarefa regular.

> Eu o vi, dizia o Pe. Chocarne, já curvado pela doença, o rosto pálido e desfeito, recusar um passeio, quando lhe propuseram, numa dessas manhãs esplêndidas de outono, na Provença, sob esse sol que o animava e o regozijava, responder simplesmente: "Não posso, é a hora de minha correspondência". O corpo arranjava-se como podia, submetido à escravidão do dever à hora fixa.

Não somente serás pontual, mas *utilizarás teus minutos* com um cuidado ciumento. Esta arte de economizar o tempo permitiu a homens absorvidos pelo rude trabalho cotidiano levar a bom termo empreendimentos consideráveis ou sobressair-se nas letras e nas ciências. Cervantes, Calderon, Camões, Descartes, Maupertuis, La Rochefoucauld, Vigny, foram soldados; Bacon foi homem de lei; Rabelais, padre e médico; Beaumarchais, fabricante de cerveja; Schiller, cirurgião; Mérimée, inspetor de monumentos históricos; Dumas pai, expedicionário a serviço do duque d'Orléans; Jurien de la Gravière, oficial da marinha; de Bornier, bibliotecário junto ao Arsenal; Émile Augier, escrevente-procurador; Huysmans, chefe de gabinete: Coppé, funcionário do ministério; Theuriet, coletor de contribuições; de Curel engenheiro; Loti, capitão de navio. Eles podiam empregar apenas as vigílias e os raros momentos de lazer do dia para os seus estudos favoritos. Mas rebuscavam os minutos como se recolhe um pó fino de ouro com o qual se consegue fazer uma jóia.

Quem foi mais sobrecarregado de fazeres do que os padres da Igreja: administração de vastas dioceses, prédicas, viagens, direção de comunidades religiosas? Quantos volumes, contudo, tiveram eles tempo de escrever! Durante seus trinta e cinco anos de episcopado, Santo Agostinho escreveu nove volumes in-fólio.

Qual homem, no século XIX, foi mais ocupado do que Dom Bosco? Entretanto, este apóstolo da juventude, este pai de órfãos,

este fundador de duas Congregações, encontrou tempo para escrever um número imponente de volumes.

Mons. d'Hulst deixou uma obra considerável apesar das ocupações absorventes. A direção do Instituto Católico quase excedia as forças de um homem; ele foi ao mesmo tempo deputado pelo departamento de Finistère e conferencista de Notre-Dame; dava igualmente retiros pastorais, pregava sermões de caridade, suscitava e dirigia congressos científicos, escrevia artigos para revistas, compunha obras. "Um homem devorado pelas formigas, eis o meu retrato", dizia ele, "não é confortável, mas porque Deus o quer, vivam as formigas!". Qual era seu segredo para levar a bom êxito tantos trabalhos? Sua grande facilidade, sem dúvida, mas também um labor incessante. Por toda a parte, até nas salas de espera, entre dois trens, escrevia cartas. À véspera de sua morte ainda corrigia provas.



Não sê daqueles que esperam as ocasiões

Esperar as ocasiões, belo pretexto para nada empreender, nada acabar. E, desse modo, esperam-se dias, meses e anos. As faculdades se atrofiam, os talentos mais belos permanecem improdutivos.

Etienne Lamy dizia um dia:

> Nosso grande mal é o número de pessoas que se creiam feitos unicamente para deveres extraordinários e aos quais nada se pode demandar abaixo do heroísmo. Nosso país está repleto de pessoas que não querem matar senão o leão; eles o procuram por toda a sua vida, e quando morrem, a carabina contém ainda a primeira bala. Colocam a esperança em eventos fora de seu poder e desdenham os resultados prometidos ao esforço cotidiano.

Esperar as ocasiões! Mas as ocasiões não fazem os homens; elas os revelam.

> Naturalmente, diz Roosevelt, num certo sentido, nenhum homem pode absolutamente criar a ocasião. Não obstante, quando surge uma chance, somente um grande homem sabe vê-la e aproveitá-la bem. Em segundo lugar, é preciso sempre se lembrar que o poder de usar bem da chance

surgida não é dado senão ao homem que, fielmente e durante longos anos, preparou a si mesmo para a necessidade eventual.

Branly jamais teria feito suas descobertas imortais se tivesse esperado as ocasiões. Ele começou por trabalhar firme no laboratório. O rádio condutor, do qual todo o mundo fala esquecendo por vezes o seu inventor, o rádio condutor é o coroamento de três anos de pesquisas.

Não sê, pois, "o homem que espera o leão". Cumpre cada dia, sem perder um minuto, a tarefa que te é imposta. Assim, no labor silencioso e recolhido, prepararás teu futuro; não importa se os outros não fazem como tu. O resultado pagará amplamente teu trabalho e sacrifícios.



Tem uma visão clara acerca do valor do tempo

"A medida de um homem", diz Emerson, "é a apreciação que ele tem de um dia". Alguns minutos bem empregados a cada dia produzem maravilhas ao fim de alguns anos. Gotas de água terminam por cavar a rocha mais dura. O trabalho lento de animálculos edificou continentes. Os monumentos mais vastos elevam-se tijolo após tijolo e pedra após pedra. Que isto te seja um encorajamento! Depois de respeitar a Deus, respeita o tempo que Ele te dá.

> Esteja o teu sol na aurora ou no declínio, disse Kingsley, agarra a ocasião que tens de colocar em prática o trabalho e de não perder nenhum minuto. Desde a manhã faz teu exame de previdência. Antes de cada estudo, antes de cada dever, renova tua resolução. À noite, examina como empregaste o tempo. Age assim todos os dias e farás coisas belas, em vez de sonhares sem cessar.

Estes bons hábitos adquiridos durante a tua juventude acompanhar-te-ão por toda a vida e, tornando-a mais fecunda, acalentando todas as etapas num ritmo poderoso e doce.

Capítulo VI

Cultiva com desvelo o sentimento que te leva a amar os livros e o trabalho intelectual

MONTAIGNE escreveu nos seus *Essais*:

> O trato amigável com os livros ladeia todo o meu curso de vida; ele me consola na velhice e na solidão; descarrega-me do peso da ociosidade enfadonha; desembaraça-me a todo o instante de companhias que me impacientam; atenua as pontadas da dor, se esta não for completamente extrema e soberana. Para me distrair de uma imaginação importuna, basta recorrer aos livros. É a melhor munição que encontrei nesta viagem humana.

Este amor pelos livros é uma das marcas mais evidentes da nobreza de alma. Os monges da Idade Média consideravam a biblioteca como o santuário mais precioso depois da capela. O bibliotecário de Saint-Riquier escrevia no fim de seu catálogo: "Nossos livros são os alimentos da vida celeste, fortificando a alma pela sua doçura; é por eles que nossa casa de Centula viu cumprir-se esta sentença: 'Ama a ciência das Escrituras, e detestarás o vício'".

Seus livros eram para eles seus tesouros. Ao menor sinal de alarme à aproximação dos lombardos, saxões, sarracenos, normandos, a primeira preocupação era de levar ao lugar seguro as duas coisas que mais guardavam no coração: as relíquias dos seus patronos e os livros.

Este amor aos livros se manifesta cedo sob a forma de instinto

Desde a mais tenra infância, Santo Tomás de Aquino parava de chorar quando lhe ofereciam livros e manuscritos. Erasmo dizia

na sua juventude: "Quando tiver dinheiro, comprarei primeiro livros, depois roupas". Louis Veuillot, mesmo antes de saber ler, experimentava uma grande alegria quando colocavam um livro entre suas mãos. Consagrou os primeiros e magros recursos à compra de autores clássicos nos alfarrabistas. Mais tarde, que horas deliciosas não passou sobre os cais do Sena a folhear livros curiosos! Em 1842, escrevia a seu irmão:

> Não podes imaginar com que frenesi procuro e consulto os alfarrábios. Fico lá, em pé, diante dos armários com os alfarrábios nos bolsos, alfarrábios debaixo do braço direito, alfarrábios debaixo do braço esquerdo, alfarrábios nas mãos, e que alfarrábios! [...] Alguns eu pego por causa do nome do impressor, outros pelo formato, outros pelo papel, outros pela obscenidade [...]. Entro em casa com a carga destes horrores que não sei onde meter e que estão já à altura de três pés no meio do meu quarto. Contemplo este espetáculo com vergonha. No dia seguinte, recomeço a coisa toda.

O Cardeal Guibert tinha também, desde a juventude, em grau extraordinário, um amor aos livros. De família pobre, saboreava aqueles que lhe emprestavam, esperando poder, um dia, realizar seu sonho: adquiri-los por conta própria. Ainda jovem oblato, enviado a Nîmes para a fundação de uma casa, são os livros que ele reclama antes de mais nada a seu superior, Mons. de Mazenod, que se diverte com isso e escreve no seu diário: "Não vê que o caro irmão Guibert desejaria encontrar os livros quando nem tem ainda cama e marmita! Reconheço bem isso nele!".

Uma inclinação não menos viva manifestou-se no jovem Thomas Gousset, que devia ser uma das glórias do episcopado francês no século XIX. Até a idade de dezessete anos, freqüenta a escola primária, guarda o rebanho e aguilhoa os bois. Mas enquanto os cavalos pastavam na campina, Thomas lia; enquanto seu pai riscava o sulco, Thomas pinçava com os dedos o pedaço de pão que trazia no bolso; com a outra mão, segurava o livro. Aos dezessete anos foi enviado ao internato de Amance (Haute-Saône). Na véspera das férias de 1810, o mentor dos estudos escrevia ao pai de Thomas: "Thomas está indo de férias, escondei os livros. Ele não é razoável, mata-se no trabalho".

Mais tarde, não perdia sequer um minuto. Professor de teologia no seminário maior de Besançon, estava sempre com os livros e a

pena de escrever. O ecônomo teve, mais de uma vez, pela meia-noite, de lhe apagar a lâmpada. Não havia outra censura a lhe fazer senão um grande consumo de azeite.

Quantos outros exemplos poder-te-ia citar! O senhor Vacherot, diretor da École Normale Supérieure, dizia a respeito de Taine:

> O aluno mais laborioso, mais distinto que eu conheci na escola. Uma instrução prodigiosa para sua idade. Ardor e avidez de conhecimentos dos quais ainda não vi exemplos [...]. Ele não é deste mundo. A divisa de Spinoza é a sua: "Viver para pensar".

A esta época, Taine escrevia: "Contanto que meu cérebro esteja cheio, o resto pode andar como quiser. Estou seguro de não me aborrecer".

Cedo, às vezes, a vocação se faz sentir. Escutemos Termier que assinalou bem suas características:

> Primeiramente e antes de tudo, o entusiasmo; a continuidade do pensamento; a alegria profunda, fácil de ler no fundo do olhar que agarra aquele que é chamado, quando se lhe fala do objeto de suas reflexões, de suas meditações, de suas pesquisas; é a tristeza e o desânimo que, dentro dos mesmos olhos, se lêem quando a procura foi vã ou falaz, quando a beleza cobiçada, entrevista, quase apreendida, desvaneceu-se.[7]

Abençoa a Providência, meu querido amigo, se te deu o amor pelo estudo. Ela dotou tua alma de "pedaço de nobreza". Não deixa extinguir esta flama preciosa; alimenta-a sem cessar pelo trabalho constante, por resoluções energéticas e freqüentemente renovadas.

A vida dos grandes homens que chegaram ao sucesso e à glória por vias plenas de aspereza e semeadas de obstáculos excitará em ti uma emulação benéfica. Não esqueças de olhar em torno de ti: o exemplo dos jovens que conheces, com os quais convives, ser-te-á talvez mais útil a fim de manter em tua alma a sede ardente da verdade.

Não negligencies a leitura de certas obras que falam da beleza, das vantagens do trabalho intelectual, da necessidade da formação de uma elite, sobretudo em nossa época, em que os condutores de homens são tão necessários.

7. *La vocation de savant.*

Eu te aconselho ainda a agrupar pela meditação todos os motivos que tens de trabalhar com energia: razões de ordem temporal, ordem espiritual, ordem estética, ordem moral e social. Reúne-as como um feixe para delas te servires nas horas certas em que a influência do sentimento parece ter desaparecido.

Viva de maneira a manter intacto este ardor pela procura da verdade: hábitos de silêncio e de recolhimento, observação exata de regras; afastamento de toda ocasião de dissipação; busca de estudantes que, como tu, são apaixonados pelo trabalho nobre do espírito.

Age de tal modo que o amor ao estudo se mantenha e se avive cada dia em tua alma, que ele te acompanhe não somente durante os estudos, mas toda a tua vida. Acharás nele uma fonte de gozo e de sucesso.



O amor ao estudo torna o trabalho mais agradável

A aflição desaparece; fica apenas a satisfação procurada pela aquisição da verdade. O livro torna-se um amigo verdadeiro com o qual se passam as horas mais doces do dia; amigo sincero que não trai a verdade; amigo discreto que nunca importuna; amigo serviçal, que prodigaliza riquezas com uma paciência infatigável. Companheiro nos dias de felicidade e nos dias de provação, torna-se em qualquer lugar o conselheiro íntimo e o supremo consolador. Derrama em torno de si a fé, o amor, a esperança, a ternura, a bondade, o gozo. Possui tesouros de sabedoria, pensamentos que orientam um destino e desabrocham em obras de bênção.

Como não amá-lo? Ele nos revela as belezas da criação, os segredos da natureza; nos faz conhecer as altas especulações do espírito humano, as invenções deliciosas de sua fantasia, as ações nobres do gênio e da santidade. Canta o belo, o verdadeiro e o bem.

Por ele, somos introduzidos na sociedade mais nobre, mais requintada. Os grandes espíritos da humanidade nos falam como se estivessem vivos, instruem, consolam, prodigalizam os tesouros de suas almas. Que digo? Vivem em suas obras: Homero, nas epopéias imortais; Platão, em sua filosofia quase divina; Dante Alighieri, nos tercetos sublimes de sua trilogia; Pascal, nos *Pensées* que se fixam no

espírito "por pontas de diamantes". Bossuet nos fala sempre com a majestade de um pontífice e a autoridade de um profeta; Voltaire com toda a ironia de seu sorriso destruidor; Chateaubriand com toda a riqueza de sua imaginação; de Maistre com o esplendor de sua lógica fulgurante.

É realmente preciso nos admirarmos pelo fato de que as grandes almas amaram tanto os livros? Petrarca caía doente de hipocondria quando não podia ler. Um dia o bispo de Cavaillon pediu-lhe a chave da biblioteca. O poeta lha trouxe sem saber o motivo do amigo. Disse-lhe o bom bispo: "Proíbo-te de trabalhar durante dez dias". Petrarca prometeu obediência. O primeiro dia pareceu-lhe de uma extensão interminável; no segundo, uma dor de cabeça contínua; no terceiro, sentia movimentos de febre. Tocado pelo seu estado, o bispo devolveu-lhe a chave e o poeta de pronto recuperou as forças.

Paul-Louis Courier, participante da ocupação de Roma, passava dias inteiros na Biblioteca do Vaticano debruçado sobre os manuscritos, incunábulos e as belas impressões venezianas. Estava tão obsidiado na tarefa que, tendo os franceses — sob pressão dos napolitanos — que deixar Roma, esqueceu-se de partir com eles e somente à noite saiu de sua querida biblioteca, quando já não havia mais um só soldado francês em Roma e por pouco não foi massacrado. Mas ora! Isto lhe era indiferente. Qual paixão não tem seus riscos? Courier preferia evidentemente morrer por um bom livro do que pela ocupação de um reduto.[8]

Lacordaire louvou, de maneira magnífica, Drouot por amar os livros.

> Uma obra-prima era para ele um ser vivo com o qual palestrava, um amigo de sermão admitido às mais familiares efusões. O tempo transcorre em conversas encantadoras do pensamento com um pensamento superior; as lágrimas assomam dos olhos; agradece-se a Deus que foi tão poderoso para dar às efusões rápidas do espírito a duração e a vida da verdade.

Sylvestre de Sacy dizia: "Se eu ficasse cego, teria ainda, creio, prazer em ter em minhas mãos um belo livro. Sentiria ao menos o veludo de sua encadernação e imaginar-me-ia vendo-o".

8. Gérard Bauer.

"Deixai-me, por conseguinte, com meus livros", diz um antigo. "O lugar que os contém é uma corte real onde posso entreter-me a toda hora com os sábios e os filósofos".

Feliz serás, meu querido amigo, se te comprazeres na sociedade deles. "Preferiria mais", diz Macaulay, "ser pobre em uma mansarda com bons livros do que um rei poderoso que não amasse a leitura".



O amor ao estudo é uma condição para o sucesso

Todos os alunos distintos são *trabalhadores geniosos*, devoradores de livros. Do mesmo modo, os escritores que conheceram o sorriso do renome: todos, poetas, críticos, romancistas, dramaturgos, devem o sucesso a uma espécie de febre do trabalho que os animava. Do mesmo modo, os homens de ação: eles compreenderam que um labor intenso de preparação é o grande meio de influência sobre os espíritos, e que se pretendermos servir aos outros, não devemos ir de mãos vazias.

> Os grandes artistas são trabalhadores incansáveis. Procura as anotações de um Hugo para um de seus romances; lê as cartas minuciosas de um Balzac, de um Flaubert suplicando aos correspondentes técnicos que lhe dessem os ensinamentos precisos, necessários, para fixar um pormenor [...]. Napoleão, antes de ser um grande general, era um homem que trabalhara bastante.[9]

Mas o trabalho que exige esforços contínuos custa bem menos quando é empreendido com aquele amor natural pelo estudo, com que a Providência dota as almas privilegiadas, e então rende mais e melhor. Toda dificuldade vencida serve de encorajamento para vencer novas; todos os esforços preparam o esforço seguinte; todo sucesso torna-se o prelúdio de outro sucesso.

Aquele que ama o estudo pouco repara na fadiga, freqüentemente superficial, que se faz presente no início do trabalho. Ele não se ressente mesmo quando a inspiração falha e o espírito parece renitente. Por uma aplicação mais duradoura, ele a obriga, por assim dizer, a voltar e ela obedece.

9. André Maurois, *Dialogues sur le commandement*.

Sem charlatanice, aborda o trabalho, mas com uma confiança que faz augurar bom resultado, e esta quase certeza de sucesso ameniza as penas e diminui as dificuldades.

Eis um belo exemplo desta disposição de espírito. O jovem Albert Sorel concebeu cedo a idéia de sua *Histoire diplomatique de la Révolution*. Para levar a cabo esta obra, é-lhe necessária uma cultura bastante vasta. Mas ele é apaixonado pelo estudo.

> No Quartier Latin, diz Donnay, seu sucessor na academia, Sorel não é um estudante habitual e morno que presta seus exames e conquista seu diploma com o intuito exclusivo de ser mais tarde notário leal, procurador sutil, advogado desembaraçado, meirinho inflexível, bom ou mal juiz, ou sei lá o quê? Ele segue os cursos da Sorbonne e do Collège de France, as conferências da École des Chartes. Lê os poetas e os romancistas... Lê também os filósofos, os sociólogos, Frédéric Le Play. Aos vinte anos, termina as férias lendo com prazer, diz ele, *O espírito das leis*. Lê tudo. Mais do que isso, ele mesmo é poeta, romancista, compositor. É aberto a todas as impressões, e cada impressão lhe revela, no momento oportuno, sua aptidão e preferência. Em suma, a aspiração mais bela!

Foi num instante de entusiasmo que concebeu a sua obra capital. Deslumbrou-se. Mas um clarão não é a luz do dia. Constrói com paciência o seu plano. Durante dez anos pesquisou nos arquivos; tem algo como uma embriaguez pela documentação. Após trinta anos de trabalho a obra está concluída e ele pode cantar, como historiador católico, o seu *Nunc dimittis*.



Faz, se for possível, com que este amor pelo estudo chegue até o entusiasmo

Não é entusiasta quem quer. É preciso alma, coração, uma certa nobreza de espírito. O entusiasmo do estudante é o amor ao estudo em sua mais alta expressão. Faz do trabalho uma alegria. Conhece, sem dúvida, estas belas palavras da *Imitação*:

> O amor torna leve o que é pesado... Leva seu fardo sem lhe sentir o peso. O seu ardor o arrebata além de todas as medidas. Nada pesa ao

amor; nada lhe custa de trabalho; não desculpa impossibilidades porque acredita que tudo lhe é permitido e possível. Também é capaz de tudo. E enquanto aquele que não ama desencoraja-se e deixa-se abater, aquele que ama executa e realiza bem todas as coisas.

O entusiasmo é uma força inigualável. "É o grande motor, talvez mesmo um motor indispensável", diz Spencer. "Ter entusiasmo", afirma Hervé-Bazin, "é atar aos ombros as duas asas brancas com as quais se voa como a pomba, e assim alçar vôo acima da terra em direção aos horizontes celestiais".

Ensaiou-se definir o amor dizendo que se compunha de dois elementos: *idéia* e *flama*, a flama que se acende no coração em correspondência à idéia que está fixa no espírito.

> É um estremecimento que toca o êxtase e que enleva: *Deus, ecce Deus*, diziam os antigos. Não se enganavam; no entusiasmo há algo de divino que sobrevém e enleva. Eis por que quando este sopro se apodera de nós a nossa estatura cresce; estamos dispostos a tudo desafiar se for possível: deslocaríamos montanhas e de um salto iríamos até os confins do mundo.[10]

O entusiasmo dá aos estudantes de elite o fogo sagrado que os anima, o ardor insaciável pela verdade, o desejo de perfeição artística, literária ou científica que orientam por toda a vida.

Muito mais, *os entusiastas são semeadores de entusiasmo.* Barrès dizia em certa ocasião na tribuna:

> Há três ou quatro dias encontrava-me no Institut Pasteur. Roux tecia elogios a este grande homem, que tão bem conhecera. As palavras que empregara comoveram-me vivamente. Ele me disse: "Aquilo que havia de extraordinário nele era o entusiasmo constante e contagioso... Uma alma grande, um gênio; faz o seu meio, irradia e transfigura ao seu contato homens e coisas... Eis um homem do mais elevado valor, dotado desta espécie de radioatividade que caracteriza o homem superior; em torno dele se agrupam homens a quem ele comunica as emanações de sua força singular. Suscita talentos, e não apenas de homens cujos nomes conheceis, mas ainda, torna melhores os anônimos, aperfeiçoando, assim, a média humana".



10. Abade Lémann.

O entusiasmo pode ser suscitado por toda a classe de trabalhos e estudos

Este é provocado até mesmo pelas ciências em que a imaginação tem um papel secundário.

Entusiasmo do historiador. Tal como o de Augustin Thierry, provocado por uma página dos *Martyrs* e continuado por toda a vida, mesmo às expensas de cruéis enfermidades. Em 1834, escrevia estas palavras admiráveis:

> Se tivesse de refazer minha trajetória, tomaria aquela que me conduziu onde estou. Cego, sofrendo sem esperança e quase sem descanso, posso dar testemunho de que, de minha parte, não será suspeito: há no mundo algo que vale mais do que o poder material, mais que a fortuna, mais que a própria saúde: é a devoção à ciência.

Plantier, bispo de Nîmes, tendo resolvido refutar a *Vida de Jesus* de Renan, empreendeu esse trabalho apesar de adoentado, consagrando-lhe dias e noites. Neste período, esteve ameaçado de perder um olho. O médico conjurava, com lágrimas nos olhos, para que suspendesse todo o estudo. O prelado concluiu a sua obra; mas, quando traçada a derradeira linha, a visão estava perdida. "Dar um olho", dizia, sorrindo, "não é muito para defender a divindade de Jesus Cristo".[11]

Tal como o entusiasmo de Fustel de Coulanges, que se impunha um trabalho de oito a dez horas diárias, recusando qualquer exercício, mesmo repouso, e morrendo na tarefa, minado pelo trabalho tanto quanto pela doença.

Charles Lenormant escrevia acerca de Ozanam:

> Diz-se vulgarmente de um pródigo ou de um devasso que arruína a saúde; perdoem-me a expressão trivial! Não acho outra mais adequada para exprimir esta atividade surpreendente, esta febre contínua pelo bem e pelo belo, que foi o traço característico de Ozanam e que explica por que viveu tão pouco.

Entusiasmo do químico. Pasteur distinguiu-se por um entusiasmo constante e contagioso. Na École Normale, cada lição de seus mestres desenvolvia o seu ardor pelo trabalho. Nos dias em que estava

11. Clastron, *Vie de Mgr Plantier.*

livre, não pensava senão em manipulações. Conservou-se durante muito tempo na École Normale um frasco contendo 60 gramas de fósforo obtido com auxílio de ossos que ele comprara de um açougueiro, calcinara e reduzira após um aquecimento que durara das quatro horas da manhã até as nove horas da noite. Na véspera do dia em que devia acionar o aquecimento, Pasteur murmurava, ao deitar-se: "Ainda sete horas de espera antes de descer ao laboratório!".

No dia em que descobriu a vacina contra o antraz, com a fronte radiante e lágrimas nos olhos, dizia aos seus: "Não me consolaria se uma descoberta como esta que viemos a fazer, meus colaboradores e eu, não fosse uma descoberta francesa".

O ilustre sábio estava, pois, bem qualificado para recomendar, no dia de seu jubileu, o entusiasmo pelas ciências aos jovens que o escutavam.

J.-B. Dumas foi também um entusiasta. Escreveu um dia ao pai:

> Ah! Se fosse possível que eu perdesse a avidez de saber e de conhecer, a sede de ciência que por nada se pode apagar, a vida não me ofereceria mais nenhuma doçura. Que volúpias acompanham o pleno exercício de nossas faculdades intelectuais! Dizemos do saber o que dizemos do poder: é o banquete dos deuses.

Entusiasmo do matemático.

> O sábio digno do seu nome, diz H. Poincaré, o geômetra sobretudo, experimenta, em face de sua obra, a mesma impressão que o artista: seu gozo é igualmente grande e da mesma natureza... Se trabalhamos, é menos para obter resultados positivos, aos quais o vulgo nos presume unicamente apegados, do que para experimentar a emoção estética e comunicá-la àqueles que são capazes de prová-la.

O grande matemático Hermite comunicava a seu auditório a emoção que sentia em face de uma bela demonstração.

> Apelo, diz Pautonnier, para aqueles que lhe seguiram as aulas. Quando, com os olhos brilhantes, a voz comovida, como um poeta, um vidente, ele falava das funções, sentia-se que elas existiam para ele, que as admirava verdadeiramente.

Entusiasmo do naturalista. Tournefort, desde a juventude, tinha pela botânica uma paixão tal que, muitas vezes, faltava à aula para colher plantas. Ele as estudava nas cercanias e arredores de Aix; certos proprietários tomavam-no por um ladrão e atiravam-lhe pedras.

Em uma viagem pela Catalunha, foi roubado mais de uma vez; para salvar o dinheiro, escondia-o no pão negro que lhe servia de alimento. Foi até sepultado sob os restos da cabana que lhe servia de abrigo.

Em 1700, viaja ao Levante. "O amor das plantas nos preenche completamente", disse ele. Com os companheiros, procura-as até mesmo de noite, à luz da lua. Em Joura, privam-se do sono com medo de terem as orelhas roídas pelos ratos silvestres; em Thermie, pouco faltou para que não fossem fuzilados. Temem os bandos de ladrões. Escalam o monte Ararat à custa de mil dificuldades. São verdadeiros mártires da ciência. Mas a descoberta de 1356 plantas novas faz-lhes esquecer todas as aflições. "O amor das plantas", disse Tournefort, "arrebatou todas as dificuldades".

Entusiasmo do geólogo. Tal era o de Marcel Bertrand, de quem Termier nos deu um retrato inesquecível:

> A primeira vez que viajávamos com ele sobre a terra, em países de enigmas e de problemas, disse ele, achávamo-lo estranho e divertido. Andava rápida e infatigavelmente, os olhos distantes, como em perseguição de uma caça misteriosa para a qual todas as suas faculdades se estendiam, falando todo o tempo a meia voz ou em voz alta, e discutindo sempre, mesmo que não lhe dessem a réplica [...]. O calor e o frio, a chuva e o sol, a neve mesmo lhe eram marcadamente indiferentes; a hora do jantar pouco o preocupava, e muitas vezes o dia se alongava até a noite escura [...]. Depois de cinco ou seis dias de semelhantes corridas, suas vestimentas sujas ao contato de toda uma série de sedimentações, e raramente escovadas, tinham adquirido um aspecto lamentável. Não se inquietava ou não se punha em dúvida.

Entusiasmo do pensador e do filósofo. Joseph de Maistre escrevia em 1805: "Sinto-me arder mais do que nunca pela febre do saber. Os livros mais curiosos me perseguem e vêm por si mesmos colocar--se debaixo de minha mão".

Um jovem sábio, Papillon, falecido aos 25 anos, escreveu em suas notas íntimas:

Para dar satisfação à minha inteligência, teriam sido precisos dias de vinte e quatro horas... Minhas aspirações eram infinitas e eu não queria retroceder diante de nada para chegar à plena possessão de toda a verdade, de toda a harmonia, de toda a beleza... O homem que nunca se entregou à investigação ignora quais sejam as doçuras e alegrias incessantemente renovadas.

Entusiasmo do artista. Ingres, enamorado de sua arte, quisera viver na solidão: "Sem a estúpida dissipação daquilo que se chama o mundo e a sociedade", dizia ele, "vive-se com um pequeno número de amigos e exerce-se deliciosamente as belas-artes". Delacroix também exclamava, aos seus trinta anos: "Que adoração é esta que tenho pela pintura! Estou naquela fase da vida em que o tumulto das paixões desenfreadas não se mistura mais às emoções deliciosas que geram as coisas belas".

Sob o lance súbito de uma inspiração, Mozart esquece os cuidados que reclama sua saúde; os pratos mais apetitosos o deixam indiferente. Após um delírio prolongado, suas faces coram, seus olhos lançam chispas; ele grita como Arquimedes: "Enfim, achei!". Aquilo que ele achou é o fim do terceiro ato de *Don Juan*.

O grande pianista Francis Planté foi sempre um entusiasta de sua arte. Desde a idade de sete anos trabalhou dez horas por dia. Aos 92 anos, em 1930, tocava para os amigos que vinham vê-lo em sua residência, perto de Mont-de-Marsan. Depois de tocar Chopin, durante três horas, ele diz à sua ouvinte, Sra. Jacquemain-Clémenceau, mostrando-lhe a mão sempre flexível: "Nesses seis anos em que não nos vimos, não achas que fiz progresso?".



É na categoria dos entusiastas que devemos procurar os mártires da ciência. A vida do sábio à procura da verdade assemelha-se à do soldado; ela conhece os mesmos perigos, exige o mesmo sangue-frio. Em todos os gêneros de trabalho temos de deplorar as vítimas. Sully-Prudhomme cantou esta sublime imolação:

A verdade suscita,
Na mais tímida fronte que seu amor visita,
Uma serena audácia à prova de tudo.
Imutável, inspira a seus amantes a força,
E quando de seus belos olhos se experimenta a confiança,
Faminto de espera, vive-se e morre-se transmudo.

Dulong perdeu um olho e dois dedos da mão direita estudando o cloreto de azoto, um dos compostos mais perigosos que existem.

O geômetra Euler perdeu um olho em conseqüência de sua excessiva aplicação ao estudo. Sem mais comoção, ajuntou: "Terei menos distrações".

O químico Regnault era dotado de uma coragem moral admirável. Certa feita, o vapor de enxofre em ebulição incendiou a sua oficina. Uma outra vez, um béquer cheio de mercúrio fervente explodiu e lhe lavrou o rosto. Mais tarde, um recipiente de ferro cheio de ácido carbônico líquido estourou como um obus entre suas mãos.

Gay-Lussac foi vítima de várias explosões. Numa, perdeu as vias lacrimais, e seus olhos ficaram vermelhos por toda a vida. Uma outra vez, um balão de ensaio que tinha nas mãos explodiu, ferindo-o gravemente.

Um aluno de Pasteur, Louis Thuilier, sacrificou nobremente a vida ao dever por causa de sua paixão pela ciência. O ano era de 1885. A cólera devastava o Egito. Ele quis descobrir a causa que tornaria possível um remédio. Durante dois meses, viveu no meio de doentes e mortos, debruçando-se sobre os cadáveres envenenados e examinando-os sem temor com os olhos e as mãos. O contágio que ele parecia desafiar o agarrou um dia e o levou ao túmulo.

Desde alguns anos, o número de vítimas da ciência vem aumentando. É o Dr. Harnack, de Londres, ferido de dermatite em conseqüência de experiências com raios X para a cura do câncer. É o Dr. Radiguet que, procurando captar os novos raios para empregá-los na cura de doenças irremediáveis, contrai enfermidades dolorosas e sucumbe após um ano de torturas indescritíveis. É o Dr. Infroit, radiologista na Salpétrière, morto aos 46 anos após vinte anos de sofrimentos causados por pesquisas e experiências perigosas. É o Professor Bergonié da Faculdade de Medicina de Bordeaux. É enfim o Abade Tauleigne, vítima fatal de seus trabalhos de radioscopia. A lista é bem longa e o martirológio já é considerável.

Os artistas pagaram o mesmo tributo ao sofrimento e à morte. Segantini, o pintor de Engadin, foi vítima de seu amor pela verdade e pelo belo. Em 1899, preparava ele a terceira parte de uma trilogia intitulada a *Vida*, a *Natureza*, a *Morte*. Todos os dias, sob um frio de 20 graus, deixava o seu chalé e se dirigia para as solidões frias. As cores congelavam sobre a palheta. Até mesmo os grandes cães de São Bernardo abandonavam o lugar, e Segantini pintava com encarniçamento horas inteiras. Um dia, não tendo mais água, bebeu neve derretida. Um mal desconhecido o agarrou e logo *quebrou* o pobre artista. O cortejo fúnebre que transladou através de geleiras o corpo de Segantini reproduziu quase traço por traço, cor por cor, o último quadro que ele acabara de pintar e intitulara *Tristezza* ou *Morte*.

O pintor russo Verestchaguine foi também vítima de sua devoção à arte. Faleceu a 13 de abril de 1904 no naufrágio do *Petropawlosk* ao lado do almirante Makharoff quando ainda fazia esboços. Devia findar assim, pois toda a vida estivera em coquetismo com o perigo. Durante o conflito russo-turco, em 1877, no dia em que os turcos bombardeavam Giurgevo, atirou-se ele em um navio abandonado pela tripulação. Anotou assim as suas impressões:

> Era muito interessante ver as bombas caírem na água, um jato elevar-se a grande altura. Quando vi a primeira passar, pensei: o lugar em que estou agora vai ser atingido, vou ser precipitado no mar e ninguém saberá que fim levei.

Era assim que recolhia suas impressões antes de as traduzir em obras vivas, e a morte que tantas vezes desprezara, o sepultaria em plena batalha sob as ondas atormentadas pela trovoada e pelos obuses.



Possam estes exemplos, querido amigo, fazer-te amar ainda mais o estudo e o trabalho intelectual. Foi moda, em certa época, ostentar um ceticismo desconcertante e zombar das coisas mais sagradas; ser insensível a tudo e afetar esta ou aquela insensibilidade; olhar a poesia como besteira; desdenhar as obras-primas literárias; bocejar diante dos discursos eloqüentes; ter horror às conversas sérias.

Montalembert viu-se mesmo obrigado, em um dia de reunião plenária do instituto, a censurar tal atitude.

> Há, dizia ele, no seio desta juventude querida, uma porção muito numerosa, mais numerosa que outrora, parecendo enlanguescer, indiferente e aborrecida, os olhos descaminhados de todo fim elevado, de toda responsabilidade pessoal, tépida e desconfiada em consideração a tudo que se eleva acima do nível comum; dir-se-ia fatigada antes de ter combatido, desencorajada pelos perigos que não conhece, faminta de um repouso que não mereceu e resignada aos falsos gozos de uma segurança efêmera. Desejemos-lhe a altivez delicada e os sentimentos nobres que são a insígnia segura das almas bem-nascidas; desejamos-lhe as poesias de adolescência e os entusiasmos da juventude que dão à luz os sacrifícios e transformam o mundo. Desejamos-lhe até paixões, porque tudo isso vale mais para ela do que a decrepitude precoce e o ceticismo corruptor.

Não queres certamente assemelhar-te a esta categoria de jovens. Mantém a cada dia, por meio de um trabalho ardente, a paixão que te leva face a face com mais luz e mais verdade. Aprende a erguer-te acima dos interesses grosseiros e dos prazeres passageiros. Toma como modelo alguns de teus grandes antepassados, como Ozanam, por exemplo, de quem se disse: "Jamais encontrei homem que tomasse tão fortemente ao coração as grandes coisas, a poesia, a religião, a arte, a eloqüência e a filosofia. Era um espírito probo, trabalhado por assim dizer pela paixão dos grandes ideais e dos nobres sentimentos".

Rostard, após o sucesso de *Cyrano*, dirigindo-se aos alunos de Stanilas, recomendava-lhes terem garbo e serem entusiastas:

> Se é noite, sacudi-vos tateando contra as sombras;
> Gritai apaixonadamente quando há o mal: "É o mal!"
> Sejais pela beleza, sejais contra o número.
> Revocai sobre a praia sombria
> A onda canora do ideal.
>
> Tende alma; tende uma alma; implorai-a todos os dias!
> Jovens tristes com esgares de velho
> Tornam-se, após um tempo de tibieza infame,
> Apercebidos de que não ter alma
> É terrivelmente aborrecido.

O penacho! E por que ele não existiria mais?
A fronte baixa, algumas vezes duvida-se, inquieta-se,
Mas não se tem mais que erguer a cabeça,
Sente-se que ele empurra para cima!

Uma brisa de altivez o levanta e cerca.
Prolonga em estremecimentos cada sobressalto do coração.
Nós o temos logo que de um alvo soberbo nos enamoramos.
Porque ele se junta à bravura
Como a juventude à sua flor.

Capítulo VII

Dá uma direção inteligente às inclinações que te levam à procura do verdadeiro e prossegue teu trabalho no silêncio e no recolhimento

Eu já te disse algumas palavras sobre a formação dos bons hábitos intelectuais que são as "causas de sucesso e se tornam uma bênção para a vida".

Volto ao assunto e me proponho a submeter a ti algumas considerações acerca do bom emprego da curiosidade, acerca da atenção, do espírito de observação e de recolhimento, do amor à solidão e ao silêncio. Possa eu te fazer compreender mais a necessidade de dirigir os pendores favoráveis ao estudo, a necessidade de adquirir o domínio de ti mesmo, condição fundamental do silêncio e do recolhimento! Neste ponto, terás que desconfiar sobretudo de tua própria inconstância, e obterás resultados felizes caso procedas com inteligência e espírito de seqüência.



Dá à tua curiosidade uma direção que a torne sã e fecunda

A curiosidade é uma inclinação que vai ao encontro da instrução, um cuidado de saber, uma aspiração para o desconhecido. Definiram-na com exatidão "a fome e a sede do verdadeiro".

É a fonte e o sustento da atenção.

Tudo o que excita a curiosidade, como a surpresa, a novidade e a variedade, disse Queyrat, excita do mesmo modo a atenção. A mobilidade ou

o capricho de uma torna a outra fugidia e distraída, afastando o espírito daquilo que cessa de interessá-lo.

Desde a infância, ela se manifesta ágil, impaciente, alada, sempre de sobreaviso; e este instrumento de estudo tão frágil, tão móvel, tão caprichoso, tão incapaz de constância, de profundidade, de fixidez, é a grande mola da inteligência durante o primeiro período da vida.

Mais tarde, este pendor leva-nos à observação exata: queremos ver, tocar, degustar, conhecer pelas causas. Não somos jamais saciados. "Luz! Mais luz!", dizia Goethe morrendo. É a exclamação de todo ser inteligente no rasto da verdade.

Em princípio, a curiosidade é excelente. É uma manifestação da inteligência: por meio dela o homem aproveita todos os instantes de que dispõe para instruir-se e iluminar-se sempre mais, adorna seu coração com emoções que elevam e purificam, afirma sua consciência moral e trabalha na educação da vontade.

Mas ela possui formas que deves descartar.

Guarda-te da curiosidade frívola que leva a tudo ver, tudo conhecer, tudo ler, tudo possuir. Mons. Dupanloup a teme, porque engendra de ordinário uma mobilidade sem limites, uma dissipação eterna que arrebata os momentos, as horas e os dias. Nenhum trabalho sério é possível com tal defeito.

Ela adora fartar-se com notícias sensacionalistas: acidentes, crimes, burlas, roubos; ela é o feito dos espíritos incultos e limitados. La Bruyère esboçou para sempre o retrato do curioso de profissão. Ele no-lo mostra assistindo a execuções capitais, a fogos de artifício, a festas, a recepções de embaixadores, às atividades de caça, às revistas de tropas. Nada lhe escapa: sabe que um lodaçal de Vincennes foi soterrado, que tal personagem está doente e que tal ator está tão constipado que não cantará antes de oito dias.

Hoje em dia o curioso não possui menos ocupações: são as corridas, os jogos de futebol, o teatro, o cinema. É a paixão, ou antes a mania de colecionar. La Bruyère dá-nos a conhecer o amador de tulipas, de ameixas, de estampas, de pássaros, de insetos. No século XX temos os colecionadores de selos, de cartões postais, de cachimbos, de bengalas, de trajes. Mark Twain, um humorista sarcástico, apresenta-nos o colecionador de chocalhos de vaca, lascas de tijolos, de machados de sílex, de baleias empalhadas e... de rumores.

Temos ainda o bibliômano — acham-se muitos entre os jovens — que têm uma biblioteca carregada de livros dos quais faz admirar a encadernação, a qualidade do papel, a beleza da impressão, mas nos quais jamais toca e cujas folhas não foram ainda cortadas.

Será necessário falar-vos da curiosidade do erudito? Conheces a página de La Bruyère. Esse Hermágoras de Temnos, a quem os nomes de Herigebal, de Evilmerodach e de Mardokempad são tão familiares como a nós os de Valois ou d'Orléans, crê francamente que Henrique IV é filho de Henrique III.

Um outro passa a vida a decifrar as línguas orientais, aquelas do Norte e das duas Índias, a que se fala na lua e na estrela polar e ignora voluntariamente as coisas mais simples.

Em si mesma, tal curiosidade é muitas vezes bem inocente, mas quantas horas preciosas não faz perder!

Guarda-te da curiosidade malsã que toca, com freqüência e muito perto, a curiosidade frívola. É a conseqüência de certos gostos depravados. Explica o acometimento que transporta as multidões a certas sessões do tribunal penal, às lutas de boxe, aos espetáculos perigosos, às execuções públicas. Os jornais favorecem demasiadamente esta propensão quando noticiam ao longo as façanhas dos bandidos de toda espécie, quando saem à caça de escândalos. O filósofo Caro verificava com amargura o mal causado por esta imprensa de baixo calão.

> Todas as tardes, dizia ele, podeis estar certos de que, à mesma hora, a população esfomeada reivindicará este pasto dos acontecimentos do dia, dos escândalos da vida privada... Lançada sobre esta pista, a curiosidade não pára mais. Quando a literatura de personalidades triunfa, é um sinal infalível de que a literatura de idéias declina. O público não pode servir dois mestres ao mesmo tempo.

Esta tendência ainda existe.

> Que almoço o leitor faria, diz Queyrat, se o jornal não lhe servisse a cada dia um escândalo? Saciado, o paladar do público é cada vez mais exigente. Precisa de pimenta e condimentos fortes. Certa imprensa serve à medida de seus desejos.

Toda curiosidade nociva a teus estudos deve parecer-te suspeita, visto que não está em ordem. Não tenho de te precaver contra uma

determinada curiosidade insensata que pode chegar ao absurdo, como a procura do elixir da longa vida, da fonte da juventude, da pedra filosofal, da arte de fazer renascer as plantas das cinzas ou do movimento perpétuo, e outras utopias de que o homem se ocupava em épocas já longínquas. Hoje em dia a curiosidade dirige-se para outros problemas. Não é raro reencontrar jovens tendo de preparar-se para exames sérios dos quais depende o futuro, que se apaixonam pelos fenômenos de ocultismo e espiritismo, que passam excessivas horas nas bibliotecas a ler avidamente toda a sorte de obras sobre questões estranhas a seus estudos. Outros querem devorar todos os romances da moda; nem falo dos amadores do teatro e do cinema. Pobres estudantes e pobres estudos! Como em seguida se espantar dos múltiplos reveses que fazem destes seres sem caráter uns fracassados, uns desclassificados e descontentes?

Mas há uma perversão maior ainda: é a tendência mórbida a procurar o que é suspeito ou francamente mau. Ter-se-á um gosto medíocre pelos livros bons e belos do nosso patrimônio literário, mas com um faro especial pela literatura neutra ou malfazeja. Tanto os mandamentos de Deus como as regras do *Index* serão um permanente embaraço. Não se pode ler tudo quando se atinge certa idade? Não se tem o direito de inteirar-se da nocividade deste ou daquele livro? Suspeita-se do bom jornal e compra-se o mau a fim de verificar, assim se diz, os dois lados da questão. Tais palavras fazem mal ao coração, sobretudo quando são os católicos que ousam pronunciá-las. Guarda-te de imitar os que cometem tais omissões.

Este tipo de curiosidade parece mais viva nas épocas de decadência. Queremos servir ao mesmo tempo a Deus e a Satanás; queremos o bem, porém conservamos atração ao mal. Temos, a este respeito, exemplos curiosos durante a segunda metade do século XVIII.

O burguês Marais é muito piedoso, detesta Voltaire e sua filosofia "horrorosa e digna de ser queimada". No entanto, Marais é o amigo entusiasta de Bayle, a ponto de edificar-lhe um templo, e ri das bandeiras despregadas dos milagres de Santa Margarida Maria de Alacoque.

O advogado Barbier é um homem de ordem; crê em milagres. E, todavia, está no rasto de todas as obras suspeitas ou proibidas: o *Essai sur les moeurs*, o *Sermon des Cinquante*, a *Encyclopédie*.

D'Argenson considera Voltaire, Diderot e Rousseau uns canalhas. Entretanto, conhecemos o seu desdém pelo bigotismo, as parvoíces e as tagarelices dos teólogos.

Madame de Frénily é piedosa, mas quer que o filho possa dizer aos filhos de seus filhos: "Eu vi Voltaire!".

Cultiva a curiosidade sã e fecunda: aquela que está na ordem, aquela que será para ti o penhor do êxito. Seus modos podem reduzir-se a dois: a *curiosidade prática* e a *curiosidade científica*.

A primeira é dirigida no sentido de profissão, de ofício exercido ou que se deseja exercer. Cultiva-a a fim de que estejas a par dos progressos mais recentes dos estudos que segues e conheças as descobertas, as viagens científicas, as invenções, os artigos importantes das revistas. É um elemento de sucesso.

> Na América, diz Huret, cada especialista, cada engenheiro, cada contramestre, pergunta-se constantemente o que precisaria fazer para que a máquina produzisse melhor e mais rápido.

A curiosidade científica é de um grau mais elevado. Ela é a realidade de um espírito distinto; o ignorante não se admira de nada; o espírito medíocre está sempre satisfeito; tudo lhe parecesse natural e não procura as razões, isto é, as causas e as leis.

A ausência de curiosidade é deplorável num estudante. Não nos apaixonamos nunca por um estudo quando não experimentamos o desejo de chegar ao cerne das questões e de procurar as causas.

> Temos bastante livros aqui — declara a governanta de Sylvestre Bonnard. O meu senhor tem milhares e milhares que lhe fazem perder a cabeça, e eu tenho dois que me bastam: o devocionário e a *Cozinha Burguesa*.

A verdadeira curiosidade engrandece a alma, enobrece-a, dirige sua atividade para fins realmente úteis e realmente dignos dela. Este desejo pela verdade torna-se uma paixão,

> paixão generosa, diz Maillet, que após ter absorvido a juventude e a maturidade dos homens, recusa-lhes o repouso da velhice e os impele a continuar suas pesquisas e especulações contanto que lhes reste esperança de conquistar qualquer coisa sobre o desconhecido.



Disciplina cuidadosamente a tua atenção pela influência que ela exerce sobre todas as faculdades; esta é a primeira condição de todo o progresso

Ela consiste em ocupar-se de um assunto em detrimento de qualquer outro. É a qualidade por excelência e, por assim dizer, a virtude capital do estudante. Não é a condição da ciência, mas coloca as faculdades nas condições favoráveis a seu exercício. O problema da educação está à beira de ser resolvido quando se conseguiu tornar um aluno atento.

Seu papel é considerável sobre as faculdades de aquisição. Ela é uma análise, uma vez que concentra a atividade sobre um assunto só. Torna, assim, as percepções mais nítidas; é para a consciência o que a concentração da pupila é para a vista; é para o olho do espírito o que o microscópio ou o telescópio é para o olho do corpo.

Ela detalha, penetra, classifica os materiais que lhe são apresentados; torna permanentes as noções adquiridas, consolida-as, estabiliza-as. É o buril da memória, disse Montaigne.

Sua influência é muito grande sobre as faculdades de elaboração. Torna as idéias claras e distintas, afastando o que não lhe interessa e concentrando o espírito sobre o assunto que escolheu. É o princípio da abstração, do juízo e do raciocínio; permitindo um exame sério das idéias e das coisas; preserva dos erros provenientes da precipitação.

> A grande força de Pasteur, escreve o Dr. Roux, é que ele podia, sem se cansar, conservar o pensamento concentrado sobre o mesmo objeto. Seguia uma idéia sem se deixar distrair e a ela proporcionava tudo. Pode-se dizer que fez suas descobertas refletindo sempre nelas. Seu pensamento contumaz atava-se às dificuldades e acabava por resolvê-las como a chama intensa do maçarico constantemente dirigida sobre um corpo refratário termina fundindo-o.

Na atividade criadora, ela vem em auxílio à imaginação. "A meditação é a irmã do gênio", disse Victor Hugo. Foi *pensando sempre na mesma coisa* que Newton descobriu a gravitação universal. É concentrando o espírito sobre uma idéia que se percebem todos os seus aspectos.

A invenção, diz Buffon, depende da paciência. É preciso ver, considerar demoradamente o objeto; então ele se desenrola e desenvolve pouco a pouco, sentes um pequeno choque elétrico que te atinge a cabaça e ao mesmo tempo te prende o coração: eis o momento do gênio. É então que se experimenta o prazer de trabalhar.

A atenção é, portanto, indispensável para todo e qualquer conhecimento.

Na vida, *ela é o primeiro elemento de triunfo.* Para ter êxito, é preciso estar atento ao que dizemos, ao que fazemos, ao que dizem e fazem os outros. Um estudante desatento acumulará mais tarde os esquecimentos, as inércias, as faltas. Sair-se-á bem somente aquele que se entregar completa e integralmente à sua tarefa, que souber refletir e se elevar acima do trabalho maquinal.

Mas talvez conheças menos o papel moral da atenção. Ela age sobre a sensibilidade a ponto de modificá-la profundamente e até de suspendê-la. Um artista apaixonado pela música, ao escutar uma bela sinfonia, torna-se indiferente a qualquer outra impressão. Arquimedes, entregue por inteiro a um problema de geometria, não percebe a tomada de Siracusa, nem a voz do soldado que o interpela. Ela torna o prazer mais requintado, a dor mais leve, como também pode agravar os castigos físicos e morais até torná-los intoleráveis.

A atenção desenvolve a energia e a vontade; produz o esforço, indispensável na vida moral como na vida intelectual, para lutar contra as inclinações más e desenvolver os bons hábitos. Desvia o espírito do objeto que causa as paixões e direciona-o para um outro objeto.

Enfim, é a condição de todo ato humano, uma vez que preside à deliberação, antecedente ao ato voluntário.

Longe de se uma anomalia como pretende Ribot, a atenção é a atitude normal do homem. Fora dela, ele não é mais do que um empírico, e age à maneira das bestas, por instinto e rotina.

E agora permite que te dê alguns conselhos práticos.

Vive na calma e trabalha para adquirir um perfeito domínio de ti mesmo. Toda emoção prolongada tem por resultado uma excitação prejudicial à atenção. Luta contra todas as solicitações más e saborearás aquela calma benfazeja favorável ao estudo. Atenta às emoções que te podem perturbar como incidentes passageiros aos quais

é preciso dar pouca importância. Cultiva uma diversão e afoga em pensamentos diferentes a idéia que deprime e desencoraja.

Eleva-te acima dos sentidos e das inclinações más; desembaraça-te de todo ódio, de todo receio, de todo objeto de excitação, de toda dúvida e de toda pena, se for possível, e a atenção te será fácil.

A calma é a criadora e acumuladora de energia.

> O homem que quer ser forte, diz o Dr. Frédault, poupa-se, não se gasta na primeira ocasião, mas segura-se e concentra-se, pronto para dar, quando for preciso, uma energia tanto maior quanto mais condensada. É assim que os homens fracos na aparência são, no entanto, mais enérgicos e poderosos que outros naturalmente mais fortes.

Adquire o hábito de concentrar o teu espírito sobre um objeto até alcançar o conhecimento perfeito. Executa tua tarefa como se fosse uma só. É o segredo de todos os sucessos. Até mesmo os grandes gênios só obtiveram êxito pela concentração de suas faculdades sobre o objeto de seus estudos e pesquisas. Budé tinha o espírito completamente absorvido por trabalhos filológicos. No dia de seu casamento trabalhava como de hábito nos seus *Comentários*. Um embaixador foi-lhe enviado para revocá-lo à realidade.

> É a força da atenção, diz Blair, que, freqüentemente, distingue da multidão o homem dotado de grandes qualidades. Os seres vulgares não conhecem nem regra, nem objetivo na sua marcha aventureira. Os assuntos flutuam na superfície de sua alma como as folhas que o vento faz voar por todos os lados.

Dedica-te por inteiro ao que fazes. Evita ser um partidário do 'mais ou menos'. O 'mais ou menos' é uma capitulação covarde perante o esforço contínuo; aquele que se contenta com ele não sabe "ganhar com o suor da fronte o pão da alma", segundo a bela expressão de Malebranche.

No hospital Saint-Jean de Bruges se encontra a famosa obra de Memling, o *Relicário de Santa Úrsula*. O artista acrescentou à assinatura estas palavras: "É o melhor de mim". Lição magnífica de trabalho consciencioso! A excelente revista, o *Echo de Massillon*, desprendeu algumas conseqüências direcionadas aos estudantes.

Praticamente, diante de uma lição a estudar, de um conhecimento a adquirir, é preciso saber dizer, em dado momento: "Saberei fazer isto. Quero penetrar-lhe o sentido para compreender; quero fixar na memória o conjunto e os detalhes, de maneira que não o permita evadir-se de mim". É o mesmo que dizer que somente o esforço ativo e concentrado, bem diferente do esforço — se é que se pode chamá-lo assim — que consiste em ler diversas vezes, de maneira distraída, o objeto do estudo, permanecendo, porém, passivo.

Tudo o que fazes para manter ou melhorar tua saúde aproveita à atenção. Ribot nos ensina que a atenção é acompanhada de três espécies de fenômenos: *fenômenos de circulação*; o sangue aflui aos órgãos, especialmente aos centros cerebrais. E se a circulação é defeituosa, se o sangue está debilitado, logo a atenção será menos enérgica; *fenômenos respiratórios*: a respiração regular favorece a atenção; quando é irregular, resulta uma fadiga que diminui a atenção e até a torna impossível; *fenômenos motores* que põem os órgãos do sentido em estado mais favorável: convergência e acomodação dos olhos, tensão do ouvido, inibição de todo o movimento. Esta atitude é penosa e até impossível quando a saúde não está bem.

Toma, pois, todos os meios para fortificar teu corpo; pratica a respiração profunda, procura descansos necessários e sobretudo renova as forças para um sono reparador.

Todo progresso da vontade é favorável à atenção. Certos psicólogos quiseram ver na atenção uma inibição. Não é a atenção que se fixa sobre a idéia, dizem, é a idéia que, por sua intensidade, determina a atenção. Esta teoria contém uma parte de verdade, mas não leva muito em consideração a vontade que escolhe e favorece as associações úteis. Sem dúvida, nossa vontade não atua sempre com igual sucesso, visto que, de vez em quando, o espírito encontra-se inquieto e preocupado, mas ela pode restabelecer à força a atenção e interdizer-lhe ausências longas. Sua ação é sobretudo eficaz na *distração*.

Renova com freqüência as resoluções que tomaste de te empenhar por inteiro em teu trabalho. Diz com energia: "Quero estar atento! Saberei esta lição custe o que custar! Quero alcançar a liberdade de espírito!".

Nicolas Poussin dizia que é necessário merecer a lucidez do espírito pela assiduidade ao trabalho e *nunca atravessar a pista*, isto é,

fazer apenas uma coisa de cada vez e não abandoná-la antes de seu término.

Afinal, tudo o que leva a amar o trabalho intelectual é um estimulante para a atenção. O sentimento é um excitador de potência sem igual. Caso ignores as alegrias do trabalho intenso, aprecia-as uma vez, e quererás renovar este gozo. O trabalho tornar-se-á então delicioso para ti.

> Quando estamos atados a uma série de trabalhos, dizia Papillon, estamos absorvidos pela contemplação sempre presente da verdade; não a deixamos fora de vista. Abismamo-nos com este trabalho com uma tal embriaguez que nada nos seria capaz de distrair.

Paul Bourget, falando do trabalho intenso de Brunetière, dizia:

> Sua vida verdadeira não era aquela de um professor; era aquela de um estudante, quando, sozinho à mesa e entre livros, começava a trabalhar após haver *labutado*... Ficávamos pasmados com isso, nós, seus amigos. Quando se conheceu Brunetière jovem, os milagres de trabalho não parecem impossíveis.



Torna-te observador e disporás de um instrumento maravilhoso de formação intelectual

A observação, tu o sabes, concentra o espírito sobre o objeto a fim de adquirir um conhecimento claro e preciso: é um hábito da atenção.

Ela ensina a servir-te dos sentidos com justeza e prudência, e habitua a julgar com diligência os seus dados; mas sobretudo ela põe a inteligência de sobreaviso para nos prestar um entendimento exato de tudo quanto se passa em nós e em torno de nós.

Dirige, portanto e antes de tudo, o olhar de tua atenção sobre ti mesmo. Somos muito levados a nos exteriorizar. Conhecer a si mesmo com imparcialidade, com suas qualidades, defeitos, forças, fraquezas, inclinações, recursos infinitos, que satisfação e que luz para a direção dos estudos e a orientação da vida!

Observa os outros: aprenderás mais nisso do que em volumes de livros grossos. Este estudo há de moderar teus juízos; ensinar-te-á que ninguém está isento de defeitos, que os mais imperfeitos podem

ter ao menos os germens de excelentes qualidades. As sombras fazem sobressair melhor a luz. "Pinta-me tal qual sou, com minhas verrugas", dizia Cromwell a seu pintor Cooper.

Observa as coisas. Aprende a ver bem a realidade. Santo Tomás insiste sobre a necessidade de se apoiar sobre o real para julgar bem, uma vez que, diz ele, o real é o alvo último do juízo. Ora, o destino final deve iluminar a estrada. A observação baseada sobre as coisas tornar-se-á para ti uma fonte de idéias; tudo te instruirá: o filamento da erva, a sarça florida, as gotas do orvalho, o raio do sol, os suspiros das árvores agitadas pelo vento, as ondulações do trigo, o murmúrio dos riachos, o cintilar das estrelas. Onde os outros não virem nada, descobrirás harmonias; as belezas da criação levar-te-ão ao arrebatamento, tua alma se arrojará ao infinito, e ouvirá os astros proclamarem através do espaço a glória do supremo ordenador dos mundos.

Este hábito de observação prestar-te-á imensos serviços. Como bem se expressou o Pe. Sertillanges, ele colocará teu espírito "em perpétua disposição para refletir, em perpétua disposição para ver, escutar, para acertar no vôo, como o bom caçador, a ave que passa".

Se acreditas que o espírito de observação é necessário somente a certas categorias de estudantes, desengana-te. Ele é indispensável a todos; a experiência prova-o abundantemente.

Indispensável às pesquisas científicas.

> As grandes descobertas, diz o Pe. Sertillanges, não passam de reflexões sobre os fatos comuns a todos. Passaram-se milhares de vezes sem nada ver, e um dia o homem de gênio observa os laços que atam àquilo que ignoramos (o que está sob nossos olhos a cada minuto).

E a história das descobertas confirma amplamente estas palavras. Antes de Galileu observara-se perfeitamente bem o movimento dos corpos suspensos; mas ele foi o primeiro a tirar conclusões disso. Uma lenda conta que foi a queda de uma maçã que colocou Newton no caminho das descobertas imortais. Quer dizer que ninguém antes dele tinha visto maçãs caírem? A primeira idéia de um túnel sob o Tâmisa foi dada a Brunel por um pequeno inseto que, perfurando a madeira com um trado minúsculo, conseguiu abrir passagem através de um tronco de árvore. A maior parte das descobertas de Claude Bernard, de Pasteur, de Fabre tiveram por ponto de partida o seu maravilhoso faro de observadores.

E sempre será assim. O engenheiro Georges Claude cita dois casos em que a observação de um fato, quase insignificante em si, haveria de produzir os mais admiráveis resultados.

O primeiro é a descoberta dos aços niquelados. Um dia entregam ao Escritório Nacional de Pesos e Medidas um pedaço de metal do qual se desejavam fazer pesos industriais. Revelam-se inconvenientes nos testes e o metal é rejeitado, quando Claude Guillaume, jovem físico do Escritório Nacional, estanca diante de um fato inesperado: medindo a dilatação do metal, acha-a negativa: já é singular; mas o jovem sábio vê de imediato alguma coisa de mais interessante. Ser-lhe-á suficiente arranjar algumas ligas com diferentes teores de ferro e níquel para construir a curva das dilatações em função dos teores. Percebe-se então que a curva passa de zero para um determinado teor que corresponderá, pois, a uma dilatação nula. Que descoberta inimaginável para um físico! A experiência é demonstrativa, as previsões confirmam: é a descoberta do invar, é a geodésia subvertida, é a relojoaria renovada, é a fabricação de lâmpadas livre da ruína escrava imposta pela platina. A coroação da descoberta é o prêmio Nobel.

O segundo é a descoberta do rádio. Madame Curie observou junto a algumas substâncias uma ação elétrica infinitamente leve. Milhares de pesquisadores teriam passado ao largo deste fenômeno, desatentos ou desdenhosos. Madame Curie, ao contrário, com perspicácia e ousadia admiráveis, não hesita em atribuir o fenômeno a vestígios de um corpo radioativo desconhecido, presente na substância, e cuja atividade seria, por conseqüência, enorme. Vê-se de pronto o interesse palpitante que ilumina a questão à luz de tal concepção. É este o ponto de partida, maravilhosamente frágil, da sacudidela que jamais suportaram nossas idéias sobre a matéria e a energia.

Indispensável ao artista que espera reproduzir a natureza. Leonardo da Vinci dizia a um jovem pintor: "Sê fervoroso em copiar todas as coisas naturais. Os que se fixam sobre outro autor que não seja a natureza, a mestra das mestras, em vão se esforçam. Quem pode ir à fonte não vai à bilha".

É pela observação da natureza que Ruskin adquiriu o senso da arte e do verdadeiro. Ele teve um dia a idéia de desenhar uma hera.

> Fiz um estudo assim tão esmerado como se se tratasse de um fragmento de escultura, diz ele, e quanto mais trabalhava, mais este estudo me

apaixonava. Terminado o desenho, compreendi que, desde os doze anos, havia perdido meu tempo, visto que ninguém me sugerira a idéia de desenhar as coisas tais quais são.

Rodin dá este conselho aos escultores:

Olhai com simplicidade e docilidade... Onde foi que compreendi a escultura? Nos bosques, apreciando as árvores; nas sendas, mirando a estrutura das nuvens; em todo o lado, menos nas escolas. E acrescenta: Em tudo, obedecer à natureza: o único princípio em arte, copiar o que se vê.

Eis Sem, o caricaturista, realizando a caça às paixões que constituem o característico profundo do homem. Ele prende-se a seu modelo, organiza armadilhas, redes de espionagem. Estuda-o em toda a parte para surpreender o momento "em que a fisionomia alcança o máximo de intensidade", em que o modelo "se entrega sem defesa ao olhar emboscado que o devora inteiro sem que o perceba". Esboça "a imagem ainda quente". Mas deixemos que o artista fale:

Reflito como um espelho os menores matizes de sua fisionomia, todas as fases de sua expressão, até a aparência e o aspecto. Reproduzo todos os seus gestos, todas as suas manias. Chego a parecer-me com o modelo. Penetro dentro de minha personagem, meu olhar aguça-o, trespassando-o até debaixo da pele, até os ossos [...]. O paciente se desvencilha? Agarro-me a ele, esquadrinho-o. Ah! Elegante falso, dissimulas sob teu chapéu o focinho de bruto! [...] Tu, cristão hipócrita, escamoteias teu nariz na barba! Vamos, abaixo as máscaras! É preciso ostentar tuas taras, é preciso suar tua origem e raça! É preciso confessar, nem que seja pelos pés!

Indispensável ao homem de letras que espera produzir uma obra de valor estimável. As mais belas produções de nossa literatura são devidas a observadores. Montaigne é um observador de gênio. Os episódios da guerra pricocoliana reportam-se às lembranças de infância de Rabelais. Corneille sempre viverá devido à veracidade das situações e dos caracteres. Ninguém melhor do que Racine observou os estragos da paixão. Molière era chamado por seus contemporâneos de *contemplador*. "Isto foi pintado!", dizia Madame de Sévigné falando das *Fábulas* de La Fontaine. Saint-Simon, por haver pegado ao vivo as cenas e personagens do grande reinado, assegurou a imortalidade.

Todos os escritores do século XIX, preocupados com sua arte, adotaram por princípio fundamental a observação. "Custa-nos muito trabalho para se ter talento", dizia Dumas filho, "quando às vezes seria mais fácil ser um gênio. Pretende-se imaginar quando seria apenas preciso observar". Os Goncourt escreviam no seu *Journal*: "A melhor educação do escritor seria, desde a saída do colégio até os vinte e cinco ou trinta anos, a redenção sem convenção do que visse ou sentisse". Flaubert escrevia a Feydeau: "Torna-te evidente à força de olhar".

Joseph de Maistre foi um observador incomparável. Lia no grande livro do mundo, lia nos rostos, através dos gestos, entre as frases e mesmo entre as palavras. Em uma corte, em um baile, em um banquete, faz ampla colheita de observações e esboços. Penetra nas consciências e analisa-as. Folheia os homens como folheia os livros.

Louis Veuillot pertence igualmente a esta estirpe de observadores. Em *l'Honnête Femme*, é conforme a natureza que ele nos delineia os esboços famosos da sociedade périgordiana. Há lá retratos que serão para sempre as delícias dos amantes da gastronomia. Seus *Mélanges* encerram toda uma galeria de águas-fortes cujo equivalente dificilmente se encontrará na nossa literatura. Seus *Libres Penseurs* são "La Bruyère mergulhado em ácidos", pois representou ao vivo a sociedade que havia observado.

O hábito da observação te proporcionará pouco a pouco o hábito da reflexão, da meditação profunda. Serei breve sobre este assunto. A reflexão sustenta e fortifica a memória, dá ao juízo retidão, fecunda a razão, amadurece o espírito e decuplica sua potência.

A qualidade essencial de uma inteligência superior é a reflexão. "Se prestei alguns serviços ao público", dizia Newton, "devo-o unicamente ao trabalho e à reflexão constantes".

Santo Tomás de Aquino era um espírito essencialmente reflexivo. Estava incessantemente absorvido pelos grandes problemas da filosofia e da teologia. À mesa de São Luís, menos atento à grandeza dos reis da terra do que à honra do rei do céu, clama, batendo com o punho na mesa: "Argumento decisivo contra os maniqueístas!".

A respeito de Ampère, J. Bertrand dizia:

> É impossível representar até onde ia a contenção de seu espírito quando aprofundava uma questão. Via-se então este homem, que chamavam

de distraído, isolado durante longas horas, numa meditação profunda, numa espécie de sonambulismo, esquecendo tudo, até o momento em que a verdade se apresentasse e o livrasse de tal obsessão.

Aprende, portanto, a pensar, a pensar profundamente. Não te contentes jamais com a superficialidade das coisas; vai até o âmago, e nada deixes, se possível, sem examinar atentamente e compreender o conjunto e os detalhes.

A reflexão exerce uma influência não somente sobre a inteligência, mas também sobre a sensibilidade e a vontade. Ela *vela* o coração, traça-lhe a rota a seguir; *disciplina* o coração canalizando seus movimentos. Torna o homem mais facilmente mestre de si, mais capaz de guardar suas resoluções. Assim, amadurece a inteligência, forma o caráter e desenvolve a personalidade.



Ama a solidão e o silêncio já que favorecem o recolhimento, condição essencial do trabalho sério

Para compreender e apreciar o verdadeiro, é preciso apartar-se da multidão, fugir das conversas vãs, das ocasiões de dissipação e da perda de tempo.

Alguém disse que a solidão é a escola do gênio.

Deveríamos erguer altares ao silêncio e à solidão, dizia Carlyle. É no silêncio que as grandes coisas se formam e se concentram. A palavra é parte do tempo, o silêncio da eternidade. O espírito somente trabalha no silêncio. O mérito trabalha apenas na solidão.

A solidão nutre e fortifica o espírito.

Os grandes solitários, diz o Pe. Didon, aqueles que não reparam em nada, que andam interrogando unicamente as estrelas e o oceano vasto, cujas vozes dizem meramente o que nós interpretamos, os grandes solitários são talvez os mais fortes e os melhores.

Após uma estadia em Chesnaie, Lacordaire apresenta-se a Mons. de Quéllen, arcebispo de Paris. "Precisais de um segundo batismo", diz-lhe o prelado, "eu vo-lo darei". Foi um batismo de solidão e de

silêncio. É deste momento fecundo que datam as Conferências de Notre-Dame.

Escrevendo a Montalembert, dizia o ilustre dominicano: "A solidão é o meu elemento, é a minha vida. Não se faz nada senão com a solidão, eis meu grande axioma". Escreve a um jovem: "Eu disse adeus às montanhas, aos vales, às flores, às sombras desconhecidas a fim de abrir no meu quarto, entre Deus e minha alma, um horizonte mais vasto que o mundo".

A solidão era deveras para ele uma fonte de inspiração.

> Examinando sua correspondência, diz o Pe. Chocarne, notamos muitas vezes que as cartas mais admiráveis de abandono, de doce alegria, de piedade contagiosa, são quase todas datadas dos seus retiros favoritos: Sainte-Sabine, Chalais, Dijon.

A solidão do coração é superior à solidão do corpo, visto que pode existir até no meio da dissipação e do barulho. "A alma atenta constrói para si uma solidão", diz Bossuet; "mas é preciso saber proporcionar horas de solidão afetiva, caso se espere conservar as forças da alma".

Ama o silêncio. Este é, antes da palavra, a primeira potência do mundo. Santo Tomás dá os seguintes conselhos a um estudante:

> Quero que tu sejas lento em falar e lento em ir ao parlatório. Não te comprometas de modo algum com as ações de outrem. Estima a tua cela se queres ser introduzido na adega de vinho.

"A adega de vinho", diz Pe. Sertillanges, "é o alojamento da verdade, da inspiração, é o lar do entusiasmo, do gênio, da invenção, da investigação calorosa, é o teatro dos debates do espírito e da embriaguez sábia".

O silêncio torna o trabalho mais fácil, mantém o espírito mais livre e mais hábil para a atenção. Uma palavra que pronuncias durante o estudo, durante a explicação do mestre, desvia teu espírito do seu objeto e te faz perder de vista o assunto da lição.

O silêncio torna o trabalho mais fecundo. Lembra-te de Santo Tomás, o boi mudo da Sicília, ruminando silenciosamente os argumentos de Santo Alberto Magno, seu mestre, antes de espantar o mundo com sua ciência prodigiosa.

De acordo com o testemunho do Dr. Roux, Pasteur só trabalhava comodamente no silêncio; admitia, perto de si, apenas seus colaboradores; a presença de uma pessoa estranha às suas ocupações era suficiente para perturbar o seu trabalho.

Um dia, fomos ver Wurtz na Escola de Medicina, encontramos o grande químico entre seus alunos no laboratório cheio de atividade como uma colméia a zumbir. "Como", bradou Pasteur, "podeis trabalhar no meio de uma semelhante agitação?". "Isso excita as idéias", respondeu Wurtz. "Isso colocaria as minhas em fuga", replicou Pasteur.

Esforça-te por realizar este silêncio durante o trabalho de classe ou de teu pequeno quarto de estudante. Para isso, recolhe-te, isto é, vive na posse plena de ti mesmo. Faz calar em ti o orgulho, a sensualidade, a cupidez; reprime as inclinações perversas. Esquece tudo o que dissipa, e põe tuas faculdades em presença do verdadeiro, do belo, do bem; que elas alcem vôo em direção ao mundo superior a fim de lá desdobrar toda a sua envergadura: a imaginação, mantida no seu papel, lá encontrará um ideal arrebatador; a memória colherá flores preciosas; a razão estará plenamente satisfeita; a alma inteira matará a sede do infinito.

Mas só à custa de vitórias poderás comprazer-te neste recolhimento. "É preciso vencer a loquacidade dos pensamentos vãos, dos desejos inquietos, das paixões, dos preconceitos, dos negócios do século", diz o Pe. Gratry. São necessárias as vitórias sobrenaturais das quais o espírito de Deus diz: "Àquele que se sair vencedor, dar-lhe-ei poder sobre as nações. É preciso parar de ser escravo de si mesmo".

A oração bem feita favorece a calma e o silêncio interior. Traz à alma a doçura, o apaziguamento, a resignação. Produz um repouso semelhante à calma da tarde que funde as superfícies dos lagos e torna as suas ondas imóveis.

É no silêncio e no recolhimento que os maiores projetos foram concebidos, que os mais belos livros foram escritos.

É no silêncio e no recolhimento que Nosso Senhor prepara a redenção do gênero humano, que os apóstolos preludiam a transformação do mundo pela pregação do Evangelho.

É no silêncio e na solidão que se formaram os santos que mais honraram a Igreja pela ciência e virtudes: os Basílios, os Crisóstomos,

os Gregórios de Nazianzo, São Bento, São Colombano, o grande Gerberto, São Bernardo, Santo Inácio de Loyola e uma multidão de outros.

É no silêncio dos claustros que florescia nos tempos bárbaros o amor do estudo. O *scriptorium* foi o laboratório de onde surdiu a luz que produziu o grande século XIII e preparou a Renascença. Era lá que todos os trabalhadores anônimos, apaixonados por sua tarefa, usufruíam das mais puras delícias. Também quanto dilaceramento quando era preciso dizer adeus à cela tão bem-amada!

É na solidão e no silêncio que Descartes prossegue seus estudos sobre a filosofia e as ciências. Para ficar mais só, foge do tumulto de Paris e retira-se para a Holanda, onde saboreia a felicidade de se entregar sem perturbações ao trabalho do pensamento.

É no silêncio e no recolhimento que Beethoven concebe suas sinfonias imortais. Sua alma ia buscar no céu estes pensamentos tão frescos, tão vaporosos, tão plenos de grandeza e de majestade, estes sonhos misteriosos de uma alma em êxtase. Fugia do mundo agitado que não o compreendia e encerrava-se em si mesmo para conversar com Deus.

É no silêncio e no recolhimento que se prepara o grande escritor Carlyle. Após um período na universidade, trabalha só e aprende quase todas as línguas da Europa e todas as ciências. Sua residência ficava a 15 milhas de Dumfries e nenhum veículo público tinha acesso para lá. Foi aí que Emerson o descobriu em 1883, vivendo entre livros e planejando ir a Londres. Quando lá chegou, seu espírito se formara no silêncio eterno das colinas solitárias da Escócia.

É no silêncio e no recolhimento que Hello medita as páginas profundas de seus livros. No velho solar de Keroman, diante do oceano, barulho nenhum vem distraí-lo; encontra-se inteiramente entregue aos problemas que o preocupam. É não apenas filósofo, mas criador de filosofia, pois sabe extrair das coisas passageiras princípios eternos. Suas derradeiras palavras foram: "Vou ao Princípio". Eis toda a sua filosofia, e eis o ideal que perseguiu em suas meditações.

Faz, portanto, teus estudos sob o olhar de Deus, com o desejo sincero de chegar à verdade. Fecha os ouvidos aos ruídos vãos da terra, preserva tua alma das agitações que a perturbam, e o trabalho se tornará delicioso. Teus livros serão o jardim encantado onde o olhar descobre flores divinas: flores de ouro, flores de prata,

flores de púrpura e de anil. E mais ao longe e mais acima de suas páginas, perceberás o céu semeado de estrelas cujas cintilações aparecer-te-ão como que raios da divindade.

Capítulo VIII

Nunca percas de vista nos teus estudos o desenvolvimento harmonioso de tuas faculdades

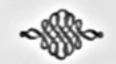
Eis a questão fundamental para a qual chamo especialmente tua atenção. Se tivéssemos apenas uma faculdade, o problema da educação seria rapidamente resolvido: dar a essa faculdade seu desenvolvimento máximo. Mas temos todo um conjunto de faculdades, e o problema torna-se complexo. Seria impossível desenvolvê-las todas proporcionalmente; seria até injusto e despropositado, pois nem todas possuem a mesma importância.

É preciso dar-lhes um desenvolvimento harmonioso. Paul Bourget escrevia um dia: "Há prazer, é certo, em ver uma faculdade crescer em um cérebro até tornar-se desmedida". A isso responde o Pe. Longhaye:

> Teríeis, pois, prazer em ver subitamente a cabeça de um homem se tornar enorme ou um de seus braços se tornar tão comprido e grosso como todo o corpo? Idêntico espetáculo não te causaria senão pavor e repugnância. E por que seria de outro modo com a alma? São os monstros nela menos hediondos?

Este desenvolvimento harmonioso tem uma ordem, pois nossos atos intelectuais, nossas faculdades, se penetram profundamente e dependem umas das outras: a inteligência concebe o fim a atingir; a sensibilidade excita a persegui-lo; a vontade cede ou resiste aos impulsos da sensibilidade. "Retira a inteligência", diz Rabier, "e o homem fica cego; retira a sensibilidade, e ele fica inerte; suprime a vontade, ele fica escravo e impotente".

Faço apelo, então, ao teu bem querer no início desta conversa, pois o assunto vale a pena.



O objeto principal da educação é a disciplina do espírito

Já ouviste falar, sem dúvida, ou não ignoras que a disciplina consiste em dar a cada faculdade a formação que lhe convém em razão de seu valor e importância. A razão é soberana e merece ser tratada como tal. A vontade ocupa uma posição quase tão elevada. A memória, a imaginação, a sensibilidade, ainda que muito preciosas, são consideradas como faculdades secundárias. Não respeitar esta ordem é tomar um falso caminho. Não raro encontramos jovens cuja única preocupação consiste em armazenar febrilmente noções, as mais disparatadas, com o intuito de aparentar erudição. Infelizmente, *o entupimento de conhecimento* ainda é muito honrado em certas casas. Sem dúvida, somos prensados, acossados pelo desejo de obter resultados imediatos, mas não deveríamos sacrificar a verdadeira formação por este verniz superficial. Que restará, com efeito, ao cabo de alguns meses, de todos estes conhecimentos amontoados apressadamente? E a personalidade não corre o risco de desaparecer sob este amontoamento de noções não assimiladas?

Payot disse que os tolos mais completos que encontrou eram dois professores universitários, e um deles tinha duas cátedras. A este respeito faz observar que colecionar fichas e reuni-las como um jogador de dominó que coloca um seis depois de uma sena, um cinco depois de uma quina, é mecanismo elementar, e ele tem razão. À força de desenvolver uma atividade assim, o erudito é incapaz de pensar por si; é um mendigo de idéias que não sabe subtrair nada de seu próprio capital. Será este o resultado a que deva lograr uma educação digna de tal nome?



Todo o estudante sério deve conhecer e respeitar a hierarquia das faculdades

Que hierarquia é esta? Vou expô-la de maneira bem simples e com a maior clareza possível, inspirando-me em alguns momentos

na *Théorie des Belles-Lettes* do Pe. Longhaye, obra magistral que te aconselho a ler.

Duas faculdades pertencem ao espírito puro: a inteligência e a vontade; duas outras participam do corpo e do espírito: a imaginação, que auxilia a inteligência, e a sensibilidade, que socorre à vontade. A memória, faculdade de aquisição e de conservação do conhecimento, é igualmente uma faculdade secundária, embora seu papel seja muito importante no trabalho intelectual.

Para te convenceres de que a imaginação é uma faculdade secundária, compara-a à razão:

> Uma penetra nas coisas, lê no seu âmago; a outra move-se nas superfícies e nunca as adentra. Uma atinge o abstrato, o imaterial; a outra detém-se nas realidades concretas, determinadas, locais. Enfim, o espírito compara, julga, pronuncia o que a imaginação não pode pretender. Conseqüentemente, ela é inferior, é serva, mas de uma servidão necessária para o espírito e gloriosa para ela.

Do mesmo modo, a sensibilidade em relação à vontade.

> Uma é puro espírito, a outra, em grande parte, carne e sangue; uma é livre e a outra fatal. Posso impedir que a impressão prevaleça e dite a minha conduta; mas não posso impedir que nasça e me comova. Eis por que, até à palavra decisiva da vontade, as paixões são e permanecem indiferentes. Eis por que a impassibilidade do estoicismo é uma mentira para com a natureza humana e uma usurpação sacrílega da imutabilidade divina. O homem verdadeiro, o homem padrão, é aquele que disse com uma simplicidade modesta: "Minha alma está triste até a morte", e que, no instante seguinte, caminhava reto em direção aos seus algozes. Tal é a superioridade do querer sobre a sensibilidade. À vista disso, esta existe para aquele, para servi-lo, para preparar o movimento próprio da faculdade soberana, para acrescentar-lhe animação, alegria, entusiasmo.

Eis a ordem essencial. Destrói esta hierarquia. Deixa, por exemplo, que flutuem livremente as rédeas da imaginação. O espírito perde imediatamente sua força; recompensa-se com noções incompletas, adormece embalado pelas imagens, inebriado por um canto de sereia, magnetizado pela música do verso. Embota-se pouco a pouco, falseia-se "pelo hábito de clarões confusos e juízos incompletos". Enfim, torna-se incapaz de exercer o esforço necessário para refletir.

O querer igualmente se enfraquece em razão direta das usurpações da sensibilidade. "O hábito das emoções violentas conduz pela exaltação à atonia, do mesmo modo que se chega à prostração pela febre".

E nesta desordem até as faculdades inferiores se fadigam e se depravam. A imaginação, entregue às suas fantasias, aplica-se ao prazer dos sentidos e os excita. A sensibilidade, cujo papel é comover, enternecer, acalentar suave e fortemente a vontade, reduz-se a abalar os nervos. Estas duas faculdades, assim esgotadas, cansam-se e gastam-se. A imaginação insensibiliza-se, torna-se mais exigente; o excesso de emoções sobrecarrega a sensibilidade, endurece-a ao encontro das impressões verdadeiras e naturais, chega quase a extingui-la, como fazem ao paladar os licores fortes.



A violação desta lei provocou sempre conseqüências funestas, seja na história da educação, seja na história da literatura

Consideremos, por exemplo, o sistema de Rabelais. Reflete o ardor desta época por um saber enciclopédico e a grande censura que se lhe faz é de ocupar-se exclusivamente da memória. A simples exposição do seu programa faria empalidecer hoje o estudante mais intrépido.

> Compreendo e quero, escreve Gargântua a seu filho Pantagruel, que aprendas perfeitamente as línguas: primeiramente a grega; segundo a latina, e depois a hebraica para as sagradas escrituras; e semelhantemente a caldaica e a arábica. Que não haja história que não tenhas na memória presente, para o que te ajudará a cosmografia. Em relação às artes liberais, geometria, aritmética e música, dei-te alguma iniciação quando ainda eras pequeno, com a idade de cinco a seis anos; prossegues com o resto, e quanto à astronomia, conheces-lhe todos os cânones [...]. Do direito civil, quero que saibas de cor os belos textos, mas cotejas com aqueles da filosofia.
>
> E quanto ao conhecimento dos fatos da natureza, quero que te entregues a eles curiosamente, que não haja mar, riacho nem fonte de que não conheças todos os peixes: todos os pássaros do ar, todas as árvores, arbustos e frutíferas das florestas, todas as ervas da terra, todos os metais escondidos no ventre dos abismos, as pedrarias de todo o Oriente e meio-dia, nada te seja desconhecido.

> Em seguida, examina cuidadosamente os livros de médicos gregos, árabes e latinos, sem desprezar os talmudistas e cabalistas, e por meio de anatomias freqüentes, adquire perfeito conhecimento do outro mundo que é o homem. E por algumas horas do dia, começa a visitar as escrituras sagradas; primeiramente em grego, o Novo Testamento e as Epístolas dos apóstolos; depois em hebraico, o Velho Testamento. Em suma, eu contemplo um abismo de ciência.

Não nos espantemos, portanto, se Montaigne reagiu com todas as forças contra o porta-voz dos eruditos da Renascença e insiste sobre a necessidade de formar sobretudo o entendimento.

> Não cessam de berrar aos nossos ouvidos, diz ele, como quem vertesse num funil, e nosso encargo está apenas em repetir o que nos disseram [...]. Não é nenhuma maravilha se num povo de crianças, apenas duas ou três produzem algum fruto justo dos seus estudos.
>
> Aquilo que a criança aprendeu, seja-lhe colocado em face de cem outros aspectos e acomodado em torno de outros tantos assuntos para ver se de fato o aprendeu bem e o assimilou [...]. Que tudo passe pela peneira do juízo crítico e nada seja alojado na cabeça por mera autoridade ou a crédito.

No capítulo sobre o *Pedantismo*, protesta ele ainda contra o abuso da memória na educação:

> Trabalhamos apenas para abarrotar a memória e deixamos o entendimento vazio [...]. Nossos pedantes estacam a ciência nos livros e alojam-na nos lábios somente para vomitá-la e deitá-la ao vento [...]. Sabemos dizer: Cícero disse assim, eis a opinião de Platão, estas são as palavras de Aristóteles; mas nós, que opiniões temos? Que julgamos? Outro tanto fazia bem um papagaio.

Se considerarmos uma época literária, o romantismo por exemplo, constatamos que não deu o que parecia prometer porque quis franquear-se da grande lei da hierarquia das faculdades, dando uma liberdade desmesurada à imaginação e à sensibilidade. Pierre Lasserre resumiu tais excessos nesta frase lapidar: "O romantismo é a decomposição da arte, porque é a decomposição do homem". E se em nossos dias alguns críticos o julgaram severamente, é porque ele foi "uma deformação da alma francesa nos seus modos de pensar,

de sentir, de compreender a vida e vivê-la". Com efeito, na ordem divina, ele substituiu o verdadeiro cristianismo pelo deísmo, as crenças precisas por uma religiosidade vaga. Na ordem social, experimentou reabilitar os malandros, os criminosos, os anarquistas, os fautores da revolução. Na ordem literária, emancipou o "eu" e colocou na moda o uso de ostentar insolentemente os vícios das consciências mais depravadas. Goethe o julgara bem quando dizia: "Chamo o gênero clássico de gênero são, e o gênero romântico de gênero doente".

O século XVII, ao contrário, respeitou a ordem estabelecida por Deus. Eis por que os grandes escritores desta época permanecerão sempre os modelos do bom-senso e do bom-gosto.



O desenvolvimento harmonioso das faculdades é facilitado por certas disposições e hábitos

A educação do espírito não se deve, pois, realizar de uma maneira qualquer; apóia-se sobre certos princípios dados pela psicologia. Exige, além disso, certas disposições e hábitos do espírito que se reduzem a dois: eqüidade da alma e assimilação dos conhecimentos.

A *eqüidade da alma* é uma disposição pela qual se procura a verdade "frontalmente, sem debate, numa assentada, num salto, de repente e sem esforço". Aquele que é dela dotado ascende as idéias até a sua fonte, sonda-lhes as profundezas e só desejaria abandoná-las depois de as ter esgotado. Tal eqüidade orienta o espírito através de pesquisas originais, fixa profundamente as verdades e imobiliza com precisão as formas fugitivas.

A *assimilação* consiste em tornar nosso o que aprendemos, em trocá-lo em nossa própria substância, em "fraturar o osso e sugar a medula substancial". Ela se cumprirá na tua inteligência se porventura te esforçares por compreender bem o que aprendes, se atares mais ao espírito do que à letra, se dares bases sólidas a teus conhecimentos, recordando sempre os pontos essenciais que formam como que a sua armadura. E para te facilitar o trabalho de assimilação, vou dar-te dois conselhos práticos:

Fixa no teu espírito apenas noções perfeitamente claras. Não te deixes deslumbrar pelas lantejoulas das frases belas. Sê inimigo do psitacismo:

não deixes passar nenhuma expressão sem tentar compreendê-la. Não te acostumes a viver à vontade no nevoeiro ou até mesmo na bruma. Tenta reduzir as leituras que fazes, os discursos que ouves, num silogismo rigoroso, e desconfia dos raciocínios sofísticos. Vê, antes de tudo, as divisões de tua lição e aprende-as sucessivamente até que os dados estejam bem claros no teu espírito. Retorna muitas vezes aos princípios; à luz deles, estarás mais seguro de não te extraviar.

Procura em todos os teus estudos a solidez, a certeza. Guarda-te de um certo espírito leviano e superficial que roça as questões e não penetra nenhuma. Desconfia da mentalidade que julga a verdade de modo diletante, como que por uma espécie de intuição e de instinto. Enfim, não adotes um respeito excessivo pelas opiniões e afirmações dos outros. Sem dúvida, não deves rejeitar por opinião preconcebida as verdades geralmente admitidas, mas não te é vedado verificar os motivos que podem levar-te a aceitá-las.



Cultiva com cuidado a memória, pois que ela é o grande meio de aquisição e conservação dos conhecimentos

E antes de mais nada não te envergonhes de ter uma memória felizarda. Ouve-se dizer às vezes que ela está na razão inversa do juízo e cita-se o famoso epitáfio de Pe. Hardouin: "Homem de feliz memória esperando o dia do juízo". Mas a história prova que uma inteligência superior e uma grande memória andam muitas vezes juntas. "A memória", diz Mons. Crosnier, "cura muito pouco a estupidez original, não enriquece a pobreza do juízo, mas sequer aumenta a estupidez nem perturba o juízo bem feito". "Prefiro", dizia Montaigne, "uma cabeça bem-feita a uma cabeça bem cheia". Mas uma cabeça vazia pode ser bem-feita?

É preciso convir que se abusou singularmente da memória; mas não é motivo para condená-la. É por meio dela que o espírito aumenta constantemente seus conhecimentos. E os esforços que farás para aumentar todos os dias teu saber não serão sem proveito para a imaginação e a sensibilidade; terão até um valor moral fortificando a tua vontade, consolidando o teu caráter.

Não passes um dia sem exercitar vigorosamente a tua memória. Impõe-te tarefas; confia-lhe, o mais que puderes, regras, textos, exemplos. Será um tesouro incomparável que ninguém poderá arrebatar-te.

Mas *não aprendas nada sem compreendê-lo*. Sob a casca das palavras, procura a substância das coisas. Dirige sobre o texto um olhar escrutador. Alumia com teus conhecimentos antigos o que é novo. Toda conquista acrescerá teu vigor de espírito e facilitar-te-á novas vitórias.

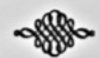
Alguns psicólogos, entre eles William James, sustentam a tese de que a memória não se melhora. A experiência prova o contrário. Toda memória que não trabalha se enfraquece; míngua na inação e cresce na ação. Seu poder é constituído sobretudo da riqueza das sensações. Torna estas sensações mais vivas e a memória ganhará em fidelidade e tenacidade.

Existe uma lei psicológica que não deves ignorar: *a duração da lembrança é de ordinário proporcional ao trabalho de aquisição*. Grava no espírito os conhecimentos pela atenção enérgica e contínua. Classifica e ordena tuas idéias; as idéias que possuem uma seqüência natural arranjam-se bem na memória e despertam-se facilmente umas às outras.

A *associação* facilita a fixação das lembranças: as idéias que foram uma vez relacionadas tornam-se, por assim dizer, inseparáveis e não mais aparecem uma sem a outra.

Podes igualmente empregar *meios mnemotécnicos* baseados sobre relações reais ou sobre o método e a ordem seguida no ensino: a localização das lembranças, rima ou assonância, aproximações, classificações, ordem, comparações, quadros sinópticos etc.

Finalmente, a memória sendo "uma faculdade que esquece", habitua-te a tomar notas. Amontoarás assim, pouco a pouco, tesouros de que te fiarás e que utilizarás de tempos em tempos.



Cultiva com cuidado a imaginação, pois seu concurso é indispensável no trabalho intelectual

Malenbranche, é verdade, atribui a esta toda a sorte de danos; mas não se deve levar a sério tudo o que ele diz a respeito, dado que

"empregou muita imaginação para falar mal da imaginação". Bossuet falou dela com mais justiça:

> A imaginação e a inteligência, diz ele, unem-se e ajudam-se ou embaraçam-se mutuamente. Segundo o modo de uso, a imaginação pode enormemente prejudicar ou servir. A experiência faz ver que uma imaginação em demasia viva sufoca o raciocínio e o juízo. O bom uso da imaginação torna o espírito atento, sustenta e fixa o pensamento. O mau uso está em deixá-la decidir.

Eis o seu papel bem determinado: ela é excelente em si e só se torna perigosa quando usurpa o lugar da razão e, de simples serva, procura virar a dona da casa.

Tratarei rapidamente sobre seus benefícios gerais. Ela é a faculdade do ideal; eleva-nos acima da vida real e abre ao espírito espaços infinitos. É fonte de poesia. É a faculdade que deixa cair sobre a nossa alma os raios mais suaves de luz e esperança.

É ainda um princípio de inovação e de progresso e, conseqüentemente, um feliz contrapeso para a rotina. Muito mais, ela pode dar à alma um ímpeto genial e tornar-se a mágica que desvenda as coisas ocultas e arquiteta projetos que mudam a face do mundo e a condição da humanidade.

Com respeito ao trabalho intelectual, seus benefícios são inumeráveis. É a faculdade artística e poética por excelência. A arte, sem imaginação, não passa de fotografia da realidade. Faz amar as belas obras literárias. Transforma os materiais e cria situações, meios, personagens.

Nas ciências, é fonte de hipóteses e descobre relações imprevistas. É ela que sugeriu uma relação entre as veias e artérias do organismo, bem como um corpo de bomba munido de válvulas, colocando Harvey no caminho de sua grande descoberta da circulação. Foi graças à sua intervenção que Lavoisier assimilou a respiração à combustão, que Newton se elevou de um fenômeno vulgar à lei da gravitação, que Papin compreendeu a importância do vapor.

No estudo, o seu papel é constante: o que entra no espírito passa pelos sentidos e por ela; é, portanto, a grande provedora da inteligência e da memória. Escutemos ainda o Pe. Longhaye:

Colocada a meio caminho entre o espírito e os sentidos, a imaginação é como que a mensageira de um para os outros. Ao espírito ela oferece a imagem sensível, o elemento primeiro do labor intelectual; por outro lado, dá às abstrações do espírito um corpo ágil que as torna quase visíveis aos sentidos. E a colaboração é constante. Nem os sentidos percebem, nem o espírito concebe sem que ponha em movimento sua ação intermediária. A razão procede por aproximações contínuas; mas o que ela harmoniza, na maioria das vezes, é o sensível e o inteligível puro. Ajudada pela imaginação, confronta sem descanso as duas ordens, iluminando uma pela outra.

Delille compreendera com perfeição estas relações entre a imaginação e espírito:

> Em mundos diversos incessantemente errante,
> Entre o bruto e o homem, entre o homem e a planta,
> E a terra e o céu, e o espírito e o corpo,
> Ela procura e apodera-se de harmoniosos acordes.

Que meios vais apanhar para cultivá-la? Afirmemos em primeira linha que *a imaginação é aquela de nossas faculdades que menos se presta para uma formação direta;* e isto por várias razões.

Ela é livre e espontânea; nada de exterior conseguiria constrangê-la. Não podemos forçar ninguém a imaginar e exigir em uma hora fixa o resultado de suas imaginações. Bain observa que o desenvolvimento desta faculdade não entra em nenhum plano de educação porque é um trabalho além da escola, "muito embora todas as maneiras de enriquecer a inteligência possam contribuir para isso".

Ela é pessoal, individual e provém do sentimento e desejo mais que dos conhecimentos e dos processos lógicos. Não se pode forçá-la em demasia: é até mesmo preciso, às vezes, deixar-lhe a faculdade de escolher os exercícios que lhe convêm.

Ela se forma, em parte, inconscientemente e evade-se dos métodos rigorosos. Desenvolve-se sobretudo com o que se nutre; imagens, poemas, observações sobre a natureza, viagens, leituras, reflexões, audição de obras musicais etc.

De onde resulta que ela se desenvolve sobretudo indiretamente:

Pela cultura de seus modos de expressão: trabalho literário, desenho, leituras etc. Estes trabalhos permitem à imaginação exprimir suas imagens e dar-lhes consistência.

Pela cultura dos sentimentos que têm a origem na imaginação. Cede o lugar para as emoções puras e simples que provêm da religião. Aprecia o belo e o bom, e isto até a admiração, até o entusiasmo. Aprecia os grandes espetáculos da natureza, os passeios, as palestras instrutivas, as leituras de belas biografias, os relatos de viagem, a poesia descritiva e moral. Não dês aval às teorias enfadonhas dos positivistas que pretendem suprimir todo livro de ficção.

Pelos temas de estudo. Um bom número de teus estudos pode contribuir para a formação da imaginação; as ciências físicas e naturais, baseadas na observação, far-te-ão admirar as maravilhas que Deus espalhou por toda a parte do globo; a história apresentar-te-á personagens, épocas, cenas; a geografia fará conhecer as criações admiráveis do gênio e da ciência; o desenho e os exercícios literários oferecer-te-ão a ocasião de dar expressão a tuas concepções; o estudo dos autores revelará o belo literário sob todas as formas; a música e o canto proporcionar-te-ão emoções deliciosas e desenvolverão em tua alma a idéia do infinito.



Não desprezes a educação da sensibilidade, pois esta faculdade tem uma influência considerável sobre o trabalho intelectual

Já vimos que a sensibilidade é o auxiliador da vontade. Quanto mais forte for, mais seu papel será considerável. Assim, se quiseres manter o ardor no trabalho, aviva sem cessar os sentimentos que a isso te levam. Mantém a alma aberta a todas as impressões que possam enobrecê-la.

Os positivistas alegaram que o cérebro basta para o trabalho intelectual. Que aberração! Mas o coração é uma peça-mestre, é força, é vida! Evidentemente, Musset tinha razão quando escreveu:

> Sabei, é o coração que fala e que suspira,
> Quando a mão escreve, é o coração que se derrete;
> É o coração que se expande, se descobre e respira
> Como um alegre peregrino sobre o cume de um monte.

Nesta educação da sensibilidade, a luta é necessária contra o egoísmo e as inclinações de tua natureza decaída. Nutre o teu coração com afetos nobres, prazeres delicados; venera o trabalho intelectual, as leituras, o jogo e até o esporte, contanto que seja uma disciplina ao mesmo tempo que um descanso; sê um membro ativo de círculos de estudos, e presta generosamente teu concurso às obras paroquiais.

Mas pondera que antes de tudo deves cumprir o teu dever de estudante. Nada te será tão salutar como a prática rigorosa deste dever, a pontualidade em fazer cada exercício no tempo marcado — com toda a boa vontade. O coração acostumado a estes pequenos sacrifícios contínuos torna-se mais e mais livre; adeja alegremente acima das solicitações grosseiras dos sentidos; está disposto a suportar todos os impulsos que o levam em direção a uma perfeição maior.

O egoísmo. Eis, pois, o inimigo que te espreita.

> Aquilo que paralisa a ação do espírito, escrevia o Pe. Didon, aquilo que te torna incapaz dos sacrifícios supremos é a preocupação satânica de teu "eu". Calca-a aos pés, dilata teu coração; não recues nunca perante uma ocasião de luta, de abnegação, de sacrifício. Não digas jamais: não posso. O espírito de Deus pode tudo, e trair sua eficácia soberana é traí-Lo.

Dá ao teu coração como derivativos objetos que o enlevem e enobreçam. As ciências que estudas são muito próprias para atingir este fim. Quando a alma está dominada por uma grande idéia, facilmente o coração a acompanha e apaixona-se para realizá-la. O estudo proporciona o apaziguamento dos sentidos; faz esquecer as agitações exteriores; proporciona ao espírito uma paz doce; é um oásis refrescante, soberanamente agradável e pleno de encantos para o coração.

No estudo, o espírito acha sua liberdade verdadeira, e as faculdades, sua satisfação plena. A memória procura e descobre pérolas para recolher; a imaginação demanda um ideal que a arrebata; a razão combina, esclarece, ordena, demonstra e dá-se a si mesma o testemunho de que o que fez está bem. Quanto à vontade, ata-se ao útil e ao necessário, dos quais faz suas delícias.

Não falarei da vontade; já te fiz conhecer sua importância e papel no trabalho intelectual.



Presta atenção sobretudo à formação da razão que é a faculdade por excelência

"O bom-senso", diz Bossuet, "é o mestre da vida humana". É preciso preferi-lo ao espírito que se torna, muitas vezes, perigoso e se transvia; os ditos, até os mais engraçados, podem provir de um juízo falso. Formar a razão é dar-lhe, pelo estudo e reflexão, o gosto e o discernimento do verdadeiro, o faro e a delicadeza para reconhecer os raciocínios falsos; é inspirar uma aversão irredutível pelas palavras vazias de sentido, pelas fórmulas nebulosas, é ensinar-lhe a conter-se ao ponto de uma discussão, a reconhecer quando se afasta deste, a procurar o verdadeiro em tudo e sobretudo as sendas que levam à sua descoberta.

Esta formação reduz-se a duas coisas: guarida contra o erro, desenvolvimento da eqüidade natural que Deus confiou a ti.

Procedendo assim, corrigirás alguns defeitos mais ou menos graves provenientes da juventude. Reage vigorosamente contra duas tendências que te poderiam expor a apreciações defeituosas:

Julgar à pressa e sem reflexão;
Julgar sem ter os fundamentos suficientes.

Mas isto não é o bastante. Vai à raiz do mal e procura as causas principais do erro, a fim de te precaveres contra seus danos. Podemos reduzir estas causas a quatro:

Os *preconceitos*, opiniões que adotamos sem exame e sem controle. Tal maneira de proceder pode vir da família, do meio, da educação, da têmpera de espírito particular do indivíduo. Um jovem se desembaraça de um grande número de preconceitos pelo feito de sua educação cristã.

A *precipitação* que leva a julgar *a priori*, antes de qualquer exame, a liquidar com ares de doutor as questões mais complexas e delicadas, a concluir atrevidamente e sem apelo consoante dados incompletos, a tirar conseqüências gerais de uma verdade particular ou conseqüências ilógicas de uma verdade geral.

A *preguiça de espírito*. Não se tem o trabalho de examinar por si mesmo; aceitam-se as opiniões tais quais se dão dos que amamos, dos que nos agradam. Ou bem se julga tudo à luz de certos princípios que se aplicam à sorte. Às vezes rebelamo-nos contra uma

idéia porque nos vem de pessoas que não nos agradam: é marca certa de *estreiteza de espírito.* Os raciocinadores pretensiosos, os rotineiros que nada querem mudar na sua maneira de fazer e de julgar podem ser ordenados na categoria dos espíritos estreitos.

Certas causas morais. O *amor-próprio* que, antes de tudo, nos instiga a não admitir nossos erros. Mantemos, apesar da evidência, uma opinião errônea: deve ser verdadeira porque a emitimos. Mas há outras causas: a *ignorância* que se pronuncia sem ter os elementos necessários; o *interesse*, "instrumento maravilhoso para furar-nos os olhos agradavelmente", dizia Pascal; a *paixão* que nos faz encarar as pessoas e as coisas sob um ponto de vista exclusivo e falso: "o coração narra fábulas ao espírito que nelas crê"; o *meio*, o *costume*, o *chauvinismo*, o *espírito de súcia* etc., podem igualmente tornar-se causas de erro.

Em última instância, é à inteligência e à vontade que se deve atribuir nossa deplorável capacidade de errar: ambas se deixam enganar — quando não estamos atentos — pelos sentidos, imaginação, sentimento.

Vela, portanto, sobre ti mesmo; mantém a guarda contra as sugestões dos sentidos, da imaginação, da associação de idéias; desconfia de tua própria sabedoria; não te apresses para exprimir teus juízos; cultiva a paixão pela verdade, e aceita-a venha donde vier.

A maior parte de teus estudos contribuirá para dar-te a retidão do juízo. A *matemática* é um curso prático de lógica: resolver um problema é achar uma relação, é assentar um juízo. Proporciona retidão ao espírito, visto que exige uma grande propriedade de expressão, precisão, concisão, medida.

A *história* também é excelente. De seu ensino, segundo Montaigne, se extrai uma claridade maravilhosa para o juízo. Expõe as causas, as conseqüências dos fatos e seu encadeamento lógico; faz juízos sobre os homens e acontecimentos; mancha o vício, as baixezas, as crueldades, as injustiças; exalta as ações nobres e subtrai regras e máximas para a conduta da vida.

O estudo das *línguas* contribui igualmente para a disciplina do espírito. A tradução, sob suas duas formas: tema ou versão, exige uma atenção sustida para exprimir até aos mais delicados matizes do pensamento. "Traduzir", diz de Bonald, "é comparar, é refletir, é pensar".

As *ciências físicas e naturais* dão o hábito da observação e da reflexão; ademais, tendem a formar o espírito científico, disposição permanente para ascender do fato à causa, da experiência ao princípio e à lei.

A *filosofia* é de proveito extremo para desenvolver a retidão do juízo. As regras da lógica ensinam ao espírito a guiar-se com segurança na pesquisa da verdade; dão-lhe os meios para descobrir os sofismas e refutá-los. O silogismo é um instrumento magnifico de demonstração e de crítica, uma ginástica excelente do espírito, e, portanto, um instrumento maravilhoso para a cultura da razão. Vai ao cerne das coisas e mostra a inanidade das imaginações e dos sonhos. "É uma esgrima poderosa que dá o hábito da precisão e do rigor", dizia Cousin, e todo o raciocínio que não pode ser colocado sob esta forma é um raciocínio do qual é preciso desconfiar. Joseph de Maistre exprimiu o valor do silogismo nesta fórmula lapidar: "O silogismo é o homem".

Mas a filosofia revela ainda uma parte mais nobre à razão quando aborda os problemas metafísicos. Faz desta faculdade a auxiliar da fé. Eleva-a até a descoberta de verdades sobrenaturais. Convencer a razão é o melhor meio de lançar fundamentos sólidos à crença. Bossuet bem o havia compreendido na educação do Delfim:

> Após ter considerado, diz ele, que a filosofia consiste principalmente em chamar o espírito a si mesmo, para se elevar em seguida por um degrau mais seguro até Deus, começamos por ela como pela pesquisa mais fácil como também mais sólida e mais útil que possamos propor.

Fénelon dirige-se exclusivamente à razão no seu admirável *Traité de l'existence de Dieu*, e assim demonstra com eloqüência a autoridade da razão como primeira revelação iluminando o homem acerca das verdades mais elevadas.

Capítulo IX

Entrega-te de preferência aos estudos que dão ao espírito uma cultura mais geral

Eis igualmente uma questão muito importante. É raro que os jovens façam uma idéia justa do valor educativo das disciplinas que estudam. As pessoas mais velhas, às vezes os próprios educadores, não o sabem quase nada, pois tal problema, todavia capital e que toca a fundo a educação, deixou-os permanentemente indiferentes. O mais freqüente, resolvem-no ao modo dos professores de Jourdain; mas eles tinham ao menos a desculpa de procurar o próprio interesse, considerando, cada um, o seu ensino como indispensável à boa marcha do Estado. As *pessoas práticas* esclarecem-no de uma maneira peremptória, acreditando-se superiores aos *espíritos poéticos*, porque se acham mais perto da realidade: também quantas frioleiras não lhes escapam! Já os ouviste. Eis mais ou menos o que dizem: "Por que estudar as línguas antigas? Para que serve a história? A geografia? A literatura? A filosofia? O que nos falta... é o estudo prático! Cifras! Números!". E como Benoiton e seu amigo Formichel pavoneiam-se, contentes de si mesmos.

O prático! Aquilo com que se ganha dinheiro. Um jovem apresentou-se a Prou, diretor da École des Chartes. No decorrer da conversa, o postulante indaga: "Mas, Sr. Diretor, quanto se ganha depois de ter o diploma concluído?".

Furioso, ergueu-se Prou: "Sai! Sai! Se queres ganhar dinheiro, não é aqui que deves vir. Vai vender macarrão. Aqui é uma casa de trabalho, de pesquisas". E bateu a porta no nariz do visitante.

Pobres sujeitos práticos! O poeta canadense Crémazie chamava-os de *merceeiros*.

Eu chamo de *merceeiros*, dizia ele, todo homem que não tem outro saber senão o que lhe é necessário. O advogado que só estuda as pandectas e os estatutos revisados a fim de se colocar numa situação de ganhar uma causa ruim e perder uma boa; o médico que só procura nos tratados de anatomia e de terapêutica o meio de viver fazendo morrer seus pacientes; o notário que não tem outro conhecimento salvo o que buscou em Ferrière e em Massé, as duas fontes donde vertem tão abundantemente as obras poéticas denominadas protestos e contratos de venda; todas estas pessoas não passam de merceeiros. Como vendedor de melaço ou de canela, só querem saber do que lhes pode tornar lucrativo o ofício. Com tais homens, farás bons pais de família com posse de todas virtudes de um epitáfio; terás almotacés, fabriqueiros, membros do parlamento, e até mesmo ministros, mas nunca chegarás a uma sociedade literária, artística, e direi mesmo, patriótica, na bela e enorme acepção do termo.

Dickens, no seu romance *Tempos difíceis*, empreende uma dura crítica ao ensino utilitário. Imagina um pedagogo aturdido, Gradgrind, que se irrita diante dos alunos de uma pequena classe:

Ensinai fatos a estes moços e moças, nada mais do que fatos. Não planteis outra coisa e desenraizai todo o resto. É só por meio de fatos que se forma o espírito de um animal que raciocina. É em conformidade com este princípio que educo minhas crianças.

Em seguida se apresenta:

Thomas Gradgrind, senhor. O homem das realidades; o homem dos fatos e dos cálculos. Thomas Gradgrind, com uma régua, balanças e uma tabuada de multiplicação no bolso, senhor, sempre pronto a medir ou a pesar o primeiro pacote humano que chega, dando-vos exatamente a medida.

No andamento de sua interrogação, dirige-se à jovem Sissy Jupe:

"Menina número vinte, dá-me tua definição de cavalo". (Grande terror experimentado por Sissy Jupe diante da pergunta). "Menina número vinte, incapaz de definir um cavalo!", gritou Grandgrind. "Bitzer, tua definição de cavalo?". "Quadrúpede, herbívoro; quarenta dentes, dos quais vinte e quatro molares, quatro caninos, doze incisivos. Muda de pelagem durante a primavera nas terras pantanosas, também muda de cascos. Idade reconhecível por diversas marcas na boca". "Muito bem", diz uma terceira personagem, "eis o cavalo".

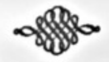
Thomas Gradgrind conclui:

"É preciso banir a todo custo a palavra imaginação. Não tendes o que fazer com ela [...]. Não andais sobre as flores: portanto, não vos podemos permitir de as pisar em cima de um tapete. Não vedes que as borboletas e os pássaros de regiões longínquas não vêm empoleirar-se nos vossos pratos; não podemos, portanto, permitir que pinteis borboletas e pássaros estranhos sobre vossas faianças. Nunca encontrareis um quadrupede passeando de cima para baixo num muro; portanto, não deveis representar quadrúpedes nos vossos muros. Deveis então aplicar para estes fins combinações de todas as formas geométricas. Eis em que consiste o fato; eis em que consiste o gosto".

Acrescentamos que o positivismo e o cientificismo exerceram uma influência considerável nos programas, retirando ou restringindo excessivamente velhas disciplinas clássicas, dando aos jovens a idéia de estudar apenas as ciências ditas práticas. Um eminente mestre da Sorbonne, Picard, deplorava recentemente esta tendência:

A humanidade, que deseja fruir, tem a necessidade de realizações imediatas, e aqueles que se entregam à literatura, à arte, à ciência pura, correm o risco de ser considerados sonhadores. As causas são numerosas, mas é preciso confessar que o desenvolvimento inaudito das aplicações da ciência há um século aumentou singularmente os desejos de prazer, relegando para o segundo plano as preocupações nobres que em outros tempos fizeram o encanto da vida.

Para bem tratar desta questão é importante elevar-se acima de qualquer opinião preconcebida, de qualquer preferência pessoal, e considerar as matérias de estudo em si mesmas à luz dos princípios que decorrem da natureza de cada ciência e do método que lhe é próprio.



A matemática em si mesma é uma excelente disciplina do espírito; mas cultivada de maneira exclusiva pode oferecer certos perigos

Em si mesma, a matemática é uma ciência admirável. Traz a noção de verdades logicamente deduzidas e encadeadas. É inimiga do mais

ou menos e dá, em todos seus graus, uma impressão de certeza, um sentimento de força intelectual que não encontramos em nenhum outro gênero de conhecimentos.

Demanda uma atenção contínua e obriga o espírito ao esforço de síntese "que funde os atos parciais da atenção em um ato coerente e simultâneo".

Dá o hábito da demonstração rigorosa pelo raciocínio dedutivo. Cada problema compreende três coisas: os dados, a resposta encontrada, a relação entre os dados e a resposta. Resolver um problema é, conseqüentemente, procurar uma relação, é render um juízo e um juízo definitivo que é fixado por uma série de juízos parciais.

Consagra, portanto, a esta ciência todo o tempo que reclamam os programas e de que necessita o ideal que desejas realizar. Mas não sejas daqueles que lhe atribuem a parte principal na formação do espírito.

Existe hoje uma tendência positivista a reportar tudo à matemática. Tem-se razão quando se pretende reportar-lhe as ciências que se exprimem quantitativamente, mas há aquelas que lhe escapam completamente: as ciências da vida, a moral, a metafísica. Jamais se provará por x e por y que é preciso honrar a Deus, amar o próximo, respeitar os pais.

Pestalozzi fazia da matemática a base da educação. O Pe. Girard não aprovava esta idéia. Disse-lhe um dia: "Se eu fosse pai de família, não confiaria a vós a educação de meus filhos, pois seríeis incapaz de lhes demonstra que devam amar e respeitar os pais".

Acrescentemos que os cálculos comportam muito mecanismo e o estudo por bastante exclusivo da matemática habitua a tudo ver sob uma forma abstrata. Um matemático é inclinado a aplicar às coisas todas seu espírito geométrico e a tratar as questões mais diversas como equações.

Descartes dizia que o estudo da matemática torna o homem impróprio para a filosofia. Pascal escarnecia dos geômetras que não são mais do que geômetras, achando-os ridículos, falsos, insuportáveis. Cauchy não permitiu que o filho estudasse matemática antes dos dezesseis anos. Biot escrevia a um jovem: "Aplica-te primeiro em abrandar o espírito pelo estudo das letras. Não escutes os que as desdenham; nunca se chegou a perceber que fossem mais sábios por serem menos letrados".

Enfim, o horizonte da matemática é limitado. Não trata das grandes questões que interessam o destino humano. Pode, às vezes, ajudar, mas sem ser indispensável, na demonstração de certas verdades morais. A maioria de suas aplicações relacionam-se somente ao progresso material e podem servir para estabelecer o reino da força.

Em nossos dias os melhores espíritos deploram que a matemática seja o meio preferido para a admissão ao ensino superior e admitem, de bom grado, que ela ocupa no ensino um lugar que não granjeia o seu valor educativo.

Infelizmente as escolas primárias, superiores e secundaristas sofrem sob exigências de escolas técnicas superiores. O engenheiro Fayol disse:

> O dia em que as escolas pedirem a seus candidatos menos matemática, maior clareza na expressão do pensamento e um pouco de administração, os liceus colocarão o ensino em harmonia com o programa de admissão. Desejo que este dia não esteja muito distante.

As ciências físicas e naturais contribuem também com sua parte para a formação do espírito

Na escola primária, elas se manifestam sob a forma de lições de coisas. Não há, talvez, uma única função da inteligência que elas não exercitem e aperfeiçoem. Acordam sucessivamente e aguçam cada um dos sentidos, dando às idéias mais clareza e precisão; desenvolvem igualmente o poder da atenção.

Algumas destas ciências, como a botânica, empregando a analogia ensinam a observar, comparar, discernir, classificar. Outras, remontando dos efeitos às causas, ensinam ainda a fazer experiências delicadas que exigem paciência e reflexão. Esse estudo, em uma palavra, forma pouco a pouco o *espírito científico*, disposição permanente de vir do fato à causa, da experiência à lei, das conseqüências ao princípio.

> Para o espírito assim formado, diz o Abade Hogan, o círculo da ciência se vai alargando por si mesmo: toda colina e todo vale, todo penedo e todo cume, toda folha e toda flor aplicam seu ensino. Até as pedras do caminho e a erva dos campos encerram preciosas indicações e promovem problemas interessantes.

As ciências naturais elevam a alma para Deus, revelando a riqueza e a beleza das obras de suas mãos; manifestam seu poder, sua bondade, sua sabedoria que tudo fez com número, peso e medida. Contribuem então para a formação do sentimento moral.

Mas estas ciências não podem ser suficientes para a educação do espírito. Não atraem nossa atenção senão para os objetos materiais. O interesse arrisca-se de concentrar-se somente sobre tais objetos e desenvolver excessivamente o *espírito positivista*, por natureza incompleto e limitado, que não é sem perigo tanto para a vida privada quanto para a vida social.

> À força de estudar apenas os fatos, diz o Pastor Wagner, os espíritos estreitos acabam por acreditar que os fatos são tudo. O grande esforço intelectual de nosso século é dirigido sobre a vida exterior, e a vida interior foi mais ou menos negligenciada.

Os sábios de primeira grandeza: Dumas, Pasteur, Berthelot, fazem notar que o estudo demasiado exclusivo destas ciências propicia um estreitamento do espírito. Mas o maior perigo desses estudos é o cientificismo, idolatria da ciência, que leva a crer que a ciência é tudo, que ela explica tudo, que ela a tudo substitui. Esta pretensão, felizmente, não se realizou. O "novo ídolo" foi desencavilhado do pedestal onde alguns exaltados o tinham içado. A ciência sozinha pode conduzir à barbárie. Blondel tinha razão de dizer há alguns anos:

> Não somente as ciências isoladamente não educam o homem, mas ele tem necessidade de ser educado contra elas. A fim de libertar-se do jugo dos conhecimentos positivistas, a fim de não se dispersar e perder no objeto sempre particular de seu estudo, ele precisa de um acréscimo de energia intelectual; para dominar todos os progressos da civilização material, ele precisa de um acréscimo de consciência moral: este acréscimo, onde poderá encontrá-lo a educação dita ou acreditada *realista* e *positiva*?

Paul Bourget, recepcionando Maurice Donnay na Academia, dizia-lhe:

> Observaste, senhor, que quase nenhuma de nossas recepções acontece sem uma alusão ao ano doloroso. É que realmente este ano inaugurou uma crise de inteligência para toda a geração de que os Taine, os Renan, os Flaubert, foram os grandes anciões, e os Sully-Prudhomme,

os Gaston Paris, os Emile Boutmy, os Albert Sorel, os grandes cadetes. Todos seguiam em grau supremo a religião da ciência. Todos acreditavam nela misticamente, por uma contradição que prova o ardor do seu entusiasmo. Esperavam dela o que não podia dar: uma renovação total da vida humana. Bruscamente a dureza dos matemáticos, que comandavam a invasão alemã e a ferocidade dos químicos da Comuna, despertaram-nos desse otimismo. Pode haver uma barbárie científica.



A história contém os elementos essenciais para uma boa formação do espírito

Pondera bem se os programas deram à história a importância que ela deve ter. "Da história", disse Montaigne, "tira-se uma clareza maravilhosa para o entendimento. Estamos todos constrangidos e amontoados em nosso interior e temos a vista encurtada ao comprimento do nariz". Ela alarga nosso horizonte, ilumina o porvir pelo passado, ajuda-nos a compreender, através de suas lições, o presente. Por meio dela, acompanhamos a formação, o desenvolvimento, a queda dos impérios, a luta das raças e a preponderância sucessiva das mais enérgicas e fortes.

Esse estudo arrebata em interesse os da natureza. Não são somente as maravilhas da criação que contemplamos, mas o homem, ser moral e rei da criação. Estudamos os atos humanos, suas causas, seu alcance, suas conseqüências econômicas, sociais, políticas, religiosas, literárias, científicas. Apreciamos as personagens à luz de seu verdadeiro valor e suas ações à luz dos grandes princípios. Ensina-nos a detestar a felonia, a baixeza, a deslealdade, os atentados contra a justiça.

Seu valor educativo é, portanto, imenso. O Pe. Longhaye a conceitua

> como uma introdução natural à maturidade do espírito, como uma espécie de meio termo entre as sutilezas da filosofia pura e os sonhos belos da pura literatura. Não é uma abstração, pois nela vemos mover-se e viver homens, almas. Não é ideal ou quimera, pois é realidade fecunda em lições práticas.

Suas lições, de fato, são numerosas. Revela-nos a Providência, diretriz soberana dos acontecimentos, abençoado os povos virtuosos, entregando os outros à decadência e à escravidão; deita uma luz viva sobre a importância da educação primeira, sobre a necessidade da religião e do respeito à autoridade. Um povo que desconhece ou despreza a autoridade trilha fatalmente o caminho da perdição.

Ensina-nos que o exemplo é tanto mais influente quanto provém de mais alto, que Deus pune os súditos pelas faltas dos soberanos, que há crimes de Estado cuja enormidade se ergue aos céus para reclamar vingança.

Faz sobressair as vantagens da união e do espírito de equipe: um pequeno exército de Espartanos e Atenienses deteve as legiões poderosas dos Persas; os mesmos povos desunidos não puderam deter um potentado minúsculo, Felipe, rei da Macedônia.

A história nos ensina que os sábios legisladores fazem a felicidade e a prosperidade das nações. O que esperar de homens sem princípios ou de costumes perdidos? A história contemporânea não dá a esta questão uma resposta luminosa?

Há uma verdade que a história faz resplandecer em todo o seu brilho: os povos vivem por sua civilização intelectual e moral. Que resta de Tiro e de Sidon? Que resta de Cartago? Que resta do Egito cuja prosperidade material foi imensa? Algumas pirâmides, alguns monólitos, alguns túmulos suntuosos, e no deserto de areia, a esfinge sonhadora que parece espantar-se ela mesma da imensidão morta que percebe em torno de si.

A Grécia conserva sempre um nome aureolado, porque em todos os países civilizados admiramos seus escritores e artistas, seus Sófocles, seus Eurípedes, seus Fídias, seus Zêuxis, seus Aristóteles, seus Platão, seus Demóstenes, cujas obras-primas imortais serão até o fim dos séculos testemunhas irrecusáveis da elevada civilização deste país.

Enfim, a história prova com evidência que civilização nenhuma é perfeita sem Jesus Cristo. O Abade Perreyve traz esta idéia à luz numa página admirável:

> Há uma pessoa que é a pedra angular. Quem quis construir sem esta pedra nada ergueu que o primeiro vento não dispersasse, que a primeira torrente não destruísse: nada pode substituir Aquele lá!

Quem obteve sem Ele a glória não conseguiu mais que desencadear sobre a terra o monstro sangrento das batalhas; quem se dedicou sem Ele à indústria apenas logrou embrutecer os homens, transformar o mundo em caldeira e as almas imortais em engrenagens sofredoras e irritadas que giram, blasfemam e se quebram na noite; quem fez a ciência sem Ele, enterrou-se nas areias da razão pura e da crítica altiva; quem constituiu autoridade sem Ele, escorregou no sangue das vitórias revolucionárias; e quem construiu sem Ele a liberdade, despertou, em toda a parte, com a garganta apertada por um soldado que lhe disse carregando ferros: "Eu sou a liberdade!".

Foi este de quem vos falo que lhe faltou; é o nome do Senhor Jesus Cristo.



Os estudos literários dão ao espírito uma cultura muito vasta, porque nos põem em relação com os mestres do pensamento humano e demandam o concurso de todas as faculdades

Estes estudos supõem, antes de mais nada, o conhecimento das regras da gramática e o hábito de aplicá-las sem hesitação. O estudo da linguagem é uma disciplina que forma o juízo. A análise gramatical põe em evidência o papel das palavras e das proposições; a análise lógica estuda as proposições nas suas relações e coordenação. Estes dois exercícios, bem feitos, são um exercício de raciocínio. Uma boa gramática, de acordo com Condillac, seria um bom tratado de lógica. "A lógica gramatical", disse Madame de Staël, "é tão precisa como aquela da álgebra, e não obstante ela se aplica a tudo o que há de vivo em nosso espírito".

O estudo dos autores não resulta bem sem o conhecimento dos preceitos gerais da literatura e da teoria dos gêneros mais importantes. Mas o estudo destas regras deve limitar-se às bases filosóficas essenciais e não degenerar em decomposições mesquinhas e arbitrárias.

Averigua bem, meu querido amigo, a importância dos estudos literários. São sobretudo excelentes porque preparam para o exercício da palavra e da pena. Saber escrever e falar bem caracteriza de imediato uma educação distinta. A álgebra e a química nada acrescentam a isso. Pode-se dizer também que todo golpe infringido aos estudos

literários é uma infelicidade. Os dois inimigos desta formação são o materialismo e o positivismo. O reino do cientificismo dos quais é corolário predominou, infelizmente, de 1850 a 1890, sobre várias gerações de estudantes, digamo-lo ousadamente, sobre certas categorias de mestres. Com as melhores intenções, sacrificava-se a formação literária por uma pretensa formação científica. Ainda hoje, a mesma tendência se manifesta às vezes em alguns estabelecimentos de ensino secundário moderno.

Que benefício deve tirar um jovem destes estudos? Um mestre eminente, o Pe. Verest, vai no-lo dizer:

> Quando sobre um assunto qualquer ouve falar um homem que sabe expressar-se; quando lê uma página convenientemente escrita, apodera-se dele imediatamente com exatidão o pensamento que se lhe propõe: cada palavra evoca nele uma idéia clara, e, na medida do necessário, uma imagem viva; não se fixa à *fórmula*, vai até a *coisa*; esta coisa, não somente a compreende, mas sabe expô-la, por seu turno, tanto de viva voz quanto por escrito, com clareza, com ordem, com lógica, com vigor.

Eis bem os resultados essenciais dos estudos literários: desenvolver, aperfeiçoar, polir as potências intelectuais; por pouco que o jovem tenha sido guiado, seu gosto se forma, seu ouvido se habitua à cadência e compreende o número. Os mais excelentes gênios aplicaram-lhe as imagens mais risonhas, as sentenças mais nobres e os exemplos da mais elevada virilidade. A imaginação então desperta, a vontade se estende; o caráter se tempera. O coração se eleva à medida que a cabeça se ilumina. Faculdade alguma é deixada no esquecimento.

Ao mesmo tempo em que o estudo das obras-primas será o trabalho árduo mais soberanamente formador da composição. Ele utiliza todos os conhecimentos adquiridos; implementa todas as faculdades: os *sentidos* pelos quais estamos em relação com o mundo exterior; a *imaginação* que embeleza o estilo e se torna a fonte das figuras; a *memória* que evoca sensações, os pensamentos, os sentimentos, os atos passados; o *juízo*, a peça mestra do espírito, e que lhe dá retidão e justeza; o *raciocínio*, que preserva do erro e dá às obras literárias a força e a energia; a *vontade*, que concentra as faculdades, fazendo-as convergir para um fim que sua força permite atingir — ela é amiúde a parte elevada do talento e do gênio; por fim, a *sensibilidade* que leva a admirar as belas obras literárias.



O estudo das línguas, sobretudo das línguas antigas, constitui uma das disciplinas mais perfeitas do espírito

Não ignoras que após uma reação inteligente contra os programas ditos humanidades modernas, procuram-se, de forma crescente, relegar as velhas humanidades. E isso, decerto, não está livre de uma motivação de fundo anti-religiosa. René Bazin fazia a seguinte observação:

> O latim, dizia, é uma maneira, que ainda não foi substituída, de aprender o francês. E também de se estar mais perto da Igreja, de ouvir suas orações, cânticos, teólogos, e pode ser bem que esta vizinhança tenha sido a causa da não confessada condenação do latim nos programas. Cícero, Virgílio, Tácito, foram colocados sob suspeita de preparar as gerações capazes de repetir o *Te Deus* e o *Dies irae* e acompanhar a missa no missal romano.

Em todo caso, o tema e a versão são o melhor meio de iniciar o estudante nas grandes operações do pensamento. Pela comparação de uma língua estrangeira com a língua materna, o espírito adquire idéias mais claras e exatas, conhecimentos mais duradouros; tal trabalho ilumina as percepções e grava na inteligência, com traços mais profundos, a imagem das coisas. A preocupação de abreviar, a obrigação de escolher as palavras, de variar a forma de estilo, de modelar a forma com a de outrem, fazem da tradução um ensino vivo da arte de escrever. Efetivamente, o que é traduzir bem? Não é somente dar o sentido das frases; é revelar, tanto quanto possível, as surpresas do estilo, a audácia das palavras, o relevo da expressão de um texto estrangeiro. Traduzir bem é recorrer a todos os recursos da arte escrita; é enriquecer a própria língua com transposições e assimilações infinitamente preciosas.[12]

Os temas e as versões realizadas segundo um texto das línguas modernas é, certamente, um exercício proveitoso. Não obstante, os humanistas são unânimes em proclamar a superioridade das línguas antigas. E antes de tudo, sendo o francês uma língua neolatina,

12. Albalat, *Comment on devient écrivain.*

nunca se saberá o francês se ignoramos o latim. Examinemos um pouco em detalhe as razões da superioridade das línguas antigas, recorrendo às idéias de um humanista muito distinto, o Pe. Charel, S.J.

As línguas neolatinas não têm declinações. "O esforço do aluno limita-se a substituir uma palavra por outra; o esforço lógico para ver a relação entre as palavras é praticamente nulo".

Traduzir uma língua moderna é mais um processo de hábito do que de reflexão. Para o latim e o grego, o esforço lógico é sempre imposto, uma vez que não existe nenhuma forma fixa para a construção das frases.

As línguas modernas não ensinam suficientemente a concatenar as idéias. Nas línguas antigas, os membros de frases são articulados, subordinados, munidos de partículas de simetria ou de oposição; as frases são conectadas por conjunções. Os temas obrigam os alunos a estudar as relações das idéias na frase francesa para fixá-las na frase latina.

Quando se passa das frases ao conjunto do trecho, o mesmo contraste — contraste entre as línguas modernas e as línguas antigas —, e as vantagens inclinam-se a favor das últimas. Nas línguas modernas, todas as frases anseiam por ser as principais, e, portanto, todas as idéias estão no mesmo plano. O período latina ou grego é, ao contrário, uma composição maravilhosa, a idéia principal está na proposição principal, as idéias acessórias nas frases subordinadas. A versão analisa o edifício; o tema o reconstrói, os dois exercícios impõem um esforço eminentemente dedutivo".

Mas isso não é tudo. As línguas modernas levam ao verbalismo quando são traduzidas. A substituição das palavras se faz quase mecanicamente, pois estas línguas possuem um tesouro de idéias comuns, expressas por palavras estritamente equivalentes. Outra coisa é quando precisamos passar uma idéia para uma língua que não possui equivalente exato.

As línguas modernas têm a tendência de sugerir os pensamentos em lugar de exprimi-los; é o reinado das elipses, dos subentendidos, das coisas ditas pela metade. As línguas antigas dizem tudo. Dizem-no com uma delicadeza, no emprego dos modos e dos tempos, cada vez mais estranha às línguas modernas.

Mesmo entre os melhores escritores das línguas modernas a preocupação artística e o cuidado da forma nem sempre são a preocupação

dominante do autor. Os antigos não se limitavam a exprimir a idéia com exatidão, revestiam-na de imagens apropriadas e esforçavam-se por salientar a medida do sentimento.

Por último, o estudo dos autores antigos faculta um conjunto de idéias sábias, nobres, belas, que se encontram, fora de dúvida, nas literaturas modernas, mas que são apresentadas com mais simplicidade na Antigüidade clássica do que nos séculos senis.



A filosofia é a condição mestra e a coroação de toda educação liberal

Os partidários do cientificismo não cessaram de desconsiderá-la. Tiveram a presunção de dizer que ela não é uma ciência, que é um

> amontoado de abstrações quintessenciadas ou sonhos vãs, jargões e logomaquia pretensiosa perfeitamente apropriada para obscurecer as idéias mais claras, para corromper a linguagem e dividir as inteligências, perigosa para a justeza do espírito, sem alcance prático e sem relação com a vida.

Seu papel é, felizmente, bem diferente. É uma ciência racional que tem por objeto todos os seres considerados nos seus princípios e relações mais gerais. É esta a sua excelência. Conhecer as realidades superiores, descobrir as leis supremas, as primeiras causas e os fins últimos, assinalar a origem de nossos conhecimentos e do próprio mundo, explicar o destino do homem e da humanidade, relacionar todas as coisas a Deus, ideal e beleza suprema: uma ciência que aborda tais questões e procura resolvê-las, não é uma ciência muito nobre? Era o que proclamava o mais sábio dos gregos: "De todas as ciências", dizia Aristóteles, "a filosofia é a mais elevada, a mais excelente, a mais divina".

Ela doa princípios a todas as ciências: à matemática, as idéias de unidade, de número, de finito, de infinito, de extensão, de espaço; às ciências naturais, aquelas de matéria, de substância, de leis, de causas, de análise, de síntese, de observação, de experimentação. Todas as ciências morais assentam sobre ela: a ciência do homem, de sua natureza, de seu destino, de seus deveres e direitos; a ciência de Deus

e de seus atributos, de sua Providência, de sua justiça etc.; as noções de soberania, de lei, de penalidade, de ordem, de verdadeiro, de belo, de bem, de progresso etc. Todas estas verdades fundamentais são da competência de seu domínio.

Não é somente a base, mas o cume das ciências; há a filosofia da religião, que busca o caráter racional das verdades reveladas; a filosofia da história, que procura explicar a marcha, o desenvolvimento, as vicissitudes da humanidade ao longo dos séculos; a filosofia do direito que aprofunda os motivos e o valor das leis; a filosofia da matemática, a filosofia da gramatica, a filosofia das ciências e até a filosofia das belas-artes, a qual ascende ao princípio do belo investigando as condições essenciais.

Que dizer de sua utilidade intelectual? Desenvolve as faculdades mais nobres, dá à inteligência a retidão, ensina a proceder com ordem e método, e contribui para formar o espírito filosófico, tão precioso para a direção do pensamento e da vida. Compõe-se este espírito sobretudo de três qualidades que todo estudante deve chegar a possuir ao menos em princípio: o espírito de observação e de análise; o espírito de generalização e de síntese; e uma independência prudente para se elevar acima dos preconceitos e pensar por si. Um filósofo católico eminente, Ollé-Laprune, designa esta potência do espírito como *virilidade intelectual*; quem dela é privado encontra-se à mercê dos fabricantes de idéias, dos taberneiros de banalidades e dos juízos já feitos, dos doutores improvisados que dogmatizam com tanto mais vivacidade quanto ignoram a primeira palavra da questão.

Do ponto de vista moral e religioso, sua utilidade é maior ainda: Os assuntos de que trata imprimem na alma uma direção ascendente e predispõem-na para os pensamentos e ações nobres. Bem mais, a filosofia nos fornece a regra dos costumes, ensina-nos os deveres gerais e particulares, inicia-nos no conhecimento de nós mesmos.

A fé e a filosofia prestam-se serviços mútuos. Em contato com a religião, a filosofia não muda de natureza: permanece uma ciência humana apoiada unicamente na evidencia e na razão; mas é impedida de chegar a conclusões falsas, tem métodos para conduzir a bom termo as deduções. Está subordinada à fé e à teologia, mas lhes empresta seu poderoso socorro; demonstra a existência de Deus, a existência e a veracidade da revelação, servindo, por conseguinte, de prelúdio ao cristianismo.

Ela secunda, em seguida, a teologia, que se apóia essencialmente sobre a revelação, diz Mons. E. Blanc; explica até certo ponto e por analogias, os mistérios da fé, a Trindade, a Encarnação etc. Enfim, defende a fé, seja convencendo de erro seus adversários, seja dissipando suas objeções. Em qualquer parte que se leve a fé, a filosofia está lá para defendê-la e instruir-se por seu turno; realiza então a aliança tão fecunda da natureza e da graça.

Capítulo X

Completa teus conhecimentos com leituras bem escolhidas e feitas com inteligência

Reserva no dia, tanto quanto possível, um tempo determinado para a leitura. Encontrarás nela alegrias muito nobres e um grande proveito intelectual e moral.

A leitura de um bom livro proporciona uma satisfação indizível. Não nos espanta mais ver almas nobilíssimas desdenharem, para poderem gozar à vontade deste encanto delicioso, honras, prazeres, riquezas. "Quis, por todos os meios, obter o repouso do coração", diz Tomás de Kempis; "encontrei-o a viver na solitude, com um livro nas mãos".

Montaigne, falando dos tesouros de sua biblioteca, nos diz:

> Desfruto como os avarentos de saber que desfrutarei até quando me agradar; minha alma se sacia e fica contente com o direito da posse. Não viajo sem livros, nem nos tempos de paz nem nos tempos de guerra.

Macaulay confessava dever aos livros os momentos mais felizes de sua existência. Um dia escreveu a uma de suas crianças a seguinte carta encantadora: "Nada me dá mais prazer do que ver que a minha filhinha ama os livros. Quando alcançar a minha idade, verá que os livros valem mais do que todos os doces e bombons, mais do que os brinquedos, espetáculos e divertimentos do mundo".

> Na calma da solidão, dizia um sábio, converso com os poetas, os historiadores, os oradores, os filósofos. Para variar meus prazeres falo com os reis e os imperadores; discuto seus conselhos, julgo severamente e condeno suas vitórias se elas foram ganhas de maneira

desleal; e em espírito, quebro suas estátuas se foram injustamente erigidas. Que toda a tua preocupação seja amontoar ouro; a minha será de acrescer a minha ciência.

Este amor à leitura responde perfeitamente às mais nobres aspirações da alma, ao desejo de possuir sempre mais luzes sobre as questões que nos interessam. E o bom livro dá essa satisfação. Por ele podemos conhecer as mais belas ações dos homens, as concepções mais elevadas de seu espírito, as obras-primas da literatura e das artes. O livro é guia, um inspirador, um amigo. Por ele a palavra do moralista e o verso do poeta infiltram-se em nossas veias. Por ele comunicam-se as emoções mais vivas e os princípios que criam heróis e santos. Ele nos faz viver em companhia das mais nobres almas da humanidade. É a nascente das idéias mais fecundas e da dedicação mais meritória. Erasmo chegou até a dizer que somente os livros são necessários e que todo o resto é luxo.

Contudo, examinemos em detalhe os benefícios da leitura.

A leitura aguça e desenvolve as faculdades

Deixadas ao abandono, nossas faculdades perdem o frescor e a vivacidade caindo em decadência: a memória enferruja-se, a imaginação apaga-se ou se extravia, a razão deixa de lado a solidez. Uma boa leitura, semelhante a um alimento reparador, aumenta e mantém o vigor das faculdades. Descartes, em uma página de seu *Discours de la méthode*, mostra a influência benfazeja de cada gênero de leitura:

> A bondade das fábulas desperta o espírito; as ações memoráveis da história, o reanimam, e lidas com discrição, ajudam a formar o juízo; a eloqüência tem forças e belezas incomparáveis; a poesia, delicadezas arrebatadoras; os escritos que tratam dos costumes contêm exortações à virtude, que são bastante úteis.

De quando em vez se têm feito investigações a fim de conhecer o segredo da superioridade de um homem. Fala-se de atavismo, de hereditariedade. Tal segredo consiste apenas em alguns minutos de leitura ou estudo diário. A história, de fato, revela-nos que os que se sobressaíram em todos os gêneros eram grandes leitores. Napoleão, em Brienne-le-Château, punha em desespero o livreiro do castelo.

Mais tarde, no barco que o levava a região dos faraós, lia a Bíblia: era o seu mapa de rotas para a imortalidade. Em Santa Helena, queixava-se de seu carcereiro, sir Hudson Lowe. "Este carcereiro devia saber", reclamava ele, "que a leitura é tão necessária para o meu espírito como o alimento para o meu corpo".

Nossos grandes clássicos liam muito. Racine leu e anotou a maior parte dos autores gregos. Bossuet vivia em companhia da Bíblia e dos Padres da Igreja. Quão deliciosas eram para La Fontaine as horas que passava a ler e a sonhar! Falando de seus autores preferidos, dizia: "Leio aqueles que são do Norte e aqueles que são do Sul". Lia igualmente a Bíblia e conhecemos seu entusiasmo quando *descobriu* Baruc.

Montalembert preparava-se à carreira de escritor e defensor da Igreja por meio de leituras inumeráveis. Enumera, em suas cartas, a quantidade prodigiosa de livro que leu e releu.

O jovem Pe. Pie, que se tornaria cardeal da Santa Igreja e uma das nossas glórias literárias, passou o ano de retórica em companhia de Bossuet, de Fénelon, de Bourdaloue e de Massillon. Nesse ano, o orador e escritor consumou a leitura de várias obras.

A leitura mantém e completa os conhecimentos

As noções mais precisas, mais claras, mais enraizadas no espírito correm o risco de esfarelar-se pouco a pouco se não forem entretidas mediante leituras sérias. Em seus livros, os bons autores dão a flor do seu próprio espírito.

Feliz o homem que cuida do destino eternal.
Qual peregrino que parte ao fulgor da madrugada,
Desperta com o espírito de um sonho sem igual
E lê e reza ao iniciar sua jornada!
À medida que lê, o dia rompe aos poucos e lento
E se faz na sua alma com também no firmamento.[13]

Quantas coisas ignoradas pelos mais sábios! E o quanto não ignora um jovem que ainda não concluiu os estudos e não tem tempo de aprofundá-los?

13. Victor Hugo.

Estás agora no momento em que precisas fazer amplas provisões. Feliz serás se amares as leituras sérias! Em tal nobre companhia hás de colher inspirações elevadas, ensinamentos lícitos, conselhos, exemplos, citações.

Busca e tira à larga nesse tesouro que se encontra ao teu alcance. Não serás capaz de esgotá-lo. Toma a resolução de viver na intimidade das almas mais delicadas da humanidade, de penetrar as suas idéias, de lhes rogar conselhos, luz e força em todas as ocasiões.

Os livros são mestres, que se fazem tudo para todos.

> Instruem-nos sem vara nem férula, sem palavras duras nem coléricas, sem mesmo exigir honorários. Se te aproximares deles, não os encontrarás adormecidos; se os interrogares para te darem explicações, nada te esconderão; se os compreenderes mal, não resmungarão; se fores ignorante, não podem troçar de ti.

A leitura ensina a pensar, a falar, a escrever

Nada dá mais solidez ao pensamento do que a leitura de um grande escritor. À lógica natural do espírito vem ajuntar-se aquele do espírito superior.

Aquele que muito leu se exprime com mais facilidade. Viveu em uma sociedade onde a conversa é eloqüente. Sua memória é rica em expressões e palavras.

> Lendo os bons autores, disse Fillion, adquirimos a facilidade preciosa de nos expressarmos bem em qualquer situação em que estejamos situados. Contam que um de nossos grandes oradores lia e relia o seu dicionário francês a fim de abastecer a memória de termos numerosos e variados, e assim também enriquecer a sua linguagem. Outros recolhem dos livros de leitura, e organizam metodicamente formas de estilo lindas e felizes que saberão aproveitar na ocasião oportuna.

A leitura ensina a escrever. A história literária confirma esta sentença. A maior parte dos grandes escritores trazem a impressão digital viva de seus autores preferidos. Bossuet lia assiduamente São Crisóstomo, São Jerônimo e Santo Agostinho. Chateaubriand muito deve a Rousseau. Lamartine inspira-se em Rousseau, Chateaubriand, Ossian, Byron. Joseph de Maistre encontrou em Bossuet, seu autor

preferido, uma boa parte da magia do seu estilo. Louis Veuillot, na sua *Confession littéraire*, revela-nos suas preferências pelos grandes mestres do século XVII. Mons. Freppel viveu longos anos em companhia dos Padres da Igreja que tanto elogiou.

Os grandes advogados franceses do século XIX tinham também seus autores favoritos. Para Berryer era Bossuet; para Dufaure, Pascal; para Jules Favre, Cícero, que sabia de cor; Rousse deleitava-se com Montaigne, e Léon Duval, o ironista *par excellence*, relia sem cessar Paul-Louis Courier.

Eles os liam não só por causa das idéias, mas também pelo estilo. A mais bela idéia expressa desajeitadamente tem pouca influência sobre os espíritos. É o estilo que lha dá, pois ele é "a força misteriosa que atrai, o adorno que regozija, a inspiração que motiva, a flama que ilumina e abrasa".

A literatura é um meio de formação moral

O bom livro ensina a bem viver. Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és. Diz-me o que lês, dir-te-ei o que vales. Os antigos faraós tinham razão de colocar à entrada de suas bibliotecas a seguinte inscrição: *Tesouro dos remédios da alma.*

O livro tem um enorme poder para estimular ao bem. Uma só leitura basta para transformar um homem. Paul Bourget disse:

> Não há ninguém entre nós que, descendo ao fundo de sua consciência, não reconheça que não seria exatamente o mesmo se não tivesse lido tal obra, tal trecho de história ou de filosofia.

Tal é a fascinação do livro:

Do título à mesa, escolhido, volume encantador,
Cristal transparente, deleitável, requintado licor!
Apanha o olhar seu aspecto afável,
Leva o ouvido ao seu ritmo amável,

Ocupa o espírito o atrativo vencedor
De um chiste delicado e folgazão;
Depois, cândido, humilde e pacificador,
Tendo o resto, ocupa o coração.[14]

14. Théodore Monod.

O livro, afirma Edward Montier, tem uma influência maior que o mestre mais bem escutado, que o amigo mais íntimo. Todos nós nascemos, a partir de uma leitura, à vida religiosa, moral ou intelectual. Parece, com efeito, que o pensamento escrito ganha corpo e adquire uma ação especial. Temos, pois, mais tempo para considerá-lo, e à força de considerá-lo, conseguimos animá-lo, como Pigmalião animava Galatéia, e quando animamos dessa maneira o pensamento que não é nosso, assimila-se e logo molda um todo conosco.

Então ele, por seu turno, nos põe em movimento, tentando sair de nós, jorrando de nosso cérebro e de nosso coração. Podemos desde então propagá-lo, porque o sentimos vibrante em nós e de nós. Já não é o aglomerado da palavra colando ou às vezes esmagando-se, vindo de fora, sobre nós; somos nós que agora refletimos acerca desse pensamento recebido mais ou menos conscientemente.

Tal é a influência moral da leitura. De Bonald escrevia que, do Evangelho ao *Contrato social*, são os livros que fizeram as revoluções. O Evangelho transformou o mundo. Quanto bem não fez a *Imitação*! As *Vidas paralelas* de Plutarco apaixonam ainda os espíritos jovens. Era o livro favorito de Montaigne, de Shakespeare, de Turenne, de Schiller, de Franklin, de Napoleão.

Vauvenargues deixou-nos o testemunho do entusiasmo que fizeram nascer nele a sua leitura:

> Quanto a mim, chorava de alegria quando lia essas *Vidas*; não passava uma noite sem que eu pensasse em Alcibíades, em Agesilau e outros; eu andava pelas praças de Roma para arengar com os Gracos, e para defender Catão quando lhe jogavam pedras.

Alfiéri deve-lhes a vocação dramática.

> Li, diz ele, as vidas de Timoleão, César, Brutus, Pelópidas, mais de seis vezes, com gritos, choros, e tais transportes que até ficava furioso. Cada vez que topava com uma das belas ações destes grandes homens, era agarrado por uma agitação tão extraordinária que me sentia incapaz de sentar-me e ficar quieto.

Quantos outros não devem sua vocação a boas leituras! A vida dos santos produziu inúmeras conversões. A leitura dos *Annales de la Propagation de la Foi* suscitou a dedicação de vários ao apostolado.

Lalande pegou gosto pela astronomia lendo o livro de Fontenelle sobre a *Pluralité des Mondes*. Lacépède, tendo descoberto um volume de Buffon na biblioteca do pai, o leu e releu a ponto de o saber de cor; nele encontrou uma orientação de vida. Goethe foi revelado a si mesmo pelo *Vicaire de Wakefield*.

Faz, portanto, uma escolha judiciosa de livros e entrega-te à sua influência salutar. Suas idéias verterão gota a gota na tua inteligência e na tua alma. Seus sentimentos e idéias tornar-se-ão patrimônio teu; comunicar-te-ão seu valor moral e o segredo de sua feliz expressão.



Qualquer que seja o fim de tuas leituras, não percas jamais de vista a formação do teu espírito e do teu coração

É esta, afinal, a conseqüência do que acabamos de dizer. O Pe. Sertillanges e Payot distinguem quatro tipos de leitura; leituras de *formação intelectual*, leituras de *complemento* ou de *ocasião*, leituras de *treinamento* ou de *formação moral*, leituras de *distração*. Todos devem convergir na direção da formação da inteligência e da sensibilidade.

Leituras de formação intelectual. Estas leituras se referem ao objeto de teus estudos, posto que não deves perder de vista o fim a ser atingido. A base essencial do trabalho sério é evidentemente o manual; mas é com freqüência útil e mesmo necessário consultar uma obra mais consistente. É aqui que a dispersão se torna temerosa. Em lugar de nos limitarmos às informações que procuramos, deixamo-nos conduzir pelo interesse das questões tratadas, e não nos assenhoreamos mais. Em lugar de dirigir a leitura, deixamo-nos fascinar, perdemos muito tempo e não extraímos destas pesquisas o fruto que se esperava.

Leituras de complemento ou de ocasião. As leituras de complemento servem para fixar os conhecimentos gerais. É preciso abordá-las somente depois de haver estabelecido as bases sólidas. Para que sejam realmente proveitosas, é preciso igualmente fazer uma escolha entre as obras que tratam esse mesmo assunto e limitar-se às que são de valor superior.

Há questões de ordem do dia, às vezes tão importante, que um estudante não deve ignorá-las. Denominarei essas leituras de *leituras de ocasião*. Não abdiques também aqui à liberdade. Estas questões são

freqüentemente cativantes, mais interessantes que os teus estudos, e podem expor-te a perdas sérias de tempo se te falta vontade.

Lembra-te de que tudo o que excita a curiosidade malsã nunca está na ordem do dia. Não te deixes arrastar para o meio de questões estranhas ou suspeitas.

Leituras de treinamento ou de formação moral. Cada um de nós experimenta momentos de depressão ou de esterilidade intelectual. É bom então ter alguns autores favoritos que reanimam e entusiasmam o espírito.

Quais autores escolher? Devemos escolhê-los segundo o caráter e os sentimentos próprios. Uma página do Evangelho, um capítulo da *Imitação*, tal descrição de Chateaubriand, tal passagem de um sermão de Bossuet ou de Lacordaire, tal página satírica de La Bruyère e de Veuillot...

Escolhe para leituras edificantes um livro sólido e vivificador, e deixa cair gota a gota sobre a tua alma seu licor benfazejo. São Francisco de Sales durante toda a vida meditou o *Combate espiritual*. Ampère sabia de cor a *Imitação*. A vida dos santos é eminentemente feita para sustentar a alma. Georges Dumesnil dizia que o ensinamento da filosofia moral é deplorável porque não se cita os exemplos dos santos.

A leitura de biografias é igualmente benfazeja, e temos algumas que são belíssimas!

Mas te aconselho os livros de doutrina: são os melhores. Em todo o caso, não procures senão de almas perfeitamente sãs. O contato dos doentes e amargurados não faz bem. Dá preferência aos livros que nos fazem amar a vida, a virtude, os deveres penosos, porém meritórios.

Leituras de distração. Mesmo neste gênero de leituras, faz uma escolha judiciosa dos autores. O campo é bastante vasto. Segundo a natureza de teu espírito, encontrarás descanso na poesia, nos relatos de viagem ou de expedição, na arqueologia, na história natural, na crítica de arte, na literatura, nas biografias, na história civil, na história eclesiástica, nos contos. Quanto aos romances, não leias sem consultá-los, porque o número daqueles que podes ler é restrito. Por natureza, o romance é um deformador do espírito. Dá unicamente utopias e transporta a um realismo enganador. Deixa este gênero de obras aos insensíveis, aos desocupados: uma leitura do tipo te fará desgostar do trabalho sério.

Faz igualmente uma escolha entre revistas e jornais. Não leias nada que possa prejudicar a tua alma. E enquanto procuras a alegria, o esquecimento das penas, o repouso do espírito, não percas de vista a formação geral de tua inteligência.



Deixa de lado todo livro mau, suspeito, medíocre e insípido

Sê inflexível; não te deixes arrastar pela curiosidade malsã. Preserva teu espírito da corrupção; funda como ponto de honra dar-lhe sempre um alimento excelente. Bem sei que ouvirás certas personagens *emancipadas* repetir estes sofismas: "Não tenho, ora pois, o direito de tudo conhecer? — Quero ver o que é! — É preciso estar em seu tempo". Despreza essas falsas teorias. Elas conduzem ao abismo. Não é permitido brincar com o veneno. Respeita a tua dignidade proibindo-te toda leitura que rebaixa o espírito, mancha o coração e enfraquece a vontade.

Lamartine, indo visitar um de seus amigos íntimos no castelo de Bienassis, descobriu alguns livros ineptos do século XVIII e os leu em companhia do amigo:

> Mergulhamos, disse ele, neste oceano de água turva. Levamos, cada um de nós, um desses livros no bolso para entreter ou encantar os momentos de lazer nos quartos ou à sombra da floresta. Entráramos inocentes e saíamos culpados; um giro de chave nos havia entregue a árvore da ciência do bem e do mal. Experimentamos bem o remorso deste fruto proibido, mas sua presença desvanecia-se perante uma nova paixão [...]. Assim saímos da biblioteca recôndita de Bienassis, onde a corrupção nos foi revelada por esses livros.

Conheces, sem dúvida, a famosa página de *Les Rayons et les Ombres* em que Victor Hugo adverte uma jovem das seduções do mau livro:

> Pleno desses cantos vergonhosos, fastio da memória,
> Um velho livro lá está nesse velho armário,
> Abandonado por algum vil passante nessa sombra.
> Romance do derradeiro século, obra de ignomínia...
> Toma cuidado, menina, coração terno que ainda não sofre!

Voltaire, a serpente, a dúvida, a ironia,
Voltaire está no canto de teu quarto bendito;
Com seu olho de chama, espiona-te e ri
Oh! Treme! Este sofista chafurdou bem nos lamaçais!
Oh! Treme! Este falso sábio desviou muitos anjos!
Este demônio, negro milhafre, fundo nos corações pios,
Quebra-os, e com freqüência, sob suas garras cruéis,
Pena após pena, vi cair essas brancas asas,
Que levam uma alma a se refugiar nos céus.
Ai! Se tu casta mão abrir este livro infame,
Sentirás de súbito Deus morrer em tua alma;
Esta noite, penderá teu fronte triste e sem fulgor
Para ver passar ao longe, naquela verde alameda,
Os carros cintilantes de roda estrelada,
E amanhã, rirás do santo pudor!

O poder de um livro para o mal é terrível. Lavedan escreve ao afilhado:

> Se me consideras severo demais para com as leituras prejudiciais, é porque ainda não podes imaginar os estragos que causam, mesmo àqueles a quem nada ensinam, os quais então se persuadem, os imprudentes, "de que não têm com que se atormentar!". Elas perturbam, agitam, rompem o equilíbrio das forças superiores, e sobretudo sujam a alma, enlameiam-na. Sai-se de um mau livro com o espírito enlodado e nódoas no coração que não largam mais. Parecem desaparecer com o tempo, mas depois retornam, e sempre no momento crítico em que mais se desejaria que o manto fosse branco.

Não são estas linhas uma paráfrase elegante dos famosos versos de Musset:

O coração do homem inocente é recipiente profundo:
Quando a primeira água que nele se verte é impura,
O oceano passará sem lavar a mácula,
Pois o abismo é imenso e a mancha está no fundo.

Comparam os maus livros e as publicações licenciosas à praga das moscas. A cada dia elas se arrojam por centenas de vias férreas, penetrando em toda a parte: palácios, castelos, hotéis, círculos,

cafés, cabarés, vias públicas, oficinas de todos os tipos, mansardas das cidades, casas das aldeias. Variam infinitamente: há a mosca suja de origem e de hábito, mosca barulhenta, mosca violenta e com sangue alterado, mosca elegante, mosca discreta, mosca ardilosa que esconde atrás de si o dardo mortífero. Pertencem todas à mesma espécie de família: levam por todo lado os germes da corrupção e da morte.

Para um católico, e mesmo simplesmente para qualquer jovem que se respeita, a regra de conduta a seguir é fácil: observar as normas traçadas pela Igreja. Esta toma o cuidado de nos dizer através do *Index*: acautela-te de beber em fontes envenenadas! Há venenos espirituais que matam a alma; outros há do intelecto que estragam o espírito. Ambos se encontram geralmente na categoria dos autores denominados malfeitores literários.

Desconfia das obras suspeitas, isto é, das que podem levar indiretamente ao mal pela sua frivolidade ou pela influência funesta que exercem sobre a imaginação e a sensibilidade. "Os leitores fracos, levianos", diz Carlyle, "que saltitam de livros frívolos para livros frívolos não tiram bem nenhum, antes pelo contrário, saem com danos de todos eles".

A maior parte dos romances não são apenas frívolos, são perigosos. Quantos crimes não faz cometer o romance policial! Certos jovens estão verdadeiramente intoxicados. À força de lerem a narrativa do crime, o cérebro desequilibra-se, e os maus instintos se desenvolvem.

Os romances pseudocientíficos não são menos perigosos.

> Num estabelecimento de recuperação, escreve Félix Hémon, vimos três casos de meninos que haviam escapado da casa dos pais para correr o mundo após terem lido os romances de Júlio Verne. Certa vez, um menino sustentou erros enormes apelando ao mesmo Júlio Verne; um homem já maduro, adepto de Flammarion, afirmou-nos, numa outra ocasião, que as paisagens tomadas, assim chamadas, sobre Marte e Vênus, eram reais.

Guarda-te o mais possível desta espécie de leitura. Elas enganam a imaginação, tornam-na romanesca, fazem perder o sentido do real e conduzem ao domínio da quimera e da utopia.

Devo igualmente te precaver contra a imprensa sensacionalista, a imprensa marrom, como às vezes é chamada, para que a evites com cuidado. Ela expõe os crimes de modo pormenorizado, ou,

em artigos sabiamente dosados, vai minando pouco a pouco todos os sentimentos nobres e os atira na indiferença e na frouxidão.

> Tu és puro entusiasmo e o mal te causa indignação — diz Hébrard a um jovem que se sacia avidamente da leitura de um certo jornal. — Logo, logo, predigo, tornar-te-á um indolente, um laxo e deixarás passar sem te perturbares os ataques mais odiosos contra nossas convicções e nossas liberdades mais sagradas. Este modo de pensar que hoje te faz vergonha e horroriza parecer-te-á natural amanhã. Porque essa imprensa, aparentemente anódina, que o criou nos outros, criá-lo-á igualmente em ti.

Talmeyr, falando dessa mesma categoria de jornais, diz:

> O vício dessa imprensa consiste em misturar de tal modo o bem e o mal, e de os colocar sempre juntos, como em um bom casamento, que, com o tempo, termina por não mais distinguir um do outro. São os piores lugares que recomendam, os livros mais fétidos (enaltecidos com termos neutros). Parece assim, e pouco a pouco, permitido freqüentar uns e recomendar a leitura dos outros. De tudo isso se desprende uma atmosfera na qual o mal aparece sem conseqüência, o bem sem valor nem beleza, em que todo esforço, todo protesto, parecem forçosamente inúteis ou ridículos.

Aliás, se te ocupares seriamente de teus estudos, sobrará muito pouco tempo para te dedicares mesmo aos bons jornais.

> Defende-te contra essas leituras com uma energia que tornam indispensável e merecem a inconstância e a indiscrição de seus ataques, diz Pe. Sertillanges. Têm tão pouco conteúdo! É fácil dele informar-se sem acomodar-se em intermináveis sessões preguiçosas.

Dir-te-ei não mais do que uma palavra sobre as *leituras insípidas e medíocres*. O teu bom senso deve proibi-las. Que ganharás com elas salvo um rebaixamento do espírito e do coração? O tenente Dupouey escrevia o seguinte durante a guerra:

> O tempo que se dá aos livros insípidos não é, como se crê, tão perdido assim para todo o mundo, pois que é arrebatado aos bons livros. Se nossos desejos (aqueles voltados para o bem) são tão lânguidos, se, como diz Bossuet em suas admiráveis *Élévations*, a imagem de Deus perdeu tanto o seu poder, é porque deixamos estiolar o nosso espírito em sociedades

suspeitas. Toda a atenção dada às futilidades significa menos força, menos prudência, menos profundidade na procura da vontade de Deus. Para além disto, elas não representam perigo!



Lê apenas bons livros

Ama sobretudo os livros eternos que testemunham verdades eternas. Tens tão pouco tempo que é preciso descartar tudo o que não seja de primeiro plano. Payot fala dos livros reais a que devemos voltar sem cessar. "Se tivesse que recomeçar a minha vida", diz ele, "far-me-ia um juramento para jamais ler, na juventude, senão *livros reais*, escritos por pensadores vigorosos".

Schopenhauer exprimia a mesma idéia: "O tempo estritamente reservado à leitura, seja ele concedido exclusivamente para a obra dos grandes espíritos. Somente estes formam e instruem de verdade".

O coronel Paqueron lia apenas os grandes livros. Platão, que ele lera e admirara, lhe parecia, agora na velhice, uma *criança de gênio*. A Bíblia de Vence, Dom Calmet, Pascal, Bossuet e Massillon o atraem e satisfazem. Seu diário é cheio de notas que manifestam o seu amor por esses autores e o vínculo próximo com os seus livros.

O autor de sua biografia, Mons. Saivet, diz-nos que não aparecia um livro de valor sobre as questões religiosas sem que ele não se apressasse a analisá-lo. Depois das obras imortais de Joseph de Maistre e de Bonald, os trabalhos do Abade Glaire sobre os livros santos, as Conferências de Notre-Dame, os livros de Nicolas, as edições Migne, ocupavam, alternadamente, suas horas matinais ou até mesmo parte de suas noites.

Recusa o encanto excessivo das novidades. Desconfia das propagandas exageradas, dos títulos sedutores, das reportagens muitas vezes interesseiras pelas quais se tenta fisgar o leitor. Pede conselho a quem possui competência e não permitas a nenhuma obra nova o acesso à tua pequena biblioteca salvo após recomendações autorizadas.

Tal homem, tal biblioteca. Mostra-me tua biblioteca e dir-te-ei quem és. A lista das obras que compunham aquela de Bossuet revelam-nos até que ponto o grande bispo levava o cuidado pela verdade e exatidão.

> A biblioteca de Bossuet, diz Brunetière, era uma biblioteca de trabalho. Com o catálogo de suas obras sob os olhos, podemos afirmar que ele sempre se esforçou por colocar em todas as questões a luz, a exatidão e a precisão que a informação e o conhecimento pessoal dos textos, acompanhados por uma crítica judiciosa, podem neles introduzir.

Que contraste com a biblioteca de Voltaire! Joseph de Maistre, que a tinha visto no palácio de Hermitage, escreveu em *Soirées*:

> É de causar espanto a extrema mediocridade das obras que serviram ao patriarca de Ferney. Em vão se procuraria nela o que consideraríamos *grandes* livros. O conjunto dá a idéia de uma biblioteca formada para divertir os saraus de um camponês.

Sê exigente e não aceites senão os *grandes* livros: um só poderia bastar, alguém disse, fosse este livro a Bíblia, Homero, Cervantes ou Shakespeare. Aqueles a quem a Bíblia tocou, por exemplo, são maiores que os outros. Napoleão lia a Bíblia quando seguia para o país dos faraós; lia-a ainda na etapa suprema de Santa Helena. Chateaubriand evocou a Bíblia diante das gerações seguidoras de *Pucelle* e *Henriade*: foi como a entrada do sol num mundo morto. Os filhos de René guardaram-lhe o esplendor. Lamartine é talvez aquele mortal que reencontrou o melhor, a harpa melodiosa, quase divina, de David. Na obra de Vigny, ouvimos gemer Moisés, "poderoso e solitário", e rugir com soluços a cólera de Sansão. Victor Hugo, ele também, humedeceu na Bíblia seu instrumento de bronze. "A Bíblia é meu livro", disse. Racine não mergulhou mais do que duas vezes no oceano bíblico para dela retirar duas pérolas: *Esther* e *Athalie.* Quando Lamennais sentiu a noite escura descer sobre si, quis imitar a Bíblia; mas suas *Paroles d'um Croyant* servem apenas para mensurar o abismo entre a inspiração divina e a imitação humana.

Resta-me no presente dizer-te como deves ler.



Traça-te um programa de leitura

É um meio excelente para não fazeres mais do que leituras úteis. Seu primeiro resultado será o de afastar um tropel de livros

medíocres que te devorariam minutos relevantes! Faz como Joseph de Maistre, não te ensopes de água-pé, mas saboreia a longos tragos o mel e a ambrosia.

Preservarás assim o teu espírito daquela dispersão que o extravia e conservá-lo-ás na senda que para ti é a melhor.

Não improvises esse programa, e, quanto ao que concerne à formação moral e religiosa, nada faças sem consultá-lo. Pergunta a ti mesmo qual o gênero de leitura mais vantajoso, mais conforme à tua vocação, à tua posição, ao ideal que te propões, aos teus estudos, gostos e preferências.

Evita a postura de estreiteza e o exclusivismo na escolha das leituras.

> Há idéias e fatos que nenhum homem inteligente deve ignorar, diz Fillion. Seria certamente nocivo à nossa formação se nos encerrássemos, por assim dizer, num quarto escuro, sem querer lançar de vez em quando um olhar para ver o que se passa lá fora.

Assim que elaborares o programa, observa-o fielmente. Lê um autor até o fim; não sejas daqueles que lêem simultaneamente quatro, cinco, seis volumes. Mons. Dupanloup, jovem padre, tomou a seguinte resolução:

> Quando me tiver decidido a fazer uma leitura e a tiver começado, concluí-la-ei mesmo que encontre uma melhor; isto é importante para impedir que o espírito se torne volúvel, e para tirar melhor vantagem de cada livro.

Não leias muito

Leituras muito numerosas são indispensáveis para alargar o teu espírito e completar os teus conhecimentos. Contudo, evita todo excesso: a exaltação irracional, o furor, a paixão da leitura são apenas preguiça disfarçada achando mais agradável essa ocupação fácil do que o esforço árduo, mas salutar pelo estudo.

O primeiro inconveniente deste defeito é de amontoar o espírito com uma multidão de noções incoerentes e superficiais, que podem perturbar o juízo.

Nosso século está doente por ler muito e por ler mal, dizia Vernet. Sem uma reação voluntária do leitor sobre os pensamentos do autor, a leitura é antes um mal do que um bem. Lê, mas reflete, e não leias se não quiseres pensar lendo ou pensar depois de ler.

O hábito de ler muito faz desaparecer, pouco a pouco, o gosto pelo estudo. E o furor da leitura torna assim a mais perigosa forma de preguiça.

> Esta paixão, de que muitos veneram como uma preciosa qualidade intelectual, é, na verdade, uma tara, diz o Pe. Sertillanges; nada difere das outras paixões que açambarcam a alma, porquanto entretém nela a perturbação introduzindo e entrecruzando correntes confusas e esgotando as suas forças. A leitura desordenada entorpece o espírito; não o nutre; torna-o pouco a pouco incapaz de reflexão e concentração, e conseqüentemente de produção; exterioriza-se, se podemos assim dizer, e torna-o escravo de suas imagens mentais, do fluxo e refluxo de que ele se fez espectador.

Este abuso tem por conseqüência fatal um enfraquecimento notável da personalidade. O talento desaparece sob uma torrente invasora; um pensamento estranho instala-se no lugar de um pensamento pessoal, que, por sua vez, se estiola. Cessa-se de ser um si mesmo; não se é senão o eco frágil da multidão de idéias disparatadas que se entrechocam no espírito. Lê pouco, mas bem, toma o tempo preciso para "quebrar o osso e chupar o tutano substancial". Permanece tu mesmo e, aos poucos, com prudência, molda as idéias pessoais sobre as questões de que te ocupas. Robertson dizia:

> Eu li a sério e com intensidade, mas sem nunca roçar uma obra, sem nunca me deixar seduzir por livros puramente atraentes; assim, Platão, Aristóteles, Tucídides, Butler, Sterne, Edwards passaram pelo meu ser como átomos ferruginosos em meu sangue.

Eis como deves ler. Age, portanto, à maneira de um garimpeiro que cava o solo para encontrar nele pepitas preciosas; lê à maneira dos que colhem flores para compor um buquê ou frutas para encher uma taça. Eles não fazem a colheita ao acaso: tomam as flores mais belas e os melhores frutos.

Lê, e relê amiúde, um número pequeno de livros

Faguet, em seu pequeno volume *L'art de lire*, diz-nos o seguinte:

> Tanto se lê um livro sério virando as páginas da esquerda para a direita, como virando-as da direita para a esquerda, quero dizer, voltando ao que se leu. O homem de idéias, sendo, mais do que qualquer outro, um homem que não pode dizer tudo de uma vez só, completa-se e ilumina-se ao avançarmos na leitura de sua obra, ou quando a lemos por inteiro. É preciso, pois, à medida que se completa e esclarece, levar em conta sem cessar, para compreender o que se lê hoje, o que se leu ontem, e para compreender o que se leu ontem, levar em conta o que se leu hoje.

Isso que Faguet diz de um livro é preciso aplicá-lo a um pequeno número de livros bem escolhidos. Aliás, esta recomendação não é novidade. Plínio dizia: "É preciso ler muito os autores, mas não muitos autores". Sêneca escrevia a Lucílio:

> A leitura de uma profusão de autores poderia provir do capricho e da inconstância. Faz uma escolha de escritores para neles te deter e nutrir-te do seu gênio, se quiseres tirar daí recordações que te sejam fiéis. Aqueles cuja vida se passa em viagens terminam por ter milhares de hóspedes, mas nenhum amigo. O mesmo acontece necessariamente a quem negligencia o vínculo com um autor favorito para correr e lançar um olhar rápido sobre tudo de uma vez.

Santo Tomás fez a mesma recomendação a um estudante que lhe havia pedido um conselho: "Não te contentes de receber superficialmente o que lês e ouves; mas te esforça para penetrar ou aprofundar todo o sentido". Isto quer dizer que se deve retornar com freqüência às mesmas idéias, reler sempre os mesmos livros.

Cita-se muito a máxima: "Receio o homem de um livro só", sem compreender, porém, o seu alcance. Sem dúvida, um homem que possuísse a fundo uma ciência seria um grande adversário. Mas o sentido da máxima parece ser este: "Deus me guarde daquele que conhece apenas um livro!". Um homem assim teria estreiteza de espírito e seria um cabeça-dura.

Não sejas homem de um só livro, mas de um certo número de livros excelentes. Nada impede que entre esses livros tenhas um ou dois de que farás teus livros de cabeceira. Deste modo, imitas os maiores espíritos e as almas mais nobres da humanidade.

Alexandre, o Grande portava sempre consigo as obras de Homero em um escrínio de ouro. Demóstenes tinha predileção por Tucídides; para adquirir sua elegância de estilo, copiou oito vezes a *Histoire de la guerre du Péloponèse*. Brutus fez de Políbio seu autor predileto; consagrou parte de sua última noite a completar o compêndio que estava fazendo de suas obras. O sultão Sélim II ordenou a tradução para si dos *Commentaires de César*, e essa leitura inflamava seu ardor militar. Grotius andava sempre com uma edição de Lucano; viram-no muitas vezes beijar com respeito este livro.

Sabemos que Carlos Magno fizera da *Cidade de Deus* seu livro favorito. São Francisco de Sales leu e meditou toda a vida o *Combate Espiritual*. Bossuet teve por mestres a Bíblia, Tertuliano e Santo Agostinho. Bourdaloue inspirou-se sobretudo em São Paulo e em São João Crisóstomo. Montesquieu amava principalmente Tácito, este historiador "que compila tudo, porque tudo vê". Voltaire tinha constantemente sobre sua mesa de trabalho *Athalie* e o *Petit Carême*. Diderot dizia: "Se eu fosse obrigado a vender minha biblioteca, conservaria, custasse o que custasse, Moisés, Homero e Richardson". Rousseau extraiu de Plutarco, Montaigne e Locke a substância para escrever *Emile*.

Ampère sabia de cor a *Imitation*. Michelet a lia com deleite. O ilustre Cauchy a trazia sempre consigo em companhia de um Virgílio.

O grande Lincoln tinha também seus livros preferidos: a Bíblia que a mãe lhe legara; a *Vida de Washington* que havia pago a seu professor por três jornadas de trabalho; o *Commentaire des lois anglaises* de Blackstone, que havia comprado junto a um alfarrabista. Leu todos e os releu. A Bíblia ensinou-lhe a viver o seu cristianismo; a *Vida de Washington* fez dele um grande cidadão; o *Commentaire* de Blackstone deu-lhe a idéia de defender e vigiar o direito e a liberdade.

Um poeta contemporâneo cantou seus *autores preferidos* com uma graça delicada. Eis esta pequena obra-prima:

Seus espíritos o meu visitam:
Narram aventura tanta;
Que sua voz minha alma encanta,
Gosto de suas conversas
Da felicidade tão certa.

Se espero a terra desertar,
Bossuet, nos olhos um clarão,
Precipita-se e me prende, tal um grifo,
E por entre o ruído do trovão,
Me arrebata assim pelo infinito.
Perto de Fénelon, medito;
Aniquilo-me com Pascal;
Com a história me irrito,
Unindo ao chicote de Tácito
A Sátira de Juvenal.

Ninguém que tanto me encante
Quanto Sévigné de palavra graciosa;
Tão fina quando maldosa
Em ternura é tocante;
É bem francesa em sua viva causa![15]

Lê com atenção e reflexão

É bem verdade que muitos não sabem ler: percorrem os livros com uma rapidez desconcertante. As páginas desfilam diante dos olhos como películas de cinema. Que fruto sério podem produzir leituras assim feitas?

Os devoradores de livros passam por estudiosos. Não nos deixemos enganar.

> Estas crianças, diz Gâche, que a um só tempo encantam os pais e os desolam, porque em uma semana de férias escolares esvaziam a biblioteca de casa e dos vizinhos, estas crianças perdem o tempo mais despropositadamente, crede, do que seus amigos a perder o fôlego correndo pelos campos. Estes falsos trabalhadores são, provavelmente, uns debilitados: se fossem sãos e vigorosos não permaneceriam assim, o nariz enfiado nos livros. Ou então, são uns desatentos, incapazes de fixar um olhar curioso sobre as coisas ou de dobrar-se sobre elas.

Quando leres, faz silêncio em torno de tua alma, afasta a causa da distração e coloca-te em estado de solidão interior. Concentra a

15. Anatole de Ségur.

atenção sobre a leitura, pondera as palavras e idéias; não permitas a passagem de expressão alguma que não compreendas; para nos trechos que te pareçam obscuros. É preciso, depois da leitura, que possas dar conta da idéia geral e das idéias particulares. Nada te impede de agir como aquele mestre inteligente que queria acostumar os alunos a tornar frutíferas suas leituras. Para isso, redigia um pequeno questionário relativo a cada livro emprestado e o fixava no interior do volume. Dava o duplicado a quem pedia emprestado o livro, sobre uma folha volante na qual este deveria escrever a resposta às questões. Eis aqui alguns exemplos: assinalar as duas cenas mais lindas, a mais bela paisagem, a parte mais patética; mais cômica; assinalar o que é digno de ser imitado, o defeito que arruína tal personagem, o defeito que traz tal infelicidade, uma cena romanesca, as palavras ainda não conhecidas etc.

Mons. Dupanloup, ainda um jovem padre, escreveu sobre seu livro de regras:

> Não farei jamais a menor leitura por simples curiosidade. — *Age quod agis.* — Pouco e bem. — *Multa in labore methodus.* — *Multa in methodo constantia.* — O essencial é me nutrir de modelos. Nunca lerei por precipitação. Em todas as leituras, absolutamente todas, é preciso que eu vise nutrir-me, convertê-las em minha própria substância.

Estas derradeiras palavras de Mons. Dupanloup nos fazem compreender que toda leitura deve ser acompanhada de meditação. Meditar é converter as idéias que lemos em pensamento pessoal, é, como disse um velho autor, "recortar, despedaçar, ruminar, reduzir por assim dizer em pasta os alimentos que os bons livros apresentam".

Não faças jamais leituras passivas; para a fim de entender bem o que lês; repete-o em tua própria linguagem até que estejas satisfeito. Desenvolverás, assim, uma originalidade de bom quilate. "Um quarto de hora de reflexão estende e forma mais o espírito do que muita leitura", diz a Madame de Lambert.

Reflete sobretudo para agrupar as idéias da leitura e classificá-las em ordem perfeita. Era este o proceder de Balmès. Com apenas quatorze anos, criara o hábito, antes de empreender a leitura de um volume, de percorrer o índice, e perguntava-se de que maneira trataria o mesmo assunto se fosse encarregado de escrevê-lo.

Curvado sobre a mesa, a cabeça entre as mãos, lia algumas linhas; depois envolvia a cabeça com o manto, permanecia muito tempo perdido em si mesmo; em seguida, despertava, como de um sono profundo, e continuava a leitura.

Lê com o lápis na mão

Esta prática foi colocada em uso por todos os espíritos sérios de todos os séculos. "Escreve o que viste", diz o anjo a Habacuc; a mesma recomendação foi feita pelo anjo do Apocalipse ao exilado de Patmos. São Paulo pede a seu querido discípulo Timóteo para lhe trazer de Tróia o manto, os livros e sobretudo seus cadernos.

Santo Agostinho conta nos *Soliloques* uma visão que lhe disse:

> Pede força, e depois socorro para achares o que procuras; em seguida, escreve-o a fim de que o parto de teu coração te anime e te torne forte. Escreve apenas os resultados, e em poucas palavras. Não penses na turba que poderá ler estas páginas; alguns saberão compreendê-las.

Bossuet, durante longos anos, estudou com a pena na mão os teólogos, e mais ainda as Escrituras e os Padres da Igreja. Anotava os pensamentos que pareciam veias a explorar; esboçava as divisões e os desenvolvimentos. Mais tarde, quando se doou à pregação, ia buscar nos cadernos como em fontes perenes.

Foi acumulando anotações que Joseph de Maistre preparou as mais belas obras.

> Estais vendo aqui estes volumes imensos deitados sobre a minha escrivaninha, dizia ele. É aí que, desde mais de trinta anos, escrevo tudo o que as minhas leituras me presenteiam de mais surpreendente. Periodicamente me limito a simples indicações; outras vezes transcrevo palavra por palavra os trechos essenciais; com freqüência acompanho as indicações com algumas notas, e com mais freqüência ainda acrescento certos pensamentos que despontam no momento, quais iluminações súbitas que se apagariam sem fruto se a escrita não lhes fixasse o facho [...]. E agora mesmo não acreditais com que prazer percorro essa coleção imensa.

Joubert deixou mais de duzentos cadernos em que ele escrevia, a toda hora do dia e da noite, acontecimentos, análises de leitura,

reflexões, máximas. De Sacy tinha a pretensão de poder dizer de qual o acontecimento público ou privado, de qual conversação ou de qual leitura nascera cada uma das máximas que se encontravam na coletânea de Joubert.

Madame Swetchine tinha também este hábito excelente. Seu biógrafo, de Falloux, no-lo disse:

> Nenhum livro saía de suas mãos que não estivesse anotado, comentado e até copiado, algumas vezes, em toda sua totalidade [...]. A primeira data desses enormes extratos remonta ao ano de 1801. Seus volumes se elevam ao número de trinta e cinco; fora outros que foram perdidos. Os menores são in-8; treze in-4.

O Pe. Ravignan tinha empreendido um vasto repertório de formato in-folio, distribuído segundo ordem alfabética, em que ele apanhava e ordenava de antemão o material para o futuro. Foi este um dos segredos do poder de sua palavra.

É por esse meio que Mons. Dupanloup se prepara à obra de seu apostolado.

> Durante dez anos, sem aprender tudo de cor, disse ele, eu escrevia tudo: instruções, homílias, histórias, interrogações, avisos; tenho assim, sobre tudo isso, dez volumes in-8 para publicar. E hoje sinto que devo tudo no púlpito a esse antigo trabalho.

Por que tomar notas? O hábito de tomar notas apresenta inúmeras vantagens:

Alivia a memória. Uma contensão muito intensa e prolongada causa fadiga, e apesar de grande aplicação, deixa escapar muitas coisas que deveria fielmente guardar.

> Não te fies na memória, diz o Pe. Gratry. A memória é uma faculdade que esquece. Quando a luz celestial das idéias brilha sobre ela, crê que esta luz não lhe será tirada, e que vislumbrará sempre o mesmo espetáculo. Não lhe ponhas fé. Quando a luz se retirar, a memória empalidecerá, como a natureza quando o sol se põe, pois aqui, a obscuridade é o esquecimento.

É um repouso no estudo pela diversão; desloca a fadiga ao variar o seu objeto. “A escrita me descansa da leitura e reciprocamente”, dizia Lacordaire.

É um meio de formação do juízo e do gosto. O hábito de tomar notas conserva o espírito em alerta, dá ordem às concepções, precisão às idéias, concisão à expressão, qualidades estas de primeira ordem.

As anotações são um meio de autoridade. Nossa insuficiência e nossa inexperiência desaparecem sob o abrigo dos nomes de profundos observadores e grandes pensadores.

Que notas tomar? O Pe. Sertillanges e Gâche deram a este respeito excelentes diretivas que passo a resumir. Tomam-se notas de diferentes espécies:

Notas de formação geral: aquelas que te parecessem boas de conservar. A porção é fixada de acordo com o fim, indicado pela profissão ou vocação, que se espera alcançar. Traça um plano vasto e compreensível. Mas evita o excesso e a aglomeração. Encontramos jovens que têm a mania de tudo copiar e nunca utilizar anotações: relegam-nas ao fundo de uma mala ou a um canto qualquer. Toma o cuidado com a classificação. Isto é, de ter cadernos diferentes para cada assunto.

Notas em vista de um trabalho preciso. É uma documentação. E, por esta razão, é necessário recorrer às melhores fontes de informação. Anota de modo mais sóbrio possível, e estreita o assunto próximo sob todos os lados que desejas estudar. Impregna-te das idéias principais, meditando-as. Se o plano não te parecer, de início, nítido o bastante, faz um plano provisório, segundo o qual tomarás as tuas informações.

Na maioria das vezes terás *que resumir uma obra ou parte da obra.* Eis o que aconselha Gâche:

> É importante não esquecer o que foi lido. Anota-o. Escreve o título da obra, depois o nome do autor; por fim, abaixo, introduz: "Capítulo primeiro" e um resumo sucinto deste capítulo — se aprovas tudo e por quais razões; se censuras algum ponto e porquê; se certas passagens te lembram algum livro lido anteriormente e quais semelhanças encontras entre as duas obras. Continua assim, capítulo por capítulo, até o fim. Se achares algumas páginas belas e significativas, aprende-as de cor.
>
> Que acontecerá quando terminares um tal trabalho? Acontece que este livro, assim resumido, comentado, memorizado, já não é mais a obra um tanto morta do autor; é obra tua; é teu pensar; vive em ti, mudado, segundo a palavra bem conhecida de um poeta, sim, verdadeiramente convertido em sangue e nutrientes.

Como tomar essas notas? Acabamos de dizê-lo em parte. Digamos que suas qualidades devem ser a rapidez, a concisão, a clareza. Em geral, anotam-se somente as idéias. Os resumos devem ser curtos, salientes, originais.

Faz uso de fichas. São pedaços de cartões delgados, bastante grandes. Cada ficha traz um título especial. Quando numa leitura encontramos uma idéia relacionada com o assunto indicado nas fichas, escreve-se ou resume-se de imediato no lugar certo a fim de não a deixar perder-se. O uso de fichas é um dos segredos da ciência.

> É o único meio, em momento adequado, de lembrar-se do que se lê, diz Albalat. São tesouros que se acumulam; é suficiente, mais tarde, uma simples releitura para que tudo quanto foi anotado retorne com clareza. Não é difícil ser instruído graças a este meio. Os sábios sabem-no; é por isso que eles são modestos.

Há quem prefira usar cadernetas em que as páginas são dispostas como fichas com divisões e títulos. Outros preferem *pastas*, contendo cada qual notas de determinada categoria. Aquelas de assunto idêntico são colocadas no mesmo cacifo. Em suma, a melhor classificação é aquela que encontramos por nós mesmos.

Fixa todos os dias um momento determinado e sê fiel

Não fixes este momento antes de refletir bem. Teu espírito sentir-se-á bem com esta medida. Toma essa resolução como um compromisso de honra, e que a hora fixada te encontre inexpugnavelmente fiel à tua promessa.

Trabalho curto, porém, contínuo, efetuado regularmente, vale mais do que leituras empreendidas ao sabor da fantasia. Esta regularidade formará tua vontade e conservará constante o humor. Se as pequenas penas de cada dia, as aflições, os aborrecimentos te perturbam a ponto de esqueceres o regulamento, é porque te falta o império sobre ti mesmo. Deixa de lado todas as inquietações e preocupações e concentra as faculdades sobre o objeto de tua leitura. Toma uma atitude resoluta; diz a ti mesmo que queres empregar bem o tempo.

Quando graças à tua energia tiveres criado o hábito da fazer a leitura no momento indicado, não poderás mais passar sem esta refeição que teu espírito reclama. A regularidade entretém o interesse

e o interesse dá à luz ao entusiasmo. Nessas condições, a leitura se torna um poder, porque o prazer de se comunicar com os grandes espíritos, de sentir a alma em contato com a deles, tira do trabalho toda a aspereza e o transforma em prazer intenso.

Capítulo XI

Não te desencorajes se experimentares dificuldades de ordem material, se fores alvo de contradição e o teu estado de saúde deixar a desejar

MEU querido amigo, não ensino nada de novo ao dizer que encontrarás, por vezes, dificuldades em teu caminho. Não temas. A provação é a têmpera das almas: por ela, os fortes tornam-se heróis, como o carvalho que se fortalece com os ventos tempestuosos; os fracos fortificam-se ou pelo menos, como a cana, aprendem a nutrir-se da torrente que os agita.

> A cabeça de Hércules, diz Ruskin, estava sempre coberta com a pele de leão cujas garras se juntavam abaixo do queixo para mostrar que, depois de havermos vencido uma dificuldade, ela se torna para nós uma ajuda.

A dificuldade é formadora: amadurece a inteligência, disciplina a vontade, o caráter, a sensibilidade; faz desabrochar o gênio como o vento faz desabrochar certas flores.

A dificuldade é estimuladora: porta ao esforço e à ação; esforçamo-nos para subjugá-la, contorná-la, vencê-la. Faz-nos viver plenamente. Victor Hugo cantou-a em versos magníficos:

Os que vivem, são os que lutam, é aquele
Em que um desígnio firme enche a alma e a fronte,
Aquele que de um elevado destino escala o áspero cimo.

A dificuldade é preservadora: afasta as tentações da vã complacência e do orgulho; impede-nos de cair nos vícios que matam o gênio. O exército de Aníbal fortificou-se nos perigos; afrontou com sucesso a traição dos gauleses, a neve dos Alpes, o sol ardente da Itália, a bravura dos romanos. Mas perdeu o seu valor guerreiro assim que encontrou diante de si o gozo e a refeição farta.

Portanto, não temas as horas penosas de tua vida de estudante. Arma-te a cada dia de valentia. Se fores corajoso vencerás a dificuldade, e suas lições ser-te-ão de um preço inestimável. Lê as biografias dos homens mais distintos, e verificarás que a maior parte destes personagens ilustres fizeram uma consumição assustadora desta iguaria generosa que se chama *o pão que o diabo amassou.*



Se estives em apuros e na penúria, coragem! Estás em ilustre companhia

Quantos sábios, escritores, artistas, lutaram contra esta provação, sobretudo na juventude! Amyot fez seus estudos ao mesmo tempo que servia de empregado aos seus companheiros. Cervantes nem sempre teve pão fácil. Tasso foi obrigado a pedir emprestado uma moeda a um de seus amigos para subsistir uma semana; num soneto confessa não ter sequer uma vela para escrever seus versos. Camões morreu de miséria num hospital de Lisboa. Vondel, o Shakespeare holandês, viveu na maior miséria e morreu sem deixar o necessário para se fazer seu enterro; quatorze poetas tão indigentes como ele o levaram ao cemitério.

Em nossos dias certos homens não foram melhor aquinhoados. O químico Fourcroy suportou verdadeiras privações durante a juventude. Alojado num sótão, recebia luz por uma fresta tão estreita que sua cabeça, com o cabelo penteado à moda daquele tempo, só podia mover-se na diagonal. Ao lado dele morava um carregador de água, pai de doze crianças. O jovem estudante tratava as inúmeras doenças dessa família. O vizinho lhe retribuía serviço por serviço. "Também", diria ele mais tarde, "jamais me faltou água". O resto, ele conseguia penosamente por meio de lições dadas a outros alunos, por pesquisas para estudantes ricos e por algumas traduções, aliás muito mal pagas.

Magendie, tendo conseguido, por concurso, um posto de interno, obteve o suficiente para viver, mas ao preço de quais sacrifícios!

> Durante um tempo, que me pareceu bastante longo, relembrava alegremente mais tarde, deduzidas as despesas, restavam apenas para viver não mais do que cinco *sous* por dia, e ainda havia um cão que eu criava; compartilhávamos; ele não estava gordo, muito menos eu!

Durante longos anos, François Coppée viveu numa penúria vizinha da miséria. Confessou ter sobrevivido com poucos recursos até os seus vinte e sete anos. Após a morte do pai, ficou encarregado de sustentar a mãe e as irmãs, não tendo como recurso senão seus parcos vencimentos de funcionário no Ministério da Guerra. Tendo publicado por conta própria o *Reliquaire*, seu primeiro livro, não conseguiu vender cem exemplares; o segundo, as *Intimités*, alcançou apenas 70 exemplares. Enfim representaram o *Passant* no Odéon: mudança de cenário como por um passe de mágica. Da noite para o dia ficou célebre.

Gaston Boissier, falando das glórias da École Normale, dizia:

> Acham-se entre eles os que nasceram numa oficina ou numa loja, e não são menos grandiosos. O pai de Pasteur era curtidor de couro. Debray, quando menino, manejou a lima e o martelo em casa de um serralheiro. Briot se destinava a exercer uma profissão regulamentada quando caiu e quebrou o braço direito; e então, impedido assim de servir como operário, tornou-se um sábio. Verdet começou por ser menino de coral, e Weiss da tropa.

Não te desencorajes se não tiveres à tua disposição os meios que deverias ter

Nem sempre são os alunos que freqüentam as mais ricas bibliotecas os que fazem os estudos mais brilhantes; nem sempre é nos laboratórios mais bem equipados que fazem as descobertas mais retumbantes. Não são as ferramentas que fazem o operário; é a engenhosidade, a habilidade, a perseverança. Um pintor aprendeu a arte das cores estudando com atenção as asas da borboleta; um outro fez os primeiros pincéis com os pelos do rabo de um gato. Um astrônomo fez os primeiros cálculos sobre pedaços de couro adelgaçando a

golpes de martelo na loja de um sapateiro de quem era aprendiz. Watt fez o primeiro modelo de máquina a vapor com uma seringa velha com qual se servia um anatomista para aplicar injeções antes de dissecar.

Pasteur, na École Normale, aproveitou uma estufa no vão de uma escada; só podia entrar aí de joelhos. Foi neste espaço que fez todos os seus estudos sobre a geração espontânea.

Foi com instrumentos da fortuna que o Pe. Roblet empreendeu seus trabalhos geográficos em Madagascar. Um barômetro aneróide emborcado e coberto de uma folha de papel pregada por alfinetes servia-lhe de prancheta; uma luneta em mau estado de alidade. Na falta de suporte, a prancheta fora colocada no chão; para fixar a luneta-alidade em relação com ela, era preciso que ele assumisse uma posição nada cômoda. Somente mais tarde esteve um pouco melhor apetrechada. Essa existência de geógrafo durou vinte anos. Fez — um de seus feitos — mais de três mil ascensões. Sobre 920 montanhas, tomou, com seus instrumentos, 32.317 ângulos; sobre 2.000 entre eles, executou 2.000 levantamentos à prancheta. Acrescentemos 3.908 ângulos azimutais e 803 distâncias zenitais.

O exemplo do Abade Tauleigne é mais recente. Seu primeiro aparelho permitindo a inscrição ao Morse de sinais radiotelegráficos da torre Eiffel era rudimentar e grosseiro, ainda que muito arrumado nos seus detalhes essenciais. A oficina do cura de Pontigny era a cozinha ou, melhor, a forja de um mecânico de carro, um vizinho de quem a adquirira. Seus instrumentos eram apetrechos de um amador faz-tudo. E era com isso que achava um meio de forjar, temperar e magnetizar ele mesmo o aço que empregava na construção de relés e transmissores da experiência em curso.

Fez-se observar há pouco que as magníficas torres solares do Mont Wilson, nos Estados Unidos, não parecem dar melhores resultados que o simplíssimo dispositivo empregado em Meudon. E, entretanto, há, sob o céu do sul da Califórnia, 300 dias favoráveis contra 150 na França! Isto prova que o mais luxuoso observatório não é automaticamente o melhor!

A riqueza é freqüentemente um obstáculo ao desabrochamento de um talento esplêndido. Um jovem voltava da Itália onde se aperfeiçoara na pintura. “Tornar-se-á ele célebre?”, perguntaram a um grande artista. “Não”, respondeu este. “E por quê?”. “Porque possui uma renda de cinqüenta mil francos por ano”.



Nesse estado de penúria e pobreza, um início penoso é desolador, mas não desencoraja as almas endurecidas

E assim se compreende o heroísmo daqueles que se obstinam e teimam, por assim dizer, na tarefa diária apesar das aflições e dissabores. Em geral, o sucesso cabe aos perseverantes.

Todo homem tem a sua hora, diz Lacordaire, contanto que espere e não faça nada contra a Providência. Muitos homens célebres esperaram um longo tempo essa hora e em condições tão precárias que é difícil imaginá-las mais desencorajadoras.

O começo dos Flandrin (Paul e Hippolyte) em Paris foi excessivamente duro. A morada deles era uma pequena mansarda situada no sexto andar. Às seis horas, de cada manhã, já estavam ao trabalho. O pão era caro. O almoço custava cinco *sous* por cabeça, e compunha-se de um pouco de charcutaria ou de melaço sobre o pão. O jantar elevava-se a quinze *sous*. O inverno de 1829-1830 foi bastante rigoroso. O termômetro desceu a menos 14 graus no quartinho sem calefação. Assim, para encontrar algum calor, se recolhiam à cama logo após o jantar; mas para não perder a noite, liam à luz de uma lâmpada instalada acima de suas cabeças.

O começo de Sardou tem até um ar de lenda. Aos 20 anos era estudante de medicina, mas o teatro o atraía. Estava persuadido de que o teatro faria a sua força e sua glória. Mas quanta quantidade pavorosa de *pão amassado pelo diabo* devia consumir antes de atingir a glória! Foi pobre até a miséria. Trajava um paletó cujo corte era um insulto a todos os alfaiates, e a cor um desafio a todos os tintureiros. As calças eram mais elegantes, mas Sardou era proprietário apenas de uma das pernas da calça; a outra tendo sido paga por um estudante de medicina. Os dois amigos a vestiam alternadamente quanto tinham de ir pelo mundo. E o sucesso não veio tão rápido. Teve início com uma tragédia em verso, a *Reine Ulfra*. Era uma peça sueca; quarenta anos mais tarde teria sido acolhida em nome de Ibsen ou de Bjoernson. Em 1850, jogaram-na no lixo.

Escreve uma comédia, a *Taverne des Etudiants*. Foi aceita; representada no Odéon. Mas os estudantes vêem-se insultados pelo autor que faz uma das personagens dizer:

Não há mais juventude, não há mais pudor;
E há quem se acredite sábio; e quem se diga pensador.

Os assobios, os gritos de animais, as vociferações explodem e o tumulto é tal que no fim não se pode sequer proclamar o nome do autor. Não se desencoraja e multiplica os ensaios. Enfim, a 15 de maio de 1860, apresenta as *Pattes de mouche* e Sardou troca seu legendário casaco Macfarlane de inverno por um manto de glória.



Não te deixes abater pelos reveses e má sorte

Não obter a princípio bom êxito muito facilmente é quase sempre salutar.

> Não tenhas medo dos fracassos, diz Bazin. O primeiro é necessário, uma vez que exercita a vontade. O segundo pode ser útil. Se te levantares do terceiro és como a uva que nunca é tão palatável quando amadure sobre os seixos.

O engenheiro Claude é da mesma opinião.

> É extremamente útil sofrer um fiasco, diz ele; sempre se aprende daí alguma coisa; eu mesmo, em relação a isso, tenho um pensamento que me sustenta nos períodos de maré baixa e que, apesar da forma trivial, desejaria ver pregado, num medalhão, em nossos laboratórios: "O sucesso é feito de muitos fiascos".

O fracasso reincidente tem, por vezes, a vantagem de desviar de uma rota falsa ou de levar a tomar uma melhor. Corneille fracassou no foro, mas se tornou a glória do teatro francês.

Boileau queixou-se uma única vez e perdeu-se no meio de seu discurso. Devemos a este insucesso uma boa parte de sua obra literária.

Fontenelle foi copiosamente vaiado na tragédia, mas obteve uma reputação invejável por suas obras de divulgação científica.

Certos gênios, e não são os menores, parecem ter sido, durante a maior parte de sua existência, vítimas da má sorte e da fatalidade. Nem por isso continuaram menos intensamente seus trabalhos com uma constância admirável. Que drama comovente, por exemplo, foi a vida de Berlioz! A infelicidade e a adversidade encarniçaram-se contra ele até o fim. Suas obras, as mais belas, não conseguiram triunfar sobre a hostilidade e a indiferença. A *Damnation de Faust* nada lhe proporcionou. Os *Troyens* não tiveram nenhum sucesso. Seu *Te Deum*, sua *Messe des Morts*, são apreciados somente por alguns artistas. Quantos sofrimentos para uma alma profundamente sensível! Quase morre de fome. Algumas flores caíram sobre seu ataúde. Hoje se conhece melhor o seu valor, mas o esnobismo não perdeu a influência nesta admiração tão tardia.

A invenção pela qual Edison recebeu sua primeira patente (1869) consistia num contador de votos destinado a permitir à Câmara dos representantes votar em menos de um minuto.

> O presidente da Comissão encarregada de o examinar, relembra Edison, após ter constatado a rapidez e a perfeição da máquina, me disse: "Jovem rapaz, se há uma invenção na Terra de que não precisamos é justamente esta. Uma das melhores armas entre as mãos da minoria para prevenir o perigo das más leis é de falsificar o escrutínio por meio de manobras, e este aparelho o impediria".

Edison dirigiu sua atividade para invenções menos desanimadoras.

Há, por acaso, um estado mais incompatível com o trabalho intelectual do que o de ser jogado na prisão e privado de todo instrumento de trabalho? Certamente jamais passarás por tal experiência. Mas os exemplos de trabalhos notáveis, de obras-primas mesmo, concebidos e executados nesta situação particularmente desvantajosa, podem servir de estimulante aos estudantes que, nada lhes faltando, se deixam levar a uma indolência culposa.

O poeta inglês Lovelace disse: "Muros de pedra não fazem mais uma prisão do que as barras de ferro de uma jaula; os corações inocentes e tranqüilos saboreiam nela os encantos da solidão". Foi em uma prisão que Boécio compôs suas imortais *Consolações da Filosofia*. Foi para enganar os dolorosos ócios do cativeiro que Carlos d'Orléans escreveu uma poesia assaz tocante. Foi durante uma permanência na Bastilha que Pellisson escreveu seus *Discours au Roi*

e sua *Mémoire* em favor de Fouquet; que Voltaire compôs uma parte de *Henriade*. Foi numa prisão que Camões escreveu os *Lusíadas*. Foi durante um longo cativeiro em Veneza e na fortaleza de Spielberg, na Morávia, que Silvio Pellico recolheu as recordações que deviam formar seu livro famoso, *Mes Prisons*.

César Cantu, enfiado ao duro cárcere por causa de uma pretensa conspiração contra o governo austríaco, foi privado de tinta, papel e pena. Com argueiros de palha fabricou as penas, a tinta com a fumaça negra da vela e escrevia sobre pedaços de papel de embrulho. Foram nestas condições que traçou o plano de sua *Histoire universelle*, que escreveu poesias, contos, novelas e o célebre romance, *Margherita Pusterla*.



Eleva-te acima da inveja, da maldade e de certa indiferença vizinha do desprezo

Estas provações são tão dolorosas, sobretudo quando provenientes de camaradas, pretensos amigos e daqueles cujo dever seria de encorajar. A indiferença que desdenha é sobretudo odiosa porque revela uma mesquinhez de alma pouco comum. O Pe. Houdry, no sermão sobre a inveja, diz que querelas entre a gente de letras são mais freqüentes que entre os homens de espada. Alexandre Dumas diz brutalmente: "No mundo das letras, não se nutre, devora-se". Em uma conferência célebre, o engenheiro Claude coloca em guarda os jovens contra "o estupefaciente desconhecimento da ciência", e lhes diz:

> Ela vos parece, esta bela carreira das ciências, povoada das mais gloriosas misérias e calçada de injustiças! É o triste cortejo dos inventores desconhecidos, dos Forest, dos Ader, dos Ducos du Hauron; é Tellier morrendo de necessidade, Turpin espoliado de suas mais belas invenções, os Curie, os Urbain, os Branly e tantos outros que escaparam à penúria graças aos 12.000 ou 15.000 francos dos seus vencimentos professorais, sugestivo contraponto aos 700.000 francos de um Carpentier.

Suporta estas provações com valentia; couraça teu coração, e continua com um ardor maior ainda. Abandonando a obra empreendida, não farias mais do entregar as armas aos invejosos e ao malévolos.

Aqui ainda estarás em ilustre companhia: Sócrates foi condenado a beber a cicuta por ter refutado vitoriosamente os erros dos sofistas. Anaxágoras foi jogado na prisão por ter ensinado a noção do Ser supremo. Aristóteles foi alvo de dificuldades por toda a vida pelas arrelias dos ignorantes. Gerbert, no século X, foi tido por feiticeiro e mágico. Descartes, retirado na Holanda, foi violentamente perseguido. A partir das denúncias de Voëtius, reitor da Universidade de Utrecht, foi citado perante os magistrados para responder pelo crime de ateísmo. Demandou-se até que fosse queimado vivo sobre uma alta colina de onde seu suplício pudesse ser visto por sete províncias.

Conhecemos bem as provações por quais passou Galileu. Kepler teve de suportar numerosas discórdias. Contestaram até suas admiráveis descobertas. Um astrônomo obscuro, Longomontanus, escreveu-lhe com insolência:

> Todo o teu trabalho repousa sobre as bases estabelecidas por Tycho Brahe. Procura persuadir os ignorantes, mas não sustentes absurdidades diante de quem conhece a fundo as coisas.

Esperam-te rudes contradições se saíres das sendas trilhadas e sustentares idéias que estorvam e contrariam o imenso exército dos satisfeitos e dos rotineiros. Terás contra ti todos aqueles que tiveres perturbado a quietude sonolenta; terás contra ti a temível súcia dos parvos, tanto mais parvos que se pronunciam *ex cathedra* sobre toda espécie de questões que ignoram. E agindo assim, mostrar-se-ão satisfeitos consigo mesmos e olhar-te-ão como um maníaco.

Quando Harvey publicou sua teoria da circulação, contrária ao que se ensinava desde Aristóteles, seus clientes o abandonaram. Os demais médicos o atacaram com vigor, tratando-o de louco.

É conhecida a oposição de certos médicos rotineiros às descobertas de Pasteur.

O grande botânico Van Tieghem ressentiu-se, ele também, das ásperas mordeduras da inveja e do ciúme. No momento de votar na Academia de Ciência para designar um sucessor de Brongniart, um professor de botânica do museu distribuía pessoalmente um factóide contra Van Tieghem em que se previa a destruição, de alto a baixo, de todas as coleções botânicas do Jardim das Plantas se Van Tieghem fosse eleito.

Uma vez nomeado, o professor experimentou toda sorte de dificuldades. Se pedia para ver uma planta do herbário, encontrava-se como por encanto nas mãos do professor de botânica da faculdade de medicina. Em outra ocasião, quando Van Tieghem ia ele próprio buscar as plantas, respondiam que a amostra era por demais preciosa, e se havia em grande número, diziam ao professor para desconfiar da etiqueta, uma vez que a nomenclatura da espécie era duvidosa. Chegaram mesmo a trocar as etiquetas das plantas, comunicadas a Van Tieghem, na esperança falaciosa de que não se apercebesse disso.

Por que todas essas confusões e tramas inúteis? Porque Van Tieghem não seguia os caminhos já trilhados e, por suas inovações, descontentava os botânicos ditos *descritores*.



A maior provação vem muitas vezes de um estado débil de saúde

A saúde é o primeiro de todos os dons terrestres. "É a unidade que dá valor a todos os zeros da vida", diz-se com engenho. Ela te é necessária, mas não está em teu poder tê-la sempre perfeita. Se fores do número dos raquíticos e doentios, recorre a todos os meios a fim de fortificar tua constituição física. Não tenhas vergonha de pensar no teu bem-estar sob pretexto de que os gênios tiveram uma saúde deplorável. O Pe. Sertillanges disse ser esse um caso de *tentação de Deus* bastante culpável:

> Estás seguro de ter, como os gênios, vigor suficiente para extrair um triunfo da luta incessante da alma contra a debilidade da carne? A propósito, ninguém afirma que os gênios não tenham percebido que suas taras fisiológicas desviavam ou diminuíam seus talentos.

Se, apesar de todos os meios que empregas para melhorá-la, tua saúde ainda vacila, aceita corajosamente esta provação, e procura consolar-te pensando que os sábios de primeira ordem, artistas célebres, escritores ilustres, foram valetudinários.

O sábio Humboldt, fraco na juventude, fortificou-se pelo trabalho, pelas viagens e pela firmeza em seguir um regulamento invariável. Milne-Edwards era de compleição delicada. Berthelot, que fez sua *Elegia*, escreveu:

Trinfou sobre a doença, em grande parte, pode-se dizer, por mérito de sua força de vontade. Não somente não se deixou levar pela doença, mas nem mesmo temeu empreender a redação de uma obra vasta sobre fisiologia e anatomia comparadas, obra esta que teve quatorze volumes e que devia ocupá-lo ao longo de vinte e quatro anos.

O cardeal Newman jamais teve uma saúde estável. A composição da *Gramática do assentimento* quase o levou à morte. Seu amigo Ward lhe falou um dia do prazer profundo e consolador causado pelo trabalho intelectual, Newman então lhe respondeu:

> Estou longe de negar que haja um prazer do gênero, reservado pela Providência. Mas falam aqueles que o experimentaram. Quanto a mim, a experiência é completamente contrária. Não me recordo de ter refletido profundamente sobre uma questão ou escrito meus pensamentos sem padecer de um sofrimento agudo tanto no corpo como no espírito. Quando escrevi meu livro sobre os *Arianos*, estava tão esgotado que, para o fim, mal conseguia impedir-me de cair desfalecido.

Não ignoras que certas obras de grande valor tiveram por autores homens doentes. "Coragem, minha alma", dizia um Padre da Igreja, "desafiemos a fraqueza de nossos corpos". Quantos outros escritores poderiam repetir esta exclamação. É conhecido os sofrimentos de Pascal quando escreveu os rascunhos imortais dos *Pensées*. Haendel, abatido pela paralisia e advertido da proximidade da morte, compôs suas mais belas obras. Schiller, durante os quinze derradeiros anos de vida, não passou sequer um dia sem sofrimento. Spencer não conseguia trabalhar uma hora sem sofrer um mal-estar que o obrigavam a repousar.

Lacordaire, já gravemente doente, dita a *Notice sur le rétablissement des Frères Prêcheurs* que excitou admiração. Foisset ouviu a leitura dos cinco primeiros capítulos em um estado de maravilhamento. Dizia: "Dificilmente se poderia citar um outro exemplo em que se manifeste a tal ponto a supremacia da alma sobre esta porção da matéria que lhe é própria, como dizia Pascal".



Um descanso conveniente te é necessário a cada dia

Um trabalho feito com aplicação traz sempre um certo cansaço ao corpo e ao espírito: sente-se menos vigoroso, a energia falha, a atenção já não se fixa assim tão bem. Acontece, às vezes, que este cansaço seja factício e se avizinhe da indolência; convém, neste caso, não lhe prestar atenção: uma capitulação leva a outra.

Aprende a conhecer bem as tuas forças e jamais as ultrapasses. O esgotamento ou excesso de trabalho não são tão comuns como se diz, mas existem. As almas generosas excedem-se no trabalho: prolongam as vigílias do estudo, levantam muito cedo, privam-se de uma parte dos recreios, raramente fazem passeios, parecem ignorar os dias de férias. O corpo extenuado vai à desforra. O trabalho intenso muito prolongado estende os nervos, espanta o sono e destrói a saúde. O corcel quer ganhar o prêmio: morre após a corrida.

Sem dúvida, a coroa do sucesso é com freqüência a coroa do martírio, mas uma recreação apropriada é mais útil do que aquilo que se poderia chamar de um "desregramento intelectual". Lacordaire fê-lo notar a um jovem: "Tens a coragem de nada fazer, de sair para passear, de dormir bem? Se soubesses quão útil é, na vida, perder tempo de propósito?".

Retoma o conselho em outra carta:

> Deves ter a necessidade de precaver-te contra a desordem da atividade intelectual. Outorga ao tempo o que lhe é devido e o que ele não permite lhe seja arrebatado impunemente. Vai com calma. Por mais preciosa que seja a saúde, não é Hércules que faz o máximo; uma alma generosa em um pequeno corpo pobre é a mestra do mundo.

Saibas quando despedir-se dos livros e descansar. Os meios de descanso são numerosos, e só tens que escolher: a conversa, a música, os esplendores da criação. Não fiques insensível diante dos belos espetáculos: o céu azul, as nuvens brancas ou coloridas pelo sol, o mar espumoso ou cintilante, o lago prateado, o rio murmurante, a noite estrelada, o silêncio impressionante das florestas, tudo isto fala à nossa alma, propicia-lhe descanso e a eleva ao mesmo tempo Àquele que derramou sobre nossa pátria terrestre tantos reflexos da beleza do céu.



Do ponto de vista intelectual, as enfermidades são, por vezes, um benefício

Scarron, na juventude, nunca pensara em tornar-se escritor. Aos trinta anos, foi atacado de um mal horroroso que acumulou em sua pessoa todos os sofrimentos e todas as misérias que nossa pobre humanidade pode padecer: febre, tosse, congestão, gota, reumatismo marcaram um encontro neste pobre ser tornado hediondo, sórdido, objeto de mofa e de piedade. Ele encontra ao fundo mesmo de todos estes males a fonte de um gênio inteiramente novo, pessoal e original. Fará do burlesco um gênero nacional. Seu *Jodelet* e seu *Don Japhet* serão tão aplaudidos quanto o *Cid* e *Horace*. A França comprazer-se-á com as mascaradas do *Virgile travesti*. A Fronda reconhecerá o seu poeta no autor de *Mazarinade*. Bela vingança contra a crueldade do destino!

Se Walter Scott não tivesse sido coxo, talvez não tivéssemos nenhum de seus livros; ter-se-ia alistado nas guerras de seu tempo; teria voltado dos combates com o peito constelado de algumas medalhas, mas seu nome estaria ausente na lista dos escritores imortais.

Beethoven, com mais ou menos trinta anos, foi afetado de surdez quase completa. "Se minha arte não fosse a música", dizia ele, "seria isso bem aterrador; mas, para um músico, que tortura!". Esta mesma enfermidade, porém, serviu à sua glória: lutou para adquirir o apaziguamento e a resignação. Suas obras nada têm de terrestre; são de uma pureza sem mácula e de um idealismo inalterado.

> Uma só palavra, heroísmo, resume o caráter moral do gênio beethoveniano, disse Bellaigue. Beethoven é heróico de todas as maneiras. Ele o é na dor e na alegria; ele o é na ação e na contemplação. Não há nenhuma de suas obras que não narra um combate. Não há nenhuma de suas obras que não seja uma vitória. De todos os conflitos, ainda os mais atrozes, o herói acabou por sair triunfante.

"Só me sinto feliz", dizia Beethoven, "quando supero algo".

Darwin disse: "Se não tivesse sido um grande inválido, jamais teria feito tanto trabalho". Muitos outros poderiam dizer o mesmo. Se de Ségur não ficara cego, não teria talvez publicado tão grande número de obras. Sem o acidente que lhe custou a vista à idade de nove anos, Maurice de la Sizeranne não se teria, sem dúvida,

devotado, como fez, aos desgraçados atacados pela mesma enfermidade. Para eles, tornou-se escritor, criador de bibliotecas, organizador de oficinas e de escolas. Sustentado pela fé e pela caridade, consagrou-se até o último suspiro a estas obras dignas de interesse. Abençoada enfermidade que foi o princípio de tanto bem!

Anima-te por aproveitar bem a juventude pelo exemplo de célebres anciões que empreenderam e levaram a bom termo trabalhos longos e difíceis

Catão aprendeu o grego aos 80 anos a fim de ler os autores no original. Cícero tinha 63 anos quando escreveu seu tratado sobre a *Velhice*. Johnson aprendeu o holandês aos 73 anos e de uma maneira perfeita. Galileu concluiu os *Diálogos sobre o movimento* aos 72 anos. Franklin tinha mais de 50 anos quando começou seus estudos de física. Priestley, antes dos 40 anos, nunca se ocupara de química. Rollin tinha 59 anos quando iniciou o *Traité des Etudes*. Aos 67 anos começou a *Histoire ancienne*, cujo décimo terceiro e último volume publicou aos 76 anos. Infatigável, logo se dedicou a *Histoire romaine*; havia escrito cinco volumes e preparado a documentação dos seguintes quando veio a falecer.

Littré havia passado dos 40 anos quando concebeu o projeto de seu *Dictionnaire*; tinha 59 anos quando a impressão começou. Enviou o último tomo à gráfica em 1872, aos 71 anos de idade. As colunas desta grande obra dispostas umas sobre as outras teriam dez vezes a altura do Monte Branco no vale de Chamonix.

Perguntou-se um dia a Palmerston a que época se pode dizer que um homem se encontra na flor da idade. "Aos setenta e nove anos", respondeu ele. "Mas", acrescentou delicadamente, "talvez tenha eu excedido um pouco a flor da idade, porque acabei de entrar na era dos meus oitenta anos".

O exemplo de Louis Andrieux, antigo prefeito de polícia, antigo embaixador, ultrapassa de muito aquele de Catão e de Palmerston. Aos 86 anos defendeu em Sorbonne sua tese de doutor em letras. Queria ele divertir-se? Queria reviver um velho sonho de juventude? Diante um auditório lotado, dissertou de maneira pertinente sobre Gassendi e sobre o escritor romântico Alphonse Rabble. Um dos examinadores disse: "Conhecemos os grandes homens graças a Plutarco, mas não estamos habituados a vê-los aqui". Os olhares partiram

de Andrieux para Clemenceau, que assistia ao exame. E o público aplaudiu o sucesso deste candidato nada convencional.

Antes tarde do que nunca, é um ditado pronunciado para consolar os trabalhadores de última temporada. Mas tu, tu és jovem; lembra-te de que para as almas bem-nascidas o valor não se mede pelo número de anos.

Capítulo XII

Luta com uma perseverança enérgica contra as dificuldades de ordem intelectual e moral

DESCONFIA *das grandes facilidades.* Dando-te este conselho, não tenho com isso a intenção de produzir humor. Se recebeste em abundância os dons intelectuais, abençoa a Providência. Mas devo acautelar-te contra certos possíveis perigos.

O primeiro seria *a falta de aplicação.* Conta-se com a fidelidade da memória, com a vivacidade da imaginação, com a penetração da razão, e aplica-se ao trabalho sério de maneira cômoda. Abre as *Fábulas* e relê *A lebre e a tartaruga.* A lebre não tinha mais do que quatro passos a dar; a tartaruga, com seu passo senil, chega antes. Ah! Essas lebres do estudo! Como os professores e os supervisores as conhecem bem! Ocupam-se de tudo exceto de seu trabalho. E quantos artifícios desenvolvem a fim de esconder toda espécie de livros, de revistas, de artigos esportivos atrás de robustos tratados de álgebra, de química e de literatura! No derradeiro momento, depois de terem deixado o espírito vagabundear à vontade, lançam um olhar rápido à lição para safar-se honradamente no momento da recitação. Que restará desses estudos feitos em tais condições? Outros estudantes, com talentos bem inferiores, verão seus generosos esforços coroados de êxito, ao passo que eles, com aptidões notáveis, continuarão uns frutos secos. Tanto é verdade que um coxo, no caminho direito, anda e chega mais rápido do que um corredor que se extravia.

Suspeita dessa tendência. Faz bem tudo quanto fizeres. Pergunta-te ocasionalmente: "Quanto de tempo colocaste nesse trabalho?". Seria melhor indagar: "Fê-lo com o maior dos cuidados?". É à tua idade

que se lançam os fundamentos da existência inteira. Podem estar bem escondidos; mas não deixam menos de sustentar o edifício. Os americanos dizem que a fundação do monumento de Bunker Hill mede cinqüenta pés de profundidade: os alicerces ocultos permitem ao monumento resistir às tempestades e desafiar os ultrajes do tempo.

O segundo perigo seria *a precipitação*. Já te disse uma palavra a este respeito. Quando se é bem dotado intelectualmente é-se tentado a correr rápido; enche-se o cérebro de fatos, de datas, de fórmulas, de resumos, e acredita-se com isso ter feito estudos sérios, e afrontam-se os exames com sucesso, a cabeça atulhada de uma multidão de noções sem ligação como também sem coesão. Lavisse, numa conferência, fala desta preparação prematura, dos

> pequenos livros apreendidos pelo coração, manchados por dedos entediados, das palavras incompreendidas estorvando memórias distraídas, das opiniões alheias absorvidas, porém mal assimiladas.

Reage contra a mania de precipitação. Procede com lentidão; impele profundamente as raízes e poderás em seguida suportar o ardor dos raios do sol e os esforços da tempestade. Os melhores frutos são aqueles que amadurecem devagar; saboreando-os parece-nos sentir o sopro do zéfiro, as pérolas do orvalho, os beijos do sol e as mil outras influências que lhes levaram à maturidade perfeita. Procede com cuidado, como o movimento tranqüilo de um homem que se propõe alcançar os altos cumes. A maré sobe pouco a pouco, sem pressa, em direção a todos os pontos que deseja banhar.

Um estudante perguntou ao reitor de uma universidade se não seria possível ab-rogar o tempo prescrito para as aulas e estudos. "Mas claro que sim", respondeu o reitor; "depende do que queres fazer. Deus emprega cem anos para formar o carvalho; para fazer uma abóbora não mais do que seis meses".

O tempo é um elemento indispensável da perfeição. Perguntaram a Giardini quanto tempo era preciso para aprender a tocar violino; ele respondeu: "Doze horas por dia durante vinte anos". Carissimi, elogiado pela graça e beleza de suas melodias, bradava: "Ah! Vós não sabeis o preço de quanto trabalho me custou esta facilidade para compor!".

Goethe, nas criações poéticas sobretudo, tinha o costume de deixar à inspiração plena liberdade de ação e marcha. Ele portava consigo durante meses, longos anos até, um tema, acariciando-o com

amorosa e paciente meditação, abandonando-o, retomando-o, não rompendo jamais o fio, sempre fiel ao princípio da continuidade do esforço. A obra nascia e crescia em seus jardins interiores como uma bela flor. A única tarefa do jardineiro era a de não perturbar o seu desabrochar.

Regra geral: os escritores que sofreram a maior aflição no trabalho de composição são os mais sólidos e os mais perfeitos. Chateaubriand diz, em suas *Mémoires*, a propósito dos *Martyrs*: "Centenas e centenas de vezes desfiz e refiz a mesma página. De todos os meus escritos, é aquele em que a língua está mais correta". No prefácio da décima segunda edição de *Atala*, escreveu:

> Pesei cada frase, examinei cada palavra; fiz desaparecer até as menores incorreções da linguagem. Passei quatro anos na revisão de um ou outro episódio; mas foi assim que ficou como deve ser.

Conhece-se a lentidão de Heredia na composição do soneto. O cuidado que dedicava ao seu trabalho fez de *Trophées* uma verdadeira *Légende des siècles* em miniatura.

> Em cada soneto, disse Barrès, ele esmagou, concentrou a matéria de sessenta volumes bem escolhidos. Meditava longamente um assunto, achava uma imagem, um traço, um verso, depois outro, que anotava. Somente ao fim de dez anos é que encontrou o segundo terceto do *Vitrail*.

O terceiro perigo seria *a dispersão*. Aprende a pôr diques em teu desejo de saber, a fim de levá-lo com uma força ainda maior sobre o objeto de teus estudos. Não procures dar braçadas maiores do que o braço. Quando se persegue duas lebres ao mesmo tempo, corre-se o risco de voltar da caça com a bolsa vazia. Que pensar dos estudantes que correm atrás de cinco ou seis? Concentra todo o teu esforço sobre um único objeto de cada vez; quanto mais se concentram os raios do sol num só ponto, tanto maior é a força. Quanto mais largo um rio, mais chance haverá de ser pouco profundo. Não te deixes arrastar pela vã curiosidade. Sê mestre de ti mesmo; governa o teu espírito, o teu coração, a tua vontade. Cava profundamente o teu sulco sem te deixares afastar por outros assuntos mais interessantes. Estuda um assunto até que dele tenhas uma idéia clara e encara-a sob todos os aspectos.

Não percas a confiança em ti mesmo se os teus progressos não forem tão rápidos quanto desejarias

As inteligências superiores são raras; a maior parte dos estudantes não chegam ao êxito senão por meio de um trabalho incessante e duro. Quando a memória é lenta e preguiçosa, é uma dificuldade a mais, mas não é inexcedível nem sem compensação. Quanto maior é a aflição para reter certas lições, mais difícil será esquecê-la; aqueles que aprendem muito rápido, esquecem, às vezes, muito rápido também.

O essencial para ti é compreender bem. Não te apresses. Retorna sempre às noções e aos princípios fundamentais. Não te irrites se teus camaradas parecem passar à tua frente. Irás mais rápido se tiveres fixado no espírito idéias claras e límpidas.

Não percas toda a esperança se os teus primeiros esforços não forem coroados de sucesso, ainda que os resultados te pareçam desesperadores. Conserva uma confiança inquebrantável e redobra a atenção e o trabalho. A constância, eis o grande meio ao sucesso. Quando se é jovem imagina-se por demais que tal grande homem não teve senão triunfos em sua vida estudantil, que tal orador não teve senão que se apresentar diante das multidões para produzir obras-primas da eloqüência; que a tal escritor bastou molhar a pena no tinteiro para fazer um nome, que tal sábio só teve que se apresentar num laboratório para executar bem as experiências mais delicadas. Doce ilusão!

Montaigne confessa-nos que tinha um espírito "tardio e embotado". O matemático Clavius fazia um prognóstico de si mesmo como um perfeito cábula; era um desespero tentar ensinar-lhe alguma coisa; mas desde as primeiras lições de geometria despertou admiração; havia encontrado o seu caminho. Lineu foi, na juventude, um verdadeiro "cabeça dura". Acharam-no demasiadamente limitado para nomeá-lo pastor protestante. Apesar de tudo, tornou-se o maior botânico de seu tempo ou talvez de todos os tempos. Walter Scott era de uma estupidez sem paralelo. Seu mestre lhe disse um dia: "Cabeça dura és, cabeça dura permanecerás". O próprio pai não tinha dele uma opinião maravilhosa. "Senhor", disse-lhe, um dia, num acesso de humor ácido, "creio que não passareis de um vagabundo".

Edison pouco brilhou na escola primária. Era, em geral, o último da classe, e o seu professor, referindo-se a ele, qualificou-o de

"cabeça de miolos ocos". Foi somente aos onze anos, quando abordou a química, que se apaixonou pelos estudos.

Os irmãos Tharaud desfrutaram da intimidade de Barrès. Eis o seu testemunho: "Chegando a sua casa vinha-me a idéia absurda de que as obras-primas jorram de um golpe e por milagre do espírito. A inspiração era a minha única crença. Nada de mais esterilizante, nada mais favorável à preguiça".

> A maior, a coisa mais inestimável que aprendi de Barrès foi a modéstia no trabalho. Ah! Não, sem dúvida, ele não acreditava que a obra de arte saísse pronta como da cabeça de Júpiter. Quando entrava pela primeira vez em contato com um assunto, sua reação era de desconcertante humildade. Não havia aos seus olhos nem começo, nem meio, nem fim. Havia apenas uma vasta matéria caótica cujas formas se desenhavam nitidamente em meio ao nevoeiro. À medida que as partes se desprendiam da sombra, apurava seus contornos. Muitas vezes, em indicação breve, uma palavra, um traço ligeiro, um clarão, mais do que um pensamento, um sinal lhe assinalava ser este o lugar que devia procurar. Tudo isso classificado em pastas de cores diversas que se avolumavam pouco a pouco com aquilo que lhe traziam os minutos felizes de sua reflexão.

De todas as idéias que se lhe chegavam, compunha o que ele chamava de "um monstro". Mas este monstro ocultava uma divindade que aos poucos descobria.

> Trabalhava calmamente a organizar o seu caos, a amansar o seu monstro, a lambê-lo, como se dizia. Aos poucos, eu via amplos períodos nascerem de indicações apenas formuladas, ou de trechos de pura música se fortificarem de idéias claras.

Observa também que os talentos e as aptidões nem sempre se revelam desde a infância. Há plantas que florescem no verão; outras na última estação, e as flores desta época não são menos belas. Krylof, o La Fontaine russo, descobriu não mais que aos quarenta anos seu gênio de fabulista. Pestalozzi foi considerado de início uma "anta completa". Nomeado pastor protestante, perturbou-se e estancou visivelmente no primeiro sermão; ao tentar ocultar a confusão, estourou numa gargalhada. Mais tarde ilustrou-se como educador e teórico da educação.

Joseph de Montgolfier (1740–1810) foi uma dessas plantas que florescem tarde. Selvagem e indisciplinado, aos treze anos fugiu por duas vezes do colégio. Não encontrava nenhum gosto para com os estudos clássicos, e não suportava o menor embaraço. Mais tarde, lamentada a deficiência de sua primeira formação, inscreve-se, aos quarenta anos, como estudante na faculdade de direito civil e canônico da Universidade de Avignon. Um dos professores da universidade, o Pe. Galien, dominicano, havia publicado em 1755 um volume intitulado *L'Art de naviguer dans les airs*, que tivera ampla repercussão. Montgolfier leu o livro e refletiu profundamente. Um dia, escreveu ao seu irmão: "Prepara imediatamente uma boa provisão de tafetá e cordas, e verás uma das coisas mais espantosas do mundo". Os balões estavam inventados. Fez um grande número de outras invenções.

Em um momento de entusiasmo, empreendeste uma obra que não julgavas acima de tuas forças. Mas, próximo da execução, vais de encontro a dificuldades que a fria realidade tende a engrossar. Aqui também não abandones facilmente a empresa. Ataca vigorosamente essas dificuldades, e hás de alcançar o fim. Uma primeira vitória facilitará as outras.

Se teve alguém que à primeira vista empreendeu uma tarefa árdua e quimérica, este alguém foi Champollion. Mas nunca nele enfraqueceu o desejo de descobrir os mistérios da antigüidade egípcia. Relâmpagos brotaram aos poucos nesta obscuridade. Uma tarde de maio de 1822, Champollion voltou para casa mais cedo que de costume; perdido, transtornado, e jogando sobre a mesa um maço de papeis, gritou: "Assunto encerrado, vê!". Em seguida, alquebrado por este esforço supremo, tombou nos braços do irmão. O velho Egito ia levantar seus véus; a língua decifrada ia, enfim, entregar ao mundo os segredos de sua história. E os dois irmãos escreveram com emoção o primeiro alfabeto egípcio.



Mantém-te alerta contra a dissipação

A dissipação é um defeito de conseqüências funestas. Não somente faz perder o tempo, mas também estraga os conhecimentos adquiridos. O espírito torna-se inepto para a concentração. O dissipador só

se compraz no que o diverte. Ocupa-se muito de seu exterior: gravata, cabeleira, sapato. Na classe e no estudo, vemo-lo tirar furtivamente do bolso um espelhinho ou pente, e fazer a *toilette* como um felino.

Exterioriza-se, não pode sofrer de silêncio e recolhimento, e solta as rédeas da imaginação e da sensibilidade. Não se aprofunda em nada, contenta-se com repetir, como um papagaio, o que dizem os outros; quando preciso for, furta-se à responsabilidade por meio de uma palhaçada. Todo o gosto é voltado aos espetáculos exteriores; reserva seu entusiasmo e admiração para os atletas do esporte; toda a ambição consistiria em imitá-los.

Sem dúvida, o estudo nem sempre é agradável, e o esporte não perde em atrativos. Manejar habilmente as armas, puxar a espada como Porthos, cortar a haste de uma rosa com a bala de pistola, traçar sobre o gelo com patins as letras do próprio nome, conduzir com elegância uma parelha fogosa que se esgueira nos turbilhões do vento, fender a escuma das ondas num iate rápido, tudo isso é belo, mas, na ordem das coisas, somente como meio de descanso e preparação ao trabalho sério.

Luta contra esta inclinação que leva desordem ao espírito. Não há estudante que, em um momento ou outro, não tenha experimentado o desgosto do esforço. O essencial é não se deixar levar por este abaixamento.

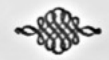
Quando se apresentar essa tentação, lembra as tuas resoluções, repõe-te bem em face de teu ideal. Tais meios mantêm no dever todos os verdadeiros estudantes. Na escola de Monte Cassino jamais foi visto o jovem Tomás de Aquino abandonar-se a uma conduta leviana ou dissipadora. Longe disso, era disposto, pensativo, isento de toda puerilidade. Sua aplicação aos estudos era notável.

Ozanam, por assim dizer, não teve juventude. Aos dezesseis anos esboçou o plano de uma demonstração da religião católica pela antigüidade das crenças históricas, religiosas e morais.

> Esta obra, disse Ampère, foi a ocupação e o objetivo de sua vida inteira. Aos dezoito anos o estudante ignorado já perseguia esta meta para a qual o professor aplaudido devia, vinte anos mais tarde, dar o derradeiro passo.

Fonsegrive, que conhecia bem Brunetière, diz-nos que ele detestava os brincalhões, chamando-os de saltimbancos e dançarinos.

Quando comentava Boileau, quando criticava Zola, Goncourt ou Richepin, quando censurava a poesia decadente, quando repreendia Anatole France ou Jules Lemaître, quando erguia sobre um pedestal alto os traços nobres de Bossuet, tinha a consciência de servir a mais elevada causa, que ultrapassava em muito a alegria estética: a causa da ordem, a causa das leis.



Não pactues nunca com defeitos que poderiam ser um obstáculo ao trabalho sério

Hoje em dia se repete com todos os tons: "Não estou nem aí". E o pior, colocam em prática esta máxima idiota que exprime o horror pela ação, o *medo de viver* de que Henri Bordeaux nos deu os traços:

> O medo de viver é a preocupação constante e única da tranqüilidade. É a fuga das responsabilidades, das lutas, dos riscos do esforço. É o evitar com cuidado o perigo, a fadiga, a exaltação, a paixão, o entusiasmo, o sacrifício. É o egoísmo passivo que se confina na mesquinhez de uma existência incolor e insípida.

Daí o horror de todo incômodo moral. O ideal é fruir. E este individualismo exagerado mata tudo o que constitui a grandeza humana. O mesmo escritor estigmatiza

> esta casta nova de jovens que só parecem preocupados com a saúde, e que, digerindo com ajuda de águas minerais e chá de camomila, abrem a boca exclusivamente para criticar e denegrir; não louvam nada, não amam nada, não desejam nada, como se tivessem nas veias sangue de peixe. Para que tanta cautela e reserva diante do uso tão pobre que fazem da vida?

Desconfia da indolência e suas formas diversas. A indolência é o pecado queridinho de grande número de alunos, muitas vezes dos melhores dotados. Ela é o meio em que se desenvolvem todos os germes do vício, todas as paixões aviltantes. É a perda do corpo e do espírito, a mãe e a nutriz de todo o mal; um velho solitário a chamava "travesseiro do diabo e sua cama de repouso". Mas a indolência de espírito é mais perigosa que a do corpo. O espírito ocioso é o antro

de todas as espécies de monstro. Se não lhe deres o alimento conveniente, fartar-se-á de coisas infectas. A inteligência foi comparada à uma mó de moinho; coloca nela trigo que sairá farinha; se nela não colocares nada, a roda gira e se desgasta a si mesma.

A indolência é a animosidade vitoriosa, a ferrugem do espírito, o impasse do espírito, a ruína da alma, o prelúdio de uma vida medíocre e freqüentemente má. Hoje em dia, aquele que por ela se deixa prender, irá quase infalivelmente engrossar a multidão dos fracassados, dos amargos, dos invejosos, multidão sombria porque vive sem ideal e sem energia. "A corrida pela vida tornou-se intensa", diz Carlyle; "os corredores pisam nos calcanhares uns dos outros; ai de quem pára a fim de amarrar os cadarços dos sapatos".

Nenhum daqueles que nós chamamos *homens distintos* foi indolente. "É pelo trabalho que se reina", dizia Luís XIV. No colégio de Dôle, todas as manhãs, às quatro horas invariavelmente, o vigia noturno sacudia com vigor a cama de Pasteur, dizendo: "Vamos!, senhor Pasteur, é preciso expulsar o demônio da preguiça!".

Edison fez cinqüenta e nove anos no dia 11 de fevereiro de 1907. Perguntaram-lhe como ele tinha celebrado o seu aniversário: "Trabalhando com o mesmo ardor dos outros dias", respondeu ele.

Montalembert foi durante a vida um modelo de trabalho obstinado e contínuo. Quando escreveu os *Moines d'Occident* em Roche-en-Brenil, a cada manhã, após a missa, fechava-se na biblioteca até o meio-dia e prosseguia em seu trabalho de beneditino. Sua vigília prolongava-se com freqüência até uma ou duas horas da madrugada. "Às vezes", dizia um velho servidor, "ao me dirigir às minhas tarefas, percebia a lâmpada do senhor conde ainda acesa". Quando lhe reprovavam tal regime de trabalho, respondia com as palavras de Bossuet: "O sono, este grande inimigo do homem...". Ou então com este argumento irresistível: "Arago considerava preguiçoso qualquer um que não trabalhasse quatorze horas por dia". Em suas vigílias, experimentava emoções indizíveis.

Lessing, para tornar compreensível os efeitos funestos da inação e da indolência, disse um dia:

> Se o Todo-Poderoso, tendo numa das mãos a verdade e na outra a busca da verdade, me dissesse: "Escolhe", eu lhe responderia: "Ó Todo-Poderoso, guarda para ti a verdade, mas me dá a busca da verdade, que é melhor para mim".

O temor do esforço intelectual é uma forma freqüente de indolência

O esforço é necessário para dar ao indivíduo todo o seu valor, para contrabalançar a sensibilidade que leva o jovem a se exteriorizar. É indispensável para afastar as divagações do "maluco do lar". É imprescindível para retomar a cada dia e com a mesma energia a tarefa monótona.

Querer alcançar o sucesso sem o esforço contínuo é uma quimera. Logo que a vontade abdica, a desordem se introduz no espírito, o trabalho vigoroso desaparece, as aspirações elevadas se dissipam na fumaça; não fica senão um estudante entediado, sonolento, distraído, não mais apreciando as alegrias santas do labor intenso.

O Pe. Gillet faz notar que o número dos indolentes eminentes é relativamente pequeno; mas ao lado mora a turba dos indolentes que, achando o estudo muito penoso, passam o tempo a ler, e cujo grau de indolência se mede exatamente pela quantidade das obras que lêem e pelo móvel que os impele a novas leituras.

> O que há de jovens, diz ele, que se imaginam laboriosos pelo simples fato de lerem! A verdade é que são grandes preguiçosos e que as leituras a que se entregam, o mais inconscientemente possível, mascaram apenas o medo inato do esforço.

Uma tal leitura está longe de concorrer para a formação geral do leitor. Muito pelo contrário, dá e entretém o desgosto pelo trabalho sério e amiúde alimenta umà tendência ao devaneio cujos resultados não podem ser bons, como o percebeu um eminente psicólogo, o Pe. Eymieu: "Ela estiola e desequilibra a inteligência; a rebaixa e falseia, deixando que se compraza em imagens vaporosas e absurdas". O devaneio conduz quase sempre e fatalmente ao mal. No caso do devaneador, a vontade abdica; a consciência normal baixa, e as idéias mais incoerentes se urgem no espírito.

> Destronado de sua razão e de sua liberdade, acrescenta Pe. Eymieu, o devaneador só sabe viver a vida animal. Segue-se, pelo menos de modo ordinário, que é a afeição dominante que orientará o devaneio. Quer dizer, o defeito dominante.



O sensualismo, eis o mais temível inimigo do trabalho intelectual

Já te disse que o sensualismo destrói a vontade; retomo o tema para reiterar que ele asfixia o gênio em flor. O jovem que não luta contra seus instintos perversos está perdido tanto para a vida intelectual como para a vida moral. A regra consiste em reagir contra a má natureza, em corrigi-la constantemente, em impor-lhe a lei superior da inteligência e da alma.

> Cada homem é um domador de bestas ferozes, diz Amiel, e estas bestas ferozes são as paixões. Arrancar-lhe as presas e as garras, amordaçá-las, amansá-las, torná-las animais domesticados, servidores raivosos talvez, mas submissos, eis o que podemos denominar de educação pessoal.

O jovem que se entrega sem resistência a esses monstros pode fechar os livros. Sainte-Beuve escreveu uma página terrível que aqui te cito:

> Quem dirá quantos tesouros de gênio se exaurem numa grande cidade a certas horas da tarde e da noite, quantas obras belas e benfazejas, mortas na essência, jogadas ao vento numa prodigalidade insensata? Alguém que nasceu capaz de elevar um monumento grandioso não deixará ao mundo senão fragmentos. Outro que faria, com certeza, nascer, sob severa continência, uma criação sublime do espírito, perdera a hora, a passagem do astro, o momento inflamado que não se reencontra mais... Esta alma de sangue, partindo, modifica o homem, empobrece-o na sua virtualidade secreta, congela suas fontes superiores e longínquas. Caminhos insondáveis da justiça! Solidariedade de nosso ser! Mistério da vida e da morte!

Ajunta às tendências de nossa natureza decaída as excitações exteriores. Encontram-se camaradas maus que se atribuem a missão satânica de *desacanhar* os outros. Certos quiosques oferecem ao olhar jornais ineptos, de produções obscenas. Em síntese, o mal se revela às vezes com um descaramento singular.

Preserva-te com cuidado de todos esses perigos. Impõe uma guarda severa contra os sentidos. Faz de teu corpo e de tua alma instrumentos para o bem; amordaça os apetites e as paixões; controla teus pensamentos, teus desejos, teus sentimentos. Tal mortificação será imensamente favorável aos estudos. Vê o que fez Descartes.

Não contente com retirar-se para a Holanda, longe daqueles que o poderiam distrair, atuou de maneira que nenhuma paixão viesse a perturbar seu espírito; evita toda preocupação, impõe-te um regime severo e não pensa senão em teus trabalhos científicos.

O sábio Dodart, médico do rei, de quem Fontenelle escreveu o *Eloge*, observava rigorosamente os jejuns prescritos pela Igreja. Lacépède havia adotado um regime penoso para a natureza, mas favorável ao trabalho intelectual. Desde a idade de dezessete anos jamais tomara uma taça de vinho. Uma única refeição, e muito frugal, era-lhe suficiente. O modo de vestir não era menos simples que sua alimentação. Não possuía mais do que um terno por vez, e a peça tinha um talhe que durava bastante. Vestia-o ao levantar-se e nunca se lavava mais que duas vezes ao dia.

Luís XIV perguntou a Colbert porque é que um país tão pequeno como a Holanda era tão difícil de derrotar. Colbert respondeu-lhe: "Majestade, a grandeza de uma nação não depende da extensão de seu território, mas do valor moral de seus habitantes".

Conserva uma grande delicadeza de consciência. Evita as faltas menores e assim terás horror das faltas grosseiras, que apagam o gênio e imprimem nas frontes ainda jovens os estigmas da velhice.

Sê fiel a todos os teus deveres a fim de resistires com maior energia às sugestões do inimigo. Há horas de desgosto e de tempestade em que o dever se apresenta árido, maçante, repugnante. Mas a consciência reta desvia os obstáculos do caminho, silencia as paixões e as repugnâncias, resiste valentemente aos impulsos nocivos, porque acima das brumas terrestres percebe um raio de luz divina.



Quaisquer que sejam as penas e dificuldades, não te deixes dominar pela tristeza

Era de bom tom em certas épocas que um jovem afetasse um ar melancólico e desencorajador. Chateaubriand, depois de Rousseau, introduziu na moda este "gênero choramingas". "Eu me aborreço, eu me aborreço, bocejo a minha existência", dizia ele. E ainda: "Minha alma está farta da vida". Em *René*, atuou em cena, e aí temos lá o tipo do jovem exausto antes de ter trabalhado, desgostoso da vida antes

de ela lhe ter pedido qualquer coisa. Mais tarde, queria ele destruir o livro; mas era um pouco tarde, e várias gerações sofreram sob essa influência deprimente. Devemos a ele o *Childe Harold* e o *Manfred* de Byron, o *Hernani* de Victor Hugo, o *Antony* de Dumas. Musset sofreu com seus acessos. Aos dezessete anos, dizia ele: "Daria a minha vida por dois *sous* se, para deixá-la, não fosse preciso passar pela morte. Eis as tristes reflexões que entretenho". A tristeza de Vigny é ainda mais profunda, e o autor de *Eloa* parece saborear esse divertimento miserável.

Em suma, como dizia de Lescure:

> Os René formigam na Terra, em conseqüência desta imitação contagiosa que lhes dera a casaca azul, a pistola e até o suicídio de Werther, esta obra de tantas edições, de falsificações da realidade, salvas do ridículo por um desenlace trágico.

Deus seja louvado! A juventude de hoje em dia não tem mais essas tendências bizarras. Faguet escrevia em 1913: "A geração que segue a dos homens de minha idade é enérgica e sadiamente apaixonada". Lavedan saudava no jovem de amanhã "um ser de combate, de vontade, de audácia ponderada, herói de potência perpétua". Psichari escrevia ao autor de *Jeunes gens d'aujourd'hui*: "Os jovens não serão simples amadores e céticos. Sabem o que se espera deles".

A guerra encontrou-os preparados para todas as formas de heroísmo. E após a guerra, a elite da gente jovem despreza o sonho melancólico, a ironia, o ceticismo. A senhorita Duclaux fala com admiração dos estudantes que se interessam pelos grandes problemas contemporâneos. Escutam os mais velhos com deferência, e quando queremos conhecer seus sentimentos, respondem que o inimigo deles é o espírito crítico, o diletantismo, a dúvida e a negação. "Para nós outros", brada um deles, "é preciso um sistema e uma fé. Temos ainda tanto por fazer. Somos os construtores".

Exemplo magnífico para ti, meu querido amigo. Construir é afrontar o trabalho, a aflição, a dor, é obedecer a uma lei penosa que adstringe e escraviza. Mas trabalhar é agir; agir é viver, e viver é a alegria.

Apesar das aflições que podem juntar-se às do labor cotidiano, mantém a alegria; que as dificuldades do estudo e as dores da vida não alterem um item na calma e na paz de tua alma.

Mantém-te alegre! A alegria reconforta. Faz encarar o trabalho pelo lado mais convidativo, fácil e consolador.

Mantém-te alegre! A alegria é um tônico. "O melhor remédio", dizia um médico a seus pacientes, "é a alegria e o bom humor". O riso é uma higiene física e moral.

Mantém-te alegre! A alegria produz a harmonia na alma; põe tudo em ordem; institui uma calma que não turvam nem as dificuldades da vida, nem a velhacaria dos maldosos, nem as tentações, nem as perseguições e as lágrimas.

Mantém-te alegre! A alegria é o penhor do sucesso.

> Ah!, dizia Napoleão a Metternich, não sabeis de qual poder dispõe a felicidade. Sozinha proporciona a coragem. Não ousando, nada se faz que valha, e ousa-se somente na seqüência da felicidade. A infelicidade deprime e mancha a alma, e então não se faz nada de bom.

A alegria é, pois, soberanamente favorável ao estudo. Mas não a confundamos com certa exuberância completamente exterior. Antes de tudo é calma, doce, serena, feita de placidez e impassibilidade. Sua fonte principal é o testemunho de uma boa consciência.

Se, por vezes, uma tempestade interior tentar perturbar tua alma, recorre aos meios naturais e sobrenaturais que apaziguam as ondas e restauram a calma. Um destes meios é a contemplação dos belos espetáculos da natureza: o sol, as florestas, os campos, os regatos, o canto dos pássaros, as gotas do orvalho, as cerdas da relva, são inspiradores da alegria e da felicidade por serem os reflexos da beleza divina.

> Felizes, diz o Pe. Gratry, são essas almas santas que, ante a visão de uma flor, de um riacho, do odor do campo carregado de espigas, de um raio de luz no céu ou de um vapor elevando-se da terra, se deixam tocar no coração e estremecem de amor.

Capítulo XIII

Conserva vivo em ti o ardor pelo trabalho considerando os benefícios do estudo

Os benefícios do estudo! O assunto, para ser tratado em toda a amplitude, exigiria vários volumes de livro. Limitar-me-ei a relembrar os benefícios que proporciona ao estudante dedicado: benefícios para o corpo, benefícios para o espírito, benefícios para o coração e para o caráter.



Benefícios para o corpo

Estes benefícios são sobretudo indiretos. Lembro-me de um pequeno volume intitulado: *O doutor Gendrel, ou o trabalho é saúde*. Este excelente médico recebe, em sua casa de campo perto de Paris, meninos sofridos e incapazes de seguir um curso regular de estudos. Dá-lhes um regulamento no qual o jogo intercala-se tão bem ao trabalho de classe que a saúde destas crianças melhora significativamente. Este pequeno relato não é, com certeza, uma ficção. Desprende-se disso, todavia, uma verdade: é que o trabalho regular contribui para o melhoramento da saúde. Por outro lado, constatou-se que nada mata mais do que não fazer nada ou não saber o que empreender.

O regulamento deve levar em conta o estado de saúde. Não se deve exagerar: quando a fadiga se faz sentir, o trabalho é de qualidade menor; manifesta-se com traços de irritabilidade e de desatenção.

Mas um trabalho moderado faz esquecer os pequenos achaques. Afasta o tédio e o langor, mais nocivos do que um labor rude.

Acalma a imaginação, e a impede de exagerar o sofrimento. Quase nunca, sobretudo na juventude, a doença é incurável se o espírito não for ferido. Qualquer um que seja capaz de concentrar o espírito e governar a vontade saberá livrar-se de uma multidão de pequenas aflições. A ociosidade matá-lo-ia; um trabalho moderado devolver-lhe-á a saúde.

A aplicação ao estudo serena as paixões, assim como a cólera, a tristeza e o medo deprimem a vitalidade. Ela faz esquecer o aborrecimento e as penas. Várias doenças são provenientes do espírito. Os médicos o sabem bem. Muitas vezes são convidados a responder à pergunta de *Macbeth*:

Não podes, portanto, tratar um espírito enfermo,
Da memória tirar uma tristeza enraizada,
Delir do cérebro os enfados aí escritos
E, graças a algum antídoto de oblívio doce,
Aliviar o peito intumescido de matérias maldosas
Que pesam sobre o coração?

Um regulamento rotineiro, inteligentemente ordenado, é, pois, um benefício, tanto para o corpo como para o espírito. Utiliza todos os instantes sem autorizar certos excessos que se tornariam nocivos. O excesso de trabalho é uma falta, mas esta falta é mais grave ainda quando aquele que a comete tem razões imperiosas de poupar suas forças.

O trabalho regular, acompanhado de recreações ao ar livre, quanto possível, proporciona um sono calmo e repousante que dá ao corpo e ao espírito um vigor renovado.

Spencer tinha uma saúde débil e não podia trabalhar mais do que algumas horas; mas o fazia com uma regularidade perfeita da qual sentia efeitos agradáveis para o seu bem-estar físico.

O sábio Humboldt, de quem já te falei, era de saúde ruim. Melhorou sensivelmente seu estado seguindo com a mais estrita fidelidade o regulamento que se traçara.



Benefícios para o espírito

O estudo é uma ginástica potente que dá à memória mais vigor e tenacidade, à imaginação mais frescura e audácia, ao juízo mais retidão e lógica.

Dá vigor como se concentrasse em uma lareira ardente todos os raios da inteligência, considerando um assunto nos seus elementos e no seu conjunto, em todos os aspectos que pode apresentar. Dá pouco a pouco os hábitos preciosos de análise e de síntese, de indução e de dedução.

Gradualmente isola da ganga material o elemento mais precioso de nosso ser, fá-lo resplandecer de clarão puro; eleva-nos e espiritualiza-nos.

Dá ao espírito um vigor cada vez mais forte. Neste imprime as verdades de tal maneira que se tornam partes integrantes; mantém-nas em todo o seu frescor por um rejuvenescimento incessante e necessário. Sem ele, a inteligência só poderia enfraquecer; a água estagnada perde sua limpidez; os frutos secam e caem quando a seiva se avaria; o palácio mais suntuoso se degrada quando se cessam de reparar as pequenas brechas; a charrua em repouso se enche de ferrugem. São estas as fracas imagens de nosso espírito se não for incessantemente entretido pela leitura e pelo estudo: suas luzes se enfraquecem e seu horizonte se estreita.

Louis Veuillot observou que um autor que não alimente continuamente a inteligência está exposto desde a segunda obra a repetir a primeira. E acrescenta:

> O terreno mais fértil, quando não é remexido, revirado, regado por suores contínuos, produz apenas espinhos, plantas dementes e vãs. Estudemos: somos como o campo; o estudo é a relha que arroteia, a semente que fecunda, a chuva que medra, o sol que sazona. O estudo fortifica o que existe; renova o que se esgota; cria o que não existe.

O estudo dá ao espírito maior retidão e justeza. Faz desaparecer pouco a pouco as idéias falsas e errôneas, aceitas sem controle, os preconceitos, as opiniões preconcebidas. Todo conhecimento novo é como um raio de luz que faz recuar as trevas e os nevoeiros do espírito.

O estudo faz sobretudo desaparecer as causas dos nossos erros. O orgulho que se exalta na meia-ciência diminui à medida que os conhecimentos se tornam mais sólidos: quanto mais sabemos, mais percebemos a nossa ignorância. Os sentidos, quando não disciplinados, são levados a julgar segundo suas cobiças; o trabalho intelectual dá a primazia ao espírito, corrige os seus desvios e endireita os seus erros.

A indolência intelectual leva a aceitar sem controle toda a espécie de idéias; o estudo ensina a aceitar com precaução as idéias e as opiniões. Uma outra causa de erro é a precipitação: não se dá ao trabalho de examinar as questões, julga-se sem as devidas informações. O espírito formado pelo estudo julga friamente e com uma lentidão conveniente; controla e critica o testemunho e não se pronuncia sem conhecimento de causa.

O trabalho intelectual eleva o espírito. Temos a tendência a nos deixar invadir por toda espécie de preocupação mesquinha e vulgar. Sem dúvida, é preciso em primeiro lugar viver, e a vida tem com freqüência muitas preocupações terrenas. Mas um estudante, um jovem mestre, delas, em geral, está isento, ou ao menos pode, nos momentos de trabalho intenso, esquecer os incômodos acanhados que elas lhe causam.

O estudo eleva o espírito fazendo esquecer as feridas do amor-próprio, as contrariedades, os melindres que resultam do choque das idéias e da diversidade dos caracteres.

O estudo eleva o espírito preservando-o dos pensamentos e desejos indignos de um homem e de um cristão.

Ele eleva o espírito fazendo-o entrar em relação com as almas mais nobres; sacia-lhe a sede nas mais puras e nas mais límpidas fontes; estabelece um comércio íntimo com autores de primeira ordem, com obras admiráveis, com páginas saborosas e fortificantes. Leva à convivência de cimos altos onde se respira um ar puro e vivificante, de onde se descortinam os horizontes mais vastos.

O estudo é um meio de autoridade e de sucesso. O saber impõe. É em conformidade com as pretensões científicas que se propalaram entre o povo erros grosseiros e perigosos. Conhecemos bem o poder de certas palavras, de certas fórmulas e sua ação sobre as multidões. Ora, se tal é o prestígio da falsa ciência, bem maior deve ser o da ciência verdadeira.

O homem de estudo, o sábio, goza de uma autoridade incontestável e isso por razões diversas:

Dispõe de um vocabulário mais extenso que lhe permita dar a cada coisa um nome, uma expressão própria.

Adquire uma profusão de idéias e de fatos. Ora, nada substitui os fatos: esclarecem, agradam, impressionam, servem de consagração a uma doutrina. O sábio aporta mais facilmente a convicção aos espíritos;

ele prova, defende a verdade contra aqueles que a atacam. Sua própria conversação é um encanto graças à mistura feliz de solidez, de conveniência, de justeza e de propósito.

A ciência faz crescer o poder do homem. É por ela que ele doma os elementos, utiliza-os para o seu bem-estar, revelando-se assim o rei da natureza. Quantas maravilhas não realizou até os nossos dias? Quantas vitórias não alcançou?

Encoraja-te ao trabalho por meio desta idéia de que a tua influência estará em conexão permanente com o teu valor intelectual. Quanto mais instruído fores, mais autoridade terás, mais luz e convicção dispersará em torno de ti.



Benefícios para o coração

Estes são benefícios de ordem moral. O jurisconsulto Terrat, recém-chegado da província a Paris, achou-se naturalmente desviado dos perigos que se poderiam recear pelas múltiplas tarefas que o seu gosto pelo trabalho e a necessidade de atividade o levaram a empreender. Achou o meio de freqüentar assiduamente a escola de direito, os cursos da École des Chartes e as conferências do círculo de Luxemburgo.

Instalou-se na proximidade das escolas, e, todavia, longe do barulho do Quartier Latin. "Saía pouco e, sobretudo, raramente à noite", escreveu um de seus antigos camaradas. Seus amigos ainda se lembram da claridade de sua lâmpada que brilhava até tarde à janela do pequeno gabinete de trabalho. O jovem estudante compreendia que o trabalho é o guardião da virtude. Com efeito, é um preservativo e um derivativo.

O estudo é um preservativo. "Imoralidade, incredulidade, indolência, formam um círculo; o começo está onde se quer", disse Pascal. São Jerônimo escrevia a Nepociano: "Que o demônio te encontre sempre ocupado". Como já dissemos, a ociosidade é o princípio de todo mal. O espírito reclama instintivamente um pasto; dá-lho são e abundante. Se não o fizeres, procurá-lo-á ele mesmo ainda que, freqüentemente, lhe possa ser perigoso.

O trabalho afasta a tentação que importuna o ocioso e termina por aterrá-lo. Caça o aborrecimento, o inexorável aborrecimento que constitui o pano de fundo da natureza humana. A ociosidade faz nascer o mal-estar, a inquietude, o desgosto da vida real; leva à busca dos prazeres ruidosos e das frivolidades.

> Quando a nossa vida deixa de ser a expressão da lei de Deus, diz Santo Agostinho, torna-se semelhante a uma haste separada do tronco; a seiva misteriosa da graça se retira, e com ela toda a força, todo o desenvolvimento, toda a beleza.

Próximo do fim de sua vida, Denis le Chartreux, após ter enumerado as imensas leituras que fizera, ajuntou:

> O trabalho a que me entreguei, ainda que puramente intelectual, foi para mim a fonte de fadigas penosas; mas, precisamente por causa disso, os meus estudos se tornaram mais salutares para a alma: mortificavam a sensualidade e domavam os desejos desregrados; os estudos também me fizeram gostar de permanecer na minha cela.

O trabalho intelectual, opondo-se à formação dos maus hábitos, mantém o espírito na mais favorável disposição para a aquisição de conhecimentos. Os maiores sábios e os maiores filósofos conduziam uma vida retirada, sóbria, isenta de paixões que prejudicam a vida do espírito. Imita-os. Guarda tua alma sempre pura a fim de que nela a verdade se reflita como num espelho.

O estudo é um derivativo. Fornece ao espírito um objeto digno de ocupá-lo, seja ao lhe propor as verdades eternas, as leis contingentes do universo, o conhecimento do coração, as maravilhas da criação, seja ao dispor ante ele o inventário das riquezas do globo, dos tesouros literários e artísticos, dos acontecimentos da história. Será que o espírito que degusta desses festins deliciosos aceitaria sentar-se à mesa dos prazeres malsãos?

Santo Agostinho, no seu retiro em Óstia, esquecia os prazeres da cidade mergulhando nos estudos. São Jerônimo, absorto no estudo dos livros santos, não prestava nenhuma atenção às imagens voluptuosas que até na solidão de Belém o assaltavam.

Em seu belo livro sobre o artístico e literário no século XIII, Lecoy de la Marche assinala que se pode mensurar a prosperidade

intelectual e espiritual das antigas congregações religiosas pelo desvelo em que cercavam os seus manuscritos; no dia em que elas os abandonaram ao revés da poeira e das traças, em que elas os venderam a preço vil, como se presenciou, segundo Trithème, na abadia de Hirsauge e algures, a decadência invadiu sob todas as formas o instituto monástico.

O fervor sempre retornou aos mosteiros quando um superior restaurou o gosto pelos estudos. O trabalho intelectual tornava-se aí um derivativo contra toda espécie de perigos trazidos pela ociosidade e pelas preocupações pouco dignas da vocação monástica.

Pode-se, do mesmo modo, mensurar a prosperidade intelectual de uma escola pelo amor dos alunos aos estudos sérios. Logo que para o belo e o verdadeiro eles se entusiasmem, desaparece a desgraça das más conversações e das leituras clandestinas; o espírito melhora, a virtude torna-se mais fácil, pois o trabalho afasta os perigos, repele as idéias perversas e desenvolve todos os pensamentos salutares que, para desabrochar, têm necessidade de um olhar do céu.

O estudo é igualmente um derivativo para os sofrimentos e as penas. Torna menos vivo o aguilhão da dor. Impede o espírito de ser obcecado pelas tristezas e os aborrecimentos. Montesquieu disse que uma hora de leitura conseguia sempre acalmar suas aflições. Quantas não foram as almas para quem o estudo serviu como um meio de apaziguamento e de esquecimento! "Fazei boas leituras", recomendava Alphonse Daudet a um aflito.

Gounod escrevia a Bizet:

> O mais constante de nossos amigos é o trabalho. Ele sozinho possui a voz assaz grave e a mão assaz suave para tocar as maiores dores como as maiores alegrias, posto que só ele está isento das manchas e das imperfeições da nossa pobre humanidade. Acolhe este tão maravilhoso e inexaurível sustento; deixar-te-á boas lembranças e há de curar apenas o que houver de funesto na amargura.

O estudo honra o homem

O estudo é para o homem uma espécie de auréola que o orna, o ilumina e lhe dá prestígio. Com que respeito e veneração são escutados as lições e os conselhos daquele que se sobressai numa ciência e na arte!

Com que orgulho nos agrada considerarmo-nos dele um discípulo! De que autoridade gozaram Platão, Aristóteles, Zenão, junto aos gregos; Quintiliano e Sêneca junto aos romanos; na Idade Média, Boécio, Gerbert, Pedro Lombardo, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Duns Scotus, Roger Bacon, Gerson; e desde o século XVI essa plêiade de escritores, artistas e sábios que representaram o gênio sob todas as formas e variedades! Por que esta veneração? Porque se apresentavam como que revestidos da majestade que doava às suas palavras, aos seus atos, aos seus escritos, um poder maior para o bem e algumas vezes — desgraçadamente! — para o mal.

Particularmente, a Igreja sempre demonstrou uma estima especial pelos homens de ciência. São Paulo exortava os primeiros cristãos a que dessem valor aos *dons especiais* que receberam de Deus. "Possuímos dons diferentes, conforme a graça que nos foi dada", dizia ele aos romanos.

> Quem tem o dom da profecia, faça uso dele conforme a analogia da fé; quem tem o dom do ministério, exerça as funções do ministério; quem tem o dom de exortar, exorte os outros; quem tem o dom de conduzir seus irmãos, desempenhe o seu encargo com vigilância.

E através dos séculos, como ela se fia de todas as suas glórias! Dos Padres da Igreja, defensores de sua doutrina e vingadores das calúnias que eram espalhadas contra ela; dos grandes fundadores e diretores de comunidades ou de escolas; dos grandes escritores e dos ilustres doutores da Idade Média, do Renascimento e dos séculos seguintes; da plêiade magnífica do século XIX que lapidou para ela um diadema de um esplendor sem igual!

São Gregório Magno recebendo Gregório de Tours, o pai de nossa história nacional, cujo exterior não anunciava nenhuma inteligência distinta, dirigiu-lhe estas palavras lisonjeiras: "Como pode Deus conceder semelhante morada a uma alma assim tão grande, tão iluminada, tão bela?". E cingiu-o de toda sorte de atenção.

A Igreja sempre favoreceu as escolas e o desenvolvimento da ciência pelos métodos que produziram os melhores resultados. Leão XIII retomou muitas vezes o assunto. Na sua enciclopédia de 8 de novembro de 1899 ao clero francês, lembrava a importância das belas letras que formaram na França homens eminentes, como os Bossuet, os Petau, os Thomassin, os Mabillion, e mostrava como elas

desenvolveram rapidamente na alma dos jovens, quando ensinadas por mestres cristãos, todos os germes da vida intelectual, ao mesmo tempo que contribuem para dar retidão e amplitude ao juízo, elevação e distinção à linguagem.

O estudo é uma fonte de felicidade

Acima de tudo, o estudo satisfaz a nossa necessidade de atividade. Só somos felizes na ação, pois a ação desenvolve as nossas faculdades e nos aproxima da perfeição. Portanto, abençoemos o regulamento que nos sujeita ao trabalho; é um auxiliar precioso e fonte de felicidade. Assegura a ordem, princípio de todo bem; disciplina a inteligência, fonte de energia. A cada dia ele nos convoca silenciosamente ao dever. Sustenta-nos contra as nossas fraquezas, contra as vacilações de nossa vontade. Como um guia caridoso, sustém-nos pela mão, impedindo-nos de hesitar na rota a seguir.

O estudo é fonte de felicidade, *porque nos preserva do mal.* A preguiça, a indolência, os prazeres malsãos não trazem senão remorsos e pesares. O estudo nos faz apreciar a felicidade no cumprimento do dever, no desenvolvimento das faculdades, na busca apaixonada da verdade, na preparação intensa à missão para a qual estamos no mundo.

Ele é para as almas de elite a fonte das satisfações mais delicadas. Pode dizer-se do trabalho intelectual aquilo que Montaigne dizia da virtude: sua natureza é “bela, triunfante, inimiga professa e irreconciliável da aspereza, doce, florescente e deliciosa”.

A procura da verdade proporciona alegrias indizíveis. O jovem Papillon, de quem já te falei, dizia:

> Nessa perseguição encarniçada, nessa viagem ávida à procura do que é, as melhores faculdades se exaltam; esquecem-se as preocupações duras e as necessidades frívolas; sentimo-nos de alguma maneira mais nobres, mais dignos, mais alegres. É que verdadeiramente vivemos a vida em plenitude; a atividade do ser atinge o seu máximo; o corpo e o espírito trabalham em parceria, e esta harmonia é talvez o segredo da felicidade.

O ilustre Chevreul celebrou também as satisfações do estudo.

> A cultura da ciência, dizia ele, oferece sem cessar alegrias renascentes. A vista de um horizonte cujos limites retrocedem à medida que avan-

çam no campo do desconhecido, os objetos novos que incessantemente tocam o olhar, têm para ele um encanto incomparável.

O historiador Camille Rousset indicou-nos as emoções que experimentou quando lhe foi dado penetrar nos *Archives de la Guerre*, onde tantos tesouros estavam enterrados.

> Os anos que lá passei, diz ele, são certamente aqueles que me deram mais felicidade intelectual e alegrias perfeitas. Estabelecer um comércio íntimo com os maiores homens de um grande século, ter entre as mãos as cartas originais de Luís XIV, de Louvois, de Turenne, de Condé, de Vauban, de Luxembourg e de tantos outros cuja escrita parece ainda fresca, como se fosse traçada ontem; desembaraçar sem custo todos os segredos da política e da guerra; assistir à concepção e à eclosão dos acontecimentos; surpreender a história, por assim dizer, no estado nativo, que mais alegre fortuna e que mais grande alegria! Eu vivia no seio mesmo da verdade; sentia-me inundado, penetrado, embriagado.

Mas a alegria da descoberta é maior ainda. Decerto conheces os gritos sublimes daqueles que, através de um amontoamento de idéias, de opiniões, de fatos até então reunidos na desordem do espírito, percebem de repente brotar um relâmpago que tudo ordena e esclarece. Galiano, tendo estudado a organização admirável do corpo humano, exclamou: "Ó Deus criador, que hino acabo de cantar à tua glória!". Kepler, após suas descobertas imortais, entoa um hino de entusiasmo e de gratidão a Deus.

> Há oito meses, eu vi o primeiro raio de luz; há três meses, vi o dia; enfim, desde alguns dias avisto o puro sol da mais admirável contemplação: nada me retém. Amo o meu entusiasmo; quero desafiar os mortais confessando ingenuamente que roubei os vasos de ouro do Egito para com eles criar longe das fronteiras do Egito um tabernáculo ao meu Deus.

E conclui com este hino, uma das mais belas peças líricas que existem:

> Céus, louvai ao Senhor; louvai-o, sol, lua, planetas, seja qual for vosso meio de conhecer e nomear vosso Criador. Louvai-o, harmonias celestiais, louvai-o, vós que descobris e medis as harmonias; e tu

também, minha alma, louva ao Senhor teu Criador enquanto eu viver; pois dele tudo provém, tudo por ele existe, tudo nele está, tanto as coisas sensíveis como as coisas inteligíveis, assim também o que ignoramos profundamente como a parte ínfima das coisas que conhecemos; porque ele habita mais além. A ele louvor, honra e glória nos séculos dos séculos. Assim seja.

O estudo é fonte de felicidade porque permite fazer maior bem. O bem que o homem faz está em proporção do seu valor intelectual e moral. Mais tarde, ocuparás na sociedade uma posição privilegiada, e tua influência será enorme se fores verdadeiramente o que deves ser. Tuas palavras, teus exemplos, radiarão em torno de ti, e o teu saber lhe redobrará a eficácia. Dirão: ele é instruído e crê firmemente nas verdades da religião, reza, aproxima-se dos sacramentos. Eis, pois, para o ignorante, para a vítima da dúvida e até para o indiferente, uma demonstração prática da verdade.

Mas não é somente do ponto de vista da religião que terás esta influência. Do ponto de vista social, és chamado a fazer muito pelas luzes que poderás derramar, ao teu redor. Não negligencies nada do que te pode ajudar a exercer este apostolado.

Um pregador distinto, o Cônego Gendron, de Rennes, dizia aos ordenados:

> Senhores, no que diz respeito à ciência eclesiástica, não busquei meu ideal no mais alto, peguei-o da tabuleta de um sapateiro. Durante muito tempo passei todos os dias diante de uma oficina que tinha as seguintes palavras: "Mainguené, sapateiro, possui tudo quanto requer o seu ofício". Nunca li estas palavras sem sentir inveja. Pensava: "Eis um homem feliz". Ele tem tudo o que precisa para seu ofício. Bem gostaria de poder dizer outro tanto e me dar o testemunho de que tenho tudo quanto se refere ao meu ministério. Que mais podeis pedir a um homem? E dele, por acaso, podemos pedir menos?



Benefícios para o caráter

O estudo contribui à educação do caráter. Quanto mais iluminado é o espírito, tanto mais a vontade é guiada por suas luzes.

"Onde se encontra a inteligência encontra-se o livre arbítrio", disse Santo Tomás. Os erros e as fraquezas da vontade provêm amiúde de uma ausência de luz. Dar conhecimentos, formar as faculdades, é fortificar e dirigir a vontade. Descartes igualmente dizia: "De toda grande claridade do entendimento segue uma grande inclinação na vontade". É fundamental, entretanto, observar que o caráter é a própria vontade, não tanto no caso de manifestar-se num ato isolado, mas tal qual se sobressaia do conjunto dos atos, ou melhor ainda, nos termos da expressão de Malapert, é a vontade recolhida em si mesma, tal como ela aspira a ser, e não somente tal como ela é. Tudo o que forma a vontade também forma o caráter; cada esforço é como uma gota de sangue que mantém e aumenta suas forças.

O estudo fortifica o caráter, porque é soberanamente libertador. O estudo coloca ordem no espírito, dando a cada faculdade a cultura que lhe convém, classificando os conhecimentos e associando-os numa síntese harmoniosa. Preserva o espírito das ilusões da ignorância e da meia-ciência.

Liberta-nos da opressão do corpo e nos procura a calma do coração e do espírito. O estudante frívolo deixa-se facilmente dissuadir-se do trabalho pelos ruídos e as novidades exteriores, e quando satisfaz a curiosidade, o seu coração e os seus sentidos permanecem, mais ou menos, num estado de agitação febril. O estudante sério, ao contrário, vivencia a paz divina que assegura ao espírito força e liberdade.

O estudo fortifica o caráter doando-lhe uma crescente delicadeza moral. O estudo leva-nos a detestar o mal porque este introduz a desordem na alma, torna o trabalho mais difícil e menos frutuoso. Esta delicadeza estende-se até à fidelidade nas coisas pequenas. É isso que quer dar a entender o Espírito Santo quando afirma que a justiça e a paz se abraçaram. Procura a justiça por uma grande pureza de consciência, e possuirás assim aquela harmonia da alma tão favorável ao trabalho intelectual.

O estudo enobrece o caráter *dando-lhe aspirações elevadas, dignas do homem,* desenvolvendo nele o atrativo por tudo quanto é eterno e imutável. "Quando se tem em casa Platão, David, São Paulo, Santo Agostinho, Bossuet e Pascal, não se deve ceder um segundo do tempo a ninharias", dizia Lacordaire. As faculdades encontram no trabalho sério um alimento selecionado. A imaginação cria um ideal que a encanta; a memória procura e descobre a cada passo pérolas

a recolher; a razão combina, esclarece, ordena, demonstra e torna-se ela própria o testemunho de que o que fez é bem feito. Quanto à vontade, a faculdade mãe e mestra, nada impede que, doravante, se prenda ao útil e ao necessário; aí se prende e encontra suas delícias.

O estudo enobrece o caráter *livrando-nos da vulgaridade na linguagem.* O estudante que não se deixa absorver inteiramente pelo próprio trabalho é facilmente conduzido à vulgaridade nas conversas. Toma gosto pelos bate-papos ruidosos, pelos relatos agitados ditos realistas ou rabelaisianos, pelos trocadilhos de baixo calão, e adora a gargalhada do farrista contente de si mesmo. Aliás, imita aqueles com quem convive. Santo Agostinho, vivendo em Cartago no meio de jovens licenciosos, confessa que se ruborizava de não se lhes parecer, e acrescentava: "Ó amizade inimiga, incompreensível sedução do espírito!... Bastava que um só dissesse: vamos ali, façamos aquilo, todos teriam vergonha de não ser uns desvergonhados".

O estudante sério dispensa semelhante companhia. Encontra suas delícias no comércio com os grandes escritores. Sua alegria não é por isso menos profunda, mas é de ordem mais elevada.

O estudo dá *nobreza às maneiras.* "Sejamos distintos", dizia o jovem Xavier de Ravignan ao irmão. Que dignidade não se achava outrora nos grandes magistrados, escritores e artistas! Dizem que a distinção se afasta. Há nisso talvez um fundo de verdade, e seríamos neste tópico conduzidos ao pessimismo ao ver a desenvoltura e o desembaraço excessivos de certos estudantes: mãos nos bolsos, boné até as orelhas, ar melancólico e embotado, ou melhor, fisionomia insolente de olhar brutal e perverso, fronte mais ou menos atravessada por franzidos precoces. O estudante sério, em geral, não adota este comportamento desalinhado. O convívio com pessoas distintas de espírito e de saber imprime ao exterior uma certa nobreza que se transforma em algo natural e reflete a distinção do coração e do espírito.

O estudo dá também *distinção ao pensamento.* Viver em contato com as mais altas inteligências é nutrir-se de suas almas, impregnar-se de tudo quanto nelas há de distinto. Como não amar os pensamentos nobres, quando se compartilhou a convivência de Bossuet, Joseph de Maistre, Lacordaire, Veuillot?

> Um entretenimento com os grandes autores, diz Lucas de Penna, é um vaso cheio de sabedoria, uma árvore da vida cujos frutos estão maduros,

um crescimento para a inteligência, um socorro para a memória, uma consolação na má fortuna, uma lâmpada acesa que aclara a nossa carreira, uma escola onde se entra envergonhado da própria ignorância e de onde se sai com o espírito cultivado, uma espécie de poço onde mergulhamos o nosso balde.

O estudo produz a *distinção dos atos.* Na vida moral, tudo se encadeia. Os pensamentos nobres, os desejos nobres, conduzem a atos nobres. Na história da juventude francesa, no século XIX, que estridente confirmação desta verdade! Os jovens da congregação, e depois deles Ozanam e os membros das Conferências de São Vicente de Paulo, Montalembert, de Mun, os membros da Juventude Católica, apaixonados por desejos nobres, elevaram-se aos atos sublimes da caridade e do devotamento a todas as causas santas. Em lugar de levar uma vida egoísta e parasitária, viveram para os outros. E tanto mais serviram, dado que seus estudos lhes haviam feito conhecer a verdade e a justiça e revelado a beleza suprema.

O estudo aperfeiçoa o caráter dando-lhe hábitos salutares. O caráter é algo mais do que um feixe de hábitos naturais e adquiridos que, como o disseram, se tornaram uma segunda natureza? Ora, o estudo contribui para formar em nós excelentes hábitos:

Hábitos de pontualidade, de regularidade pela fidelidade às regras;

Hábitos de constância e de perseverança sem os quais não se produz nada de perfeito;

Hábitos de atenção, de reflexão, de recolhimento;

Hábitos de vida superior e de elevação nas idéias;

Hábitos de julgar conforme os princípios, os homens e os acontecimentos, de examinar um assunto sob todos os seus aspectos, de não aceitar senão com conhecimento de causa as opiniões e as idéias.

Por este resumo rápido dos benefícios do estudo, quis te fornecer um pequeno assunto de reflexão para quando fores tentado a desencorajar-te. As penas e as dificuldades hão de passar. Os conhecimentos que adquiriste, a cultura por estes proporcionada ao teu espírito, os hábitos preciosos que deles resultam, nada passará à margem e acharás nisto a tua recompensa mais doce.

Capítulo XIV

Não negligencies nenhuma das influências que podem te ajudar a cumprir melhor o teu dever de estudante

SABER *aproveitar as ocasiões é um traço de talento raro.* Quando estas se apresentam, somente aquele que está preparado sabe tirar-lhes proveito. A maioria não compreende o seu valor ou só o percebe em retrospectiva. Atenta, portanto, para tudo quanto te pode ser útil. Cinge teus lombos e alumia tua candeia!

Não justifiques que hoje a fortuna não favorece mais como antes; as ocasiões para o êxito são sempre as mesmas; mas, como antes, poucos são os sábios que a agarram.

Quantos homens trilharam o caminho da celebridade em virtude de uma ocasião que souberam aproveitar. Lineu sentiu gosto pelo estudo das plantas devido ao amor do pai em cultivá-las. O acaso revelou-lhe a vocação, mas a Providência a ele concedera os dons essenciais ao botânico e ao sábio: o empenho nas pesquisas, o olhar afiado que agarra aquilo que merece ser observado e o espírito de síntese que concentra traços esparsos a fim de formar uma verdade geral.

Foi por acaso que Lamarck consagrou-se à observação científica. Alojado em Paris, num lugar alto que não queria, como ele mesmo diz, as nuvens, que apresentavam o seu único espetáculo possível, inspiraram-lhe, pelos seus aspectos diversos, as primeiras idéias meteorológicas.

O naturalista Bonnet, de Genebra, tendo lido no *Spectacle de la nature* a história da indústria singular do inseto chamado formiga-leão, não teve descanso enquanto não encontrou um.

Ao procurá-lo, descobre outros insetos que o interessavam. Em seguida, sai à procura de obras de entomologia, devora aquela de Réaumur, estuda insetos de que Réaumur não abordara e, aos dezesseis anos, eis um naturalista renomado! Aos dezoito anos, tinha escrito suas *Memórias autobiográficas*. A Academia de Ciências de Paris apressa-se em inscrever este jovem observador entre seus correspondentes.

Arago deveu a uma circunstância fortuita um redobramento de ardor no estudo das ciências. Estudava o livro de álgebra de Garnier. Uma folha impressa revestia o volume; leu-a e a releu; depois, pensando que a continuação se encontrava sob o papel azul que cobria a cartolina de encadernação, umedeceu-a ligeiramente e conseguiu retirá-la. Era um fragmento de uma carta de d'Alembert a um jovem que lhe manifestava as dificuldades nos estudos: "Segue em frente, meu caro", escrevia o filósofo, "segue em frente, porque a fé virá para ti". Este conselho encontrou uma terra fecunda ao cair no espírito de Arago. Desde então — foi ele mesmo que o disse —, seguiu, como uma luz, estas palavras de d'Alembert, e andou sem se assustar através dos fardos da ciência.



Vive na medida do possível em um meio propício ao estudo

O meio é aquele que nos envolve: a família, os mestres, os amigos, as pessoas com quem nos relacionamos, e até mesmo a paisagem e as condições de vida. A habitação, o alimento, a vestimenta e as viagens exercem sobre nós uma influência considerável. Os objetos materiais que nos rodeiam também influenciam o nosso organismo. Não é indiferente residir sobre um solo calcário ou granítico, de silício ou de alumínio, de carvão ou de ferro ou de manganês. Não é indiferente estar num lugar carregado de eletricidade ou não, um lugar onde a bússola enlouquece ou fica habitualmente tranqüila.

A mesma coisa acontece sob o ponto de vista intelectual, e, sem cair no determinismo, pode-se dizer com exatidão: "Dize-me com quem andas e te direi quem és". Essa lei da influência do meio é constatada em todos os estados de consciência psicológica: o cataléptico, o histérico, o neurastênico, em todos os graus a sofrem fatalmente;

o próprio homem normal lhe está sujeito a tal ponto que nem mesmo se dá conta.

E essa influência nos penetra, nos forma; quer queiramos, quer não, sofremo-la: um meio estudioso dá-nos o gosto pelo estudo; uma conversa sublime nos eleva e nos faz bem.

Formula-se na física a lei dos vasos comunicantes. A penetração das almas e dos espíritos é ainda mais perfeita. Colocados em comunicação, o seu ideal tende a elevar-se ao mesmo nível; e este resultado pode ter repercussão na vida inteira. É assim que se nota um traço particular a tal família, a tal profissão, a tal país, a tal sociedade, porque o contato habitual propende para as mesmas maneiras, para as mesmas idéias, para a mesma mentalidade, e isso com intensidade tanto mais intensificada quanto estas idéias não nos ferem e as deixamos mansamente tomar posse de nosso espírito sem ao menos pensar em lhes obstruir o rumo.

Por conseguinte, vive, quanto possível, num meio favorável ao estudo; procura a companhia dos estudantes brilhantes; deixa-te penetrar de sua influência salutar. Eleva a tua alma, se puderes, à altura onde podes perceber a deles.

Gounod escrevia a um jovem músico:

> Deixa-te embeber como uma esponja, abre-te às influências de toda sorte que te envolvem e te protegem, mas sem renunciar à reflexão, sem esquecer os direitos imprescritíveis do trabalho pessoal.

Talvez terás de resguardar-te contra certas influências. Fá-lo, sem hesitar, à luz dos princípios cristãos. Joubert, o pensador tão delicado, apresentado a Diderot, sofreu por um momento o prestígio deste encantador desequilibrado. Mas a educação cristã que recebera o impediu de atirar-se no turbilhão de idéias incoerentes que se agitavam no cérebro do filósofo inovador. Em tudo quanto escreveu Joubert, não há nada de Diderot. Terminou bem por se evadir rápido deste templo erigido por uma filosofia perigosa e retornou aos braços de seus mestres preferidos: Platão e os Padres da Igreja.



Ama e estima a sociedade dos homens superiores se tiveres a ventura de encontrá-los

O poeta disse: "A amizade de um grande homem é a graça dos deuses". E isso é verdade. No entanto, existem homens perto dos quais nos sentimos diminuídos. Estes são os de péssima índole, cujas idéias, palavras, atos, levam ao mal; são os medíocres, que vivem o dia-a-dia sem uma idéia superior que os entusiasme, os dirija, os transforme; são os preguiçosos e os amadores de frivolidades cuja conversação não vai além do banal.

Em compensação, há também os corações nobres, as inteligências superiores junto das quais nos sentimos crescer. Após visitar George Washington, Chateuabriand escrevia: "Senti-me feliz porque os seus olhos repousaram sobre mim! Senti-me com isso reconfortado por toda a vida. Há uma virtude rara no olhar de um grande homem". O convívio com os grandes espíritos e os grandes corações cria uma atmosfera onde se formam facilmente os pensamentos nobres e as resoluções generosas; os espíritos jovens, como diz Platão, parecem antes reencontrar conhecimentos possuídos numa vida anterior do que aprender coisas novas.

Tyndall, depois de passar uma tarde na casa de Faraday, escrevia:

> Sua obra excita a admiração, mas o contato com ele aquece o peito. Eis lá, certamente, um homem de energia. Aprecio a energia, mas pudera jamais esquecer sua união com a modéstia, a ternura e a doçura do caráter de Faraday.

Os grandes homens são modelos. É um dos segredos da sua influência. Por vezes somos dispostos a não *utilizá-los* como tais.

> Praticamente, diz o Pe. Sertillanges, nós os assimilamos aos simples de espírito; tomamos o que eles têm de comum, não o que eles têm de raro. Um tesouro está lá, e brincamos com a chave sem abrir o que leva a ele. Rimos, às vezes, da sua falta de tato, das suas pequenas bizarrices próprias das gentes abstratas [...]. Os grandes valores são bastante raros para que os deixemos assim sem emprego. Inúmeros santos, grandes capitães, exploradores, sábios, artistas tornaram-se o que são por terem encontrado uma personalidade eminente e terem ouvido o som de uma alma.

Louis Veuillot, após uma visita que fizera a Lenormant, dizia:

> Saí de sua conversa no mesmo estado de espírito que me encontro ao sair da igreja quando o ofício religioso impressiona por sua beleza, quando cantei os salmos, rezei bem, chorei de emoção, com as lágrimas ofuscando as lentes dos meus óculos.

Os grandes homens são inspiradores e condutores. Pasteur falou com emoção do primeiro enontro entre a juventude e o talento em todo o seu esplendor:

> Vislumbrar enfim aqueles acendedores de almas, ouvi-los, falar-lhes, dizer-nos seus discípulos e não nos sentirmos indignos de o ser. Oh! qual o momento, qualquer que seja a fortuna de nossa carreira, ou quanto vale um momento desses, capaz de nos deixar as emoções mais profundas?

Uma alma nobre conserva eternamente estas primeiras impressões. No evento de inauguração da estátua do seu querido mestre, J.-B. Dumas, Pasteur escrevia:

> Posso dizer que por quarenta anos trabalhei, incessantemente, tendo diante do espírito esta figura venerada de quem uma palavra de encorajamento e em seguida outra, e depois muitas outras do que eu ousava esperar, eram uma recompensa e uma felicidade que excediam todas as demais. O seu ensinamento deslumbrou minha juventude; eu fui o discípulo dos entusiasmos que ele me inspirou.

A influência dos homens superiores é tanto mais fecunda quanto se mostra, em geral, de grande benevolência para com os jovens. Baudelaire foi assinalado como sendo uma rara exceção. Quando Heredia, uma principiante, lhe foi apresentada, ele disse secamente: "Não gosto de jovens". Outros são de *estatura igualmente elevada* e recusam a convivência com os jovens; seu papel se limita a ser apenas o de "recheadores de crânio". Mas a maior parte compreende a sua missão; seguem com solicitude os trabalhos e os progressos dos seus alunos, preocupam-se com o seu futuro e orientam os seus estudos e pesquisas. Esses são os *despertadores da alma*, de quem fala Bourget,

> que experimentam, ao discernir os talentos, uma emoção de inventores e artistas. Fixar, apressar o acabamento deste esboço e cooperar à eclosão dessas nobres flores humanas. Tais são as delícias de tais mestres.

O ilustre mineralogista Haüy aceitava a admissão de jovens na sua casa, abria-lhes suas próprias coleções e não recusava uma só explicação. Montalembert dedicava uma grande simpatia aos jovens:

> Mesmo quando não me falam nada, sinto-me levado a gritar-lhes: "Coragem e confiança! E trabalhai energeticamente pela boa causa, pela verdade, pela justiça e pela liberdade. E estai seguros de que nunca vos arrependereis".

É necessário acrescentar que os jovens são particularmente sensíveis a este tipo de benevolência. Que estimulante poderoso esta simpatia! Sentir um olhar que te encoraja, escutar uma palavra que te reanima nas angústias, nas tuas dificuldades, nos teus insucessos, tudo isso duplica a ousadia e decupla as forças. A dificuldade não existe mais; sentimos o crescimento das asas e nada se revela que não estejamos prontos a afrontar.

Se tiveres a felicidade de encontrar um homem superior, não te portes de modo passivo e indiferente; escuta-o, interroga-o, faz tuas suas idéias e seus sentimentos. Tempera o teu caráter com o dele; agiganta tua estatura intelectual e moral ao contato com a dele.

Os grandes homens da santidade e da ciência são os archotes da humanidade. Carlyle dizia com razão que, no fundo, a história universal não era mais do que a história dos homens célebres.

Não foi a história militar escrita quase por inteira pelos grandes capitães e homens de Estado: Péricles, Alexandre, César, Carlos Magno, São Luís, Washington, Napoleão, Bolívar, Garcia Moreno?

A história literária não se agrupa em torno de alguns nomes ilustres: Ronsard, Malherbe, Corneille, Bossuet, Voltaire, Chateaubriand; Shakespeare e Tennyson; Goethe e Schiller; Dante e Tasso; Cervantes e Lope de Vega?

Não poderíamos resumir os progressos da ciência nomeando os seus representantes mais conhecidos: Arquimedes, Kepler, Descartes, Pascal, Newton, Pasteur, Branly?

Considera, por exemplo, o que se tornou Dante para os seus compatriotas. "Os italianos", dizia Byron, "falam de Dante, escrevem sobre Dante, pensam em Dante e sonham com Dante". Mas sua influência transpôs fronteiras; tornou-se o pai espiritual de uma família de grandes espíritos: Milton lhe deve a resignação nas enfermidades e nos sofrimentos. Byron, as mais belas inspirações; Klopstock,

a idéia da *Messiade*; Vondel, o realismo das descrições de *Lucifer*. E quantos artistas não se nutriram da sua obra desde Giotto, Orcagna, Michelangelo e Rafael até Delacroix e nossos modernos artistas cristãos!

Os grandes homens são formadores. Vivos, sua influência já é enorme. Tal foi, por exemplo, as ações de Mons. Dupanloup sobre os alunos do São Nicolau. Quantos homens distintos não saíram desse lar! Na sua velhice, o Cardeal Lavigerie, bastante emocionado, relembrava a sua estada nessa instituição cujo aspecto inspirava, antes de mais nada, uma idéia de tristeza e desgosto. Chegou aí no mês de outubro, vindo de Bayonne, terra suave e encantadora, conta-nos ele:

> Um nevoeiro de inverno já obscurecia esse lugar tão triste. Que contraste! Pensei que fosse morrer. Mas pouco a pouco, nas sombras, vi elevar-se um sol que aqueceu a minha alma, e que logo a inundou de toda a sua luz. Era ele, ele em todo o ardor de seu espírito, com seu coração aberto a todos os entusiasmos santos, que nos transportava, mestres e alunos, aos cumes mais puros das coisas divinas e humanas.

Os grandes homens que nos precederam exercem uma influência pelas suas biografias. A leitura das ações belas de sua vida inspira os sentimentos nobres e generosos; provoca resoluções que fazem o valor de uma existência. Emerson dizia: “Não posso ouvir falar de vigor pessoal, de um grande poder de ação, sem me sentir revigorado em minha resolução”. Um sábio chinês, Mêncio, exprime a mesma idéia: “Um sábio é um instituidor de uma centena de séculos. Ouvindo falar dos costumes de Lao, os estúpidos tornam-se inteligentes, e os inconstantes, determinados”.

Até mesmo a estátua de um grande homem serve de lição. Horácio e Ovídio se gabaram de ter adquirido pelas suas obras um renome mais durável que o bronze, mais elevado que as pirâmides de Tebas e Mênfis. A estátua é uma lição perpétua e ao alcance de todos. Eis o grande homem, com os seus traços e as suas atitudes. Ei-lo quase vivo, pois está de pé, soberbamente posto sobre o pedestal. Mas só é digno desta distinção aquele que pode ser apresentado como tipo de honra, de caráter e de virtude.

Os grandes homens exercem sobre nós uma influência pelos seus livros. Não insistirei sobre este ponto, porque já te falei da leitura: volto a recomendar ainda que escolhas somente os grandes livros.

Richepin, em uma poesia célebre, cantou o bem que lhe fizeram os livros ganhos de presente na infância:

Bendito seja o semeador cujo claro gesto
Soube me lançar ao vento, à sorte dos presentes,
Os bons grãos apartados das venenosas sementes!
Bendito sejas tu, meu pai, ó terno amigo abscôndito!

Sim, teus presentes para sempre um regozijo.
Esses livros germinando em minha alma inculta,
A seiva foi tão viva e a ceifa tão rica,
Que eu colho ainda, e é meu melhor trigo.

Ah! os livros queridos! O que quer que sonhe, a audácia,
Jamais me dizem que isso é fúnebre.
E deles herdei tudo o que tenho de bom, de nobre,
E tudo o que valho, se valho alguma honraria.

Assim como há livros mestres para as crianças, também os há para a humanidade. Escolhe os mais nobres, os mais eloqüentes; muito te elevará a sua douta convivência. Os gênios vêem acima e longe e falam de modo justo; os seus escritos são o esplendor da verdade; ama a sociedade destes falecidos de escol; compõe-te um *ambiente ancestral.*

Sê amigo da sala de estudos e da biblioteca. Os monges da Idade Média possuíam três santuários: a capela, a sala capitular e o *scriptorium*. Neles guardava-se o mais rigoroso dos silêncios. Na porta do *scritorium*, onde trabalhavam os monges, Alcuíno pregara esta sentença: "Que ninguém acrescente ao trabalho as frivolidades do discurso, com receio de que a mão se extravie". Cuida para que te aches sempre próximo dos livros; sejam eles os teus tesouros mais preciosos. O amor aos livros é para o estudante o termômetro do fervor intelectual.



Escolhe amigos cujas palavras e exemplos te excitem ao trabalho e à virtude

Faz tal escolha com prudência. Não dês confiança ao primeiro que aparecer; às vezes, as aparências enganam. Não traves contato fácil com os medíocres se queres viver num ambiente que te eleve.

Julga as árvores pelos frutos. As amizades, por vezes, trazem os germes da morte. Não te deixes entusiasmar por certas seduções que não passam de ilusão de óptica.

O teu coração encerra tesouros de afetos; seria profanação oferecê--los àqueles que não são dignos. A verdadeira amizade é uma união de alma. As suas características a fazem facilmente reconhecível.

Ela é leal, nunca pactua com o mal e nem cega os olhos para com os defeitos e as faltas. Montalembert escreveu a Cornudet: "Exijo de ti que sejas inexorável em relação a tudo quanto veres de repreensível em mim".

Ela é confiante e inspira a partilhar as alegrias e as dores. Cornudet escreve a Montalembert:

> Como estou pronto a abrir-te meu coração, não somente a fim de confiar meus pensamentos, mas sobretudo as minhas ações boas e más, gostaria de ter apenas as boas para revelar, pois cultivo meu coração com mais cuidado do que meu espírito.

Ela é fraternal e cimentada pela oração. Após apreciar bem Cornudet, Montalembert lhe escreveu: "É nos teus braços que me jogo, caro amigo; é no teu coração que quero refugiar-me a fim de consolar as minhas penas". Em outra carta, diz-lhe: "Rezei muito por ti. Nossa união será santificada pela religião; sem isso, tudo é vaidade e nulidade".

Ela conduz ao bem e ao trabalho sério. "Minha alma cresceu desde que te conheço", diz Cornudet ao amigo. "Chego a triunfar um pouco sobre a minha preguiça habitual. Parece-me que me sinto melhor com aquilo que é bom e que meu fervor se avivou outro tanto". Montalembert, por sua vez, submete-lhe projetos de livros e de artigos, solicita-lhe opinião e críticas, pede-lhe relatórios das lições dos professores da Sorbonne e do Collège de France, e, através do amigo, mantém-se a par das idéias correntes e dos escritos dos grandes periódicos.

Roga a Deus para que te dê um amigo sincero ou um grupo restrito de amigos cujos conselhos e exemplos te excitem ao cumprimento de todos os teus deveres.

> Um amigo fiel é uma poderosa proteção, diz a Sagrada Escritura, quem o achou, descobriu um tesouro. Nada é comparável a um

amigo fiel; a prata e o ouro não merecem ser postos em balança com a sinceridade de sua fé. Os bons conselhos de um amigo são um remédio de vida e imortalidade.

Mas essa amizade no estudo não deve assemelhar-se a uma admiração banal. Sabemos quanta inveja e fel escondem os cumprimentos dos *Trissotin* e dos *Vadius*. O amigo verdadeiro observa o meio entre a adulação parva e a crítica acerba. Com cautela, assinala os defeitos lado a lado com as qualidades, e suas ponderações vêm antes do coração que do espírito, repreendem, elevam, encorajam e dão à alma um ímpeto para o bem e o belo. Para se ter amigos é preciso merecê-los. "A afeição de um amigo", diz Lacordaire, "é o maior tesouro deste mundo, após a amizade de Deus; coisa rara e divina, sinal assegurado de uma grande alma e a mais alta das recompensas divinas acopladas à virtude".



A conversação é igualmente um meio pela qual as inteligências e as almas se juntam

Charles de Sainte-Foi fala deliciosamente desta fusão.

> A palavra, diz ele, estabelece entre aqueles que se falam uma associação bem mais íntima do que comumente se crê; e poucas são as pessoas que suspeitam de tudo quanto passa de uma alma para outra na conversa [...]. Pela palavra, as almas se unem como se estivessem estreitadas.

Por conseguinte, a conversa nobre e inteligente desempenha um papel importante. Os antigos o compreenderam bem: os gregos e os romanos deixaram exemplos incomparáveis nos *Diálogos* de Platão e Cícero. Não seria possível reconstituir pela conversação a história da literatura, a história social, diplomática, literária e artística? Os grandes temas foram *conversados*, e sem dúvida mais de uma obra mestra nasceu tanto de uma *conversação* como de uma meditação solitária.

A conversa mede o grau de elevação das faculdades da alma e o grau de cultura das faculdades da inteligência; tal palavra, tal *conversação*, é o resumo, muitas vezes, de imensas leituras e um conhecimento profundo da humanidade. "Mostramo-nos as nossas almas",

dizia Royer-Collard pensando nas suas conversas com de Serre. Algumas tardes passadas na companhia de gente de espírito representam volúpias delicadas; e só assim se explica facilmente a influência dos salões nas grandes épocas de nossa literatura.

Procura, portanto, a sociedade daqueles que sabem conversar de maneira interessante e instrutiva, e para tirar proveito das conversas, observa os seguintes preceitos ditados pela experiência:

Saber escutar. Walter Scott dizia que aprendera coisas novas conversando com os homens vulgares. Anotava apressadamente as expressões originais e as palavras pitorescas; freqüentemente encontrara aí o que procurava há vários meses. Quantas coisas não se pode aprender escutando! Um escritor dizia: "De dez coisas que conheço, nove devo à conversação".

Saber interrogar. "Aquele que com freqüência coloca questões", diz Bacon, "aprenderá muito e geralmente agradará, sobretudo se faz perguntas apropriadas ao espírito das pessoas que interroga". Esta é uma experiência de ouro. Nada agrada mais a um especialista do que falar daquilo que ama e conhece. Em pouco tempo, pode oferecer um panorama luminoso a respeito da ciência que cultiva.

Saber conversar. A arte da conversação é difícil. Compõe-se de quatro elementos: a preocupação da verdade, o bom-senso, o bom humor, o espírito.

Não procures deslumbrar; fala simplesmente do que tens estudado, de uma questão especial que te preocupa, de um acontecimento científico, de uma descoberta, do livro que acabaste de concluir a leitura. Se não fores o condutor da conversa, coloca a propósito do assunto uma observação, uma palavra, uma aprovação.

Evita aborrecer os ouvintes retornando sempre aos mesmos assuntos, pois provocaria riso o emprego constante das mesmas expressões. Que as tuas conversas revelem uma grande nobreza de alma e de aspirações elevadas. Desta maneira, serás mais apreciado.

Saber tirar proveito das conversas. Quando a conversa se tornou séria e instrutiva, nota o que te tocou, o que queres reter. Mais tarde, sentir-te-á feliz em refrescar tuas lembranças. Temos uma imensa literatura a respeito: Dangeau, Saint-Simon, Barbier e sobretudo os Goncourt.



A correspondência pode servir para incitar-te ao trabalho

A correspondência é uma conversa à distância; pode-se tirar dela os mesmos proveitos que da conversação. Torna-se um meio de informação e formação. Este gênero sempre foi muito apreciado. Talvez em nossa época de relações fáceis, o telégrafo e o telefone lhe tenham diminuído os encantos. Seria algo para se lamentar se o número de correspondentes encolhesse.

A primeira vantagem da correspondência é prestar-se a um exercício de estilo exigindo qualidades especiais: simplicidade, variedade, naturalidade. Na literatura encontram-se modelos incomparáveis.

É também um meio de estímulo ao trabalho e à virtude. Montalembert escrevia a Cornudet: "Trago sempre comigo a tua última carta como preservativo contra a impureza, até que outra a substitua". As cartas de Lacordaire exerceram um apostolado magnífico; quantos jovens lhes devem a perseverança no estudo e na prática do bem!

A correspondência pode tornar-se um meio de completar os conhecimentos, de esclarecer certos pontos obscuros, preencher lacunas, obter suplementos de informação. À distância, algumas vezes, comportamo-nos com ousadia.

> Quando estás perto de mim, dizia Edmond Rousse a um amigo, não ouso dizer-te a metade do que te escrevo descaradamente; e serias talvez menos amigo se tivesses ficado comigo; há muitas coisas que tolamente te forcei a ouvir e que, por cem motivos, eu nunca tivera tido a idéia de dizer-te próximo à lareira.

A correspondência nos faz conhecer melhor os nossos amigos. Não obstante, a alma aparece nas cartas. Conheceríamos realmente Voiture, Sévigné, Fénelon, Rousseau, Voltaire, Joseph de Maistre, Lacordaire, Louis Veuillot e tantos outros, se não tivéssemos suas obras epistolares?

O essencial está na boa escolha dos correspondentes. Se for um amigo, que ele saiba encorajar-te ao trabalho. Se for uma competência, que se mostre feliz por te ajudar a vencer as dificuldades, aplaudir os teus sucessos e ser para ti um guia sempre benevolente.



A redação de um diário pode prestar-te um imenso serviço

Estudantes de elite têm por hábito estabelecer diariamente o balanço intelectual e moral do dia, e encontram nele grande proveito. É um exame de consciência por escrito. Se bem cumpriram seus deveres consignam-no e alegram-se; se os cumpriram com negligência, confessam-se francamente tomando, para o dia seguinte, resoluções sérias.

Este diário é também uma análise da alma. Reflete as esperanças e as decepções, os arrependimentos e as resoluções viris, o receio, a alegria, a esperança, o entusiasmo. É o eco de uma alma, e de uma alma que se inteira de seus deveres. Mas não é necessário que esta seja uma análise por demais aguda: uma crítica constante da vida paralisa a vontade. Amiel, no seu *Diário íntimo*, assinala tal perigo:

> A análise febril ao extremo devora a si mesma como a serpente egípcia. Por isso é que se deve dar a ela um alimento externo que possa moer e dissolver se quisermos impedir a sua destruição [...]. Melhor é dilatar-lhe a vida, desdobrá-la em círculos crescentes, do que apequená-la, restringi-la obstinadamente pela contração solitária. O calor tende a fazer de um ponto um globo, o frio a reduzir o globo à dimensão de um átomo.

Goethe foi bastante fiel, na maior parte da vida, à escrita do seu diário. Era para ele uma medida de higiene moral, que aconselhava constantemente aos outros. "As pessoas", dizia ele, "só amam verdadeiramente aquilo que fazem no momento em que lhe prestam importância, e só mesmo quando os mínimos detalhes se tornam para elas o objeto de uma atenção contínua".

O diário deve ser também um eco da vida exterior. Fala dos amigos, dos parentes, dos mestres; resume uma conversa; registra uma palavra espirituosa; conserva a lembrança de uma leitura interessante.

Mais tarde, voltar a estas notas é uma experiência amorosa que faz reviver os dias passados, inteiramente perfumados pelas flores da juventude.



As viagens são excelentes meios de educação

Conheces a máxima do bom La Fontaine:

Quem muito viu,
Muitas lembranças guardou

Montaigne recomenda as viagens como um complemento necessário à formação. A estada no estrangeiro facilita o estudo das línguas vivas e alarga o espírito. Ao ver diferentes povos, percebemos que o modo de agir é diverso e esta constatação diminui a xenofobia e o espírito de súcia.

Bacon chegou mesmo a esboçar um programa que torna as viagens instrutivas. Recomenda observar a corte dos príncipes, sobretudo nos dias de audiência aos embaixadores; as cortes de justiça bem como os consistórios eclesiásticos; as igrejas e os monastérios; os muros e as fortificações das vilas e cidades; os portos, os antiquários, as ruínas, as bibliotecas, os colégios; a marinha mercante e a marinha militar; as casas e os jardins de recreação, os museus de armas, os tesouros de joalheria, marcenaria e os objetos preciosos. O programa é imenso e só pode ser aplicado quando se dispõe de bastante tempo.

Hoje, as distâncias estão quase suprimidas. Com uma rapidez estonteante, somos transportados para algumas das maravilhas naturais ou artísticas de nosso país ou de países vizinhos. Mas as condições para que se aproveite as viagens permanecem as mesmas; é preciso prepará-las com cuidado. "O louco vagueia, o sábio viaja", dizem.

As grandes viagens não estão ao alcance de todo mundo. Mas não existe passeio que não possa proporcionar algum proveito, por pouco que se deseje. Se tens interesse pela história, os monumentos falar-te-ão e tua imaginação reconstituirá, nos lugares mesmos onde tiveram lugar, os acontecimentos do passado. Se és geólogo, os seixos do caminho falar-te-ão a respeito de suas origens e sua longa história. Poeta, tua alma exaltar-se-á à vista dos montes coroados de neve, dos lagos, dos regatos, das paisagens, dos crepúsculos, dos trigos dourados, das florestas agitadas pela brisa. Geógrafo, admira as formas exteriores da terra, a vegetação, a sabedoria com a qual o homem se adaptou ao meio, os modos tão diversos da atividade humana. Psicólogo, recolhe do teu contato com a sociedade observações abundantes. Nada é tão pródigo de formas como a realidade. Isso é verdadeiro tanto em

relação às coisas mais simples como às belezas naturais e às maravilhas da arte e da ciência. Que colheita de pensamentos, de sentimentos, de fatos, que não ceifarás se não quiseres, pois tudo em ti procura o abandono agradável! Ou então poderás dizer com Tennyson: "Sou uma parte de tudo aquilo que vi".



Serás muito mais sensível a estas influências se desenvolveres o sentido da admiração

Sem dúvida, não é uma prerrogativa de todos experimentar uma emoção profunda à vista de um belo espetáculo, de uma obra de arte, de uma verdade que se procura e que se descobre enfim em todo o seu esplendor.

A admiração é o sinal de uma grande alma. Gounod escrevia a Bizet: "Admira, admira tanto quanto puderes; a admiração é uma faculdade nobre e ao mesmo tempo uma das mais vivas alegrias do homem, senão a mais viva de todas. Admirar é agigantar-se".

O espírito estreito nada admira; olha tudo quanto o ultrapassa como uma espécie de ofensa. Ocupa-se de procurar os pontos fracos de um espírito superior; aumenta-os, espalha-os, zomba deles juntamente com os seus semelhantes.

Não ajas deste modo. Nada te fará mais estimado do que a apreciação sincera do mérito alheio; revelas assim uma natureza franca, nobre e plena de generosidade cordial.

A admiração é um elemento da educação. Como educar o jovem cuja alma não vibra nem estremece? Houve uma época em que era de bom tom apresentar ares de desgostado, de indiferente, de crítico impiedoso. Felizmente esse tempo passou. A admiração é um elemento de educação de primeira ordem. Disso Dupanloup estava convicto; era excelente em desenvolver esta faculdade. Renan dele escreveu, nos *Souvenirs*:

> Era incomparável em despertar talentos; ninguém o rivalizava em extrair dos alunos tudo aquilo que podiam oferecer [...]. Repetia freqüentemente que o valor do homem é proporcional à sua faculdade de admirar.

A admiração é uma condição ao sucesso. Instiga à imitação. São inúmeros os homens destacados cujo gênio se acendeu ao contato de um grande homem ou de uma grande obra. Correggio, vendo o quadro de Santa Cecília, de Rafael, exclamou: "Eu também sou pintor!". Hayd não escondia a admiração que devotava a Mozart, Beethoven e Händel. "Está tudo lá", dizia ele, mostrando as obras do último.

Ollé-Laprune escolheu um dia a admiração como tema de discurso numa cerimônia de concessão de prêmios.

> Admirar, dizia ele, é sair de si para saudar o que é maior do que si próprio. A admiração arranca-nos de nós mesmos e de nossos pensamentos pequenos para nos jogar, comovidos e encantados, no seio do grande e do belo. Ela aspira e eleva-se a qualquer coisa de divino; é por isso que nos ergue da terra e nos engrandece. É por isso que nos faz estremecer de alegria íntima e que derrama sobre nós a paz e a força. Infeliz de quem permanece insensível diante do que é grande. Infeliz daquele cujo prazer mesquinho de zombaria levaria a insultar, debochando das coisas que devemos admirar! [...] Aprende, portanto, a admirar sem cessar; assim aprenderás ser homem e a dirigir-te a Deus [...]. A admiração dá coragem para o bem; por ela, a alma se desprende das paixões pequenas, dos interesses banais e se aproxima de Deus.

Meu querido amigo, introduz cada vez mais a admiração na tua vida; ela arrancará do teu coração o egoísmo e a estreiteza de espírito. O entusiasmo soprará na tua alma como a brisa do mar aberto.

Capítulo XV

Estuda com magnânimo espírito de fé

Um estudante fixara o seguinte programa: "Seis horas de sono, seis horas de estudo, quatro horas de oração; as outras serão empregadas na contemplação da natureza".

Um outro modificou este regulamento para a seguinte forma: "Seis horas de estudo, oito horas para o sono benéfico, dez horas para as coisas do mundo, e todas para o Céu".

Essas últimas palavras são de uma grande beleza; revelam raro espírito cristão e projetam sobre o trabalho um reflexo do infinito que lhe dão o seu verdadeiro título de nobreza. Agir por Deus, estudar por Deus, eis o supremo ideal. É para isso que te convidei no início de nossas conversas. Quero, pela mesma recomendação, concluir.



O que é o espírito de fé?

É uma fé viva e ativa tornada regra dos nossos pensamentos, das nossas palavras, atos e juízos; é o móvel e como que a mola de toda a vida.

Ter espírito de fé é agir como cristão, viver segundo o Evangelho e em conformidade com o Evangelho. Disposição excelente para dar à inteligência, ao coração, à vontade do estudante cristão, uma direção superior e uma força moral incomparável.

O espírito de fé dirige a intenção, leva a estudar tendo Deus em vista, por motivos sobrenaturais. Torna-se um aguilhão poderoso na pesquisa do verdadeiro e na procura do bem, um sustentáculo nos

momentos de tentação e de lassidão. Procura a liberdade de espírito pela calma e apaziguamento que introduz na alma.

Vicente d'Indy, ao se indagar se o artista deve viver uma vida superior, responde sem hesitar:

> Sim, o artista deve antes de tudo ter fé, fé em Deus; deve elevar-se de modo crescente em direção a Ele. Sim, o artista deve praticar a esperança, pois não espera nada do tempo presente, sabe que a sua missão é de servir. Sim, o artista deve estar tocado pela caridade sublime. O princípio de toda criação é o grande, o divino, o amor caridoso.

Os ecos da crença, neste grande artista, não são raros em sua obra. Em *Fervaal*, no fim do drama, o herói, que renunciou aos antigos deuses a fim de abraçar a nova verdade, simboliza a ascensão para a religião do amor que, a partir deste momento, sucederá às velhas práticas dos druidas. A *Légende de Saint-Christophe* está completamente impregnada de misticismo e de fé. Certas cenas são verdadeiros hinos em honra da religião.

O astrônomo Herschell escreveu um dia estas belas palavras: "Atira-te aos braços de Deus. Não estás seguro do seu amor e do teu perdão?".

Eu te convido também, meu querido amigo, a te atirar aos braços de Deus, a glorificá-Lo pela fé, pela esperança e pela caridade. A tua vida será um hino de adoração e de louvor; que cada um de teus atos suba ao céu como incenso puro.

Um grande bispo americano, que é ao mesmo tempo um pensador, Mons. Spalding, dizia aos jovens: "Aquele que deseja realizar grandes coisas deve possuir uma grande esperança, e da fé que vive a esperança. As épocas de criação foram invariavelmente épocas de fé".

A história literária confirma estas palavras. Quais os séculos que foram mais fecundos do que o XIII e o XVII? E quais os séculos que foram mais cristãos? Estás mais do que convicto destas verdades. Examinemos agora algumas conseqüências do espírito de fé.



O espírito de fé enobrece e santifica as ciências referindo-as a Deus

Por conseguinte, não é mais necessário etiquetar separadamente as ciências profanas e as ciências religiosas. Todas se tornam cristãs,

todas conduzem a Jesus Cristo. A literatura reporta-se a Ele como a fonte de toda a beleza; o direito como a nascente de toda a justiça; a história como Aquele que dispõe os fios secretos dos acontecimentos; as ciências como a fonte eterna da verdade.

> Tudo o que instrui leva a Deus por um caminho encoberto, diz o Pe. Sertillanges. Toda verdade autêntica é, por si mesma, eterna, e a eternidade que ela porta orienta para a própria verdade, de que é a revelação. Através da natureza e da alma, aonde podemos ir senão à fonte? Se não vamos ter com ela, é porque nos desviamos do caminho.

A procura da verdade, feita com vistas à glorificação de Deus, é uma espécie de sacerdócio:

> Santa é a obra divina, santa é a ciência que se apresenta para conhecê-la cada vez melhor e que, pela majestade com que se revela, admira a concepção gigantesca do seu autor. Por toda a parte se manifestam o seu poder e a sua beleza e, apoderado de um transporte que o entusiasma, o sábio se põe de joelhos. É assim que faziam todos os sábios que honramos; os Copérnico e os Mariotte, os Descartes e os Kepler, os Pascal e os Newton, os Lineu e os Haüy, os Biot e os Volta, os Cauchy e os Leverrier, os Ampère e os Claude Bernard, os Secchi e os Rougé, os Rossi e os Harlez, os Pasteur e os Mendel, e mais próximo de nós ainda, os Branly e os Duhem, os de Lapparent e os Sabatier, os Flahaut e os Aclocque, os Pervinquière e os Wintrebert.[16]

Imita os sábios verdadeiros; admira a obra divina que as ciências tentam compreender e explicar. E, acima de tudo, escuta a voz do Mestre. No silêncio da meditação, murmurar-te-á estas belas palavras: "Sê puro"; os corações puros têm mais facilidade para se elevarem à verdade e à beleza. Dir-te-á: "Sê humilde"; os espíritos orgulhosos são feridos de cegueira.

É algo assim tão extraordinário reportar tudo àquele que é a fonte da verdade? Não é obedecer a uma doce inclinação? Não é também o meio de encontrar a verdade perfeita?

Bach trabalhava com grande espírito de fé. Suas partituras tinham quase todas como cabeçalho S.D.G.: *Soli Deo Gloria*. Na capa do

16. Denis Martin.

Orgelbüchlein lê-se o verso seguinte: "Ao Deus Todo-Poderoso, este livro, para honrá-Lo; aos demais para instruí-los". Seu espírito, profundamente religioso, se revela até mesmo no *Klavierbüchlein* de Friedmann: No alto da página em que se encontram os primeiros trechos curtos para tocar, lê-se: *In nomine Jesu*. A piedade era parte integrante da sua natureza de artista. Se ornava assim todas as suas partituras com seu S.D.G. é porque tinha uma idéia essencialmente religiosa da música. Esta concepção profundamente religiosa da arte se manifesta por completo na concepção que ele dá à harmonia:

> O baixo cifrado, diz, no seu curso, é o fundamento mais perfeito da música. A mão esquerda toca as notas prescritas e a mão direita executa as consonâncias e as dissonâncias para que se resulte do todo uma harmonia agradável em honra de Deus.

Tendo concluído, pelo fim de 1833, a sua primeira ópera, as *Fadas*, Wagner escreveu no fim da partitura: "*Finis, Laudatur Deus*. Richard Wagner".

Os estudantes cristãos devem ter a coragem de glorificar a Deus em seus trabalhos. A este respeito, o Cônego Ulysse Chevalier é um modelo. O primeiro volume do *Répertoire des sources historiques du Moyen Âge* termina com um louvor a Deus: *Laus Deo*. No fim do suplemento do *Répertoire*, lê-se: *Laus iterum Deo*. E, posteriormente, no colofão da última parte, escreveu: *Laus semper Deo*. Felicitado pelos seus trabalhos, o sábio ilustre respondia: "Que Deus nos conceda vida, força e coragem para conservar as nossas faculdades intelectuais a serviço da Igreja!".

O estudo feito no espírito da fé nunca será um inimigo da piedade e da vida interior, como o pretende certa escola para a qual a ignorância é um preservativo. "Nos desígnios da Providência", diz o Pe. Janvier, "a ciência e a fé, assim como a razão e a fé, são duas irmãs destinadas a se prepararem um apoio mútuo".

Não somente o espírito da fé reporta tudo a Deus, mas ainda vê a Deus radiar na criação. Beethoven tinha o costume de dizer: "Nos campos, parece-me ouvir cada árvore repetir: Santo! Santo! Santo!".

Quando Newton descobriu que todos os mundos estão submetidos a uma lei única, escreveu esta frase digna de admiração, e destinada a todos os que pensam: "Uma vez que tudo porta a marca do mesmo desígnio, tudo deve ser submisso a um só e mesmo Ser".

Lineu também percebia Deus nos esplendores da criação.

Perante o Deus imenso, que tudo sabe e que tudo quer, despertei, diz ele. Eu o vi surgir, de passagem, mansamente, e fiquei parado de estupor. Reconheci nas criaturas alguns vestígios de sua passagem. Em todas e nas mínimas, e até mesmo naquelas que parecem nulas, que força, quanta sabedoria, que perfeição inexplicável! O universo é obra admirável de um Ser cujo poder não conhece limites.



O espírito de fé torna o estudo delicioso e faz do quarto do estudante um santuário

Ingres dizia aos seus alunos: "Comentaram, senhores, que o meu atelier era uma igreja. Pois bem! Sim, que seja uma igreja, um santuário consagrado ao culto do belo e do bem".

Aquele que trabalha com o espírito de fé vive na presença contínua de Deus. Reboul, recebendo Alexandre Dumas no seu modesto escritório de trabalho, lhe dizia:

Eis-nos aqui separados do mundo material. Este lugar é um santuário: somente a oração, a inspiração e a poesia têm o direito de entrar aqui. É neste recinto bem simples, vós o vedes, que passei as horas mais doces da minha vida.

Ampère, ao fim de uma meditação fervorosa, escrevia:

As feições deste mundo passam. Se te nutrires de suas vaidades hás de passar com elas. Mas a verdade de Deus permanece eternamente. Que a minha alma, a partir de hoje, permaneça unida a Jesus Cristo. Abençoai-me, meu Deus.

Joubert, o pensador delicado, vivia igualmente desta vida de fé. Alguns dias antes da sua morte, escrevia num canhenho estas palavras: "22 de março de 1824. O verdadeiro, o belo, o justo, o santo". Palavras que traduzem a orientação da sua existência, o objetivo de suas ações, o resumo dos grandes pensamentos de fé que fizeram deste escritor um modelo de probidade literária e de nobreza moral.

Quanto mais um estudante aperfeiçoa a sua vida sobrenatural, tanto mais aprecia esta presença divina no trabalho. A um jovem que lhe pedia uma direção, um escritor expressou a seguinte resposta: "Toma como companheira as três virtudes teologais". Sabemos que Vincent d'Indy dá o mesmo conselho aos artistas. E como foram bem inspirados! A fé move os montes. Que rudes trabalhos ela fez empreender e levar a bom fim! Suscitou heróis da santidade, mas produziu também os mártires do estudo e da ciência. A esperança enobrece o trabalho, desperta a alegria no coração e faz cantar de felicidade. A caridade resume tudo. Unindo-nos a Jesus Cristo, abençoa-nos com um acréscimo de luz, porque Jesus Cristo é o esplendor do Verbo e n'Ele estão guardados todos os tesouros da sabedoria divina.

A idéia sobrenatural embeleza de raios a existência inteira. Ela iluminou aquela do mestre ilustre, César Franck. Organista da igreja Sainte-Clotilde, quer ele se fizesse ouvir por convidados escolhidos, pelos seus alunos ou simplesmente pelos fiéis que assistiam aos ofícios, seus improvisos eram todos profundamente pensados, e tão bem esmerados na execução uns como os outros, pois tocava para cumprir um dever para com Deus.

Millet, o artista admirável, era sustentado pela sua fé religiosa. Na própria casa, a Escritura Sagrada era lida em família. O seu *Angelus* foi-lhe inspirado por uma lembrança de fé.

> Compus pensando, dizia ele, como outrora, durante o trabalho no campo, minha avó, ouvindo tocar o sino, mandava-nos parar a nossa tarefa a fim de rezar o *Angelus*, piedosamente e com o chapéu na mão, na intenção dos pobres mortos.

Foram certamente os pensamentos de fé que animaram ao trabalho, nas suas celas e no *scriptorium*, os monges da Idade Média.

> É no silêncio mais rigoroso, diz de Castegens, que os copistas, iluminadores, teólogos, filósofos, cronistas, poetas, místicos, físicos, astrônomos e alquimistas provaram inefáveis bem-aventuranças, trabalhando sob o olhar de Deus, circundados por volumosos manuscritos gregos e latinos, inundados de luz procedente de vãos largos ou de lanternas, impregnados de solidão e silêncio e avisados da rapidez do tempo pelas ampulhetas e clepsidras, pelos relógios solares, transfigurados pelo esplendor da inteligência que ilumina a pureza do coração e a vizinhança de Deus.

Que dilaceramento na alma quando é preciso dizer adeus a este retiro tão amado! Alcuíno, deixando o claustro para dirigir-se à corte de Carlos Magno, expressou o seguinte lamento:

> Ó minha cela, adeus para sempre! Nunca mais te verei, nem os bosques que te rodeiam com seus ramos entrelaçados, nem os teus pomares, nem os teus jardins onde o lírio se mistura à rosa. Cela querida, choro, e sempre sentirei saudades de ti!

Imita estas personagens santas. Trabalha sob o olhar de Deus: nisto encontrarás felicidade inefável, e o teu quarto pequeno de estudante parecer-te-á um canto do paraíso.



O espírito de fé é o inspirador e o sustentáculo do ideal

O ideal que não tem por base o espírito de fé não passa de argila. As vistas sobrenaturais o elevam até Deus e lhe dão por expressão esta fórmula do Evangelho: "Buscai, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça e todo o restante vos será dado por acréscimo". O reino de Deus não é outra coisa senão o amor pela verdade, o desejo de possuí-la para espalhá-la em torno de si com o fim de preparar o advento do Senhor nas almas?

Era bem este o ideal que Mons. Dupanloup expunha em suas notas íntimas: "Jesus Cristo! Jesus Cristo de quem sou o bispo, e cuja obra cumpro! Não devo ter outro pensamento a não ser para ti! Tudo para Ele!". Alguns dias após sua recepção à Academia Francesa, repetia com júbilo de contentamento: "Eu os fiz aplaudir o Evangelho! E igualmente aclamar Jesus Cristo!". E não permitia que se observasse outra coisa no seu discurso.

Assim, o ideal tem a sua fonte em Deus. E faz de modo que encontremos Deus no estudo, segundo a palavra de Santo Agostinho: "As palavras são como espelhos; atrás das palavras vemos passarem as almas, e no cerne destas almas, vemos Deus passar". O conhecimento que se afasta deste ideal é estéril, e o mesmo Santo Agostinho afirma que é preciso reprová-lo porque se limita a lançar sobre a natureza um olhar curioso que, em vez de elevar-se até a causa primeira, não é capaz de desapego.

Aliás, este é o caráter do verdadeiro sábio, ascender até o princípio das coisas. Wurtz, químico eminente, concluía assim um discurso pronunciado em Lille, diante da Associação Científica:

> Quanto às causas primeiras, elas são inacessíveis. É em vão que a ciência revelará a estrutura do mundo e a ordem de todos os fenômenos. O sábio quer subir mais alto e, na convicção instintiva de que as coisas não têm em si uma razão de ser, seu suporte, sua origem, é conduzido a subordiná-los a uma causa primeira, única, universal: Deus.

Faraday, em suas lições, jamais pronunciava o nome de Deus, embora fosse profundamente religioso. Um dia, pronunciou-o, e o auditório aplaudiu. Faraday interrompeu a lição com estas palavras:

> Acabo de surpreender este lugar por ter pronunciando o nome de Deus. Se isto não acontecera antes, é que sou, nestas lições, um representante da ciência experimental. Mas a natureza e o espírito de Deus chegam até meu espírito por vias tão certas como aquelas que nos conduzem às verdades de ordem física.

Arago, um dia, prendeu a admiração de seu auditório no Collège de France ao salientar a regularidade do movimento dos céus e a ordem que preside as evoluções dos astros. De repente, exclamou:

> Na próxima semana, teremos um eclipse solar visível em Paris. A lua estará em conjunção com o sol, e a luz do astro-rei será interceptada por ela. Neste dia, portanto, senhores, a tal hora, a tal minuto, a tal segundo, três grandes astros atenderão, não às nossas predições, mas às ordens de Deus. E ajuntou: Somente os homens que são recalcitrantes.

Em seus longos e pacientes estudos, o entomologista Fabre jamais perdera de vista o ideal supremo.

> Depois de oitenta e sete anos de observações e reflexões", dizia ele, "não posso dizer que creio em Deus, *vejo-o*. Sem Ele, não compreendo nada; sem Ele, tudo são trevas... Toda época tem seus caprichos. Considero o ateísmo o capricho de nossa época... Seria mais fácil arrancar-me a pele do que a crença em Deus.

A ciência assim compreendida, eleva cada vez mais este ideal. Pasteur, pelo estudo dos infinitamente pequenos, elevou-se até o infinito.

Aquele que proclama a existência do infinito, dizia ele, acumula, nesta afirmação, mais de sobrenatural do que nos milagres de todas as religiões, pois a noção de Infinito possui esse duplo caráter de impor-se e de ser incompreensível. Quando esta noção apodera-se do entendimento, só nos resta uma atitude, prosternar-se.

Hippolyte Violeau, o poeta casto e religioso, pôde escrever estas belas estrofes que exprimem o seu ideal mais nobre:

Que sempre minha lira recorde
Os primeiros juramentos de meu coração,
E que onde Deus me chame,
Eu diga: eis-me aqui, Senhor!

Direi, sabendo submeter-me
Ao poder da morte,
Não esqueci o Mestre,
O Mestre não me esquecerá.



O espírito de fé excita ao estudo quando se tem em mira um apostolado mais fecundo

Conhecer a Deus e fazê-lo conhecer: dois motivos excelentes que enobrecem o trabalho intelectual. Não ter em mira senão a Deus, a sua glória, a defesa de seus interesses, a extensão do seu reino, a realização de seus desígnios no mundo, que programa, e que altivez de alma para se propor antes dos vinte anos! Estudar não somente para si, mas para os outros, dizer-se: Eu quero instruir-me para servir a Deus, e fazê-lo servir; quero ser um conquistador, que ambição mais nobre! Mas ela não é rara; é mesmo natural nesta idade em que se experimentam entusiasmos magníficos, em que, por pouco que se tenha uma alma bem constituída, sente-se uma inclinação quase instintiva para o apostolado.

Sondai vossos corações, diz aos jovens o Abade Rouzic, e descobrireis neles esta superabundância de vegetação e de vida que Quintiliano se comprazia em encontrar nos seus discípulos e que o escritor sacro constatava no coração adolescente de Benjamin.

Assim foi Lacordaire na juventude, e era este o programa que nitidamente traçara: "Minha meta", escreveu, "é de fazer conhecer Jesus Cristo àqueles que o ignoram, de contribuir à perpetuidade da religião divina, de mitigar ao máximo a miséria e de exterminar o maior número de corrupções que puder, eis o meu intento".

Foi a fé que inclinou Ozanam ao apostolado. Enchia-se de piedade ao ver a multidão que ignorava a verdade, e poderia dizer com Gatry:

> Até quando aqueles que receberam com abundância alguns dons do sol de Deus verão sem comoção reinar sobre a multidão imensa a fome da alma, aquela da inteligência e do corpo? Até quando pretendemos ignorar que, no mundo destes pequenos, o Verbo feito carne sofre e espera?

Mons. Dupanloup nunca deixou de conceber a vida como um apostolado constante. Os catecismos na igreja de Madeleine, seu ministério paroquial, seu seminário menor, o púlpito de todas as igrejas, o leito de morte de Talleyrand, a Sorbonne, os escritos inúmeros, as lutas pela liberdade de ensino e a soberania temporal do Papa, as obras do seu episcopado em Orléans, sua entrada na Academia Francesa, tudo isso não tinha mais do que um alvo: ganhar por inteiro as almas, corações, o seu país e o seu século para Jesus Cristo.

A idéia de espalhar a verdade é um traço comum a todas as grandes almas. Mons. Gay, um dos maiores escritores ascéticos, teve como programa de vida inteira pregar a palavra de Jesus Cristo: *Omnia et in omnibus Christus*, era a sua divisa. Escrevendo um dia a Gounod, dizia-lhe: "Farás muitas obras, mas comporás apenas uma música. Eu também faço e publico muitas obras, mas escreverei apenas um livro. O meu livro é Jesus Cristo".

Animado por este espírito de fé, qualquer cristão se torna um apóstolo. Brunetière, após ter encontrado a verdade, quis fazê-la conhecida. O seu sucessor na Academia mostra-o, em primeiro lugar, perseguindo através de todos os sistemas, a solução da dúvida, que faz o tormento e a grandeza do homem. Tendo, enfim, a encontrado na fé, o ilustre convertido

> julgou que esta luz não lhe fora dada somente para ele, e, durante dez anos, afrontou o ridículo, a impopularidade, as injúrias e as iniqüidades, e fez ver assim reunidos na sua obra e na sua pessoa o brilho de uma eloqüência viril e a beleza do dever cumprido.

Mais próximo de nós, quantos exemplos significativos de apostolado não se manifestam entre os jovens. É o caso, por exemplo, de André Lafont, o autor já célebre de *Elève Gilles*, que se fez, no início da guerra, professor dos iletrados no quartel. Após dias fatigantes, a luz de sua vela atraía a todos, e ele lhes passava um pouco de sua coragem e de sua fé. Pierre Poyet, aluno da École Normale superior, é outro a ser citado. Teve uma vida curta, mas foi uma das mais fecundas da jovem geração universitária. A primeira influência que exerceu foi a do exemplo; era o argumento vivificante. Interrogaram-no, quiseram conhecer o segredo de sua vida. Conquistou os jovens amigos por meio da oração, da boa conduta, da caridade. A idéia do apostolado penetrava nele cada vez mais; sonhava com uma vocação mais elevada. Porém, Deus se contentou com a sua boa vontade. Durante sua vida tão breve (faleceu aos 26 anos), fez verdadeiramente "da palavra de Deus a sua luz, do amor de Deus a sua alegria, da graça de Deus a sua força, do serviço de Deus o emprego da sua existência".

A revista argentina *Estudios*, tendo feito um grande elogio da obra poética de Claudel, recebeu dele as seguintes palavras endereçadas ao autor do artigo:

> O generoso eco que despertei em vosso jovem coração de futuro sacerdote me trouxe uma grande alegria. Quando tomo conhecimento de que alguma alma piedosa se serviu da minha *via crucis*, que alguns dos meus versos foram utilizados como tema de meditação e deram asas à oração, então sinto que não escrevi nem vivi em vão.
>
> Quanto aos cumprimentos de artistas ou de personalidades indiferentes, são para mim uma humilhação, ao menos que, talvez, sob o véu de frases desmioladas e com bastante adornos, eu sinta que o tiro agudo da verdade tenha penetrado num coração diligentemente defendido.



O espírito de fé te virá como um estímulo na desincumbência dos teus deveres

Deus pedirá muito a quem Ele muito tiver dado. Ele não te deu talento para deixá-lo inculto, nem longos anos de estudo para malbaratá-los. Eis o que é capaz de inspirar sérias reflexões.

São Paulo dizia: "E ai de mim, se não anunciar o Evangelho!". Todos aqueles que são chamados a exercer uma missão devem aplicar-se estas palavras. Ozanam as repetia à sua maneira:

> Cabe a nós, católicos, dizia ele, reanimar o calor vital que se apaga, cabe a nós recomeçar a era dos mártires [...]. Ser mártir é dar ao céu tudo quanto recebemos: seu ouro, seu sangue, sua alma inteira.

E dizia ainda:

> Escrevo porque, não tendo Deus me abençoado com a força de empurrar um arado, é inevitável, mesmo assim, que obedeça à lei do trabalho e faça minha jornada.

É o egoísmo que nos induz a cumprir com languidez e negligência o dever de estado. Se trabalhares com espírito de fé, será este o primeiro defeito que farás desaparecer. Como poderias ser lasso diante do dever se tens a intenção de servir a Deus, de trabalhar pela palavra e pelo exemplo para extensão de seu reino?

Encontrarás nestes motivos um estímulo poderoso para o trabalho contínuo. Dirás:

> Os talentos que recebi, o tempo de que disponho, tudo isso é de Deus. Talvez, se desperdiçasse esta hora, tivesse no meu espírito uma lacuna que me tornaria incapaz de dissipar uma dúvida, de consolidar uma crença, de expulsar o erro das almas que encontrasse no caminho da vida.

Um professor católico universitário, Henri-Gustave Moreau, morto no campo de batalha em 1918, compreendera o papel que deve exercer na sociedade do século XX qualquer católico instruído. No seu caderno de notas pessoais, tinha escrito o seguinte:

> O católico de hoje em dia deve ser para a sua época o que foi o beneditino para a Idade Média, o franciscano para o século XIII e o jesuíta para o Renascimento. Qualquer cristão que vive entre incrédulos deve considerar-se como um religioso. E para desempenhar este apostolado não são precisos mais do que duas coisas: primeiro, não se isolar (foi isto que causou um grande mal à Igreja francesa); segundo, ter vida sobrenatural intensa, incessantemente alimentada pelos sacramentos. Possuindo verdadeiramente esta vida, basta estarmos presentes para operar conversões, e isso valerá mais do que discussões sem resultado.

Ao mesmo tempo que te dá coragem para aprender, o espírito de fé te esclarece sobre a importância relativa dos estudos. Far-te-á conhecer a hierarquia verdadeira que consiste em dar o primeiro lugar às ciências que têm por objeto a formação sobrenatural: as ciências religiosas.

Hoje, mais do que nunca, a fé do carvoeiro é insuficiente para os jovens cultivados; eles necessitam de uma fé sólida, baseada sobre princípios inabaláveis, que permite apresentar as razões da crença e despertar ou avivar nos outros as convicções apagadas ou fracas.

Eis o motivo da multiplicação, por toda a parte, dos círculos de estudos; eis por que as elites dos colégios, dos liceus, das grandes escolas, das faculdades, se adstringem a estudar a teologia e a filosofia tendo em vista tornar mais fecundo o apostolado que se propõem a exercer.

O espírito de fé inspirar-te-á igualmente um ardor extremo para os estudos profissionais. É um dever para os católicos conquistar os primeiros lugares em todos os ramos da atividade intelectual. Hoje, mais do que nunca, a influência encontra-se em razão direta do valor intelectual e moral.

Renova, portanto, tua resolução de estudar com espírito de fé, de procurar Deus no estudo, de viver em sua presença e de trabalhar tendo como escopo fazê-lo conhecer e amar em torno de ti. Em resposta a uma carta de seu pai que lhe dizia: "Suplico-te que vele por tua alma", Mozart respondeu:

> Beijo as mãos do meu querido pai e agradeço-lhe os votos. Por favor, não vos inquieteis: Deus está sempre diante de meus olhos, reconheço todo o seu poder; temo a sua cólera, mas também conheço a sua bondade e a sua clemência perante suas criaturas. Se as coisas são segundo a sua vontade, também serão segundo a minha.

Capítulo XVI

Santifica teu trabalho por uma vida profundamente cristã

PARA que o espírito de fé viva e cresça em tua alma, sê francamente, generosamente cristão. A prática de teus deveres sob este aspecto consiste na oração, na fuga do mal, na prática das virtudes cristãs e na recepção freqüente dos sacramentos.



Reza antes do trabalho

O Pe. Gratry jamais esqueceu as palavras que um sacerdote lhe transmitiu quando ainda estava no seminário: "Meu filho, quando te defrontares com alguma dificuldade nos estudos, eleva o teu espírito a Deus e pede-lhe que te ajude, e Ele te atenderá".

Deus é o alicerce de teu trabalho como este o é da ordem. A oração trará à tua alma a paz, a facilidade, a limpidez; nas horas de provação, a oração faz penetrar um raio de sol que dissipará as nuvens e te dará energias renovadas.

Nosso Senhor não convidou a pedir-lhe socorro? "Sem mim, nada podeis". "Chamais-me de Mestre, e dizeis bem. Com efeito, Eu o sou". Temos necessidade do socorro de Deus. O autor da *Imitação* traduziu numa página imortal este apelo de nossa alma:

> Não me fale Moisés ou algum dos profetas, antes, falei-me Vós, Senhor Deus, inspirador e oráculo dos profetas; porque Vós, sem eles, podeis, perfeitamente, instruir-me; ao passo que eles, sem Vós, de nada me servirão.

> Transmitem a letra; mas Vós manifestais o sentido; propõem os mistérios; Vós desvendais a inteligência que neles se oculta, promulgam vossos mandamentos, mas Vós nos ajudais a cumpri-los; mostram o caminho; de Vós, no entanto, nos advém a força para segui-lo [...]. Regam a superfície; Vós dais a fecundidade. Clamam com palavras; Vós concedeis inteligência para desnudá-las.

Pleno de tais sentimentos, o estudante cristão se ajoelha antes do trabalho para implorar a luz divina "que ilumina todo homem vindo a este mundo". Era a prática de todos os sábios cristãos. Era a prática de Ozanam, que se ajoelhava humildemente antes de se entregar à cátedra universitária.

Ollé-Laprune, o eminente filósofo cristão, não agia de outro modo. Uma série de cadernos de notas pessoais encontrados depois de sua morte revelam que o seu primeiro pensamento do dia era para Deus. Condensava o resultado de suas conversas piedosas em uma sentença tomada emprestada dos livros sagrados: *Christianus alter Christus... Opportet illum regnare.*

Como não seria ele eloqüente ao abordar um auditório após ter escrito estas palavras abrasadoras:

> Iluminai-me, ó Pai das luzes, iluminai a minha inteligência, e penetrai até os recônditos mais íntimos do meu ser. Confesse-me fraco, impotente, miserável, semelhante, porém, a Vós pela faculdade de conhecer e amar, resgatado pelo sangue de Jesus Cristo, animado de Vosso espírito vivificante. Confesse-Vos eu, ó meu Deus, tão grande, tão bom, meu Criador e meu Redentor, meu Santificador, o Santo dos Santos.

Mons. Dupanloup se sentia incapaz de qualquer trabalho perfeito se não recorresse previamente à oração:

> Minha grande e humilde resolução, escreve, é de ter um pouco de vida interior, de vida de oração. Quatro horas de oração, duas de manhã, duas de tarde; a porta com o ferrolho puxado, como se estivesse numa torre, como na Grande Cartuxa; de outro modo, nada darei, faltando a Deus e à Igreja.

Imita estes exemplos grandiosos. A cada dia, antes do estudo, pedi ao Mestre que penetre em tua alma os raios da sabedoria eterna e da luz verdadeira.



Reza durante e após o trabalho

Faz teus estudos aos pés do crucifixo e quando a verdade se oculta, diz-lhe: "Senhor, não compreendo; minha alma está adormecida; despertai-a do seu sono; enviai sobre ela uma luz abundante". Era a prática de Santo Tomás. Dirigia-se ao pé do sacrário todas as vezes que lhe submetiam dificuldades a resolver ou quando elas se apresentavam ao seu espírito ao compor suas obras imortais. Colocava freqüentemente o caderno de escrita diante do Santo Sacramento; e confessava ao seu confessor, o beato Réginald, que aprendera mais na sua cela aos pés do crucifixo do que em todos os livros que havia consultado.

O pintor Lippi Dalmasio vivia em união contínua com Deus. Só pintava Virgens, e somente após haver jejuado e rezado. Acham-se nas Virgens de Lippi qualquer coisa de sobre-humano, e nenhum artista moderno, diz Rio, chegaria a reunir numa figura tanta santidade, modéstia e pureza.

Albert Dürer estava convencido de que o artista entregue à própria inspiração não saberia produzir uma verdadeira obra de arte: "Só Deus conhece este segredo", afirmava, "e aquele a quem o revela". Fra Angélico dizia: "Para pintar Cristo, é necessário viver com Ele".

O ilustre músico Weber nunca começara uma obra importante sem estar preparado por uma fervorosa comunhão. Sobre o manuscrito de Oberon, conservado em São Petersburgo, lêem-se no final da partitura estas palavras: "Terminado na presença de Deus". E após a abertura, a nota seguinte: "Em Londres, a 7 de abril de 1826... *Soli Deo Gratia*".

Também era esta a prática de Haydn. Todas as suas partituras contêm no cabeçalho a sentença: *In nomine Domini*, ou ainda: *Soli Deo Gloria*, e ao fim, outra: *Laus Deo*. Um compositor foi visitá-lo no Palácio Eszterháza e lhe perguntou o segredo de escrever tanto e com tamanha originalidade; Haydn lhe respondeu:

> Vede bem, eu me levanto cedo; e tão logo vestido, ajoelho-me e rezo a Deus e à Santa Virgem Maria, suplicando que me realizem no trabalho. Em seguida, sento-me ao piano. Se nada crio, ajoelho-me novamente e recomeço a rezar até que a inspiração chegue.

Overbeck, o grande artista católico, fazia do trabalho uma oração contínua. Após uma visita ao seu lugar de trabalho, Montalembert escrevia:

> Overbeck é Perugino redivivo, ou melhor, é um composto do que há de mais delicado em Perugino, Fra Angélico e aquele Lorenzo Lotto, que foi falecer em Loreto pintando um quadro da Santa Virgem. Ele pega o pincel depois que a oração o harmonizou com Deus. Nunca pintou quadros que não expressassem santidade, e não quis pintar outros. Por causa disso, os caiadores miseráveis que estão aqui na École de France dizem, quando ele passa: Bem! Eis Jesus Cristo.

Como é belo ver estes homens ilustres dobrarem o joelho diante de Deus pedindo fulgores! Como praticam com perfeição aquilo que Ampère chamava "trabalhar em espírito de oração!". Por essa razão, quando o sucesso lhes coroava os esforços, sabiam dar a Deus ações de graças. Era a convicção de Haydn de que o apoio sobrenatural lhe sustentava o gênio. E quando, pela derradeira vez, era aclamado, quando toda a nobreza da Áustria, reunida na grande sala da universidade, lhe fazia uma ovação entusiástica, Haydn levantou-se do assento logo após a execução de uma de suas mais belas obras, apontou para o céu com o dedo, e disse lentamente: "Tudo isso me veio do alto".

Não esqueças de rezar após o trabalho. Lança um olhar de amor para a fonte do belo, da verdade e do bem, cuja contemplação faz vibrar a tua alma, e diz com amor: "Senhor, agradeço-Vos. Meu trabalho começou, continuou e acabou sob vosso olhar; fazei com que me sirva da verdade para a minha salvação e a dos outros; que jamais me sirva dela para vos afligir".



Faz todos os dias o teu exame de consciência

Esta reflexão te renderá inúmeros serviços. Freqüentemente nos conhecemos muito mal: somos levados a nos julgar perfeitos. Se confessamos algum defeito, descobrimos de pronto mil atenuantes e desculpas. Comparamo-nos aos piores e nos contentamos com isso.

O exame de consciência te revelará tuas falhas, tendências e hábitos deploráveis; far-te-á julgar a ti mesmo de maneira sã e sob

o ponto de vista intelectual: domínio e poder das faculdades, aptidões, talentos particulares.

Para que seja assim, *elabora, antes de tudo, um plano de batalha*; reflete bem acerca do que desejas obter; determina a marcha que esperas seguir para chegar ao objetivo e nada mudes sem motivos sérios.

Divide as dificuldades. Não ataques todos os defeitos de uma vez. Mira de imediato aquele que é mais nocivo para ti e que se chama *o defeito dominante*. Foi esta a tática de Davi: depois que derrubou Golias, todo o exército dos filisteus foi subjugado pelo pânico. Franklin queria adquirir treze virtudes ou qualidades; consagrava uma semana a cada uma delas no seu exame de consciência e recomeçava assim quatro vezes ao ano.

A prática do exame particular é mais comum do que possas pensar. Inúmeros estudantes submetem-se a este exame e tiram excelentes resultados. Não digas: "É inútil tentar; a pessoa não muda; eu sou assim mesmo; o caráter não se modifica"... Estas são palavras de covardia e por vezes de má vontade. Sócrates nascera com as piores inclinações; à força de velar a si mesmo tornou-se o mais sábio dos gregos. Sêneca recomendava dar conta a cada dia do bom emprego do tempo, e dava exemplo: "Depois de levarem a luz do meu quarto", dizia, "começo a inquirir o meu dia; volto aos meus atos e às minhas palavras. Nada dissimulo, nem deixo passar". São Francisco de Sales tinha um temperamento inclinado à ira; pelo exame de consciência e vigilância contínua, transformou-se, pouco a pouco, no mais doce dos homens. Garcia Moreno fez muitos progressos na perfeição graças à fidelidade ao exame de consciência, feito duas vezes por dia.

A mãe do músico Massenet, quando este tinha dez anos, lhe disse:

> Eis esta agenda, e todas as noites, antes de te deitares, anotarás em suas páginas o que fizeste, disseste ou viste durante o dia. Se cometeste uma boa ação ou disseste uma palavra censurável, terás o dever de nela confessar. Isso talvez te faças hesitar em tornar-te culpado de um ato repreensível durante o dia.

E o músico confessa que esta prática causou um efeito maravilhosamente salutar.

Pierre Poyet aconselhava aos amigos que fizessem diariamente uma reflexão pessoal. "É necessário criar o hábito apreciável", dizia, "de olhar com clareza dentro de si mesmo, de fazer, portanto, exames

de consciência, ainda que penosos". Quanto a ele, retornava sempre à origem de suas faltas. "Falta-me a paciência", exclama.

> Sou muito teimoso... Falto à generosidade, atendo à voz da carne, sou guloso. Um comportamento que às vezes me constrange, porém, tais constrangimentos passam, e me dou conta então de que servem para ver a verdade, ainda quando não seja lisonjeira para mim.

Experimenta; perceberás que hás de ter uma idéia mais exata de tuas qualidades, defeitos, inclinações, fraquezas, dos obstáculos que encontras no cumprimento dos deveres de vida. Cada dia serás recolocado no bom caminho, e segundo a bela analogia de Bellécius, imitarás o geômetra que, por ajuda de vários pontos, consegue encontrar o centro de origem de onde parte o raio que leva à circunferência, a imagem da bem-aventurada eternidade.



Consagra, a cada dia, ao menos alguns minutos à meditação das grandes verdades

Não te assustes com a palavra *meditação*. O estudante sério medita quase todo o dia. Quando refletes, quando reúnes as idéias de uma composição literária ou procuras a solução de um problema, medita. O meio mais simples é aplicando os sentidos a uma verdade: o juízo, o céu, o inferno. Medita-se também quando se faz uma leitura espiritual detendo-se nos pensamentos que mais nos tocam.

Medita a fim de penetrar nas verdades eternas. Compreenderás melhor a brevidade da vida, a vaidade da maior parte das coisas às quais se apegam os seres humanos, a necessidade de atar-se somente a Deus. "Tenho saudade da eternidade", dizia o jovem Dupin no seu *Diário íntimo*...

> A única felicidade que se deve procurar se estende para o além das esferas humanas; esta alegria é a eternidade. Mamãe me dizia, um dia, que esta idéia, *eternidade*, a apavorava. Ó! A mim, não. É a minha vida.

Medita para conhecer-te melhor. A maioria dos homens ignora-se. Nunca desceu ao abismo do próprio coração.

Medita para comprometer-te de tuas obrigações. Quantos deveres a cumprir! Deveres para com Deus, para com o próximo, para convosco; deveres particulares que resultam de tua qualidade de estudante.

Medita para pedir a Deus suas bênçãos, as receberás em abundância. Não alegues que não tens tempo. O tempo te é dado sobretudo para preparar a eternidade. Encontras tempo para o estudo, para os divertimentos, para os prazeres. Por que não o encontrarás para consolidar a tua fé?

Para te encorajar, recorda que os grandes sábios se ajoelhavam diante de Deus. Euler rezava várias vezes durante o dia. Todas as noites reunia a família, os empregados domésticos e os alunos que se hospedavam com ele. Lia um capítulo da Bíblia e, às vezes, acompanhava a leitura com uma exortação.

Ampère induzia-se a viver "em espírito de oração". Escrevia:

> Feliz o homem que sotopõe aos pés a sabedoria vã para possuir a Deus [...]. Não configures a tua vida nos moldes de outros se quiseres que esteja conforme à verdade.

Henri Moreau, professor universitário, fazia meia hora de meditação por dia. Com freqüência a preparava por escrito. De maneira semelhante procedia Pierre Poyet, o apóstolo da École Normale. Assim fizeram tantos outros que procuravam antes de tudo o reino de Deus e sua justiça. O número é grande, hoje em dia, de professores universitários e alunos que começam o dia com uma meditação fervorosa e saem com o coração inflamado desta conversa com Deus.



Apavora o mal e vive na amizade de Deus

Na *Carta sobre os estudos*, Santo Tomás de Aquino recomenda o seguinte: "Conservai, sobretudo com cuidado, a pureza de consciência e nada faças que a possa sujar ou tornar-vos menos agradável aos olhos de Deus". Sabia por inteiro o preço da pureza da alma; é graças a ela que seu olhar penetrou tão profundamente a ciência divina. O estado de graça livra a alma do que a perturba e inquieta; deixa às

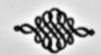
faculdades toda a sua liberdade, todo o seu esplendor. O estado de graça é a luz de Deus nas almas. Quando a possuímos, ela arranca as trevas e as sombras; colore, vivifica, anima tudo; é a claridade e a brancura. O estado de graça é a força de Deus nas almas; com ela o bem torna-se mais fácil. O coração é como um incensório em brasa do qual se evadem perfumes suaves que sobem ao céu para alegrar os anjos e os santos.

> Concebo, diz o Pe. Gatry, o estado de um corpo puro e santo que penetra o espírito e a alma e que através do espírito e da alma penetra a graça de Deus. Existe um estado luminoso e fluido para o corpo, um estado luminoso e alegre para a alma em que o ser inteiro renasce incessantemente das águas da graça e das chamas do Espírito Santo.

Quando este estado não é presente, a consciência inquieta-se, o espírito fica descontente e agitado; no coração ribombam as tempestades. A luz cede lugar às trevas. Como entregar o coração aos estudos?

> Quando a alma morreu, diz ainda o Pe. Gratry, só sentimos miséria, inanidade, pesar e desesperança... Quando a alma cai, perde sucessivamente o sentido da realidade, de sua força, de sua substancialidade, de sua simplicidade, de sua unidade, de sua liberdade e de sua imortalidade. Readquire tudo isso ao elevar-se.

Não a deixes nunca cair e se, por surpresa, te suceder tal infelicidade, apresenta recurso ao tribunal da penitência, "tribunal espantoso", diz Dumesnil, "em que se acusa a si mesmo, e que não há senão para absolver". Lá encontrarás a luz e a força. "Quando a alma se despojou do fardo de suas faltas aos pés de Deus", diz Eugénie de Guérin, "parece que tem asas. Que alívio, que luz, que força encontro em mim cada vez que disse: *mea culpa*!".



Aproxima-te freqüentemente da Mesa Sagrada

Os sacramentos são focos divinos onde se retemperam todas as energias, onde se acalentam todos os entusiasmos santos. A Eucaristia é, por excelência, o arsenal da força moral, dos sacrifícios heróicos, dos devotamentos mais absolutos às causas nobres. Santo Tomás de Aquino considerava a comunhão como o mais divino dos exercícios

de piedade, o mais excelente, o mais apropriado para encher a alma de bênçãos celestes. Seu olhar interior se abria na fração do pão e conhecia, de volta do altar santo, o que não lhe havia penetrado até então pelos estudos. Foi da Eucaristia que extraiu esses tesouros de sabedoria que, desde a Idade Média, fizeram a admiração dos teólogos.

O Pe. Gatry atribui à primeira comunhão certos desenvolvimentos intelectuais que lhe sobrevieram algum tempo depois.

> Eu acabara, diz ele, de começar o estudo do latim. Não esquecerei nunca que numa noite, num instante, me foi dado o sentido do gênio do latim [...]. Sem dúvida, não creio que a comunhão dê faculdades que não se tem. Mas seus efeitos intelectuais não são menos intensos. Coloca em ação as faculdades que se possui, as abençoa, as desenvolve, as vivifica. Orienta-as e as dirige para o seu verdadeiro polo, dando-lhes movimentos celestes mais extensos, mais úteis, mais permanentes.

O religioso que dirigia a alma de Pasteur dizia o seguinte: "Pasteur não é somente cristão; ele é piedoso; não comunga raramente, comunga com freqüência".

Joseph Lotte, o amigo de Péguy, tombado gloriosamente em dezembro de 1914, buscava na comunhão cotidiana o alimento da fé e da força a fim de fazer o bem. Foi a comunhão que lhe inspirou a idéia de criar um *Bulletin des professeurs catholiques de l'Université*; era após uma comunhão fervorosa que escrevia seus formidáveis artigos. Em suas notas íntimas se revela a alma de apóstolo: "Cada um de nós está colocado em um posto de guerra. A grande questão se resume a uma pergunta: como farei para Deus triunfar?". A comunhão conserva nele a chama do apostolado:

> Agrupamo-nos, escreve, com o intuito de criar entre nós um vínculo de amizade, uma ajuda mútua de fé e de orações. Queremos que esta comunidade de sentimentos e ação redobre em cada um de nós o impulso da vida espiritual, dando à nossa fé uma irradiação mais viva, e faça melhor frutificar em nossos alunos a influência de nosso caráter e de nossa dedicação.

Pierre Poyet, o modelo dos estudantes, comungava todos os dias. Cristo, recebido na aurora do dia, não o abandonava mais. Pensava, falava, escrevia, agia com Jesus. Escrevia a um amigo:

Não esqueças que Cristo nos deixou seu Corpo divino como alimento. Qual o sentido disso? Que é essencial ir ao seu encontro e recebê-lo quando estamos fracos, para que nos tornemos fortes; quando pusilânimes, para que sejamos corajosos; quando distraídos, para que sejamos atentos e vigilantes.



Tem uma devoção filial a Nossa Senhora

Não te espantes se muitos estudantes adotam esta bela divisa: Tudo a Jesus por Maria; tudo a Maria para Jesus! Pierre Poyet, que cito para ti muitas vezes, escrevia a um amigo: "Oremos juntos ao divino Mestre para que nos conduza ao Pai, e a Maria a fim de sermos fiéis ao Filho, que é o seu próprio Filho, e nosso irmão".

Invoca Nossa Senhora todos os dias. Pensa nela quando uma dificuldade se apresenta. E aqui te achas em excelente companhia. Haydn e Mozart, quando a inspiração não vinha, rezavam o terço. Gluck conservou preciosamente o terço que um religioso lhe havia dado; recitava-o piedosamente e o chamava seu *breviário de músico*.

Weber, nomeado diretor da capela católica de Praga, inaugurou seus serviços executando as *Litanies* de Naumann.

César Franck, em Sainte-Clotilde, improvisava cada domingo os versículos pares do *Magnificat*. Este *Magnificat* era um sorriso perpétuo, um sorriso largamente desabrochado, um sorriso pleno de confiança e isento de dúvida. O Cônego Gardey, cura da paróquia, numa visita ao pobre gênio moribundo, evocava estes improvisos do domingo, quando o artista, voltando para ele a cabeça emagrecida que um traço de alegrias de outrora ainda iluminava, respondeu:

> Ah! Meu *Magnificat*, amei-o tanto! Quantos versículos improvisei sobre o texto, tão belo!... Escrevi um certo número, acabo de entregar uns sessenta e três ao meu editor; mas pretendo chegar a cem. Retomarei no momento em que estiver curado, ou então, concluiu, Deus permitirá que os termine... na eternidade.

A devoção de Péguy à Virgem foi bastante tocante. Contou assim a Lotte, um amigo, a peregrinação a Nossa Senhora de Chartres:

Meu pequeno Pedro ficou doente. Então, meu velho, senti que era grave. Achei que era necessário fazer um voto; uma peregrinação até Chartres. Andei 144 quilômetros a pé em três dias... O campanário de Chartres é visível a 17 quilômetros de distância. Logo que a avistei, entrei em êxtase. Não sentia mais nada, nem a fadiga, nem os pés. Rezei uma hora na catedral, sábado à noite. Rezei uma hora no domingo de manhã... Meu garoto está salvo; consagrei meus três filhos aos cuidados de Nossa Senhora. A Santa Virgem os tomará sob a sua proteção.

As palavras de sua derradeira conversa com Lotte são vivas de confiança em Nossa Senhora. Diz-lhe:

Fui em peregrinação a Chartres; decidi que irei a partir de agora todos os anos... As minhas orações a Maria são orações de reserva. Isso mesmo, orações de reserva. Não há uma só na liturgia — nem uma só, entendes —, nem uma só que o mais lamentável pecador não possa verdadeiramente rezá-la. No mecanismo da salvação, a *Ave Maria* é o último socorro. Com ele, ninguém se perde.

A Virgem o inspira magnificamente. Num poema que é uma obra-prima, ele apresenta a região de Beauce à Nossa Senhora de Chartres:

Estrela do mar, eis a pesada rede
E a profunda ondulação e o oceano dos trigais,
A espuma movente e nossos celeiros repletos;
Lançai vosso olhar sobre esta imensa planície...

Quando formos colocados numa estreita cova,
Quando já nos tiver sido dita a absolvição e a missa,
Recorda-nos, Rainha da Promessa,
A longa peregrinação que fizemos em Beauce.

Nada pedimos, refúgio de pecador,
A não ser o derradeiro lugar em vosso purgatório,
Para chorar bastante nossa trágica história,
E contemplar de longe o vosso juvenil esplendor.

Não são estes os acentos intensos de um Villon cristão?



Pratica a humildade e a modéstia

São Bernardo, falando dos processos do estudo, censura a conduta dos estudantes que buscam a ciência com o intuito de fazer-se conhecido e de passar por sábios. Há nisso uma vaidade vergonhosa, diz ele. Não te deixes tocar por um motivo tão pouco confessável.

A juventude é levada uma vez por outra a transformar o seu saber simplório numa torre inacessível e a olhar do alto tudo que lhe move ao redor.

> Não se notou à exaustão, diz o Pe. Gratry, o que acontece quase inevitavelmente ao jovem na hora em que chega à puberdade do espírito? Um imenso orgulho se declara... O horizonte se ilumina para este espírito nascente, mas assume ao redor dele, como centro, a temível forma esférica; ele mira a aparência decepcionante de uma esfera precisamente igual ao alcance do seu olhar... Neste momento, o sol interior se levanta para ele; o sol da inteligência se manifesta no espírito. Como é verdadeiramente grandioso tal espetáculo; parece impossível que uma alegria tão grande e um orgulho excessivo não assaltem a alma quando se pronuncia para si mesma: Esta luz esplendorosa, sou eu!

Tais pretensões são desastrosas; só se possui confiança nas próprias luzes, não dando nenhuma conta das idéias alheias. O jovem se torna independente, crítico, agressivo. A própria idade é incapaz de corrigir completamente este defeito, e os jovens que por este são afligidos, permanecem, em grande parte, espíritos mesquinhos "que enxergam claro em suas pequenas idéias e nada vêem nas dos outros; espíritos de visão curta, espíritos tenebrosos que vêem de perto o que é obscuro e de longe não vêem o que é luminoso".

O orgulho e a parvoíce marcham geralmente lado a lado. O orgulhoso tem sede de louvores, e esta sede o torna desajeitado; alardeia o seu *eu* por toda a parte e quer ter sempre a última palavra. Falará do que ignora com a arrogância de um entendido. Querendo dizer coisas notáveis, asseverará coisas extravagantes. Se propuser uma opinião é com a condição de que será aceita sem discussão. Se o interlocutor se retira por prudência, se se bate em retirada por polidez, ele triunfa, aplaudindo a própria vitória.

A modéstia é o caráter inseparável do verdadeiro saber, assim como a suficiência e a pretensão formam o selo especial da ignorância e da

semi-ciência. Os verdadeiros são modestos porque sabem que ignoram muito; os parvos são orgulhosos e arrogantes porque acreditam saber tudo. A modéstia medra no homem de mérito na proporção do renome e das honras. Gounod afirmava, certa feita: "Antigamente, eu dizia: Eu; mais tarde, disse: Eu e Mozart; depois, disse: Mozart e eu; hoje, digo: Mozart".

Alberto Magno se considerava como o último de seus irmãos, procurando, em todas as ocasiões, ser desprezado.

Tomás de Aquino, em Colônia, pareceu, durante bastante tempo, um espírito lento em compreender. Uma circunstância fortuita foi capaz, sozinha, de revelar a profundeza do seu gênio e a extensão do seu saber. Um jovem colérico lhe disse um dia: "Irmão Tomás, és na realidade menos sábio do que muitos crêem". "Tens razão, meu rapaz", respondeu o santo, "e é para desenganar o mundo desta opinião falsa que se tem a meu respeito que estudo sem cessar". Alguns dias antes de morrer, confessava:

> Graças a Deus, jamais minha ciência, meu título de doutor, nem nenhuma vitória escolástica fez nascer em mim a mais remota impressão de glória vã capaz de destronar em minha alma a virtude da humildade.

Newton, após suas descobertas imortais, dizia:

> Não sei o que o mundo pensará de mim; quanto a mim, pareço o menino que brinca na areia da praia e se diverte apanhando, de tempos em tempos, uma concha menos comum que as outras, enquanto o grande oceano da verdade se estende majestoso e insondável diante dele.

O ilustre beneditino Mabillon foi um autêntico modelo de humildade. E, não obstante, se houve um sábio que jamais teve tentações de vaidade, foi exatamente ele. Os bispos, os príncipes, os cardeais são seus amigos. Luís XIV pede para vê-lo e lhe paga as viagens com o bolso particular de soberano; os papas o tratam com consideração. Suas viagens científicas na Lorena, na Alemanha, na Itália, são verdadeiras marchas triunfais. Os embaixadores lhe enviam carruagens, os sábios saúdam nele um mestre, os cardeais do *Index* lhe perguntam humildemente seu conselho. No meio de todos estes testemunhos de peso, não muda, é o mais humilde dos religiosos; quer ser tratado como o último dos irmãos; à mesa, na sala do capítulo, no coro, nada deve distingui-lo dos demais. Conserva até o fim sua pobre cela.

Quando Luís XIV o chamara de o homem mais sábio do seu reino, Bossuet acrescentara: "E o mais humilde". Sua humildade tinha raízes profundas no temor de Deus. Escrevera esta prece belíssima: "Se os anjos, santos que são, tremem em Vossa presença, Senhor, por que sentimentos devo ser tocado, eu que tanto vos ofendi".

Que lições para nós, meu querido amigo. Que possuímos que não o tenhamos recebido de Deus? O menor sopro pode empalidecer nossas faculdades, apagar esta chama que julgamos luminosa e que, entretanto, tem claridades misturadas com sombras grosseiras e que se assemelha à luz intermitente e fugidia dos insetos que percebemos durante as belas noites de verão.



Pratica a mortificação a fim de conservar como um tesouro precioso a pureza do coração

A ciência humana, disseram, só é acessível aos mortificados. A luta, eis para ti a palavra de ordem. Se fores enérgico, terás sucesso, serás feliz! Se fores lasso, nada esperes a não ser sucessos provisórios ou reveses. A Hércules, tendo alcançado a idade crítica, apresentaram duas mulheres — cada uma se esforçando mais do que a outra para cativá-lo. Uma, bela e sedutora, lhe propôs o prazer. A outra, cheia de energia, o convidou à austeridade, ao trabalho, aos combates; após uma existência sofrida, prometia-lhe a glória. Hércules, diz a lenda, desdenhou as seduções da primeira e seguiu a segunda. E assim, em lugar de um sibarita vulgar, consumido no ócio e nos prazeres vis, tornou-se um herói, o herói nacional da Grécia.

Até hoje cumpriste, talvez de maneira quase inconsciente, teus deveres de estudante. Mas, na tua idade, é a liberdade, é a vontade que decide. E a vontade é livre e forte na medida em que nos desvencilhamos dos prazeres grosseiros pela mortificação. A mortificação é o abecedário da vida intelectual e da vida sobrenatural. É ela que nos mantém em pleno domínio de nós mesmos e de nossas faculdades. Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus! Já o vêem. Grandes mistérios são revelados às crianças porque são puras. Santo Agostinho, com todo o seu gênio, foi incapaz de encontrar a verdade enquanto não se esforçou para ter o coração puro.

Lembremo-nos das palavras de Platão: "Ser puro e depois morrer!". É bem isso. Saber renunciar, saber sujeitar-se a uma tarefa penosa, crucificar-se à pluma sendo escritor, a um estudo ingrato, mas necessário, eis o segredo do êxito e, ao mesmo tempo, a marca de uma grande alma.

Aos alunos da École Normale, o Pe. Gratry mostrava, de uma maneira familiar e elevada, as relações íntimas da pureza da alma com a fecundidade intelectual. Heinrich, um antigo normalista, resume assim este ensinamento no seu belo livro a respeito da *Perseverança*:

> Ele nos fazia compreender que uma lucidez surpreendente de concepção procedia da paz da consciência e da retidão do juízo. Não há grande distância entre o equilíbrio de nossos sentimentos e a harmonia de nossas idéias. Pelo contrário, a tibieza e o marasmo, que é sua conseqüência, são para a inteligência causa de perturbação e de languidez. Quantas crianças, portadoras de grandes esperanças, estiolam-se do ponto de vista do intelecto quando chegam à adolescência unicamente porque, rompido o equilíbrio normal do coração, o espírito recebe o funesto contragolpe!

Luta, pois, com energia contra as inclinações perversas da tua natureza. Não deixe tua inteligência ser invadida por maus pensamentos, não tenha em teu coração senão desejos nobres, não pronuncie em tua boca palavras que não se permitem em boa companhia!

O pintor Corot tinha horror às palavras prejudiciais, às frases de duplo sentido, às propostas indecentes. Tinha a convicção profunda de que a obediência à besta-fera que vive em nós atrofia a inteligência, e de que um homem dissoluto pode, ocasionalmente, ser um pintor, porém jamais um artista.

Denis Cochin escrevia ao pai em setembro de 1871:

> Sou uma pessoa feliz porque me ensinastes a crer em Deus, pois, em todo o resto, chafurdo horrivelmente; e sem a tábua de salvação que a religião oferece, afogar-me-ia num idiotismo e bestialidade insondáveis.

O pai, Augustin Cochin, respondeu:

> Superei acessos de agitação e melancolia indecisa; somente as almas nobres passam por isso, mas permanecem nobres caso as vençam. Sim, aos vinte anos, ardemos por nos desfazer pela palavra, pela ciência, pela eloqüência, e também pelo amor. Mas a metade desses desejos vêm do alto,

metade de baixo; temos asas e patas, uma fronte elevada e um ventre rasteiro; pensamentos sublimes e sentidos grosseiros. É preciso, de modo crescente, pôr em liberdade a alma e em servidão o corpo; doce servidão: aquela do trabalho e da pureza.

Nada mais prejudicial, de fato, do que a fruição carnal pura e simplesmente. Toda e qualquer licença, que se afasta do cuidado razoável da saúde e que tende a afagar os sentidos, exerce uma influência funesta. O sensualismo sufoca o espírito e o torna incapaz de vôo constante. É o meio que usou Nabucodonosor para que os jovens hebreus, aos quais ele se afeiçoava, perdessem a fisionomia natural, o gosto pelas letras e pelas artes. Ordenou ao chefe dos eunucos servir-lhes cada dia carnes e vinhos da reserva real, e isso durante três anos. Eis o ideal proposto a estes jovens: bebe, come, engorda! Porém se resguardaram de seguir o conselho: viveram de legumes e de água, conservando a boa aparência e o entusiasmo juvenil.

As mortificações mais meritórias para ti são as do coração, da imaginação, da memória, da língua e dos olhos. Quantas ocasiões terás de as praticar, todos os dias, se quiseres tornar-te um homem!

É pelo sacrifício que se sai de si para ir a Deus. "Sair de si ou aí permanecer", diz o Pe. Gratry, "nisto se resume a questão, toda a história, todo o drama da vida moral". É também a lei do progresso eterno. Malebranche nos faz entender, em página admirável, a necessidade de morrermos para nós mesmos a fim de gozarmos as verdades divinas:

> É mister morrer para ver Deus e unir-se a Ele, porque ninguém pode viver e vê-lo simultaneamente, diz a Sagrada Escritura. Mas só se morre verdadeiramente à proporção que se domina o corpo, que se controla os sentidos, a imaginação e as paixões. A sabedoria eterna está oculta aos olhos de todos os vivos; os que, contudo, morreram ao século e a si mesmos, os que crucificaram a carne com seus desejos enganadores; os que se crucificaram com Jesus Cristo, e ao olhar dos quais o mundo está crucificado; em poucas palavras, os que têm o coração puro, e cuja imaginação não tem nódoas, estão em estado de contemplar a verdade.

∽

Principais obras consultadas

Albalat, *La formation du style par l'assimilation des auteurs*; *Comment il faut lire les auteurs classiques*; *Comment on devient écrivain*, Plon.

Alibert, *Méthode pédagogique applicable à la philosophie*, Beauchesne.

Amado, R. P., *La Educación intelectual; La Educación moral* (Barcelona); *Le Secret du succès*, trad. Gerbeaud, de Gigord.

Amiel, *Diário íntimo*, É Realizações, (São Paulo), trad. Mário Ferreira dos Santos.

Bain, *La Science de l'Éducation*, Alcan.

Baudin, *Psychologie*; *Qu'est-ce que la philosophie?*, de Gigord.

Baudrillart, Mgr. A., *Mgr d'Hulst*, 2 vols., de Gigord.

Bazin, René, *Pages religieuses*, Mame.

Bénard, *De la Philosophie dans l'education classique*, Ladrauge.

Blanc, Mgr., *Traité de philosophie scolastique*, 3 vols., Vitte.

Blondel, M., Ollé-Laprune, Bloud et Gay.

Bordeaux, Henri, *Préface de la Peur de vivre*, de Boccard.

Brunetière, *Bossuet*, Hachette.

Bulletin des professeurs catholiques de l'Université.

Castegens, *Les Horizons intelectuels*, 2 vols., Bellet, Clermont--Ferrand.

Champ (Mme. De), *Michel-Eugène Chevreul*, éditions Spes.

Chocarne (R.P.), *Le P. Lacordaire*, 2 vol., de Gigord.

Classical investigation (The), Universidade de Princeton, Estados Unidos, 1924.

Contemporains (Les), biographies, Bonne Presse.

Delaporte (R.P.), *À travers les âges: les Classiques païens et chrétiens*, Téqui.

Dubruel (R.P.), *L'école unique; le règne des pédagogues*.

Dupanloup (Mgr.), *L'Éducation; la Haute Éducation; Journal intime*.

Dupin, *Journal*, Brassart, Montbrison.

Emerson, *Homens representativos*, Lazuli (São Paulo), trad. Sonia Regis.

Eymieu (R.P.), *Le gouvernement de soi-même*, I. Perrin.

Faguet, *L'art de lire*, Hachette.

Faure-Goyau (L.F.), *Choses d'âme*, Perrin.

Fillion, *Les Lectures; le bon emploi du temps*, de Gigord.

Fouillée, *La Réforme de l'enseignement par la philosophie*.

Foster, *Decision of Character*.

Franklin, (B.), *Autobiografia*, Editora Auster (Campinas), trad. Bruno Alexander & Thomaz Perroni.

Frary, *La question du latin*, Cerf.

Frédault, *Les Passions*, Baillière.

Gache, *Collégiens et familles*, Privat et Didier.

Gaultier, *L'Ideal moderne*, Hachette.

Gay (Mgr), *Lettres*, Mame.

Gillet (R.P.), *La peur de l'effort intellectuel*, Lethielleux.

Godineau, *Perles et joyaux; Quelques pensées pour les jeunes gens*, Gautier.

Gratry, *Les Sources; la Connaissance de l'âme*, Téqui.

Heinrich, *Le livre de la persévérance*, Mame.

Hello (E.), *O Homem*, Editora Ecclesiae (Campinas), trad. Roberto Mallet.

Hémon, *Psychologie pédagogique*, Delaplane.

Hogan, *Les études du clergé*, Lethielleux.

Huit, *Ozanam*, Vitte.

Janvier (R.P.), *Carême de 1924*, 3ª. conferência.
Joubert, *Pensées*, Perrin.
La Bruyère, *Caracteres*, Editora Escala (Lisboa).
Lacordaire, *Lettres à des jeunes gens; Pensées choisies*, de Gigord.
Laisant, *L'Education par la Science*, Alcan.
Lavallée (Mgr.), *Solitude et Union à Dieu*, Vitte.
Lavedan, *Mon filleul*.
Lecanuet, *Montalembert*, de Gigord.
Lecoy de la Marche, *La treizième siècle artistique et littéraire*, Desclée.
Le Goffic, *Mes entretiens avec Foch*, Spes.
Lémann (Padre), *Panégyrique des B. Chanel et Perboyre.*
Lhande, *Le R. P. Longhaye.*
Littré, *Comment j'ai fait mon dictionnaire*, Delagrave.
Longhaye, *Théorie des belles-lettres*, Téqui.
Loridan, *Les Savants*, Mame.

Maillet, *Psychologie appliquée à l'éducation*, Belin.
Maistre (J. de), *Soirées de Saint-Péterbourg*; *Lettres choisies.*
Malapert, *Les élements du carcatère et leurs lois de combinaison*, Alcan.
Matthews, *Getting on in the world*; Conquering success, Nova York.
Maurois, *Dialogues sur le commandement.*
Monfat, *Les vrais principes de l'éducation*, 4 vols., Téqui.
Montalembert, *Lettres à un ami de collège; les Moines d'Occident.*
Montheuis, *La Jalousie*, Gabalda.
Moussard, *La prêtre et l avie d'étude*, Téqui.
Mun (A. de), *Ma vocation sociale*, Lethielleux.

Noble (R.P.), *Idéal et jeunesse d'âme*, Lethielleux.

Ollé-Laprune, *Le prix de la avie*; *la Vitalité chrétienne; les Sources de la paix intellectuelle*, Belin.
Ozanam, *Discours sur la puissance du travail.*
Ozanam (Mgr), *Vie de Frédéric Ozanam.*

Pacary, (P.), *Joseph Lotte*, Gabalda.

Pascal, *De l'esprit géométrique.*

Payot, *L'Éducation de la volonté*; *Le Travail intellectuel; l'Apprentissage de l'art d'écrire*, Alcan. [V. *A educação da vontade*, Edições Kírion (Campinas), trad. Roberto Mallet].

Péguy, *Présentation de la Beauce à Notre-Dame de Chartres.*

Perreyve. *Pensées choisies*; *Préface des "Lettres à des jeunes gens" de Lacordaire.*

Poincaré (Henri), *La valeur de la Science*, Flammarion.

Prévost (Marcel), *L'art d'apprendre.*

Queyrat, *La Curiosité*, Alcan.

Roosevelt, *La Vie intense*, trad. Izoulet.

Roudès, *Pour faire son chemin dans la vie.*

Rousse (Edmond), *Lettres publiées par le Correspondant.*

Rouzic, *La Journée sanctifiée*; *Essai sur l'amitié*; *Pierre Poyet*; *Pour être un caractère etc.*

Saint-Quay, *Vivre ou se laisser vivre*, Téqui.

Saivet (Mgr), *Le colonel Paqueron*, Desclée.

Schwalm (R.P.), *Aux sources de l'activité intégrale*, Lethielleux.

Sêneca, *Cartas a Lucilio*, Editora Calouste Gulbenkian (Lisboa).

Sertillanges, *A vida intelectual*, Edições Kírion (Campinas), trad. Roberto Mallet.

Smiles, *Self Help*; *Character*; *Duty*; *Life and labor*, Nova York.

Spalding (Mgr), *Opportunity and other essays*; *Aphorisms and reflections*, Chicago.

Stael (Mme. De), *De la Littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales.*

Sully-Prudhomme, *Le Zénith*, Lemerre.

Termier, *La joie de connaître; la Vocation de savant*, Desclée.

Tissier (Mgr.), *La parole de l'Évangile au Collège; les Grands jours du collège*, Téqui.

Thierry (Augustin), *Dix ans d'études historiques*, préface.

Tharaud, *Mes années chez Barrès.*

Todd, *Student's Manual*, Boston.

Vaissière (R.P. de la), *Psychologie pédagogique*, Beauchesne.
Vallery-Radot, *La vie de Pasteur*, Flammarion.
Verest (R.P.), *Manuel de Littérature*, Bruxelas.
Veuillot, *Rome et Lorette: Sur la nécessité du travail*, Lethielleux.
Vuillermet (R.P.), *La Mission de la jeunesse contemporaine*, Lethielleux.

Wagner, *Juventude.*
Woillez, *L'Abeillle institutrice*, Mame.

Zidler, *Le français par le latin*, Vuibert.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Riboulet, Louis.
Conselhos sobre o trabalho intelectual / tradução de Karleno Bocarro – Campinas, SP: Kírion, 2019.
Título original:
Conseils sur le travail intellectuel

ISBN 978-85-94090-15-7

1. Educação 2. Métodos de estudo 3. Aconselhamento pessoal
I. Título II. Autor

CDD 370 / 371 302–81 / 371–46

Índices para catálogo sistemático:
1. Educação – 370
2. Métodos de estudo – 371 302–81
3. Aconselhamento pessoal – 371–46

Este livro foi composto em AGaramond Pro
e impresso pela Gráfica Daikoku nos papéis
Chambril Avena 80 gr/m² e Cartão Triplex 250 gr/m².



Lemos neste livro o testemunho de uma multidão de homens que adquiriram renome pelo trabalho intelectual e que nos dizem como o conseguiram. Temos aqui entre as mãos um tesouro amontoado assentando notas ao decurso de uma leitura intensa, que compreende os mais antigos e os mais modernos, e percorrendo todos os domínios do pensamento: a literatura, as ciências e as artes. O autor aponta aos que iniciam a vida intelectual quais escolhas evitar, os obstáculos a superar e o bom caminho a trilhar para ir rápido e longe. Quem dentre nós, olhando para trás, não deplorou o tempo perdido por falta de um guia, que, na entrada do caminho, nos tivesse orientado? Eis aqui um guia perfeito para os jovens.

